



BRASILEANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (aumentada).
8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionais do Brasil* — 4.ª edição.
9 — Nina Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaio de Antropologia Brasileira*.
27 — Alfredo Ellis Júnior: *Populações Paulistas*.
59 — Alfredo Ellis Júnior: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — Angione Costa: *Introdução á Arqueologia Brasileira* — Ed. Ilustrada.
137 — Aníbal Matos: *Prehistória Brasileira — Vários Estudos* — Ed. Il.
148 — Aníbal Matos: *Peter Wilhelm Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira*. Ed. Ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Pandá Calogeras: *O Marquês de Barbacena* — 2.ª edição.
11 — Luis da Câmara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. Ilustrado.
207 — Luis da Câmara Cascudo: *O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)* — Edição Ilustrada.
18 — Visconde de Taunay: *Pedro II, 2.ª edição*.
20 — Alberto de Faria: *Mauá* (com tres Illustrações fóra do texto).
54 — Antônio Gontijo de Carvalho — *Calogeras*.
65 — João Dornas Filho: *Silva Jardim*.
73 — Lúcia Miguel-Pereira: *Machado de Assis* — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição Ilustrada.
79 — Craveiro Costa: *O Visconde de Sinimbu* — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1899.
81 — Lemos Brilo: *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império* — Frei Caneca — Edição Ilustrada.
85 — Wanderley Pinho: *Cotegipe e seu Tempo* — Ed. Ilustrada.
88 — Hélio Lobo: *Um Varão da República: Fernando Lobo*.

- 114 — Carlos Süsskind de Mendonça: *Silvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880* — Com uma introdução bibliográfica — Ed. Ilustr.
119 — Sud Mennucci: *O Precursor do Abolicionismo* — Luiz Gama — Ed. Ilustrada.
120 — Pedro Calmon: *O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II* — 2.ª Edição Ilustrada.
123 — Heitor Lira: *História de Dom Pedro II* — 1825-1891. Vol. 1.º: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. Il.
135 — Alberto Pizarro Jacobina: *Dias Carneiro (O Conservador)* — Ed. Il.
138 — Carlos Pontes: *Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875*.
140 — Hermes Lima: *Tobias Barreto — A Época e o Homem* — Ed. Ilustr.
143 — Bruno de Almeida Magalhães: *O Visconde de Abaeté* — Ed. Ilustr.
144 — V. Corrêa Filho: *Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra de Grande Naturalista Brasileiro* — Ed. Ilustrada.
153 — Mário Matos: *Machado de Assis (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor)*. Ed. Ilust.
157 — Otávio Tarquino de Souza: *Evartito de Veiga* — 1.º vol. da série "Homens da Regência".

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hoehne — *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e contribuições).
77 — C. de Melo-Leitão: *Zoologia do Brasil* — Edição Ilustrada.
99 — C. de Melo-Leitão: *A Biologia no Brasil*.

CARTAS

- 12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Ed. Ilustrada.
35 — Rui Barbosa: *Mocidade e Exílio (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe)* — Ed. Ilustrada.
61 — Conde d'Eu: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleiuss)* — Edição Ilustrada.
109 — Georges Raeders: *D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondência inédita)*.

142 — Francisco Venâncio Filho: *Euclydes da Cunha e seus Amigos* — Edição Ilustrada.

DIREITO

110 — Nina Rodrigues: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: *Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Edição Ilustrada.
100 e 100-A — Roberto Simonsen: *História Econômica do Brasil* — Ed. Ilustrada em 2 tomos.
162 — J. F. Normano: *Evolução Econômica do Brasil* — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
155 — Lemos Brito: *Pontos de partida para a História Econômica do Brasil*

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1853.
87 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.
121 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1854-1889.
147 — Primitivo Moacir: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º vol. Das Amazonas às Alagoas.
98 — Fernando de Azevedo: *A Educação Pública em São Paulo* — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição
6 — Batista Pereira: *Vultos e episódios do Brasil* — 2.ª edição.
26 — Alberto Rangel: *Rumos e Perspectivas*.
41 — José-Maria Belo: *A inteligência do Brasil* — 3.ª edição.
43 — A. Sabola Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
70 — Afonso Arinos de Melo Franco: *Conceito de Civilização Brasileira*.
82 — C. de Melo-L Leitão: *O Brasil Visto Pelos Ingleses*.

105 — A. C. Tavares Bastos: *A Província* — 2.ª edição.

151 — A. C. Tavares Bastos: *Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro* — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

116 — Agenor Augusto de Miranda: *Estudos Piauienses* — Edição Ilustrada.

150 — Roy Nash: *A Conquista do Brasil* — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição Ilustrada.

ETNOLOGIA

- 39 — E. Roquette-Pinto: *Rondônia* — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
41 — Estevão Pinto: *Os Indígenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tôm. .
112 — Estevão Pinto: *Os Indígenas do Nordeste* — 2.º Tôm. (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.
60 — Emilio Rivasseau: *A vida dos Índios Guaicurus* — Edição Ilustrada.
75 — Afonso A. de Freitas: *Vocabulário Nheengatú* (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo) — Língua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).
92 — Almirante Antonio Alves Câmara: *Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil* — 2.ª edição Ilustrada.
101 — Herbert Baldus: *Ensaio de Etnologia Brasileira* — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição Ilustrada.
139 — Angélica Costa: *Migrações e Cultura Indígena* — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. il.
154 — Carlos Fr. Phil Von Martius: *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros* (1844) Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva.

FILOLOGIA

- 25 — Mário Marroquim: *A língua do Nordeste*.
46 — Renato Mendonça: *A influência africana no português do Brasil* — Ed. Ilustrada.

FOLCLORE

- 57 — Flausino Rodrigues Vale: *Elementos do Folclore musical Brasileiro*.
103 — Sosa Carneiro: *Mitos Africanos no Brasil* — Edição Ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — Ed. Ilustrada, 2.ª edição.

- 32 — J. de Sampaio Ferraz: *Meteorologia Brasileira*.
- 35 — A. J. Sampaio: *Fitogeografia do Brasil* — Ed. ilustrada — 2.^a edição.
- 58 — A. J. de Sampaio: *Biogeografia dinâmica*.
- 45 — Basílio de Magalhães: *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*.
- 63 — Raimundo Morais: *Na Planície Amazônica* — 4.^a edição.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: *Santa Catarina* — Edição ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: *À Margem do Amazonas* — Ed. ilustrada.
- 104 — Araujo Lima: *Amazônia — A Terra e o Homem* — (Introdução à Antropogeografia).
- 106 — A. C. Tavares Bastos: *O Vale do Amazonas* — 2.^a edição.
- 91 — Orlando M. Carvalho: *O Rio da Unidade Nacional, O São Francisco* — Edição ilustrada.
- 97 — Lima Figueiredo: *Oeste Paranaense* — Edição ilustrada.
- 128 — Gustavo Dodt: *Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi* — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. il.

GEOLOGIA

- 102 — S. Frões Abreu: *A riqueza mineral do Brasil*.
- 131 — Pandiá Calógeras: *Geologia Econômica do Brasil* — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.^o, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Vianna: *Evolução do Povo Brasileiro* — 3.^a edição (ilustrada).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: *A margem da História do Brasil*, 2.^a edição.
- 14 — Pedro Calmon: *História da Civilização Brasileira* — 3.^a edição.
- 40 — Pedro Calmon: *História Social do Brasil* — 1.^o Tomo — *Espírito da Sociedade Colonial* — 2.^a edição, ilustrada (com 13 gravuras).
- 98 — Pedro Calmon: *História Social do Brasil* — 2.^o Tomo — *Espírito da Sociedade Imperial*, Ed. ilustrada.
- 15 — Pandiá Calógeras: *Da Regência à queda de Rozas* — 3.^o volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandiá Calógeras: *Formação Histórica do Brasil* — 3.^a edição (com 3 mapas fora do texto).
- 23 — Evaristo de Morais: *A escravidão africana no Brasil*.
- 36 — Alfredo Ellis Júnior: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.^a edição.
- 87 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (Ed. ilustrada), 2.^a edição.

- 47 — Manoel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Viana: *Bandeiras e sertanistas baianos*.
- 49 — Gustavo Barroso: *História Militar do Brasil* — Ed. ilustrada, (com 50 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: *História secreta do Brasil* — 1.^a parte: "Do descobrimento à abdição de Pedro I" — Edição ilustrada, 3.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre: *Sobrados e Mocambos* — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 69 — Prado Maia: *Através da História Naval Brasileira*.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: *As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil*.
- 93 — Serafim Leite: *Páginas da História do Brasil*.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: *O Fico — Minas e os Mineiros da Independência* — Edição ilustrada.
- 108 — Padre Antônio Vieira: *Por Brasil e Portugal* — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Luis: *Capitania de São Paulo* — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.^a edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.^a edição.
- 123 — Hermann Wätjen: *O Domínio Colonial Holandês no Brasil* — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: *A Corte de Portugal no Brasil* — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: *O Padroado e a Igreja Brasileira*.
- 127 — Ernesto Ennes: *As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua história)* 1.^o Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Almirante Custódio José de Melo: *O Governo Provisório e a Revolução de 1893* — 1.^o Volume, em 2 tomos.
- 132 — Sebastião Pagnano: *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817* — Edição ilustrada.
- 146 — Aurélio Pires: *Homens e fatos do meu tempo*.
- 149 — Alfredo Valadão: *Da aclamação à maioridade, 1822-1840* — 2.^a edição.
- 158 — Walter Spalding: *A Revolução Farroupilha (História popular do grande declínio)* — 1835-1845 — Edição ilustrada.

MEDICINA E HIGIENE

- 29 — Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.ª edição.
51 — Otavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
129 — Afrânio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLITICA

- 3 — Alcides Gentil: As idéias de Alberto Tórres (síntese com índice remissivo).
7 — Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa — (Segundo textos escolhidos). 2.ª edição.
21 — Batista Pereira: Pelo Brasil Maior.
16 — Alberto Tórres: O Problema Nacional Brasileiro. 2.ª edição.
17 — Alberto Tórres: A Organização Nacional. 2.ª edição.
24 — Pandiá Calógeras: Problemas de Administração. 2.ª edição.
67 — Pandiá Calógeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
74 — Pandiá Calógeras: Estudos Históricos e Políticos — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise atual.
50 — Mário Travassos: Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.
55 — Hildebrando Accioly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.
84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Município — Ed. Ilustrada.
96 — Osório da Rocha Diniz: A Política que Convém ao Brasil.
115 — A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitário 3.ª edição.
122 — Fernando Saboia de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
121 — Hildebrando Accioly: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição Ilustrada com 8 mapas fora do texto.
141 — Oliveira Vianna: O Idealismo da Constituição — 2.ª edição aumentada.

VIAGENS

- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a

Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.ª edição.

- 19 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII), 2.ª edição.
28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 4.ª edição.
32 — C. de Melo-Leitão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada. (com 19 figuras).
58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem à Província de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição Ilustrada.
68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 1.º tomo Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1845-1846 — Trad. de Edgard Süsskind de Mendonça. Edição Ilustrada.
113 — Gastão Cruls: A Amazônia que eu Vi — Óbidos — Tumuc-Humac — prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.
119 — Von Spix e Von Martius: Através da Baía — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais — Em dois tomos — Edição Ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
130 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Ocidental — Ed. Ilustr.
145 — Silveira Neto: Do Guairá aos Saltos do Iguassú — Ed. Ilustrada.
156 — 156-A Alfredo Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — em 2 tomos Tradução de Orlando Tórres e Prefácio de Basílio Magalhães.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Guasões, 118/140 — São Paulo.



Evolução Económica do Brasil

1988

J. F. NORMANO

(Antigo Professor de Economia da Universidade de Harvard, ex-Diretor do Conselho do Bureau de Harvard para Pesquisas Economicas da America Latina, de Sociedade Real Economica de Londres, etc.).

Evolução Economica do Brasil

TRADUÇÃO DE

*THEODORO QUARTIM BARBOSA,
ROBERTO PEAKE RODRIGUES e
LAERCIO BRANDÃO TEIXEIRA*



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio — Recife — Porto-Alegre

1939

Do original norte-americano
"BRAZIL"
A STUDY OF ECONOMIC TYPES.

OBRAS DO MESMO AUTOR:

CHANGING LATIN AMERICAN ATTITUDES.

THE BRITISH OFFENSIVE IN SOUTH AMERICA.

THE STRUGGLE FOR SOUTH AMERICA, *Boston*, 1931.

JAPANESE EMIGRATION TO BRAZIL, *Pacific Affairs*, 1934.

JAPAN AND LATIN AMERICA.

JOINT STOCK COMPANIES AND FOREIGN CAPITAL IN RIO GRANDE DO SUL.

CARL BÜCHER; an isolated economist.

ECONOMIC LITERATURE OF LATIN AMERICA, *Harvard Radcliffe International Research Bureau*.

THE CHANGING WORLD, a Study in Comparative Economics.

ECONOMIC PROBLEM OF LATIN AMERICA.

SAINT-SIMON AND AMERICA.

POSSIBILITIES OF LATIN AMERICA AS A FIELD OF ECONOMICS STUDIES.

Direitos de tradução para a lingua portuguesa cedidos á
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ECONOMICOS

Rua de São Bento, 290 — 1.ª s. loja — s. 1-2

SÃO PAULO

INDICE

Ao publico	XI
Prefacio para a edição brasileira	XIII
Esclarecimento	XV
Prefacio	XVII
Discurso do dr. Abelardo Vergueiro Cesar	XXV

CAPS.

I — A deslocação de fronteira	1
II — A permanente mudança dos productos principaes	23
III — Os principaes typos de economia	76
IV — Os reflexos das variações da economia mundial sobre o Brasil	112
V — Um seculo de finança publica	151
VI — Moedas e bancos	214
VII — A segunda republica	262
Bibliographia	301

AO PUBLICO

Com o pensamento e o coração voltados para a imagem da Patria, dar-nos-emos por sobejamente pagos e satisfeitos pelo nosso trabalho de tradução, feito graciosa e desinteressadamente, si o mesmo, como esperamos, puder ser de utilidade e proveito ao nosso Paiz, contribuindo para a sua maior prosperidade, progresso e engrandecimento.

São Paulo, Outubro 1938

THEODORO QUARTIM BARBOSA
ROBERTO PEAKE RODRIGUES
LAERCIO BRANDÃO TELXEIRA.

PREFACIO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

Este livro foi publicado em inglez, em 1935, pela Universidade do Estado de Carolina do Norte, Estados Unidos da America do Norte. Teve um sympathico acolhimento nos paizes de lingua ingleza, por parte de eminentes estudiosos do assumpto e dos principaes orgãos da sua imprensa. Senti, entretanto, grande decepção pela falta de interesse que elle despertou no Brasil, cujo desenvolvimento constitue objeto do estudo.

Acontecimentos posteriores, entretanto, compensaram-me plenamente da decepção que senti de inicio. O meu trabalho encontrou o seu "Ministro da Propaganda" na pessoa do Dr. Abelardo Vergueiro Cezar, Deputado Federal. O seu interesse e entusiasmo, a cooperação da recentemente fundada "Sociedade Brasileira de Estudos Economicos", a orientação do trabalho pelo Dr. Theodoro Quartim Barbosa, e o esforço abnegado dos snrs. Roberto Peake Rodrigues e Laercio Brandão Teixeira, tudo isso deu em resultado a tradução em portuguez do meu livro, que é agora oferecida ao publico.

Espero que o meu trabalho contribua para o desenvolvimento da mentalidade economica e influencie a politica economica do Brasil, em cujo grandioso futuro acredito sinceramente.

J. F. NORMANO

Boston, Mass.
U.S.A.

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

ESCLARECIMENTO

Em virtude de escassez de tempo, e, mais do que isso, devido, em muitos casos, á impossibilidade de se encontrar as obras originaes em portuguez, não foi possível confrontar a tradução portugueza, de muitos trechos, com o original, sendo a mesma, portanto, baseada no inglez.

Os traductores.

PREFACIO

A historiographia do Brasil possui um notavel documento. No anno 1843 o Dr. Carl Friedrich Ph. von Martius, de Munich, o famoso naturalista allemão, co-auctor de "Reise in Brasilien", que juntamente com Spix e uma grande expedição scientifica, foi ao Brasil acompanhando "Die Erlauchte Braut" Karolina Josepha Leopoldina, e lá viajou de 1817 a 1820, submetteu ao Instituto Historico e Geographico do Brasil, no Rio de Janeiro, uma these intitulada "Como se deve escrever a Historia do Brasil". Essa these, publicada em 1845, na Revista do Instituto, pode ser considerada como um testamento aos estudiosos da Historia Brasileira.

Martius combinou o sentimento da grandeza do paiz com um sentimento novo da Historia. Elle entendia a Historia como uma epopéa ("Toda Historia que for digna desse nome deve ser semelhante a uma epopéa!"); e no paiz elle realçava os regionalismos: "Como são differentes Pará e Minas! Outra natureza, outros homens, outras necessidades e outras paixões, e consequentemente outra ligação historica".

O programma desusadamente largo, diverso, genial e ainda actual traçado por Martius, não foi completado, apesar de algumas notaveis realizações da moderna historiographia politica do Brasil. Mas negligencia o facto de que toda Historia em paizes novos é Historia economica. No campo especializado da historia economica

estamos ainda longe da possibilidade de crear uma epopéa.

Ainda não chegou o tempo de assumir a corajosa tarefa de um estudo generalizado da Historia Economica da America Latina, nem mesmo de um paiz. Muito abundantes, mas muitas vezes deploravelmente negligenciados e nem sempre accessiveis, os dados têm de ser primeiramente colleccionados, classificados e investigados. O trabalho das industriosas sociedades Historicas e Geographicas locais tem de ser revisto e resumido; uma analyse cuidadosa sobre as investigações por monographias especiaes deve preparar o terreno para esta empresa.

Com estes pensamentos, comecei a reunir dados e estudar a historia economica do Brasil para “uso proprio”, na preparação deste livro. Ultimamente dominou-me a idéa de tomar uma tarefa limitada — dar não uma epopéa nem mesmo uma descripção exhaustiva, mas um estudo do “typico” na Historia economica do Brasil — dar uma historia não de factos mas de typos e de tendencias. Preferi o methodo typologico para este estudo, porque penso que usualmente, nas investigações modernas sobre historia economica, as descripções das formas externas das instituições tornam-se exaggeradas sem que se saiba mais sobre a sua natureza interna.

A vida de um Paiz não conhece um estagio estatico: é sempre dinamica, nunca estaciona — constantes ondulações, mudanças permanentes — evolução eterna. A historia de uma nação é uma analyse da sua evolução — evolução na sua estructura economica, politica, social e psychologica. O rythmo das evoluções não é mesmo para todos os paizes e nações. O tempo das evoluções brasileiras é especialmente rapido; o paiz manifesta-se como altamente dinamico.

Este aspecto dynamic do desenvolvimento brasileiro torna-o um campo especialmente propicio para uso do methodo de pesquisa pelo lado typico.

Esboços de Historia Economica guiarão o leitor da vida isolada de uma colonia remota ás ondulações das modernas economia e politica mundiaes — da dependencia colonial ao nacionalismo economico. Testemunhamos seculos de deslocação de fronteira no Brasil, iniciada pelos bandeirantes e trilhadas hoje pelos homens de negocios. A differença está na forma e nos methodos; o objectivo era e é o mesmo — a extensão do territorio economico.

A fronteira economica ainda se move, pois as reservas territoriaes (politicas) do Brasil estão longe de serem esgotadas. A facilidade com que a expansão extensiva foi levada a effeito contrabalançou a expansão intensiva, conduzida a um "Raubwirtschaft", e a uma perpetua mudança dos productos principaes. Assucar, ouro, algodão, borracha e café — formando um kaleidoscopio das variações dos productos principaes e, muitas vezes, dos typos economicos humanos correspondentes, fazendo progredir differentes estados e diversas classes sociaes, preparando o fundamento economico para suas aspirações e realizações politicas. Mas o mercado mundial e os seus preços permanecem o arbitro todo poderoso de seus conflictos; e esta dependencia do mercado mundial é o factor determinante de sua economia.

A segunda metade do seculo dezenove dá illustrações peculiares da interrelação entre o ondular economico do mundo e as flutuações nacionaes; o climax foi a Grande Guerra, o nascimento official do moderno industrialismo brasileiro.

Mas não só os preços — idéas economicas tambem — prendem o Brasil ao mundo; e temos de concordar, com Marshall, que "a procura de idéas não é trabalho

menos real, no sentido mais elevado da palavra, do que a reunião de factos”. Este paiz é uma esplendida prova de penetração rapida das correntes contemporaneas de pensamento, adaptadas para applicação immediata. Adam Smith estendeu sua influencia universal sobre o Brasil; o Saint-Simonismo pratico teve aqui um notavel discipulo, Visconde de Mauá, cuja vida e actividade constituem um digno correspondente dos irmãos Pereira em Paris.

Sobre este fundamento economico procurei erigir o edificio de um seculo de finança publica. O material para esta construcção é abundante, embora nem sempre accessivel, geralmente incompleto, e algumas vezes não merecedor de confiança. Para o tempo do Imperio, minha tarefa tornou-se mais facil, devido á existencia de compilações officiaes e semi-officiaes, relativamente áquelle periodo. Estas mesmo são na maior parte não systematizadas, não scientificas, inteiramente primarias; mas existem. Para o periodo da Republica, tive de organizar uma fatigante pesquisa por factos, dados e eschemas. Mesmo os resultados incompletos da presente investigação não teriam sido possiveis sem a generosa assistencia e auxilio de diversos amigos no Brasil.

A compensação deste fatigante trabalho foi o prazer de traçar as actividades de alguns dos grandes homens da Historia financeira da Republica, especialmente as duas figuras contrastantes — Ruy Barbosa e Joaquim Murtinho.

Os seis primeiros capitulos apresentam a escada historica pela qual se escala ao cimo do edificio, tendo-se uma vista do fundamento da actual situação financeira. Minhas conclusões são pessimistas, mais em virtude dos “reformadores”, do que do paiz. O Brasil está progredindo, desenvolvendo-se, e adaptando o remanescente do

seu systema economico feudal á idade da machina, apesar de mais de um seculo de constantes reformas.

Espero que esta investigação estimule a extensão da area geographica do economista moderno e especialmente do historiador economico, cujos horizontes, communmente, não ultrapassam os limites da Europa e dos Estados Unidos.

Todos os estagios da evolução economica coexistem, hoje, no Brasil; e o historiador economico tem oportunidade de tratar com um desenvolvimento finalmente condensado. Pode marchar em diversos estagios por todos os seculos. Aqui, simultaneamente, existe o mundo primitivo no sertão, economia medieval nas cidadelas do interior, e civilização moderna nas cidades.

Muitos dos phenomenos darão provavelmente novas illustrações ou novas provas á theoria economica, especialmente no campo da circulação e dos bancos. Um estudioso de assumptos internacionaes achará ensinamentos creadores da interrelação entre as finanças e a politica. Descobrirá por exemplo, que o Brasil foi, durante longo periodo um membro não official do Imperio economico da Grã-Bretanha.

Sei que negligencieei nestes estudos muitos problemas e aspectos importantes da economia brasileira. Sinto especialmente não poder incluir no capitulo III uma investigação do papel do jesuita, do indio, e do negro no desenvolvimento da economia brasileira. A falta de material disponivel forçou-me a adiar esta investigação para outra oportunidade, em que terei accesso ás fontes, tanto no Brasil como em Portugal.

Espero algum dia poder estender minhas pesquisas sobre uma serie de outros problemas, não resolvidos.

Uma nota mais: este livro presume um conhecimento geral da geographia e historia da America do Sul. Sinto-me justificado neste ponto, pois possuímos

em inglez uma serie de publicações uteis e algumas vezes excellentes a este respeito.

Desejo expressar minha gratidão ao Professor Edwin F. Gay da Harvard University, pelas numerosas sugestões e discussões que foram inapreciaveis ao meu adiantamento, e aos Professores F. W. Taussig e C. Haring, ambos da Harvard University, que tiveram a gentileza de ler partes do manuscripto e encorajar minha empreza. O Professor Percy A. Martin da Stanford University, realizou cuidadoso estudo do manuscripto, antes da publicação, e desejo manifestar minha gratidão por seus valiosissimos commentarios. Profundo reconhecimento devo tributar ao Dr. Herbert Feis, do Departamento de Estado dos EE. UU., como um dos primeiros que frizou a necessidade desta investigação e ao Professor Leland H. Jenke, do Wellesley College, a quem confiei os primeiros ensaios e que me estimulou com o seu encorajamento. Desejo assignalar a assistencia que a direcção do Harvard Bureau for Economic Research in Latin America me proporcionou — Miss Barbara Wright reunindo estatisticas, juntando material, e compondo o texto inglez, e Miss Esther Briggs procurando as fontes dos dados e preparando o manuscripto para a impressão.

O Consul Geral do Brasil, em New York, o Hon. Sebastião Sampaio, merece menção especial, pelo seu gentil interesse e pelos muitos contactos que promoveu para mim.

Muitos agradecimentos devo-os ainda a amigos no Brasil, que foram muito gentis, emprestando-me seu valioso apoio. Menciono particularmente o sr. Ildefonso de Abreu Albano, o sr. Tristão de Athayde (A. Amoroso Lima), o grande publicista e educador, e o Dr. Primitivo Moacyr, que mobilizou muitos escriptores e organizações na procura de materiaes para mim. O Banco

do Brasil e o Centro Industrial do Brasil no Rio de Janeiro e, especialmente, a Camara Americana de Comercio de São Paulo, que me auxiliaram, completando meu material de trabalho.

A direcção da Windener Library da Harvard University e sobretudo, Mr. W. B. Briggs, auxiliaram-me de todas as maneiras no sentido de conseguir dados utilizaveis. A Library of the Graduate School of Business Administration, da Harvard University, e a Bibliotheca do Congresso de Washington forneceram-me muitos dados originaes, que constituiram as bases deste estudo.

O Bureau de Pesquisa Internacional, da Harvard University e do Radcliffe College, tornaram possivel esta investigação, pelo seu apoio financeiro, o qual agradeço, nesta oportunidade.

A sra. B. Normano participou activamente em todos os periodos de preparação deste livro e generosamente contribuiu para elle, tanto intellectual, como materialmente.

J. F. NORMANO

Cambridge, Mass.

Junho, 1932

DISCURSO

DO

DR. ABELARDO VERGUEIRO CESAR

NA INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ECONOMICOS, A 16 DE OUTUBRO DE 1937, NA ESCOLA DE COMMERCIO ALVARES PENTEADO.

Installa-se hoje a Sociedade Brasileira de Estudos Economicos.

A sua irmã gêmea do Rio, a Sociedade Brasileira de Economia Politica, já iniciou seus trabalhos para a realização do programma commum que é o estudo desinteressado da sciencia e o estudo da economia nacional, para servir a humanidade e engrandecer o Brasil. Ambas já fundaram o seu organ official, a Revista de Economia Politica, cujo primeiro numero circulará em novembro.

Pretendem as duas agremiações, com as Faculdades de Economia e Finanças, procurar dar orientação systematica e imprimir cunho scientifico ao pensamento economico e financeiro do Brasil, buscando as permanencias abstractas na multiformidade dos factos, observando, comparando, generalizando, guiando-se pela methodologia scientifica, controlando suas conclusões, pela experiencia historica, de que fala Arthur Labriola, o tremendo critico do marxismo.

E esse mesmo cunho scientifico do nosso pensamento economico e financeiro será como que um pharol que, nas trevas e nas tempestades, indicará com as suas fulgurações, a rota segura que deve seguir nossa politica economica.

E essa rota trace-se não só com a dureza da objectividade do presente para um ousado arremesso futuro mas tambem com um profundo exame do passado, do qual o presente é um echo e o futuro uma projecção. Empenhe-se em fixar a idéa e nortear a acção que a realisará. E para isso é que as duas Sociedades se constituíram de professores e de banqueiros, de publicistas e de politicos, de estudantes e de financeiros, coordenando a theoria e a pratica, reunindo o espirito de pesquisa que descobre ao senso dynamico da technica que executa. E é por isso, Sr. Dr. Cardozo de Mello Netto, que a Sociedade que ora se installa, convidou para seu Presidente, V. Excia., professor de economia politica e homem de Estado, que si de um lado quer apprehender — a relação constante que liga os phenomenos — do outro, quer applicar essa — constancia na variedade — com o sentimento do opportuno, do justo e do maximo do effeito util para a sociedade, numa alliança criadora da sciencia com a politica.

Não dirige o mundo a implacabilidade feroz do — homo oeconomicus — pela compressão esmagadora do materialismo historico, fatal e invencivel, como tank passando por multidões inermes e prostradas. Não. O homem não se dirige e não se guia só pela bruteza das necessidades materiaes, mas tambem os sentimentos e as ideias o conduzem.

Foi o que Carlos Marx não quiz ver. E' o que communismo não reconhece, na sua pregação contra o capitalismo, no seu estimulo á luta de classes. E affirma Marx que a producção capitalista se distingue por

dois caracteristicos: 1.^o produz mercadorias — 2.^o a maior valia, ou o lucro, é o fim e a causa da produção. Observa então o irrefutavel Arthur Labriola: — Devia-se pois concluir que o capitalismo é um systema mercantil, cujo unico fim é a produção do lucro. Mas, que systema economico — fundado ou não sobre a appropriação privada dos meios de produção — não se propõe produzir uma maior valia, um lucro a partir dos custos e das despesas de produção? Que especie de economia será esta em que não se procure mais do que se despende?

Para o debate superior desses problemas sociaes, economicos e politicos, tão entrelaçados e tão intimamente ligados, surgem bem a proposito, as Sociedades de Estudos Economicos e as Faculdades de Economia, porquanto para combater o communismo, não basta aconselhar e exhortar, pela moral e pelo patriotismo: não são sufficientes a ameaça penal da lei ou a coacção punitiva do poder publico, mas é essencial o exame das causas, que acarretam o disequilibrio social, a perturbação economica e a inquietude politica.

Labriola, com a sua autoridade de sociologo e economista, ensina que as crises, que tiveram seu primeiro theorista em Sismondi, não podem se enfeixar numa theoria geral, porque cada uma se reveste de sua individualidade historica.

E esta se forma na peculiaridade do meio e dos tempos, nas contingencias geraes dos acontecimentos mas tambem no ambito immediato e positivo duma estructura nacional.

Mas crises sempre haverá, porque são phases de adaptação e de busca do equilibrio das sociedades, provocadas pelos phenomenos naturaes, pelas invenções, pelo aperfeiçoamento da technica, pela intervenção in-

debita do poder publico, que talvez seja o mais perigoso provocador de crises, por se exceder sempre na sua actuação social, economica e politica.

E' o que accentúa no seu livro — *L'Etat et les Crises* —. Ha pouco falei em peculiaridade e em estrutura nacional. Mas agora preciso falar em J. F. Normano, que tão bem estudou as do Brasil. Não obstante quaesquer restricções que se possa oppôr a Normano, a verdade é que elle formulou uma das mais interessantes syntheses sobre a nossa formação economica e financeira. Pode-se discordar d'elle neste ou naquelle ponto, mas força é reconhecer seu valor, principalmente na critica da historia das nossas finanças publicas, em que tão bem elle acompanha e fere no seu traço fundamental, o choque continuo do papelismo com a deflação. Si presta sua homenagem a Ruy Barbosa, outorga a Joaquim Murtinho, o primado de gestor das finanças publicas do Brasil.

E Murtinho foi a concepção e a acção. Insculpiu-se esta na historia das nossas finanças. Encontra-se aquella, principalmente no seu Relatorio de 1899; sempre actual, sempre verdadeiro e sempre adequado ao momento.

Mas Normano foi menos justo para com Sir Otto Niemeyer, cujo relatorio sobrio e seguro sobre o Brasil, não merece todas as censuras que aquelle lhe faz, principalmente lendo-se o relatorio de outro fundador desta Sociedade, o Snr. Dr. José Maria Whitaker, com quem Niemeyer trabalhou, quando dá conta de sua gallarda actuação de primeiro Ministro da Fazenda, do Governo Provisorio da Segunda Republica.

Essa obra de Normano — *Brasil — A Study of Economic Types* — a nossa Sociedade acaba de traduzir e vae publicar em Dezembro, graças á operosidade e competencia da Commissão encarregada, composta dos se-

nhores Dr. Theodoro Quartim Barbosa, Roberto Peake Rodrigues e Laercio Brandão Teixeira.

Depois de ouvirmos as sabias palavras de V. Excia., Sr. Dr. Cardozo de Mello Netto, Governador do Estado de São Paulo e Presidente desta Sociedade, ouçamos a cultura universal, pelas vozes autorizadas de seus representantes, os Snrs. Professores Renée Courtin e Gaston Leduc, que com os seus collegas, ajudam a nossa formação scientifica, com o enthusiasmo de seus ideaes e com o vigor de seu saber scientifico.

Mas antes de terminar esta ligeira exposição, quero pedir a todas as nossas instituições e aos brasileiros, o apoio e a collaboração para as nossas Sociedades, e outras identicas que se formarem, para que se assente o debate e a orientação das nossas cousas economicas no estudo e nos ensinamentos scientificos, porquanto como pontifica Alberto Aftalions

“Quer se trate de Estado e de sua politica, ou de economia e de suas theorias scientificas, a todos se impõe uma grande prudencia, uma extrema modestia. E’ preciso reconhecer a difficuldade dos problemas, renunciar ás soluções apressadas e rigidas. E’ preciso respeitar a realidade diversa e multipla, não se devendo tentar submete-la a concepções absolutas, não se querendo ver no mundo economico um conjuncto mecanico nem uma materia inerte que se possa alterar á vontade. A realidade vinga-se de quem a contrariar. E é o erro das theorias e o fracasso dos governos.”

BRASILEIROS! governantes e governados, para bem do Brasil, reflectamos e meditemos nesses conceitos, tão profundos, tão serenos e tão reaes.

CAPITULO I

A DESLOCAÇÃO DE FRONTEIRA

L'on ne doit faire estat d'aucune Histoire, si la Géographie, son oeil droit et lumière naturelle, ne marche devant. En quoy néant-moït tous Historiographes de quelque temps et langue qu'ils soient, ont toujours failly com à plusiers autres choses. — *Les Trois Mondes*, par le seigneur de La Popelinière. Paris, 1582.

Não é por acaso que a conhecida expressão do Professor F. J. Turner é tomada para um dos principaes aspectos da Historia Economica do Brasil.

Embora seja hoje um facto pertencente ao dominio passado nos Estados Unidos, a "deslocação de fronteiras" ainda se está processando no Brasil.

O feliz conceito de Turner não caracteriza um movimento peculiar aos Estados Unidos, como elle e seus discipulos affirmam (1).

É simplesmente uma nova formula para o processo de colonização interna de todo paiz grande, for-

(1) A fronteira, com sua influencia continua, é o que ha de mais typicamente Americano em toda a America. "Frederick L. Paxson, *History of the American Frontier, 1763-1893*, Prefacio. Boston e New York, 1924". A fronteira Americana foi a força mais característica e vital que distinguiu o desenvolvimento dos Estados Unidos do velho Mundo. "Robert E. Riegel, *America Moves West*, p. 3, New York, 1930".

mula da qual podemos apreciar frisantes exemplos na evolução de outros territorios extensos, como na Europa, a Russia (2), na America do Sul, o Brasil e a Argentina (3). Nesse sentido, considero a formula de Turner como de applicação mais universal do que local (4).

Por outro lado, uso o termo "deslocação de fronteira" para significar a expansão economica territorial de um paiz, dentro de seus limites politicos. O termo é usado neste estudo como uma significação mais restricta do que a usualmente adoptada por historiadores nos Estados Unidos. Não é a expansão do territorio politico, mas a incorporação do territorio existente á vida economica da nação, a colonisação interna nacional.

A expansão do Brasil teve e tem um caracter pronunciadamente interno. É a acção constante de valorizar a area politica, de levar o desenvolvimento eco-

(2) O periodo analogo, na historia Russa, não é constituido pela actividade dos dictadores Moscovitas, nem pelas conquistas dos Csares, mas pela colonisação pacifica do Sul da Russia e das possessões Russo-Asiaticas, na segunda metade do seculo XVIII e no decorrer do seculo XIX.

(3) Era intenção mostrar nestas notas de rodapés exemplos da existencia da deslocação de fronteiras em outros paizes sul-americanos. Depois de terminar o manuscrito, li o livro de Isaiah Bowman "*The Pioneer Fringe*", New York, 1931. Essa investigação brilhante e interessante torna estas notas desnecessarias. Ella conduz o leitor ao conhecimento dos feitos do pioneiro em todas as partes do mundo. Com referencia á America do Sul, vide o capitulo XIV.

(4) Infelizmente, a historia economica negligencia o methodo comparativo de investigação, que produziu impressionantes resultados na philologia e no direito. Vide John H. Wigmore, "Jottings on Comparative legal ideas and institutions", *Tulane Law Review*, vol. VI. n.º I.

nomico mais perto da fronteira politica. Este movimento formou a nação. (5)

A expansão externa, tão importante, por exemplo, na historia dos Estados Unidos, nunca teve grande significação para o Brasil.

Os bandeirantes foram os precursores do Imperio no seu esforço contínuo em direcção do Prata. Isto foi, naquella epocha, o resultado natural da supremacia brasileira no continente, quando os vizinhos do Brasil estavam ainda em "Statu nascendi", desunidos, convulsionados, e procurando organizar os seus Estados.

O arbitro do continente, o Imperio do Brasil, nunca se mostrou indifferente ao perigo politico no Prata e lutou contra todos os seus vizinhos sulinos: contra a Argentina, contra o Uruguay, contra o Paraguay. Teve de evitar a realização dos planos de Rosas, que ambicionava crear uma grande organização federal, composta da Argentina, Paraguay e Uruguay.

A annexação da Banda Oriental em 1821 faz reviver as antigas lutas da Colonia do Sacramento. O Rio Grande do Sul testemunhou uma continua actividade guerreira. A geographia economica insistia em reparar o erro da geographia politica, que dividiu a região de La Plata em differentes estados, e na primeira metade do seculo XIX não deu a este Estado sulino do

(5) A deslocação de fronteira no Brasil ainda não foi objecto de estudos, como já foi feito com a dos Estados Unidos. Apesar das numerosas descripções sobre os *bandeirantes* (vide cap. III) o termo "deslocação de fronteiras" nunca foi, que eu saiba, usado com referencia ao desenvolvimento brasileiro. Os estudos de investigação existentes tendem a descrever o *phenomeno nacional dos bandeirantes* como um *phenomeno local*, exaggerando o papel e a iniciativa de São Paulo. — *N. dos T.*: A affirmativa do autor não é acccita e, muito menos, endossada pelos traductores, que, neste ponto, têm opinião diversa.

Brasil uma saída para o mar, uma vez que o único porto oceânico, Rio Grande, não oferecia condições de navegação de longo curso.

A luta no sul foi ao mesmo tempo em defesa da província mais nova, pois a capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul foi estabelecida em 1807. E só então foi tributado aos esforços anteriores dos bandeirantes um reconhecimento official.

Naturalmente a velha rivalidade entre Castella e Portugal, transferida para o Novo Mundo, teve tambem alguma influencia psychologica. Houve uma reprodução da situação peninsular no Novo Mundo. D. João sonhou estender o seu dominio sobre o Uruguay e Paraguay, talvez até tendo em vista reconstituir o Vice-Reinado do Prata. Este motivo, geralmente accentuado pelos historiadores brasileiros (Tobias Monteiro Calógeras, João Ribeiro), não foi naturalmente decisivo, mas contribuiu para o encontro da estabilidade na fronteira do Sul.

Esta longa luta não só deixou de produzir resultado pratico duradouro como não deu ganho algum territorial ao Brasil, nem augmento de influencia politica no Prata. Ao contrario, o crescimento da Argentina como potencia fez com que o Brasil tomasse interesse pela independencia do Uruguay (1828), a antiga Província Cisplatina do Brasil, hoje o "Buffer-State" ("Estado-Tampão"), com o *status* geographico de um Afghanistan Americano. O Paraguay, em cuja capital as tropas brasileiras entraram em 1868, tornou-se um meio-dominio economico da Argentina. E a Argentina financiada pelo Brasil, em meados do seculo passado para combater Rosas, e libertada de Rosas, e mais tarde ainda alliada do Brasil na guerra do Paraguay, tornou-se maior e unica rival do Brasil no continente.

A expansão do Brasil no Norte não foi mais feliz. D. João VI annexou a Guyanna Francesa, mas esta só pôde ser conservada até 1817.

O unico augmento territorial bem succedido foi a aquisição do Territorio do Acre, organizado segundo o systema dos Estados Unidos de negociar com territorios, identico ao methodo usado com o Panamá. O tratado de Petropolis de 1903 resolveu definitivamente esta aquisição territorial.

Falando de uma maneira geral, o actual mappa politico do Brasil (excluindo algumas modificações ligadas á regularização de fronteiras) corresponde ao do tratado de Madrid (1750). Dessa epoca em diante, o desenvolvimento do Brasil processou-se dentro de seus limites politicos; não necessitou conquistar territorios incipientes.

“Os Estados Unidos figuram com uma vasta pagina na historia da sociedade. Linha por linha, emquanto lemos esta página de acção continental de Oeste para Este, acompanhamos a descripção da evolução social. Ella começa com o indio e o caçador; continua para narrar o desaparecimento da selvageria pela entrada do negociante, o batedor da civilização; lemos os annaes do periodo pastoril na vida dos “ranchos”; a exploração do sólo por processos rotineiros de irregulares na cultura de trigo e milho em commuidades agricolas estabelecidas de longe em longe; a cultura intensiva pelo estabelecimento de propriedades agricolas em maior densidade; e, finalmente, a organização industrial com cidades e systemas fabris. (6)

Mutatis mutandis de Brasil fabula narratur. Não foi o milho e o trigo, mas productos coloniaes. Alguns

(6) F. J. Turner, *The frontier in American History*, p. II. New York, 1920.

outros detalhes differiam; mas o typo de evolução, entretanto, era o mesmo — a mesma “fluidez de vida” — que é também uma característica específica da America e não dos Estados Unidos somente, o mesmo “contacto continuo com a simplicidade da sociedade primitiva”, o mesmo “ponto de encontro entre a selvageria e a civilização”. Era um movimento da costa para o norte, sul oeste — para o interior — movimento de seculos, ás vezes rapido, ás vezes vagoroso, mas um poderoso avanço dos postos de fixação brasileiros, atravessando quasi um continente, ganhando um immenso sertão.

Como nos Estados Unidos, a primeira fronteira economica do Brasil foi a costa do Atlantico, e “o avanço da fronteira significou um firme afastamento da influencia européa e um firme crescimento de independencia na America”. Como no Norte, a fronteira foi attingida, primeiramente por meio de canôas ou cavallos, e podemos assignalar os mesmos typos de deslocadores de fronteira — o pioneiro, ao qual corresponde a figura do bandeirante brasileiro, o emigrante, e, mais recentemente, o capitalista ou emprehendedor, que algumas vezes se originam na propria fronteira, como resultado da transformação do pioneiro ou do emigrante, e em outras da transformação do pioneiro ou do emigrante, e em outras, nella se fixa, com seu equipamento mental e material.

O Brasil foi, a principio, estabelecido no littoral, como consequencia de uma outra deslocação de fronteira, quando a Europa, no inquieto seculo V, procurou descobrir uma sahida para o Oriente, achando-a na America.

No primeiro quartel do seculo XVII, a colonia portugueza limitava-se á costa.

O interior não havia ainda sido explorado. Nos seculos XVI e XVII, o Brasil se assemelhava a um im-

menso archipelago de ilhas humanas isoladas. E ellas combateram, isoladas, a floresta e a solidão. O isolamente é uma condição que precede ao alargamento de qualquer fronteira. (7)

O bandeirante foi o deslocador da fronteira no periodo colonial. Mais tarde teremos oportunidade de travar conhecimento com esta figura da historia brasileira, com a sua origem, suas peculiaridades, e seu destino. Agora, esboçaremos suas migrações aventureiras no Brasil colonial. Oliveira Lima faz um estudo brilhante de sua expansão geographica, quando os rios eram as linhas naturaes de penetração.

“A geographia parecia indicar o sentido da expansão brasileira. Por uma anomalia curiosa, os cursos fluviaes, na região de São Paulo ao Paraná, correm da costa para o interior, como se fossem predestinados a conduzir aventureiros para o interior do paiz. A maior difficuldade consistia em subir a Serra do Mar. Uma vez escalada, a extensão das planicies convidava a proseguir na sua superficie, na qual os rios não cavam valles profundos, mas se contentam em deslizar suavemente, com poucas corredeiras e pedras. As montanhas continuam a elevar-se para éste, na direção de Minas Geraes; mas lá, tambem, descáem gradualmente e os rios acompanham esta descida relativa e progressiva, enquanto o interior, constantemente desembaraçado, estende-se em vastos planaltos ao Norte.

Estes rios correm, alguns em quédas precipitadas em direção ao oceano, — os que foram utilizados pelas primeiras entradas do seculo dezeseis, e outros levam á bacia do São Francisco, o rio por excellencia historico do Brasil, que se volta abruptamente para a costa somente depois de ter desembarcado os pioneiros na es-

(7) Paxson, *ob. cit.*, p. 95.

trada das planícies sem fim de Pernambuco e Piauí, cujas barrancas contiveram os invasores.

Consequentemente, de Minas Geraes, os bandeirantes foram muito além, para o nordeste, desde que, atravessando a parte mais elevada de Minas e os planaltos da Bahia, chegaram ás vastas planícies do Piauí, abaixo do Maranhão, onde encontraram novamente os pioneiros, que haviam subido com successo, seguindo as barrancas do São Francisco, aos quaes ajudaram a introduzir as grandes manadas de gado, que até hoje constituem a principal industria dessa região; dirigiram-se para o nordeste, onde foram surpreendidos pelo encontro de ouro, nos frios "plateaux" de Goyaz, e na immensa extensão de Matto Grosso, onde os rios da America do Sul têm suas cabeceiras e seus cursos descem para formar as bacias do Paraguay e do Amazonas; finalmente, foram ainda mais longe, a sudoeste, expulsaram os hespanhóes da margem direita do Paraná, que se tornou, com o tempo, um rio em boa parte nacional, e annexaram ao Brasil uma das mais admiraveis e ferteis regiões do seu enorme territorio". (8)

Ainda que pareça exaggerada a affirmação de que alguns bandeirantes, como Antonio Raposo Tavares, atravessaram os Andes e contemplaram as aguas do Pacifico, temos de admirar sua grande actividade. Mas parece ser um facto historico constatado que, no meio do seculo dezeseis, outro bandeirante, Aleixo Garcia, com seu irmão e uma pequena expedição atravessou o continente e, passando pelo actual territorio do Paraguay, attingiu o sopé dos Andes.

Ao bandeirante se deve o povoamento de territorios e a colonização de areas entre pontos já explorados.

(8) Oliveira Lima, "*Formation historique de la Nationalité Brésilienne*", pp. 75-76, Paris, 1912.

O rio São Francisco, ponto de encontro das bandeiras de São Paulo e do Norte, foi o berço da civilização brasileira.

Foi a grande estrada da civilização brasileira: é nas suas cabeceiras, que pairam as grandes bandeiras, e d'ahi se expande e ondula o impulso das minas; é no seu curso medio e inferior que se expande e propaga o impulso da criação, os dois maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piauhy (ligado a Pernambuco) abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brasil brasileiro*.

O extremo norte, a Amazonia, é em excesso indiano; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino. (9)

O rio São Francisco serve de marco ao primeiro periodo da civilização brasileira, assim como o Paraná assignala o periodo seguinte. A supremacia do assucar corresponde ao primeiro, e a hegemonia do café ao segundo. Bahia e Pernambuco representam o periodo colonial, assim como Rio de Janeiro e São Paulo o periodo actual da historia brasileira. O norte formou uma sociedade aristocratica revolucionaria; o sul, uma sociedade liberal desorganizada.

Os bandeirantes, no fim do seculo dezoito, já pertenciam ao passado. O typo nomade fixou-se e aquietou-se; os aventureiros e heróes constituíram-se em nucleos povoados de mineradores, tornaram-se pacificos criadores de gado, lavradores e agricultores.

D. João VI, á sua chegada ao Novo Mundo, encontrou esta agitada sociedade mais ou menos fixada. Não era ainda um paiz organizado, porque consistia apenas em um grande numero de povoados, num vasto territo-

(9) João Ribeiro, "*Historia do Brasil*", p. 126, Rio, 1929.

rio, embora não mais isolados, não obstante as commu-
nicações serem ainda difficéis entre si.

Uma nova figura, menos historica, mais mercanti-
lista, veio substituir o bandeirante como factor de ex-
pansão.

Temos de recordar os meios de communicação no
Brasil, no começo do seculo dezenove. O tropeiro, des-
cripto nas novellas de Bernardo Guimarães, é o trans-
portador de mercadorias, de pessoas, de dinheiro, de
noticias, e da correspondencia postal. Era o interme-
diario para todas estas transacções. (10)

O tropeiro e seus associados representavam a arie-
tocracia (11) daquelle tempo. Von Martius, Von
Eschwege, e outros, que fizeram longas viagens no pri-
meiro quartel do seculo dezoito, dão uma descripção
pittoresca das condições daquelle epoca. (12)

O tropeiro movia-se vagarosamente, de villa em
villa, de fazenda em fazenda, de sertão em sertão, tres,
quatro, seis leguas (13) por dia, seguindo as estradas
abertas pelos bandeirantes.

Se um historiador o tivesse acompanhado nas suas
viagens de negocios, no começo do seculo dezenove, te-
ria observado as notaveis mudanças na psychologia e
nos habitos do povo. Na maior parte desapparecera o
espirito belligerante do bandeirante; o nomade havia-se

(10) J. Pandiá Calogeras, "*Res nostra*", p. 278, S. Paulo
1930.

(11) *Idem*, pp. 280/81. Calogeras nos dá um excellent
esboço do papel economico e social do tropeiro nas diversas par-
tes do paiz.

(12) Vide Spix und von Martius, "*Reise in Brasilien*", I
126, Munchen, 1823. W. G. von Eschwege, "*Journal von Brasilien*
Erster Heft, p. 5, Weimar, 1812.

(13) A legua (6.17 kilometros) é igual a 3.84 milhas (essa
medida varia nas differentes regiões do paiz).

tornado um homem do campo, e somente no nordeste persistiam os fermentos de desorganização e anarquia.

Mas isso não quer dizer que a fronteira tivesse cessado de deslocar-se: as formas mudaram, desaparecendo a apparencia theatral das bandeiras. A deslocação de fronteira ainda se continua processando. Mas quão differente é o processo dos tempos modernos, do das penetrações isoladas, das primeiras entradas ás ultimas bandeiras. A colonização começou com tentativas isoladas para penetrar no paiz. Algumas vezes a acção do pioneiro era animada pela influencia dos indios, como no caso de Caramurú (ou Caramboro) — o homem do fogo — o nome indigena dado ao portuguez Diogo Alvares Corrêa. O movimento transformou-se, mais tarde, numa desorganizada movimentação de clans e hoje tem sua sequencia historica na abertura do sertão por modernos meios de communicacão e colonisação mais organizada.

A fronteira desloca-se cada vez mais profundamente pelo sertão a dentro, avançando por florestas e desertos. O tropeiro ainda existe, mas a forma dominante de ligacão no sertão já é o vapor, a estrada de ferro e, mais recentemente, o automovel e o aeroplano (14).

(14) O inimigo do tropeiro é, naturalmente, não a estrada de ferro, mas o automovel. O tropeiro era e é a continuacão da estrada de ferro, transportando as mercadorias e as pessoas da estação para o interior. O gado vindo do sertão, o sal e kerozene a serem remettidos para o sertão, tinham de usar o serviço do tropeiro, da estação e para a estação da estrada de ferro, especialmente nas regiões montanhosas. Nas planícies, o automovel vae expulsando os burros e o *carro de bois*. É possível, actualmente, atingir-se Goyaz, do Rio de Janeiro, em seis ou sete dias, em vez de mezes de jornada, como antigamente, ou de quinze ou vinte dias, mesmo recentemente. Isso é mais um exemplo da coexistencia de differentes estagios economicos no continente sulino.

Na segunda metade do século dezanove, iniciou-se o período da rápida aceleração no deslocamento da fronteira.

* * *

Verifiquemos quanto se deslocou a fronteira económica do Brasil e até onde se processou o ajustamento do território político existente á economia nacional.

É possível fazer-se uma affirmação exacta da localização da fronteira actual. Em alguns Estados, a fronteira não está ainda muito longe da costa; em outros, já está no mais distante interior. Em alguns lugares, as fronteiras internas se confundem, não sendo possível divisal-as. O estado da historia económica e geographica do Brasil é de molde a não se poder traçar a linha para demarcar a sua real situação divisoria. Tentemos, portanto, com a ajuda de dados estatísticos, esboçar o quadro.

As cifras demonstram um decidido dualismo económico no paiz, apezar da ausencia de um dualismo geographico, como, por exemplo, acontece no Perú ou na Bolivia, onde as montanhas dividem o paiz em duas partes. Virtualmente uma das partes económicas do Brasil participa da economia nacional somente por reflexo.

Entre os diversos estados, uns são adeantados e outros atrazados, uns activos e outros passivos. Ao passo que a vida colonial estava bem desenvolvida na costa ou mesmo em Minas Geraes, Matto Grosso, por exemplo, era um enigma e ainda hoje não entrou completamente na trilha do progresso. Noventa e cinco por cento da população, assim como todas as cidades importantes, que continuam crescendo, estão situadas no litoral ou no tórço sueste do Brasil. O Districto Federal é uma das regiões mais densamente povoadas da America do Sul, ao passo que o Estado do Amazonas, possuindo

22,3% do territorio nacional, contem somente 1,1% de toda a população. Amazonas, Goyaz e Matto Grosso com 47,3% de todo o territorio, são habitados somente por 3,8% da população. (15)

Uma investigação do papel economico dos diferentes Estados do Brasil mostra como é pequeno o mappa economico do paiz, em comparação com o politico. A economia activa do paiz está concentrada em alguns Estados, com um territorio relativamente pequeno.

O quadro indica a liderança desempenhada por um terço dos Estados do Brasil, com uma area total de somente um quinto da do paiz.

1928

	População (1)	Area mi- lhas (1)	Est. ferro, kilometros (2)	Exportação contos réis (3)	Usinas electricas
Minas Geraes	7.257.799	221.894	7.724.2	(Nota I)	138
São Paulo	6.175.685	112.278	6.948.5	2.095.783	90
Bahia	4.041.540	164.601	2.083.8	338.740	14
Rio Gr. Sul	2.864.629	91.310	3.075.6	230.967	55
Pernambuco	2.783.049	49.560	977.4	58.767	21
Est. ^o Rio de Janeiro	1.944.680	26.627	2.709.1	584.578	26
Districto Federal ...	1.431.688	.431	167.7		1
Total dos Estados acima, em porcentagem para todo o paiz	67,7	20,3	74,4	83,6	73,8

(1) FONTE: *Economical Data About Brazil*, p. 4;

(2) Instituto de expansão commercial, *O Brasil Actual*, p. 147, Rio de Janeiro, 1930;

(3) *Idem*, p. 130; *Idem*, p. 166; *Nota I*: Minas Geraes não possui porto; as exportações deste Estado são, na maior parte, feitas através dos portos mais proximos de São Paulo ou Rio de Janeiro.

Nota: Todas as porcentagens do quadro acima são calculadas pelos dados fornecidos pelas fontes referidas.

(15) Ministerio da Fazenda, *Economical Data about Brazil*, 1910-1928, pag. 4, Rio de Janeiro, 1929. Porcentagem calculada sobre as cifras mencionadas.

Restam para os outros quatorze Estados e um Território, com uma area total de 79,7% de todo o paiz, possuindo somente 32,3% da população, 25,6% das estradas de ferro, 16,4% das exportações e 26,2% das usinas electricas.

De accordo com o rescenseamento de 1920, existem ainda 79,4% de terras devolutas e somente 20,6% de terras cultivadas no Brasil.

O valor das fazendas em tres Estados — Rio Grande do Sul, Minas Geraes e São Paulo — constitue approximadamente 65% do valor total!

Matto Grosso, com uma area de 532.210 milhas quadradas, possui somente 3.484 propriedades ruraes, enquanto que aquelles tres Estados, com uma area combinada de 425.482 milhas quadradas, têm respectivamente 124.990, 115.655 e 80.921 propriedades ruraes.

Em 1928 existiam nos differentes Estados os seguintes kilometros de estradas de ferro:

	Kilometros	Porcentagem
GRUPO I Amazonas, Goyaz, Matto Grosso	1.472,9	4,6
GRUPO II Pará, Maranhão, Piahy, Ceará	2.172,0	6,8
GRUPO III Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia	4.539,5	14,6
GRUPO IV Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo, Districto Federal	18.158,2	56,9
GRUPO V Santa Catharina, Paraná, Rio Gr. Sul	5.489,6	17,1
		100,0

Os dados correspondentes para os mesmos grupos de Estados, no que se refere a estrada de rodagem e de automoveis, em 1928, são os seguintes:

	ESTRADAS		AUTOMOVEIS	
	Kilometros	Porcentagem	Numero	Porcentagem
GRUPO I	10.519	9,2	1.965	1,2
GRUPO II ...	10.103	9,9	2.035	1,3
GRUPO III ..	19.489	17,2	9.924	6,3
GRUPO IV ..	45.496	40,6	92.193	70,0
GRUPO V ...	27.415	24,1	33.142	21,2
		100,0		100,0

FONTE: *O Brasil Actual*, p. 152.

Os numeros absolutos são ainda mais impressionantes. Em 1928 existiam no Territorio do Acre somente um automovel e quatro caminhões: no Amazonas somente 176 vehiculos a motor de todas as especies, no Maranhão 321, no Piauhy 264, e em São Paulo 69.515! (16)

O valor da produção agricola dos cinco grupos é mostrado no seguinte quadro, referente ao anno de 1920.

(16) *O Brasil Actual*, pg. 152. Identico é o quadro que se nos oferece, segundo os dados demonstrando o numero de kilometros por agencia de Correio nos Estados. Os dados seguintes são particularmente elucidativos da situação: kilometros quadrados para cada agencia postal, 1912: Amazonas, 65.335; Districto Federal, 9; Goyaz, 10.831; Matto Grosso, 49.242; Pará, 14.021. — *Directoria Geral de Estatistica Anuario Estatistico do Brasil*, 1908-1912, II, XXVI. Rio de Janeiro, 1917. — Infelizmente as cifras acima se referem ao anno de 1912 e, por isso, não podem ser directamente comparadas ás outras estatisticas utilizadas no texto.

	<i>Contas de réis</i>	<i>Percentagem do total</i>
GRUPO I Amazonas, Goyaz, Matto Grosso	87.223	2,0
GRUPO II Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará	261.638	6,0
GRUPO III Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia	936.495	21,4
GRUPO IV Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, Distri- cto Federal	2.453.304	55,8
GRUPO V Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul	649.311	14,8
Territorio do Acre	6.609	1
	<hr/> 4.394.560	<hr/> 100,0

FORNTE: — Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral do Estatistica, *Resumo de varias estatisticas economico-financeiras*, pg. 12, Rio, 1924.

As estatisticas mostram claramente que os Estados com systema de estradas de ferro desenvolvidos se tornaram cada vez mais o centro dominante da economia brasileira.

PERCENTAGEM DO TOTAL DAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS:

	<i>Importações</i>		<i>Exportações</i>	
	<i>1852-57</i>	<i>1919</i>	<i>1852-57</i>	<i>1919</i>
GRUPO I	1	1,1	0,1	3,1
GRUPO II	7,6	3,6	7,2	6,5
GRUPO III	31,9	13,5	31,2	13,3
GRUPO IV	55,2	72,3	54,5	68,1
GRUPO V	5,2	9,5	7,0	9,0
	<hr/> 100,0	<hr/> 100,0	<hr/> 100,0	<hr/> 100,0

FORNTE: Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Diccionario Historico Geographico e Ethnographico do Brasil*, I, 544, Rio de Janeiro, 1922.

Nos grandes portos nacionaes, como Santos, Rio de Janeiro e Rio Grande, parallelamente ao augmento da exportação, nota-se o augmento da importação. Tomando 1910 como base, (100 por cento) temos, em 1928:

	<i>Importação Porcentagem</i>	<i>Exportação Porcentagem</i>
Santos	260	154
Rio de Janeiro	155	136
Rio Grande	129	311

FONTE: *Economical Data About Brazil*, pp. 58-69.

Mas nos portos locais a tendencia é opposta:

	<i>Importação Porcentagem</i>	<i>Exportação Porcentagem</i>
Pará	18	357
Manáos	7	107
Maranhão	21	512

FONTE: *Economical Data About Brazil*, pp. 52-69.

Naturalmente temos de considerar que o poder aquisitivo do valle do Amazonas diminuiu depois de 1920, como resultado da crise da borracha, mas as cifras significam tambem que os Estados menos desenvolvidos vieram a ser suppridos quasi inteiramente pelos Estados do Sul, que importam e produzem para elles.

Os primeiros tornaram-se, como de facto eram, satelites ou dependencias dos segundos. Elles constituem o mercado para os productos da industria nacional, emquanto que os Estados do sul geralmente preferem productos importados. As cifras mostram o retorno do

centro economico para o sul e a continuação da hegemonia littoranea. E como as distancias entre as diferentes zonas do interior são grandes, assim tambem é a area sobre a qual se estende cada uma dessas zonas. No longinquo interior, a vida quasi não soffreu mudanças e é hoje quasi a mesma do começo.

N. T. — Viajando pelo interior não só se percorre espaço mas caminha-se no tempo. Uma viagem do interior de Matto Grosso significa uma visita a São Paulo ha cem annos atraz.

* * *

A deslocação da fronteira nunca é uniforme, previamente estudada e organizada. A procura de um novo producto origina e constróc uma nova parte do paiz. No Brasil foi o assucar, o algodão, a borracha, o café e outros productos, assim como o ouro, que impelliram o deslocador de fronteira á procura de novas terras. Existiram corridas locais de menor importancia, que muitas vezes resultaram na *formação de mercados locais*, sem fazerem parte de um mercado interno integrado da economia nacional.

Disso resultou uma pluralidade de mercados que, junto com o dualismo acima mencionado, constitue a caracteristica da Economia Brasileira.

O immenso territorio, a escassa e desigual distribuição da *população* e a escassez do transporte são as principaes causas da multiplicidade e isolamento dos mercados internos. Não admira que os preços pagos no Amazonas por muitos artigos, mesmo os de primeira

necessidade, sejam phantasticos. Os mercados são algumas vezes inteiramente locais, outras vezes apenas regionaes.

A segregação encoraja a formação de pequenas empresas industriaes locais, mas ao mesmo tempo permite preços locais quasi que de monopólio.

O tropeiro de antigamente e o seu successor, o caixeiro-viajante de hoje, representam o novo traço de união entre o littoral e o sertão. O tropeiro podia carregar, levando para o interior, somente o que elle ou os seus burros eram capazes de transportar. E' esse, tambem, o caso do seu successor, com a excepção que, se possivel, elle usa um Ford; mas, em muitos lugares, a condução em lombo de burro é ainda a unica existente. Naturalmente, o preço da mercadoria, transportada dessa maneira fatigante e muitas vezes perigosa, é elevado. O tropeiro e o actual caixeiro-viajante plantam sementes de uma unidade economica e constituem os elementos de ligação do mercado nacional. (17)

(17) Vide o excellente artigo de Montarroyos, "*Le Marché Brésilien, ses ressources, les débouchés qu'il offre à l'expansion française; les methodes à suivre*". *L'Avenir de l'Expansion Économique de la France*, 1913.

Deve-se a Montarroyos a revelação do importante papel desempenhado pelo moderno caixeiro-viajante, no progresso e desenvolvimento das relações commerciaes.

A fronteira desloca-se. As seguintes cifras mostram o augmento de população nos cinco grupos de Estados:

	1872	1890	1900	1920
GRUPO I — Amazonas, Goyaz, Matto Grosso	278.422	468.314	623.065	1.121.697
Porcentagem	100	168	224	403
GRUPO II — Pará, Maranhão, Piahy, Ceará	1.569.385	1.832.605	2.128.119	3.786.075
Porcentagem	100	117	136	241
GRUPO III — Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia	3.414.012	4.492.897	5.066.744	8.443.333
Porcentagem	100	132	148	247
GRUPO IV — Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo e Distrito Federal	4.116.756	6.104.384	7.704.133	13.654.934
Porcentagem	100	148	187	332
GRUPO V — Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul	733.486	1.430.715	1.796.495	3.537.167
Porcentagem	100	195	245	482
Territorio do Arzo				92.379
Total	10.112.061	14.333.915	17.318.556	30.635.605
Porcentagem	100	142	171	303

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatística, *Synopse da População do Brasil*, p. 37, Rio de Janeiro, 1922.

Somente os Estados sulinos, com a sua continua immigração européa, estão excedendo o relativo crescimento da população do primeiro grupo, o qual cobre uma região verdadeiramente além da fronteira economica.

* * *

O Brasil consiste actualmente em duas partes: uma que constitue a causa, o factor e a razão de ser da economia nacional; e a outra, ainda dependente e na ca-

rencia de tudo, para conseguir o seu desenvolvimento economico.

A primeira está na idade moderna, a segunda figura ainda pelas suas condições no periodo colonial. Seculos de evolução separam Matto Grosso de São Paulo.

O paiz tem, na verdade, "terra demais e muito pouca população" usando a apropriada observação de Roy Nash. (18)

Essa é a melhor resposta á questão tantas vezes discutida do Imperialismo Brasileiro no continente sulino. Desde o começo do seculo dezenove, especialmente no tempo do Imperio, as nações limitrophes (e que paiz na America do Sul não confina com o Brasil, excepto o Chile e o Equador?) manifestaram receios da expansão politica deste paiz. No proprio Brasil, podemos encontrar o neo-imperialismo, uma corrente fraca, da qual o mais violento representante litterario foi Elyseo de Carvalho, que exprimiu esses sentimentos no ensaio: "*O Brasil, Potencia Mundial*".

Mas os neo-imperialistas esquecem o dualismo economico do Brasil e a pluralidade de seus mercados. O paiz consiste numa metropole e cidades, com aspecto e desenvolvimento ainda coloniaes, dentro de seus proprios limites politicos.

O Brasil é dotado de uma immensa reserva de terras, por onde pode expandir-se de um enorme mercado potencial para o paiz desde que fique equipado industrialmente. Não ha necessidade de uma politica de expansão territorial, mas sim de uma politica que procure augmentar a escassa população. Não é necessario procurar novos mercados, novos territorios, nem materias primas.

(18) *The Conquest of Brazil*, p. V, New York, 1926.

Existe de tudo, á espera de novos bandeirantes dotados do espirito de iniciativa, apparelhados de capital e *methodos modernos*. Isso constitue um convite para uma nova deslocação da fronteira.

Este “imperialismo” economico-nacional-interno, consistindo na integraçãõ de todo o paiz num systema economico unico, baseado em meios modernos de transporte, suavizará as forças desintegradoras da historia do Brasil — seus bairrismos e regionalismos — formando um sólido fundamento economico para a federaçãõ politica.

CAPITULO II

A PERMANENTE MUDANÇA DOS PRODUCTOS PRINCIPAES

“Os Estados Unidos do Brasil são um mundo em si mesmo”.

RUDYARD KIPLING.

A historia da economia brasileira é uma série de “registros” sensacionais caracterizada por uma sequencia de fluctuações que espantam. Ella constitue, na verdade, a historia do apparecimento e desaparecimento por assim dizer de systemas economicos inteiros em que uma nação baseia a sua existencia. A sua caracteristica principal é a permanente mudança das condições dos productos que poderemos chamar de “productos-reis”. Assucar, cacau, ouro, fumo, borracha, café — cada um desses productos tem o seu lugar na historia do paiz, e foram, cada um no seu tempo, o “eixo” da economia nacional (ou estadual) dando ao Brasil uma supremacia mundial temporaria.

Assim é que no seculo dezesete, o Brasil foi o maior fornecedor mundial de assucar, mas teve de ceder a sua supremacia ás Indias Occidentaes e á Europa.

No seculo dezoito sobreveio a corrida para o ouro; e o ouro tornou-se o eixo da economia brasileira, embora as descobertas verificadas na California, na Africa do Sul e na Australia, cedo offuscassem as do Brasil.

O algodão brasileiro era um producto importante no mercado de Londres nos fins do seculo dezoito, mas a invenção da machina de descaroçar algodão, em 1793, logo forçou o producto brasileiro a ceder lugar ao dos Estados Unidos.

No seculo dezenove, o Brasil perdeu a supremacia do cacau em competição com o Equador, e, posteriormente, com a Venezuela e Colombia. (19) No começo do seculo 20 a borracha asiatica batia a do Brasil. Mesmo no café, o Brasil perdeu o seu monopolio, embora ainda mantenha a supremacia do fornecimento mundial, não obstante a crescente competição que se estabeleceu com a Colombia, Venezuela e America Central.

A prosperidade caracterizada pelas vertiginosas altas move-se de uma parte do paiz para outra, atravez de toda a historia brasileira; e a crise de um producto reflecte-se na situação do paiz inteiro.

Por outro lado, o Brasil não está predestinado, como Cuba, a permanecer um paiz monoproductor. A propria mudança constante dos productos principaes é um indicio da possibilidade da polycultura.

Mas, antes de entrarmos na discussão desses assumptos, devemos recordar alguns factos. Desejo tornar claro que não é minha intenção fazer a historia, a descripção, ou traçar os dados economicos de cada producto agricola. Desejo apenas tornar conhecida do leitor a abundante litteratura existente sobre o assumpto.

(19) No começo do seculo dezenove o "Correio Brasilien-se", de Londres, declarava: "O cacau do Brasil continuará sempre a ter um bom preço no mercado, assim como o tem agora". Vol. I (Junho 1808) p. 590.

A descripção que se segue pretende apenas illustrar o phenomeno da permanente mudança dos principaes productos do Brasil e as suas fluctuações.

ASSUCAR

No anno de 1493 Christovão Colombo levou a primeira canna de assucar para as Índias Occidentaes. No anno de 1532 ella foi transferida da Madeira para o Braeil e passou a ser cultivada em São Vicente, e, nos annos seguintes, da primeira metade do seculo, na Bahia e em Pernambuco. Em 1590, havia seis engenhos, ou moendas de assucar, em São Vicente, trinta e seis na Bahia e sessenta e seis em Pernambuco. (20) A primeira moenda de assucar em Pernambuco — Engenho de Nossa Senhora de Ajuda, mais tarde chamada Forno da Cal — nos suburbios de Olinda, foi fundada por Jeronymo de Albuquerque, que recebeu a propriedade em 1534 do seu cunhado, o donatario Duarte Coelho. Quarenta navios carregados com assucar deixavam as costas brasileiras annualmente; a producção de

(20) Não possuímos estimativas exactas e systematicas, bem como dados, do periodo colonial. Herman Wätgen duvida mesmo ser possivel conseguir-se a restauração desses dados, baseando sua opinião nos precarios materiaes do Archivo da Torre do Tombo, de Lisboa (*Das Holländische Kolonialreich in Brasilien*, pag. 262. Gotha, 1921). As cifras são transpostas de um livro para outro sem qualquer critica. Por outro lado, os archivos no Brasil, como o Trabalho do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do Rio de Janeiro, as recentes publicações do Museu Paulista e as compilações de algumas sociedades locais, contém thesouros de materiaes. O periodo hollandez é especialmente rico nessas fontes.

assucar era de cerca de 19.000 cruzados. (21) Em 1600, o Brasil já possuía 120 engenhos, que exportavam anualmente 60.000 "ten-zentner" de assucar.

Menos de um século foi necessário para a produção de assucar no Brasil tornar-se de uma importância mundial.

E o assucar, então, tornou-se o mais importante elemento do commercio exterior.

O Brasil era a principal região tropical exportadora de assucar do mundo. Pelos fins do século dezesseis, o desconhecido autor dos "Dialogos das grandezas do Brasil", salientava que "O assucar é a principal coisa com que todo este Brasil se ennobrece e se faz rico". (22) Durante o século dezeseite o Brasil forneceu a maior parte do assucar consumido pela Europa.

A produção de assucar do Brasil augmentava, e, da mesma forma, crescia a riqueza da maior região asucareira, Pernambuco. Oliveira Lima descreve a opulencia daquelle tempo. Desde então, o assucar constituiu não somente uma velha industria em Pernambuco, *como também uma velha riqueza.* (23) Essa riqueza attrahiu os Hollandezes e, durante a sua invasão, o Conde João Mauricio de Nassau empregou grandes esforços para desenvolver a cultura. A expulsão dos Hollandezes, em 1655, privou o Brasil do capital e da cooperação dos productores hollandezes, dos seus escravos, seu conhecimento pratico e technica. A maior parte dos refugiados hollandezes foi estabelecer-se nas Indias

(21) As cifras dadas por Oliveira Lima são um pouco diferentes. Vide "*Pernambuco, seu desenvolvimento historico*", pag. 33, Leipzig, 1895.

(22) Publicações da Academia Brasileira, pag. 136. Rio de Janeiro, 1930.

(23) Lima, "*Pernambuco*".

Occidentaes, onde elles de novo se entregaram á industria do assucar com notavel successo. A partir da retirada dos hollandezes, a producção do assucar hollandez começou a declinar. Antonil relata que em 1711 havia 528 engenhos de assucar na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, produzindo 37.020 caixas de 35 arrobas cada uma .(24) E' essa, provavelmente, a unica cifra que possuímos desse periodo.

O assucar era a principal, na verdade a unica riqueza da capitania.

De accordo com as estatisticas, na veracidade das quaes não é possivel confiar inteiramente, mais de cem milhões de libras de producção annual eram exportadas pelo Brasil, logo após a expulsão dos Hollandezes, aos preços de 960 e 1.120 reis por arroba. A producção desceu a oitenta milhões de libras, na metade desse seculo, e a menos de quarenta milhões seis annos mais tarde. O preço, ao mesmo tempo, decrescia tão vertiginosamente que, no fim do seculo, a arroba era vendida a 120 e 100 reis". (25)

A concorrência das Indias Occidentaes não foi o unico obstaculo ao progresso da producção de assucar no Brasil. Havia igualmente uma causa interna da maior importancia. A descoberta de minas de ouro e diamantes na segunda metade do seculo dezeseite, culminando com o "rush" de 1693, em Minas Geraes, produziu uma intensa migração da população, desertando-se as plantações de assucar.

(24) "*Cultura e opulencia do Brasil*". Editado por Affonso de E. Taunay sob o titulo "*André João Antonil e sua obra*", pag. 11, São Paulo, 1923.

(25) Lima, "*Pernambuco*", p. 208.

“De um momento para outro o systema de plantação, sobre o qual o progresso economico da colonia tinha até então repousado, foi ameaçado de ruina. E isso se verificava especialmente com relação ás crescentes areas de plantação de canna da Bahia e Pernambuco. Muitos fazendeiros ricos, juntamente com seus escravos, abandonaram suas casas e rumaram para Minas. Os proprietarios de plantações, que resistiram á attracção das minas de ouro, e permaneceram em sua terra natal, não puderam mais obter trabalho. Os especuladores elevaram o custo dos negros a preços phantasticos, despachavam-n’os para Minas em quantidades taes que o Governo prohibiu, sob pena de confiscação, a transferencia de negros das plantações para as minas. Novas fontes de supprimento de trabalho foram cortadas, porque os donos de escravos, em virtudes dos altos preços obtidos pelos mesmos, os despachavam todos para o Rio como o ponto mais proximo das lavagens do ouro. Em grande parte, como resultado dessa violenta deslocação economica, dentro de poucos annos o Brasil perdeu o seu inconteste monopolio de fornecer assucar á Europa Occidental, e ficou condemnado a nunca mais recuperal-o. Com uma rapida comprehensão das suas novas oportunidades, os francezes e os inglezes, nas Indias Occidentaes, começaram a invadir os mais lucrativos mercados do Brasil. (26)

O Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azevedo, o ultimo Inquiridor-Geral de Portugal, o famoso autor de

(26) Percy A. Martin; “Minas Geraes and California”, “Revisão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro”, I, 256. Tomo Especial (Congresso Internacional de Historia da America, 1922). Vol. I. Rio de Janeiro, 1925.

“Memoria sobre o preço do Assucar” (27) registra a queixa de “justamente quando os nossos engenhos de assucar attingiram a um grau de notavel aperfeiçoamento, depois de 97 annos de progresso, tornando-se superior aos de outros paizes, e quando estavamos quasi senhores exclusivos desse ramo de commercio, infelizmente para nós as minas de ouro foram descobertas, o que nos levou a abandonar a unica verdadeira riqueza agricola, em troca de riquezas méramente representativas”.

O rapido augmento da riqueza dessas minas, que elevou a um nivel tão alto as industrias dos estrangeiros, attraheu todos aquelles que trabalhavam em nossos engenhos de assucar: esse cégo abandono não tardou em occasionar a sua decadencia. (28)

O assucar conservou-se ainda como producto importante: porém, já não era o principal no tempo de “Antonil (1650-1716), como elle tinha sido no periodo do autor dos *Dialogos*. Antonil dedicou o seu trabalho “aos senhores dos Engenhos e lavradores do assucar e do tabaco, e aos que se occupam em tirar ouro das minas do Estado do Brasil”.

A politica de economia continental de Napoleão que incentivou o cultivo da beterraba, desferiu um rude golpe no commercio do assucar. Na mesma época, entretanto, a destruição das safras no Haiti, devido á revolta dos escravos e á crescente importancia dos Estados Unidos como um novo mercado, trouxeram uma decidida melhoria para o preço do assucar. Essas cir-

(27) Lisboa, 1791. Reimpresso em 1794 como um annexo ao “*Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*”. Foi publicada uma traducção ingleza por George W. Robinson no livro “*Brasil e Portugal em 1809*”. Cambridge, 1919. Utilizei-me da segunda edição de 1794.

(28) Idem, pag. 148.

cumstancias produziram um renascimento da produçãõ brasileira, especialmente no seu velho lar, Pernambuco. Em 1812, a produçãõ de novo excedeu á registrada no começo do seculo dezoito. A revoluçãõ technologica produzida nas actividades assucarciras em meados do seculo dezenove attingiu o Brasil de maneira consideravel. Não obstante as cifras relativamente altas da produçãõ, e alguns periodos de exportaçãõ, os numerosos engenhos existentes no litoral eram na maioria para produçãõ do commercio local. Assim é que Martius relata que em São Paulo "é verdade que existiam nada menos de 458 engenhos de assucar e 601 alambiques, mas muitos desses engenhos somente produziam assucar, na quantidade necessaria para o consumo proprio, e que os alambiques de muitos Estados eram sem importancia, de vez que elles somente podiam produzir alguns "maas" de rum. (29) Mas até as maiores usinas em Pernambuco e Bahia estavam cerceadas em sua expansãõ pelo custo do transporte da canna de assucar. Ellas estavam impossibilitadas de augmentar a area de sua lavoura de canna, e, consequentemente, o volume de sua produçãõ. Um abaixamento tecnico do custo da produçãõ tornava-se impossivel. Não era apenas o atrazo da industria brasileira de assucar, mas, quiçá mesmo, mais o problema de transporte que não permittia ao paiz ajustar-se á nova technica.

A revoluçãõ technologica assucarcira foi seguida pelo desenvolvimento das estradas de ferro em todo o mundo.

O raio de acçãõ da usina de assucar tornou-se maior desde esse momento não somente com referencia ao assucar de canna como tambem ao de beterraba, registrando-se o processo da transformaçãõ dos antigos engenhos

(29) *Obra citada*, I, 227.

de assucar locais em empresas commerciaes, visando um amplo mercado. A commercialização da industria do assucar determinou fossem formadas maiores usinas, concentrando, produzindo em massa (em mui pequena escala, naturalmente, comparando-se com o periodo do fim do seculo dezenove) e com um custo de producção mais barato. L. H. Jenkes fornece-nos um interessante quadro desse periodo da existencia inicial de usinas centraes, em Cuba. (30)

(30) *Our Cuban Colony*. New York, 1928. O caso da industria de assucar em Tucuman (Argentina) é especialmente significativo. A estrada de ferro Central de Cordoba ficou prompta em 1873. O quadro que se segue demonstra como a estrada de ferro revolucionou a industria de assucar, contribuindo para a concentração em maiores unidades e o desaparecimento de empreendimentos agricolas de exploração de assucar, augmentando ao mesmo tempo o numero de plantadores:

<i>Annos</i>	<i>Numero de usinas de assucar</i>	<i>Numero de plantadores</i>
1850	13	—
1860	21	—
1870	54	—
1872	46	—
1874	73	233
1877	82	207
1881	34	394
1884	—	950
1888	—	889
1891	36	—
1894	—	2.117
1895	—	2.630
1897	34	—

Baseado no trabalho de Emilio T. Schleh, *La industria Azucarera Argentina*, p. 81 Buenos Aires, 1910.

Não possuindo uma rêde ferroviaria, o Brasil não poude ajustar-se ao novo desenvolvimento do mundo; a exportação de assucar cahiu e a sua producção declinou, excepto nos Estados mais desenvolvidos do littoral, principalmente em Pernambuco e Bahia. Esses Estados tornaram-se os fornecedores do mercado nacional, ficando livres de qualquer competição estrangeira por tarifas prohibitivas, exportando para os mercados mundiaes somente em casos de emergencia, quando os altos preços offereciam a esses productores, technicamente atrazados, uma opportunidade para vender as suas mercadorias.

No decorrer do seculo dezesete, depois do começo do periodo ferroviario, o governo dispoz-se a estimular a introdução do systema ferroviario central do Brasil. (31)

O gabinete do Barão de Cotegype foi autorizado (1875) a "garantir juros de 7% ao anno, até o capital realizado de 30.000 contos ás companhias que se propuzessem a estabelecer engenhos centraes para fabricar assucar de canna mediante o emprego de apparelhos e processos modernos, os mais aperfeigoados".

A abolição do regimen servil, em 1838, influiu sobre a producção de assucar, precisamente como a corrida do ouro, no fim do seculo dezoito. Os escravos deixaram as plantações; e o Norte não estava preparado para proceder á sua substituição mediante estimulo á vinda de braço estrangeiro, como aconteceu na lavoura de café.

(31) O famoso tratado sobre a producção do assucar pelo Cubano Alvaro Reynoso (1861) passado despercebido em Cuba e enaltecido em Java, foi traduzido para o portuguez em 1868 e publicado pelo Ministerio da Agricultura, no Rio de Janeiro.

USINAS DE AÇÚCAR ABRANGIDAS PELO RECENSEAMENTO DE 1907 E 1920

ESTADOS	NÚMERO DE USINAS DE AÇÚCAR		CAPITAL (Contos de réis)		NÚMERO DE TRABALHADORES		VALOR DA PRODUÇÃO (Contos de réis)	
	1907	1920	1907	1920	1907	1920	1907	1920
Alagoas	6	15	3.150	12.064	828	941	3.237	13.028
Bahia	7	20	3.714	23.112	1.011	1.914	2.364	18.853
Ceará	—	1	—	1.000	—	15	—	71
Espirito Santo	—	2	—	3.950	—	104	—	676
Goyaz	12	—	385	—	176	—	600	—
Maranhão	3	1	1.682	81	743	32	1.875	57
Mato Grosso	5	6	2.500	2.958	300	277	700	1.347
Minas Geraes	3	5	1.000	5.260	248	326	550	6.746
Parahyba	5	2	1.813	2.194	270	260	1.040	2.996
Pernambuco	46	54	18.738	74.096	4.837	6.487	27.918	81.245
Piahy	1	1	200	1.200	60	25	154	153
Rio de Janeiro	31	42	21.450	57.753	1.316	3.920	9.816	52.785
Rio Grande do Norte ..	4	—	630	—	147	—	700	—
Santa Catharina	2	2	500	631	34	70	345	437
São Paulo	12	12	9.356	21.992	1.831	1.468	7.332	22.962
Sergipe	62	70	8.943	10.833	1.285	2.322	10.596	10.138
	199	233	74.061	217.124	13.136	18.161	67.257	211.494

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatistica, Recenseamento do Brasil 1920, V (1.ª parte) ix, Rio de Janeiro, 1927.

A carencia de trabalho barato, de modernos machinismos e de capital impediu o Brasil de competir, em igualdade de condições, com os seus rivaes dos mercados mundiaes. A exportação decahi. Em 1913, sómente cerea de cinco mil toneladas de assucar foram exportadas. O Brasil, o antigo fornecedor do mercado mundial, soffreu, no seculo dezenove, não sómente as consequencias da luta entre os productores de beterraba e de canna de assucar, estimulados com o auxilio de systemas de premios, mas tambem em virtude de causas especiaes do paiz.

A guerra, temporariamente, fez reviver a velha industria. Os preços estimulavam o desenvolvimento da producção e o crescimento do systema central. Como um recenseamento parcial da industria de 1907 include a industria de assucar, podemos assignalar a influencia da guerra nessa transição para o systema central.

A formação de maiores fabricas, com a adopção de machinismos, transparece claramente nessas cifras, não obstante o facto de, mesmo em 1920, somente 34.5% do assucar brasileiro ter sido produzido em usinas e 65.5% ter sido o producto de "estabelecimentos ruraes" de accôrdo com o titulo official. Essa percentagem varia em diferentes Estados — de 64.6% do "assucar industrial" em Pernambuco, 56.1 no Rio de Janeiro, 55.6 na Bahia, 45.7 em S. Paulo, a uma desprezivel quantidade em outros Estados. O leitor encontrará cifras completas no seguinte quadro:

*Producção de assucar em 1920. Porcentagem do
"assucar industrial" comparada á producção
total de assucar.*

Alagôas	20.6
Amazonas	—

Bahia	55.6
Ceará4
Districto Federal	—
Espirito Santo	10.5
Goyaz	—
Maranhão	1.6
Matto Grosso	37.1
Minas Geraes	6.1
Pará	—
Parahyba	14.5
Paraná	—
Pernambuco	64.6
Piaulhy	2.2
Rio de Janeiro	56.1
Rio Grande do Norte	—
Rio Grande do Sul	—
Santa Catharina	2.9
São Paulo	45.7
Sergipe	35.1
Territorio do Acre	—
Total	34.5

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatistica, Resumo de Varias Estatisticas Economico-Financeiras, p. 33, Rio de Janeiro, 1924.

Entretanto, 65.5 % do assucar nacional ainda é produzido por 58.536 estabelecimentos ruraes, com uma produçãõ de 455.522.9 toneladas. (32)

Actualmente, a produçãõ de assucar do Brasil dá para attender ao augmento do consumo nacional, offe-

(32) *Recenseamento do Brasil, 1920, III* (p. 2), 8, Rio de Janeiro, 1925.

recendo ainda um caracter local. No Sul, mesmo em S. Paulo, onde a producção appareceu no seculo dezenove, importa-se, no momento, dos Estados vizinhos. O Rio Grande do Sul ainda produz canna, mas não fabrica assucar. Matto Grosso esforça-se para desenvolver a sua exportação para os mercados naturaes — Bolivia e Paraguay — e demonstrou uma notavel tendencia para industrialisar a producção de assucar.

No Norte, depois de muitos altos e baixos (especialmente sensiveis no Ceará e Espirito Santo), somente Pernambuco e Bahia mantiveram as suas posições, como grandes productores e, juntamente com Minas Geraes e Rio de Janeiro, dominam a producção brasileira.

A producção total de assucar no Brasil (928.000 toneladas em 1928-1929) mostra que largas quantidades se consomem no paiz, o que se attribue á sua utilização conjuncta com o café, porque em cada chicara o brasileiro põe de 3 a 6 colheres cheias de assucar. Uma apreciavel quantidade de assucar é ainda usada na industria de fructas crystalisadas, que apresenta perspectiva de vasto futuro.

O Brasil augmentou consideravelmente a sua exportação de assucar durante a guerra, e depois della, (atingindo o ponto culminante em 1922, quando mais de 250.000 toneladas metricas foram exportadas) e depois, de novo declinio a uma quantidade irregular e secundaria, a maior parte da qual provinda de Pernambuco. (33)

(33) Exportação, em toneladas, de assucar de Pernambuco:

	<i>Para outros Estados do Brasil</i>	<i>Para o estrangeiro</i>
1926	181.751	16.874
1927	162.016	33.628
1928	189.635	20.582

O OURO

A riqueza mineral do Brasil tem um passado lendário, um presente pobre e um futuro desconhecido.

Nos primeiros tempos da historia do Brasil, os reis portuguezes anciosamente procuraram achar "os thesouros que a terra occulta e guarda". (34)

Duarte Coelho Pereira, donatario da capitania de Pernambuco, em 1542, escrevia, de Olinda, ao rei D. João III nos seguintes termos:

"Quanto, senhor, ás cousas do ouro, nunca deixo de inquirir e procurar sobre o negocio e cada dia se esquentam mais as novas; mas, como sejam d'aqui longe pelo meu sertão a dentro e se ha de passar por trez gerações de de mui perversa e bestial gente, ha de se passar essa jornada com muito perigo e trabalho." (35)

A primeira descoberta foi feita na capitania de São Vicente. No anno de 1560, o ouro foi descoberto no sertão de Cataguá por dois homens enviados especialmente pelo governo portuguez para pesquisar o ouro. O nome dessa mina, miñas geraes de Cataguá, é origem do nome da ultima capitania, que depois passou a provincia, e hoje é o Estado de Minas Geraes.

A ultima expedição de Martim de Carvalho achou ouro nos sertões da parte norte de Minas Geraes (que antigamente fazia parte da Bahia).

(34) Claudio Manoel, *Vila Rica*, Vol. VIII cuja tradução em inglez é: "The treasures which the earth hid and guarded".

(35) *O Livro do Centenario 1500-1900*, III, 35. Rio de Janeiro, 1902.

O seculo dezeseete apresenta uma longa serie de esforços officiaes da administração local para a descoberta de ouro, começando com o donatario Duarte Coelho em Pernambuco e Francisco de Sousa em S. Paulo. Em S. Paulo houve uma serie de esforços nesse movimento, com o filho de Francisco de Souza, Luiz de Souza, Salvador Corrêa de Sá, pae, seu filho Martim, e seu neto Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Depois de 1670, as bandeiras atravessaram mais intensamente o territorio da futura capitania de Minas Geraes, caçando indios para os paulistas. Avultam como as mais notaveis as famosas expedições de Rodrigo Castel Branco e Fernão Dias Paes Leme. O ouro foi encontrado em quantidades importantes, somente no fim do seculo dezeseete, quando, em 1693, uma das bandeiras paulistas (Antonio Rodrigues Arzão) fez a primeira grande descoberta historica. Minas de São João d'El Rei (1705) e as Minas de Goyaz (1726) vieram após.

Nesse meio tempo, prosseguiram as descobertas no sertão: cada dia novas noticias mais animadoras chegavam, encorajando a formação de outras bandeiras, encontrando éco fóra da capitania, na Bahia, em Pernambuco, e em outros pontos. Ellas despertavam ambição do outro lado do oceano, na propria metropole; e de todos esses logares partiam multidões, attrahidas pela riqueza do interior brasileiro, abandonando atraz a agricultura e outras occupações, em que empregavam a sua actividade.

“Da Bahia se abria igualmente outro caminho para as minas, pelo valle do Rio São Francisco, e estabeleceu-se, desde logo, um activo commercio de gado e supprimento de viveres aos mineiros, que, seduzidos pelo ouro, abandonaram de todo as lavouras”. (36)

(36) *O Livro do Centenario*, III, p. 54.

“Nos rios de Minas todos os aventureiros e audaciosos do mundo se deram então rendez-vous. A Europa inteira interessou-se pelo Brasil e si Potosi fôra celebre nos seculos passados, Villa Rica foi notavel no seculo XVIII”. (37)

Na febre das primeiras descobertas elevaram-se em Goyaz diversas povoações que no começo do seculo findo estavam já em Minas.

Poucas destas conseguiram permanecer de pé até nossos dias, graças á agricultura e á criação a que se entregaram os seus habitantes, depois de haverem extrahido os cascalhos existentes á flôr da terra e abandonado o trabalho das minas de que se originaram aquellas povoações. (38)

A corrida do ouro occasionou um desenvolvimento economico no paiz; ella povoou especialmente Minas Geraes e deslocou a fronteira economica.

“Nas remotas regiões de Minas, cuja quietude ainda não tinha sido perturbada, a não ser pela passagem occasional de uma ou outra bandeira, que se dirigia á procura de escravos e de ouro nasciam villas e cidades, como por obra de passe de magica. Desses campos primitivos de mineração, levantaram-se as opulentas cidades de Mariana, Villa Rica de Ouro Preto, São João d’El Rei”. (39)

Dessa forma, a procura do ouro estabilizou a formação do paiz. O Brasil não teve um Bret Harte nem um Mark Twain para descrever a sua corrida para o ouro e para mostrar como a illusão do ouro foi um elemento civilizador no Brasil. O assucar, cacau, algodão, café, tabaco tiveram sua origem e foram cultiva-

(37) Victor Viana, *Historico da formação economica do Brasil*, pag. 137. Rio de Janeiro, 1922.

(38) *O Livro do Centenario*, III, 71.

(39) Martin, *ob. cit.*, p. 255.

dos em primeiro lugar e em maior escala ao longo do littoral. Indirectamente, por meio das expedições de caça aos escravos, em busca de trabalhadores para as plantações, esses productos contribuíram para a abertura do interior. O ouro era um dos poucos productos contribuindo, directamente, para o deslocamento da fronteira.

O ouro foi descoberto em quasi todos os Estados do Brasil, mas somente em Minas Geraes a producção nunca chegou a cessar. "Minas Geraes est un enorme coeur d'or, encastré dans une poitrine de fer", é a expressão de Gorceix, o fundador do Escola de Minas de Ouro Preto.

O Brasil iniciou o seculo dezoito com uma producção de ouro de 2.75 toneladas por anno em 1700, que attingiu 8.85 em 1721-1740 e 14.60 em 1741-1760, attingindo, ahi, o seu pinaculo. (40)

No começo do seculo dezenove, Von Eschwege, convidado pelo Conde de Linhares, tentou a primeira organização scientifica da producção. No anno de 1814, existiam 565 minas em Minas, 12.400 pessoas trabalhavam nas mesmas e produziam 228.449 oitavas. (41) No anno de 1819, foi organizada a primeira companhia por acções (A Mina da Passagem, entre Ouro Preto e Mariana. (42)

O anno de 1824 registrou o apparecimento da primeira companhia ingleza na producção do ouro brasileiro (43), e a industria entrou numa nova phase de

(40) L. de Lannay, "The World's Gold", p. 93, Nova York, 1908. Percy A. Martin no seu, sob todos os titulos notavel ensaio, dá as cifras correspondentes a este periodo em dollares, mas não menciona as bases de conversão utilizadas.

(41) *O Brasil*, I, 441. Oitava, a oitava parte de uma libra

(42) Sociedade Mineralogica, fundada por Von Eschwege.

(43) Associação Imperial das Minas Brasileiras, cujo animador foi Edward Oxenford.

desenvolvimento, sob a influencia do capital estrangeiro.

Infelizmente, nunca se tentou rever as cifras da produçãõ brasileira de ouro e prata, como C. H. Haring fez com referencia á da America Espanhola (44) ;

PRODUÇÃO DE OURO NO BRASIL, DE 1691 a 1875 (45)

<i>Periodos</i>	<i>Numero de anos</i>	<i>Total em kilos</i>	<i>Media annual kilos</i>
1691-1700	10	15.000	1.500
1701-1720	20	55.000	2.750
1721-1740	20	177.000	8.850
1741-1760	20	292.000	14.600
1761-1780	20	207.000	10.350
1781-1800	19	109.000	5.450
1801-1810		37.500	3.750
1811-1820	10	17.600	1.760
1821-1830	10	22.000	2.200
1831-1840	10	30.000	3.000
1841-1850	10	24.000	2.400
1851-1855	5	11.000	2.200
1856-1860	5	10.600	2.120
1861-1865	5	12.000	2.400
1866-1870	5	8.750	1.750
1871-1875	5	8.600	1.720

PRODUÇÃO TOTAL

<i>Periodos</i>	<i>N.º de annos</i>	
1691-1850	160	980.100 Kgs.
1851-1875	25	50.950 Kgs.
<hr/>	<hr/>	<hr/>
1691-1875	185	1.037.050 Kgs.

FONTE: Adolf Soetbeer, *Edelmetall — Productin und Werthverhãltnis Zwischen Gold und Silber*, p. 92. Gotha, 1879.

(44) "American Gold and Silver production in the first half of the sixteenth Century". "Quarterly Journal of Economics, Vol.

assim temos de nos basear ainda na compilação de Soetbeer.

Recentes compilações dão um total para 1824-1922 de 237.489 kilogrammas. (46)

Actualmente, só Minas Geraes apparece como productor de ouro. A produção das duas minas mais importantes — Morro Velho e Passagem Minas, — foi, em 1927, de 3.203 kilogrammas. Independente da extracção regular dessas grandes emprezas, o ouro póde ser encontrado em muitas outras localidades de Minas, Bahia, Goyaz e Matto Grosso, onde a "bateia", o velho processo de lavagem, ainda está em uso.

O Ministerio da Fazenda nos dá as seguintes cifras para as recentes exportações de ouro do Brasil:

1903-1907	24.799 Kgs.
1908-1912	24.854 "
1913-1917	25.230 "

A media annual foi de 4.992 Kilogrammas para os quinze annos desse periodo (47). Desde 1918, a expor-

XXIX. Maio de 1915. Não existem fontes dignas de confiança para o periodo colonial do Brasil. Soetbeer baseia as suas cifras nas estimativas de Von Humboldt (a melhor fonte para aquelle periodo) e tentativas semelhantes. Um calculo exacto é impossivel, em virtude da grande quantidade de contrabandos, estimulados pelo *quinto* (taxa de 20%) sobre a produção bruta do periodo colonial.

(45) As cifras de Von Eschwege não são tão altas. Elle calcula, naturalmente, somente a produção de Minas Geraes, a qual, comtudo, contribuiu com a quasi totalidade. Para 1700-1820 elle calcula para Minas Geraes uma produção de 524.091 Kilogrammas; em addicção as cifras de Soetbeer's para esse periodo daremos 795.100 Kilogrammas. É inteiramente impossivel que essa grande differença tenha sido originada pela produção de outras zonas do Paiz. Vide *O Livro do Centenario*, III, 93.

(46) *O Brasil Actual*, pag. 100.

(47) *Economical Data About Brazil*, p. 18.

tação de ouro foi prohibida, devendo o producto ser entregue ao Thesouro do paiz.

ALGODÃO

Na epoca colonial, o algodão era cultivado na zona norte do paiz, especialmente na Bahia, Pernambuco e Maranhão, primeiro para supprir as necessidades dos districtos (48) e, gradualmente, para fornecer outras partes do mundo. No anno de 1778, 3.510 Kilogrammas foram despachados do Ceará para Lisbôa, via Bahia. O anno de 1805 presenciou a partida do primeiro navio que foi directamente a Lisbôa, completamente carregado de algodão. No começo do seculo dezenove as exportações annuaes de algodão do Ceará attingiram de 450.000 a 600.000 Kilos. (49).

No quadro a seguir, podemos verificar claramente a perda de terreno do Brasil em competição com os Estados Unidos nos mercados mundiaes:

QUANTIDADE DE ALGODÃO IMPORTADO PELA INGLATERRA

	SACCAS	
	do Brasil	dos Est. Unidos
1800.....	30.593	40.342
1801.....	37.900	51.447
1802.....	72.660	105.187
1803.....	70.263	103.063
1804.....	45.739	102.174
1805.....	52.141	122.078
1806.....	47.802	124.092
1807.....	18.981	171.267

FONTE: *Correio Brasileiro*, Vol. I., p. 55, Londres, 1808.

(48) Na segunda metade do seculo dezoito já existiam "fabricas" de tecidos em Minas Geraes. *O Brasil*, II, 177, Vide Alfonso Costa, *Questões economicas*, p. 156. Rio de Janeiro, 1908.

(49) Ildelfonso Albano, *Ceará Cotton*, Manchester, 1924.

A lavoura de algodão continuou com accentuada intensidade até 1822, quando se verificou a queda de seus preços nos mercados europeus. A Guerra Civil dos Estados Unidos deu novo impulso á exportação brasileira, que attingiu 80 milhões de Kilos. Com o alto preço obtido pelo algodão durante a Guerra Civil, o cultivo do algodão no Brasil cresceu tão rapidamente, que, por exemplo, a exportação annual, do Estado do Ceará, que tinha excedido de 1.000.000 de Kilos, somente 3 vezes antes de 1864-1865, subiu constantemente cada anno, até 1871-1872, quando alcançava o recorde do seculo, de 8.324.258 Kilos. (50)

O algodão, declara uma das grandes autoridades no assumpto, "trouxe grande riqueza para os plantadores brasileiros, que naquelle tempo só possuíam para os seus serviços, escravos; mas ao envez de estimulal-os a realisar maiores esforços, com o objectivo de estabelecer permanentemente a nascente industria algodoeira, os agricultores desperdiçaram as riquezas ganhas sem esforços e permittiram que os norte-americanos recuperassem a sua antiga preponderancia...

Quando em 1888 a escravidão foi abolida, todos os grandes plantadores abandonaram o algodão no Norte, e desde esse tempo o algodão foi cultivado em pequena escala, a maioria das vezes para supprir somente as necessidades locais". (51)

Mais drastica ainda do que no caso do assucar, houve um declínio da producção como resultado da li-

(50) Albano ob. cit. ps. 45.

(51) Arno S. Pearse, *Brazilian Cotton*, p. 52. Manchester, 1921.

berdade dos escravos, e que determinou deslocamento da população.

Até 1875 o Brasil continuava a ocupar o terceiro lugar entre os paizes exportadores de algodão. No ultimo quartel do *seculo* dezenove a producção decresceu e em algumas partes do paiz chegou a desaparecer. No começo do novo *seculo*, a producção do Brasil permittiu-lhe ocupar somente o sexto lugar. A corrida para a borracha incrementou migrações da população e, por diversas vezes, deu causa ao abandono das planções de algodão no norte.

O Brasil, depois da sua primeira brilhante entrada no mercado mundial do algodão, repetiu o papel que desempenhou no mercado internacional do assucar. Elle é um fornecedor mundial em épocas de emergencia, quando uma deficiencia de supprimento eleva os preços e permite a competição de productos de alto custo.

A guerra mundial forneceu-nos uma nova confirmação desse facto. O commercio do algodão brasileiro subiu consideravelmente, estimulado pelo alto nivel dos preços da guerra. O ponto culminante foi em 1922, quando o Brasil exportou 33.947 toneladas metricas; houve um declinio nessa sifra, depois de oscillações irregulares, baixando até 10.000 toneladas em 1928. (52)

E, novamente, apresenta-se-nos o quadro do que occorrera com a industria do assucar, isto é, o crescimento do consumo interno e a diminuição das exportações de algodão em bruto, por força da nova industrialisação do Paiz.

O QUADRO A SEGUIR DEMONSTRA ESSE DESENVOLVIMENTO:

	<i>Área plantada hectares</i>	<i>Produção em Kgs.</i>	<i>Exportação em Kgs.</i>	<i>Consumo em Kgs.</i>
1910-1911	Não ha dados	77.343.076	11.100.000	14.943.000(1)
1915-1916	idem	100.730.372	30.434.000	70.346.000
1925-1926	534.357	130.421.100	30.635.000	99.786.000
1928-1929	500.000	113.881.000	10.680.000	103.201.000

FONTE: *O Brasil Actual*, p. 19.

(1) Esta cifra constitue evidentemente um erro de impressão.

O algodão tornou-se hoje, novamente, de importancia no Brasil. A sua propria industria de fição possuindo cerca de um milhão e meio de fusos, produzindo na maior parte artigo de qualidade inferior, reclama cada vez maiores quantidades. Dos 42.764.400 kilogrammas produzidos em 1900-1901, 30.399.000 foram consumidos no proprio paiz; o consumo local necessitou de 103.201.000 kilos dos 113.881.000 produzidos em 1928-1929. (53)

Desde 1914, sob o proteccionismo tariffario, o consumo do algodão tem crescido mais rapidamente do que a sua producção, resultando disso um estimulo ao seu cultivo. As fabricas encorajam esse cultivo pela manutenção de suas proprias plantações e mediante a distribuição de sementes ás fazendas vizinhas. As exportações dos Estados productores permanecem, mas mudaram a sua direcção. Os mercados de São Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro passaram a consumir o algodão que exportavam para o estrangeiro, porque as nascentes industrias manufactureiras desses Estados passaram a exigir maior quantidade de algodão do que elles podiam produzir.

(53) *O Brasil Actual*, p. 19.

Dessa forma, o Norte do Brasil tornou-se o reservatorio de materia prima para os Estados do Sul mais industrializados. Alagoas, Ceará, Maranhão, Parahyba, Rio Grande do Norte, Sergipe, todos elles dependem do mercado nacional para o consumo do ouro branco. São Paulo e o Districto Federal, de accordo com o recenseamento de 1920, absorviam cincoenta por cento da importancia total de todo o algodão consumido. (54)

O Sul, por si mesmo um valioso productor de algodão, agora basia o desenvolvimento de sua industria textil no Norte. Os dados compilados pelo Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão do Rio de Janeiro, no anno de 1928, indicam a rapidez do desenvolvimento dessa industria, particularmente notavel para os annos de 1924-1928. (55)

BORRACHA

A producção de borracha no Brasil conduz-nos novamente para a parte Norte do Paiz. Somente o ouro teve o seu assento no Brasil central. O assucar, algodão e borracha nos levam gradualmente mais para o norte.

A borracha brasileira é um producto do valle do Amazonas. Como regra geral, a industria no Brasil consiste no apanhamento da borracha de arvores disseminadas pelas florestas, não obstante algumas quantidades de seringueiras terem sido plantadas de tempos a tempos, em varias localidades. Essa terra da borracha possuia uma vasta area, immensas florestas, população mui-

(54) *Directoria Geral de Estatistica, Resumo de Varias Estatisticas*, p. 37.

(55) *Relatorio 1927-1928*, Rio de Janeiro, 1929. e *Centro dos Industriales de Fiação e Tecelagem de São Paulo, Dados Estatisticos 1928*, São Paulo, 1929.

to escassa, e falta quasi completa de meios de transporte. Essa parte isolada e primitiva do mundo dominou a situação mundial da borracha até fins de 1912.

Existe alguma semelhança entre o desenvolvimento do ouro brasileiro e a produção da borracha. Em ambos os casos, o periodo da "corrida" constituiu um episodio excitante na historia brasileira. A borracha era na verdade, o ouro do Amazonas. Circumstancias identicas trazem á lembrança, numa repetição vivida, de scenas da corrida para o ouro em Minas Geraes — migrações de todas as partes do Paiz, aos rumores do apparecimento da nova riqueza, desapontamento no novo KLONDINE, e, como um resultado permanente, a deslocação de fronteira mesmo politicamente — Territorio do Acre, e mais um passo á frente no processo de colonisação. Nenhum dos productos de consumo brasileiro teve uma historia calma e pacifica, mas a agitada tragedia da borracha amazonense não tem nada que se lhe possa comparar. Está permanentemente envolvida com factos politicos. Recorda-me os conflictos com o Perú e a Bolivia, a sua localisação no campo do interesse internacional, nas vizinhanças da concessão americana (concessão Ford) as concessões japonezas, e os interesses das companhias inglezas de navegação.

A produção de borracha no Brasil, conhecida desde o seculo dezeseis, teve novo surto de vida no começo do seculo dezenove. Os indios usavam a borracha para diversos fins. Quando Carlos MCINTOSH deu na Europa, em 1823, o primeiro importante passo no sentido de novas applicações da borracha para fins praticos, transformou essa industria domestica do Brasil numa industria de exportação. A primeira cifra de exportação de borracha do Brasil é relativa ao anno de 1827,

e attinge a 31.365 kilogrammas. Um augmento firme, porém lento, eleva-a para cerca de 15 milhões de kilogrammas na metade do seculo. Dessa época em diante, manifesta-se um crescimento permanente, conforme se verifica das seguintes cifras:

1867	5.826.802
1877	9.215.375
1887	13.930.000
1897	21.256.000

FONTE: *O Brasil*, vol. I, Parte I, p. 11.

O periodo 1905-1910 caracteriza-se como o verdadeiro periodo auro do Amazonas. No Norte do Brasil, foi abandonado o cultivo do café, algodão, cacau, arroz, fructa, tabaco, castanhas do Pará; todos os outros productos, mesmo os que apresentavam possibilidades de exportação, ficaram de lado por causa da borracha.

Os alimentos necessarios á sua crescente população tinham de ser trazidos do sul, e sujeitos ao alto custo de transporte do Amazonas.

A alta do preço acelerou a victoria da borracha cultivada sobre a borracha nativa. No anno de 1909, a borracha das plantações inglezas e hollandezas entrou no mercado mundial; em 1910 era vendida mais barata do que a borracha brasileira.

O desenvolvimento das plantações do Oriente alterava completamente as condições de produção. Ella é baseada num plano systematico de cultivo das plantações, em contrastes com o apanhamento da borracha nativa, como se fazia no Brasil. No anno de 1876, o Sr. Wickham obteve do valle amazonico a semente

para a fundação da industria da borracha do Oriente. O rapido crescimento dessa industria em Ceylão e Malaya, desde 1908, parece phantastico no meio do nosso moderno commercialismo.

PRODUCCÃO MUNDIAL

	<i>Borracha Nativa porcentagem do total</i>	<i>Borracha cultivada porcentagem do total</i>
1910	83.2	11.8
1911	80.3	19.2
1912	69.3	30.7
1914	43.1	56.9
1916	41.4	58.6
1918	22.4	77.6
1920	9.2	90.8
1922	7.7	92.3
1923	8.4	91.6
1924	7.0	93.0
1925	6.6	93.4
1926	6.1	93.9
1927	6.2	93.8

FONTE: Henri Tard, *Economie Politique du Caoutchouc* Paris, 1928 p. 37.

O supprimento mundial de borracha, obtido do producto nativo do Valle do Amazonas e da Africa, attingiu a cerca de 55.000 toneladas em 1901, e alcançou a cifra maxima de 83.000 toneladas em 1910, em cuja época as safras asiaticas eram de 11.000 toneladas.

O anno de 1910 assignalou um periodo de retrocesso para a borracha, sob muitos aspectos. O nivel sempre crescente dos preços dos 10 annos anteriores foi substituido por uma tendencia de baixa que, continua sempre até os dias actuaes, com excepção da "alta"

artificial durante o periodo de controle, não obstante o augmento do consumo ser approximadamente oito vezes maior do que em 1910. (56)

Dessa forma a borracha nativa do Brasil sofreu uma dupla tragedia — a da tremenda baixa verificada nos preços mundiaes da borracha, e a impossibilidade de competir com o producto cultivado. Mesmo durante a vigencia dos preços altos e a influencia do Plano Stevenson, o Brasil não pode competir nos mercados mundiaes.

A exportação da borracha brasileira, relativamente estavel durante o periodo da guerra, desceu a um baixo nivel em 1921 (17.439) toneladas; 38.547 toneladas em 1910) e, desde então, tem oscillado entre dezoito e vinte e cinco mil toneladas annualmente.

Henry Ford acredita que “o Brasil e a Africa foram desthronados em proveito da Asia”, devido á victoria do capitalismo racionalizado que se baseia em methodos scientificos de producção e que se apoia no trabalho asiatico barato sobre as primitivas riquezas da natureza. Dessa maneira o espirito europeu, no solo da Asia, venceu a batalha contra os continentes, onde a borracha appareceu em primeiro lugar — America do Sul e Africa — e a industria moderna tornou-se emancipada da supremacia mundial do Brasil no terreno da borracha.

Somente a excepcional qualidade do typo “fine hard Pará” salvou a borracha brasileira do completo

(56) J. W. F. Row, *Studies in the artificial control of raw material supplies*, N.º 2, *Rubber*, p. 3 (Royal Economic Society, Memorandum n.º 29) Londres, 1931.

abandono. Mas mesmo nesse terreno, a batalha continua: "que o Oriente ainda tem alguma coisa para aprender do Brasil é evidenciado pelos esforços que são realizados tanto em Ceylão como na Península Malaya para se obter um producto fino, typo "hard Amolke cura" que possa competir com o producto do Pará. (57)

A presente situação é desanimadora para o Brasil:

	<i>Produção em toneladas</i>	<i>Exportação em toneladas</i>
1922	24.851	18.855
1925	25.000	23.536
1928	27.876	18.826
1929	19.860 (1)	19.860 (1)

FONTE: *O Brasil Actual*, pag. 30.

(1) Evidentemente ha um engano de impressão numa ou em ambas as cifras.

Esse declinio constitue um passo para traz no deslocamento de fronteira do valle amazonico, onde a totalidade da produção está concentrada.

O CAFE'

A historia do café é a melhor conhecida, lançando os seus reflexos sobre o Paiz. A' semelhança da borraça, a produção do café originou-se no valle do Amazonas, nos Estados do Amazonas e Pará, onde a arvore de café foi introduzida primeiro em 1723. Mas,

(57) C. E. Akers, "The rubber industry in Brazil and the Orient," pag. IX London, 1914.

differentemente do que aconteceu com a borracha, a arvore do café foi remettida para o Rio de Janeiro de 1770 em diante. Em 1825-1835, ella appareceu e desenvolveu-se no Estado de S. Paulo. A producção do café actualmente occupa uma grande parte da população dos differentes Estados da Federação (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Paraná, Bahia, Pernambuco) ella lidera em S. Paulo e, por intermedio de S. Paulo, a producção mundial. Van Delden chamou o Brasil de "uma terra abençoada, um paiz que se adapta extraordinariamente ao cultivo do café". O café brasileiro nem sempre foi o dominador nos mercados mundiaes. O paiz principal productor e o principal centro distribuidor. Depois, o café de Java to-cem annos na historia desse producto.

Dessa forma até 1830 o café das Indias Occidentaes occupou o primeiro lugar, tendo Londres como o principal centro distribuidor. Depois, o café de Java tomou a liderança até fins do seculo dezeseis, tendo Amsterdam e Rotterdam como mercados. Em seguida, o café do Rio passou a ganhar mais e mais terreno. Nova York e Havre tornaram-se os seus principaes centros commerciaes até 1887; desde ahi até a guerra mundial com o café Santos na liderança, Hamburgo foi tambem um centro commercial importante. Hoje Nova York, juntamente com os portos brasileiros, de Santos e Rio de Janeiro, commandam o mercado quasi exclusivamente.

Desde o seculo dezeseite, o Brasil possui a supremacia do supprimento mundial do café; sua contribuição subiu a 57% no seculo dezoito para 75% no seculo vinte. O desenvolvimento foi o seguinte:

CONTRIBUIÇÃO DO BRASIL NA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CAFÉ

<i>Periodos</i>	<i>Porcentagem da Produção mundial</i>
1820-1829	18.18
1830-1839	29.7
1840-1849	40.0
1850-1859	52.09
1860-1869	49.07
1870-1879	49.09
1880-1889	56.63
1890-1894	59.7
1895-1899	66.68
1900-1904	75.64

FONTE: Hans Scherrer, *Die Kaffeevalorisation und Valorisationsversuche in anderen Welthandelsartikeln*, Weltwirtschaftliches Archiv, p. 338, 1919, Vol. 14.

Do ponto de vista da forma de produção, o café differe do assucar, algodão e borracha. O empate de capital é maior, porque o cafeeiro produz o fructo somente depois de cinco annos e a terra, nas zonas cafeeiras, é cara, especialmente a famosa terra roxa. Ao lado das grandes fazendas, cujos serviços são executados por empregados e arrendatarios, encontramos com frequencia a pequena propriedade pertencente a antigos colonos e empregados. As estatisticas publicadas pelo Instituto de Café em 1927 da distribuição das plantações em S. Paulo, segundo o tamanho das propriedades, nos fornecem o seguinte quadro:

<i>Fazendas com</i>	<i>Numero de fazendas</i>	<i>Numero total de cafeeiros (milhões)</i>
1 milhão de cafeeiros e mais	21	34.0
900.000-1 milhão	12	11.4
800.000-900.000	7	5.9
700.000-800.000	16	12.0
600.000-700.000	27	17.5
500.000-600.000	37	20.3
400.000-500.000	73	32.8
300.000-400.000	160	56.0
200.000-300.000	451	112.7
100.000-200.000	1.615	242.2
50.000-100.000	2.390	179.2
20.000- 50.000	5.659	198.0
5.000- 10.000	7.489	112.3
De menos de 5.000 cafeeiros	8.139	61.4
	13.751	34.4
TOTAL	39.897	1.130.1

A fazenda de café, diversa da plantação de assucar e algodão do Norte, especializou-se no Estado de S. Paulo. Enquanto, na fazenda Norte, o assucar e o algodão foram e são os principaes productos de suas colheitas, nas fazendas do Sul o café é praticamente o unico. Tudo é produzido para o mercado exterior, nada ficando para o consumo local. Diz-se que se trata de uma cultura especializada de um producto para venda. Nenhum outro producto brasileiro está tão inteiramente ligado ao mercado mundial, como o café, ao passo que o assucar e o algodão passaram a ser produzidos quasi exclusivamente para o consumo local, e a exportação da borracha é pequena.

O café torna-se a base principal da economia monetaria: elle requer dinheiro, produz dinheiro, e depende do dinheiro. A figura do *commissario*, em Santos, é característica dessa produção: elle é o financiador da safra, dono da *hypotheca* sobre a fazenda, o agente vendedor do café e, naturalmente, o conselheiro do fazendeiro, se elle é rico, mora no estrangeiro ou no Rio, e envolve-se em politica; se não pertence á *alta sociedade*, prosegue na vida solitaria que seus paes levaram na fazenda. Se elle é um fazendeiro pequeno, não tem, naturalmente, contacto com os bancos e exportadores. Em todos os casos, o fazendeiro não pode competir no conhecimento do mechanismo de economia do dinheiro com o *commissario*, que possui relações com os bancos nacionaes e estrangeiros, com os importadores estrangeiros e os exportadores locais, possuindo melhores informações sobre a situação do café e o mercado de dinheiro. Dessa maneira, os *commissarios*, por serem os agentes dos agricultores, converteram-se nos seus banqueiros. A agricultura tornou-se commercializada.

A direcção da produção cafeeira desde 1906 pelo systema de defesa, a organização de institutos especiaes bancos e armazens reguladores, a regulamentação da quantidade offerecida diariamente em Santos, a inteira relação com a situação cambial, todos esses e outros factores envolveram completamente esse producto na economia monetaria, e o tornaram mais e mais parte integrante de um empreendimento commercial em grande escala.

Quando o café se tornou "REI", São Paulo assumiu a liderança na União e a politica começou a influir na situação do café. Todo o periodo da Primeira

Republica é dominado pela interrelação existente entre o café e a politica. A revolução de 1930 foi o protesto *contra essa situação*. A segunda Republica esforça-se por tornar o café um producto nacional, e não local. Isso significa uma amplitude maior da economia dirigida.

O papel do café na economia da exportação do paiz é predominante. Nos annos de 1901-1927, a porcentagem do valor das exportações de café, comparada com a exportação total, oscillou grandemente entre um minimo occasional de 31-41 por cento ao ponto mais alto de 76%, com uma pronunciada tendencia para esta ultima porcentagem.

PORCENTAGEM DA EXPORTAÇÃO DE CAFE' COMPARADA
COM A DA EXPORTAÇÃO TOTAL

1924	76.3
1925	72.1
1926	73.8
1927	70.6

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio (Instituto de Café do Estado de S. Paulo) *Café*, p. 31.

O seguinte quadro mostra como o café se tornou o eixo da economia brasileira:

COMMERCIO EXTERNO DO BRASIL

(Conversão em libras esterlinas)

	<i>Café expor- tado</i>	<i>Exportação total</i>	<i>Importação total</i>	<i>Excedente da exportação</i>
1920	52.8	107.5	125.0	17.5
1921	34.7	58.6	60.5	1.9
1922	44.2	68.6	48.6	20.0
1923	47.1	73.2	50.5	22.7
1924	71.8	95.1	68.3	26.8
1925	74.0	102.9	34.4	13.4
1926	69.6	94.2	80.0	14.4
1927	62.7	38.7	79.6	9.1
1928	69.7	97.4	90.7	6.7
1929	67.3	94.8	86.6	8.2
1930	41.2	65.7	53.6	12.1

FONTE: J. W. F. Rowe, *Studies in the Artificial Control of raw material supplies*, N.º 3.

Brazilian Coffee, p. 90 (Royal Economic Society, Memorandum N.º 34) London, 1932.

O desenvolvimento da produção de café no Brasil durante o século dezenove foi uma serie de continuos successos. O café brasileiro virtualmente conquistou o mercado mundial e não foi um fornecedor ocasional, como acontecera no caso do assucar e algodão. Naturalmente, esse desenvolvimento não foi sempre pacifico. Constantes altas e baixas, batalhas commerciaes e especulativas, nas quaes antigos adversarios como, por exemplo, Hermann Sielcken e os Irmãos Arbuckle se tornaram alliados e collaboradores, contra o incessante esforço para o controle do mercado, regulamentação e estabilisação, manutenção do equilibrio da produção, todos esses factos são características typicas da produção do café, mesmo no século dezenove, e não são peculiares á produção brasileira.

Si nos lembrarmos como a Handels Maatschappy hollandeza dominou o mercado mundial, com o seu producto Java, de 1830 a 1869, e exerceu a sua influencia no periodo de super-produção, podemos constatar nisso os indicios precusores dos eschemas da actual valorisação no Brasil. A primeira tentativa brasileira para controlar os preços foi feita no periodo do Imperio, quando em 1883-1884 o governo financiou o famoso "Corner" do café. A prohibição temporaria da plantação de novos caféeiros em São Paulo em 1902 foi um outro passo nesse mesmo sentido. O exemplo dos eschemas estrangeiros de controle, especialmente no assucar, e a nova posição dominante do Brasil na produção mundial de café, incentivaram o paiz a iniciar uma politica activa com esse producto. Devemos admittir ser uma coisa muito attrahente ditar, a nossa propria vontade, aos mercados mundiaes e fazer o mundo nos pagar um *justum praetium*, que agradasse ao paulista.

A historia da valorisação é a historia de uma luta entre S. Paulo e o governo federal, o qual nem sempre se sentiu muito entusiasmado a respeito dos grandiosos planos do paulista, e preferia mesmo amparar um plano mais local a arcar com a responsabilidade das proporções de um de envergadura nacional.

Mas o café, a economia nacional, o cambio e a politica tornaram-se tão dependentes entre si, que o governo federal *volens nolens* se viu envolvido nos planos referentes ao café e nas suas especulações. Esse interessante topico — Café e Politica — aguarda impaciente-mente um investigador que lhe conte a historia.

O assucar e a borracha no Brasil mostravam tentativas de fazer "valorisação" na *defesa* do producto, como se costumam denominar no Brasil as medidas adopta-

das para o controle artificial do supprimento de materia prima. Mas somente com referencia ao café essas tentativas passavam a ser uma instituição permanente, um factor no mercado mundial.

Desde 1906, a industria do café no Brasil tem estado continuamente sob um systema de defesa. (58)

As formas e os componentes desse empreendimento variam. Em 1906, elle foi limitado ao Estado de São Paulo e a um grupo de negociantes de Nova York; em 1927, já era composto de uma frente unica de todos os Estados productores de café do Brasil. O plano de 1906 foi temporario, e da mesma forma o foram os de 1917 e 1921. Desde os fins de 1924 o Instituto Permanente de café tomou a seu cargo a defesa, em combinação com um Banco, ambos praticamente administrados pelo Secretario da fazenda de S. Paulo. As operações de 1906, 1917, e 1921 deram bons resultados financeiros; o Instituto attingiu um nivel de importancia financeira; o governo federal com banqueiros inglezes e americanos generosamente o suppriram de creditos; a defesa foi victoriosa no mercado mundial. O governo federal, por meio de emprestimos á defesa e atravez da politica, e estimulado pelos resultados favoraveis dos esforços das tres primeiras tentativas, envolveu-se profundamente nos negocios de café. A defesa tornou-se uma parte integral de toda a economia nacional. O productor de café enthusiasmava-se com o dinheiro fa-

(58) A investigação acima mencionada de autoria de J. W. F. Rowe, é, ao que se sabe, o mais apurado trabalho sobre esse problema. O muito conhecido livro de Hans Roth, *Die Überzeugung in der Welthandelsware Kaffee* (1790-1929) Jena, 1929, possui, naturalmente, uma base mais ampla considerando sob o ponto de vista da historia economica.

cil e os bons preços. Os outros Estados sentiam-se ciumentos desse successo do paulista.

Dois perigos sobrevieram dessa situação — interna e externamente.

Um delles foi o augmento da plantação de cafeeiros em S. Paulo, influenciado pela facilidade de credito organizado pelo Instituto, por meio de dinheiro obtido por emprestimo, e o outro foi a concurrencia dos paizes estrangeiros, ambos sob a protecção do systema de defesa. A accumulção dos stocks, muitas vezes financiados por operações de credito a prazo curto, as enormes variações no volume das safras, e a natureza rigida da procura complicaram a situação.

Mas o paulista não tinha percebido o perigo. A publicação official do Instituto em 1928 declarava:

“O Brasil é o maior productor... e nada nos faz temer que elle venha a perder a supremacia mantida até agora. Muito pelo contrario, tomando em consideração o desenvolvimento do cultivo do café em todos os paizes productores, chega-se á conclusão de que nenhum outro paiz pôde competir com o Brasil. O Estado de S. Paulo sózinho, se os paulistas assim desejarem, poderia fornecer em um futuro proximo 25.0000.000 de saccas, ou mais do que o presente consumo mundial. (59)

Alem d'isso, o Instituto tambem menciona que, “Fora do Brasil o café tambem é cultivado: em alguns paizes da America do Sul e Central, na Asia, Africa e Oceania; o numero de concurrentes é de facto grande, mas muito poucos delles merecem um estudo attento. (60)

(59) Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, *Coffee*, p. 28.

(60) *Idem*, p. 47.

O *crack* de 1929 e a presente crise são em parte resultado dessa attitude. J. W. Rowe declara: "São Paulo tomou a creança (a defesa do café) em seus braços. E ella ali devia permanecer... até que esses braços fossem quebrados, e o Governo Federal se visse forçado, com pesar a arcar com o fardo". (61)

Esse topico pertence á historia da Segunda Republica.

Por que motivo o Brasil perde continuamente a sua supremacia mundial nos differentes productos? Por que motivo a produção não pode competir com a concurrencia estrangeira? Por que razão sempre perde as batalhas commerciaes?

O principal motivo do successo do Brasil, nos primeiros tempos do apparecimento de um producto, reside no facto de a produção brasileira poder satisfazer a uma procura *nova* de materia prima. A historia mostra que a supremacia do Brasil usualmente corresponde aos *periodos do primeiro apparecimento de um producto em grandes quantidades* nos mercados mundiaes. Foi isso o que succedeu com o assucar, o algodão, o cacau, o fumo, a borracha, o café. Da mesma forma que os Estados Unidos da America do Norte baseiam a sua supremacia industrial do seculo vinte na produção massiva de seus novos artigos, a supremacia do Brasil tem sido baseada em productos *novos* de materia prima.

Quando, os mercados mundiaes cream nova necessidade de um producto, que o Brasil já produziu, o paiz responde a essa procura com um febril augmento de produção. Mas trata-se de uma economia fragil, *Raubwirtschaft*, um augmento de quantidade, e não de quali-

(61) Ob. cit. p. 27.

dade. (62) Os altos preços desses periodos de primeiro apparecimento de novos productos estimulam-no a produzir mais, mas não a produzir mais barato. Os proventos são oriundos da quantidade, e não devidos a melhores methodos de produção. (63)

Essa attitude corresponde ao desenvolvimento normal de paizes novos com vastas areas de terras, falta de trabalho barato, meios de transportes, capital e machinismos modernos. Applicando a terminologia de Sombart, podemos dizer que faltam as premissas do capitalismo, o capital e o trabalho estavam ausentes, e o espirito e o mercado presentes.

O declinio de um producto não estimulou o apparecimento de methodos mais intensivos, porque uma fonte de riqueza foi substituida immediatamente por outra.

As cifras abaixo mostram o grau de intensificação da produção agricola no Brasil:

	<i>Contos de réis</i>	<i>Porcentagem</i>
Terras	8.325.276	78.8
Melhoramentos nas fabricas	1.918.187	18.2
Machinismos e accessorios agricolas	324.546	3.0
TOTAL	10.568.009	100.0

FONTE: *Recenseamento do Brasil 1920*, III (pag. 3) iv, Rio de Janeiro, 1927.

(62) Wilhelm Roscher já salientou esse momento com referencia ao Continente Americano. Wilhelm Roscher e Robert Jannasch, *Kolonien, Kolonialpolitik und Auswanderung*, p. 98, Leipzig, 1885.

(63) O Centro Industrial do Brasil nos fornece casos typicos de *Raubwirtschaft*. *O Brasil*, I, p. 2, 12.

<i>Estados, Districto Federal e Territorio</i>	<i>Numero de tractores</i>
Rio Grande do Sul	817
S. Paulo	401
Minas Geraes	153
Paraná	95
Santa Catharina	94
Rio de Janeiro	58
Pernambuco	36
Parahyba	12
Bahia	12
Districto Federal	6
Amazonas	5
Maranhão	4
Sergipe	4
Alagoas	2
Ceará	2
Pará	2
Espirito Santo	1
Goyaz	1
Matto Grosso	1
Piauhy	—
Rio Grande do Norte	—
Territorio do Acre	—
Total	1.706

FONTE: *Idem*, p. viii.

O renascimento das exportações de productos brasileiros geralmente corresponde a grandes fluctuações de preços no mercado mundial. Quando a Campanha Napoleonica, a Guerra Civil Americana e a Guerra Mundial causaram difficuldades no supprimento, o Bra-

sil aproveitou a occasião como um fornecedor de emergencia.

Mas, logo depois das condições normaes do mercado, o Brasil teve de retirar-se, porque o renascimento por que passava tinha sido possível devido unicamente aos preços elevados, disturbios nos transportes regulares, e outras causas da mesma natureza. Um passo para traz na historia economica era a condição essencial para essa reanimação.

Em condições normaes de transportes modernos e communicações technicas, esse renascimento seria impossível.

Existiam, e existem, naturalmente, muitas outras causas e explicações em cada caso individual. Motivos de ordem technica, fiscaes, geographicas, são de importancia; a inefficiencia de uma organização commercial constitue uma desvantagem. (64)

(64) A organização commercial e a collocação dos productos são muito complicadas. Por exemplo, na produção da borracha, entre o *seringueiro* e o mercado estrangeiro encontramos o *patrão*, que adianta ao *seringueiro* materiaes, alimentos, etc.; o *aviador* que adianta o dinheiro ao *patrão*; e finalmente o *exportador*, que envia ou vende o producto para o estrangeiro. Não menos complicada é a organização dos negocios de café. Os *colonos* (algumas vezes plantadores, outras trabalhadores), o *fazendeiro*, o *commissario* e o *Instituto* formam uma cadeia conduzindo, finalmente, ao *exportador*. Os preços mundiaes raramente podem supportar os onus dessa serie de intermediarios e a carga dos juros cobrados. Os proprietarios de terras, no Amazonas, têm de mandar agentes a outros Estados para conseguir os homens necessarios. A maior zona de recrutamento desses elementos é o Ceará e, numa escala menor, o Rio Grande do Norte, Parahyba e Maranhão. Os direitos de exportação sobre a borracha produziram para os governos do Pará e Amazonas cerca de 80% da renda publica, durante a "alta" da borracha.

Um especialista em agricultura apontaria muitos problemas, que precisam ser resolvidos, para que os productos brasileiros possam competir com os de outras procedencias.

Acredito que, falando de um modo geral a um historiador economico, seria sufficiente a realisacão da tentativa acima para poder explicar a mudanca historica dos principaes productos do Brasil, comprehender os seus *perpetuum mobile*. A principal idéa é que o Brasil costuma ter a sua supremacia *in prêmeurs*; mas quando o producto se torna objecto de um consumo em massa e uma producção em massa, sensivel ás oscillações de preço, quando as estradas de ferro e as companhias de navegacão tornam possivel aos principaes artigos de todo o mundo alcançar os mercados em todas as partes do globo, e quando os transportes mechanicos combinados com as facilidades portuarias contribuem para soltar os productos tropicaes, o Brasil passa a não poder competir. O paiz inclina-se para uma economia extensiva em virtude da immensidade do seu territorio. Por isso, ainda não iniciou o periodo de transição conduzindo a novos methodos de producção na occasião opportuna. Em todos os ramos de producção, vamos encontrar a mesma razão de queixa.

“A cultura da canna no Brasil, com rarissimas excepções, ainda é feita em condições atrazadas e anti-economicas.” (65)

Um dos melhoeres economistas brasileiros, Cincinato Braga, nos dá a mesma resposta.

“... Por que a concorrencia nos expelle assim de todos os mercados?”

(65) *O Brasil*, II, 131.

A razão principal desta anomalia reside não tanto no aspecto agrícola, quanto no aspecto industrial do problema.

A moderna aparelhagem adoptada no fabrico do assucar tem conseguido geralmente extrahir em assucar de 10% a 12% do peso da canna *in natura*. Ora, cremos que não existe no Brasil nenhuma usina, nem para amostra, onde se consiga esse resultado. Nossos cultivadores de canna recorrem, em sua maioria, aapparelhos coloniaes, com o qual mal conseguem extrahir 5% de assucar.

“Ao teôr insignificante da extracção, por um lado, ajunte-se o desmesurado augmento de despesa, por outro lado, na obtenção dessa ridicula porcentagem: são precisos cem engenhos coloniaes, contra uma usina moderna! E’ impossivel, portanto, a concorrência com os povos cultos. E’ mesmo impossivel termos assucar a baixo preço para nosso proprio consumo interno. Para este, temol-o tido a vil preço, *de tempos a tempos*, mas á custa de dolorosa ruina de muitos productores”. (66)

Os technicos inglezes e brasileiros estão de accordo no diagnostico da producção de algodão.

“... Este, entre nós, subordina-se unicamente ao factor preço muitas vezes alvo de especulação, em detrimento da industria consumidora. Preços elevados num anno, plantio abundante no anno subsequente; preços baixos e no anno seguinte plantio restricto.

Não temos aqui uma lavoura algodoeira estavel, como succede nos Estados Unidos e no Egypto. Entre nós, o plantio do algodoeiro é quasi occasional e não possuímos em nosso vasto scenario agrícola uma casta de lavradores que, como o camponez americano e o “fella”

(66) *Intensificação Economica no Brasil*, p. 69, S. Paulo, 1918.

egypcio façam do algodoeiro a unica finalidade de sua vida cultivando-o de geração em geração. (67)

“... Não existe nenhuma outra cultura que pareça ser mais adaptavel ao Brasil do que a do algodão; e a principal razão é que a producção de pluma por acre no Brasil, especialmente no Estado de São Paulo, é quasi phenomenal. Não somente São Paulo pode gabar-se de uma producção media maior do que a de qualquer outro paiz, mas tambem os Estados da parte norte do paiz...

“Quasi nada tem sido feito para melhorar o cultivo de algodão no Brasil. O Departamento de Algodão do Ministerio da Agricultura é um empreendimento inteiramente novo, e, naturalmente pôde, até aqui, tocar apenas a orla do problema no seu anno e meio de actividade, si bem que tenha trabalhado arduamente. Póde parecer surprehendente, mas quasi em todos os lugares eu tinha de explicar aos plantadores, fazendeiros, ainda mais, aos proprios negociantes de algodão, o que constituia a qualidade e valor do algodão; elles não sabiam que o comprimento, uniformidade, resistencia, côr, etc., eram os principaes factores de que dependeriam os preços”. (68)

Especialmente no Ceará, os methodos modernos da agricultura scientifica são desconhecidos.

“A maior parte do algodão é cultivado por agricultores pobres e ignorantes. Mesmo os agricultores mais instruidos preferem os methodos de plantaçãõ simples e

(67) Centro dos Industriaes de Fiação e Tecelagem, *Relatorio apresentado pela commissão do Centro dos Industriaes de Fiação e Tecelagem de S. Paulo*, p. 11, São Paulo, 1928.

(68) Arno S. Pearse, *Brazilian Cotton*, Manchester, 1921. O Sr. Pearse foi o organisador e chefe da Missão enviada ao Brasil.

empiricos, não obstante saberem que com um pouco mais de cuidado e sciencia poderiam obter colheitas maiores e melhores.

O arado é completamente desconhecido, as doenças do algodoeiro não são combatidas, a selecção de sementes não é adoptada e descarroçadores de serras são usados, partindo as longas fibras. Os descarroçadores especialmente construidos para beneficiar o algodão de fibras longas, são completamente desconhecidos no Estado". (69)

A borracha nos apresenta o mesmo quadro. C. E. Akers descreve a differença entre a situação brasileira e a das plantações asiaticas.

"Os espantosos incidentes relacionados com o rapido progresso da industria da borracha em Ceylão e Malaja desde 1908 inclinam-se mais a parecer contos de fadas do que a constituir factos communs occorridos no seculo dezenove, no decorrer de empreendimentos commerciaes.

Da situação de uma constante luta para levar uma existencia simples, os donos das plantações caminharam subitamente para uma era de prosperidade sem quaesquer precedentes. A pobreza cedeu lugar á riqueza, e em todas as direcções as condições da vida foram transformadas com uma rapidez quasi incrível.

"O periodo dos dividendos fabulosos passou; o grande augmento da producção trouxe como resultado natural a regulamentação dos preços baseados na offerta e procura. Preços mais baixos não implicam necessariamente em serios prejuizos a plantações bem administradas, como se fossem empreendimentos indus-

(69) Albano, *Ceará Cotton*, p. 10, Manchester, 1924.

trias, mas antes um ajustamento da administração e custo de produção a um padrão que permitta um lucro razoavel sobre o capital empregado. As grandes oscillações havidas durante o periodo da inflação, entre 1909 e 1911, serão reajustadas ou desaparecerão, e a industria da borracha no Oriente se assentará em uma *organisação solida e poderosa*, apresentando todas as perspectivas de ganhos remuneradores com referencia a todas as propriedades, onde a despesa inicial foi mantida dentro de limites conservadores.

“A situação do Brasil differe grandemente da das plantações orientaes. Os problemas que devem ser resolvidos no valle do Amazonas são fornecimento de mão de obra mais barata, redução de taxação, e melhor administração. Desses trez factores depende a futura existencia da industria da borracha brasileira; e a menos que qualquer satisfactoria solução dessas difficuldades seja encontrada, a produção diminuirá rapidamente em futuro proximo, e cedo deixará de influir no mercado mundial do producto.

“Lançando uma vista para os cinco annos passados, não temos duvida em affirmar que a maior differença entre os productores do Oriente e os do Valle Amazonico reside no facto de os primeiros terem previsto e se preparado para uma queda de preços, ao passo que os ultimos persistentemente continuaram a acreditar em preços cada vez mais altos. Essa attitude dos brasileiros deixou-os *sem meios* de supportar os sérios effeitos da competição do Oriente, e a consequente queda no valor monetario da produção, que constituiu o principal acontecimento do anno de 1913”. (70)

(70) Akers, *ob. cit.* pp. x e xi.

É mesmo no café, que é menos agricola e mais commercializado do que outros productos, “O Brasil carece, para manter a supremacia de melhorar os seus typos e baratear ainda mais a producção”. (71)

O caracter regional da economia brasileira conduz a uma perpetua repetição das mesmas experiencias com diferentes productos em varias zonas do paiz.

A producção do assucar e do algodão foi salva de um sério declinio graças ao nascimento do mercado interno. Incapazes de competir no mercado mundial, esses productos forçaram o mercado domestico a pagar o preço do seu trabalho inefficiente e caro, sendo defendidos da concorrência estrangeira por tarifas prohibitivas. Naturalmente a industria manufactureira nacional tinha de sobrecarregar o consumidor nacional de forma correspondente, o que a industria podia fazer, por estar tambem defendida da concorrência estrangeira por tarifas prohibitivas.

Como o mercado nacional, especialmente o rural, ainda está em formação, os preços elevados diminuirão o poder aquisitivo e a sua capacidade de absorver grandes quantidades, não permitindo á industria trabalhar em grande escala. Isso se tornou um circulo vicioso em muitos ramos da economia nacional.

“Pensamos hoje em termos de Continentes. Somente os nossos philosophos e historiadores ainda não aprenderam isso”, (72) é a mordaz observação de Oswald Spengler.

O brasileiro tambem ainda não aprendeu isso; elle geralmente descarta o facto de que outros paizes compe-

(71) 1928 *Retrospecto Commercial do Jornal do Commercio*, pag. 272. Rio de Janeiro, 1929.

(72) *Der Untergang des Abendlandes*, I, 30, Munchen, 1920.

tirão com o seu producto, e permanece confiante no poder de suas riquezas naturaes, até que esse poder tenha praticamente desaparecido.

Somente em fins do seculo dezanove o paiz começou a perceber que o verdadeiro senhor da sua historia economica era o preço mundial de seus principaes productos, e que o systema de produção extensiva dos principaes productos brasileiros era uma bola de borraça no mercado mundial.

A economia brasileira antes do seculo vinte sempre tinha sido passiva accitando immediatamente a cotação mundial de um producto como definitiva e não sujeita a mudanças. Considerando os preços do mercado mundial do momento como sendo immutaveis o Brasil não soube avaliar a sua força dynamica. Ajustou-se a um mercado estatico, preços estaticos, economia mundial estatica, o que na realidade não existe.

Os preços mundiaes não consideram as condições de um paiz só. Esse monstro invisivel e abstracto — o mercado mundial — está repleto de mais motivos economicos do que o *homo oeconomicus* dos classicos. O consumo reflecte sensivelmente os movimentos de preço e nenhuma competição é mais forte do que essa sobre os principaes productos.

Os productos intra-continentaes lutam numa guerra desapiadada. Paizes, cidades, industrias, familias e individuos soffrem sob a mesma. Nenhum paiz teve de supportar mais essa guerra do que o Brasil. O caso da industria da borracha é o exemplo mais drastico. Perdendo a supremacia em um producto, o Brasil apressou-se em ganhar-a em outro. O caracter monocultor da economia brasileira tornou o paiz escravo dos preços mundiaes. Os preços dos productos têm enchido os governos brasileiros de aborrecimentos.

O preço mundial do café determina hoje a posição financeira do paiz — tanto da União como de diversos Estados — como sempre aconteceu com outros artigos de consumo.

A famosa politica da defesa pode ser considerada como uma tentativa brasileira de transformar a capitulação passiva ao mercado mundial em uma entrada activo no mesmo, com o secreto desejo de dominal-o, de lhe dictar a sua propria vontade e os seus proprios preços. A defesa do assucar e da borracha foram apenas escaramuças. A defesa do café foi uma batalha gigantesca. Ella foi incentivada pelo precedente das regulações internas da industria do assucar, em virtude da convenção de Bruxellas, e pelo successo temporario do plano Stevenson sobre a borracha.

Economicamente, a defesa tem o mesmo objectivo e propositos de qualquer super-corporação moderna, lutando por um monopolio mundial, como, por exemplo, a Standard Oil Co., ou a United Fruit Co., embora sem a sua technica commercial. Não é a politica de uma cooperativa de productores, mas uma tentativa de enquadrar a economia em um plano, em uma determinada esphera, levado a effeito com o amparo do governo.

O resultado foi um fracasso. O systema de defesa não elevou ou estabilizou o preço mundial. O Brasil “defendeu” ou “valorizou” *por saldo* os productores estrangeiros, como fez a Inglaterra com relação ao Plano Stevenson, mantendo aberto um guarda-chuva para todo o mundo, á sua propria custa. A defesa deu lugar ao *Mitläufer* e prejudicou a selecção natural e o progresso tecnico, estimulando, ao mesmo tempo, uma extensa expansão do paiz dentro de si mesmo em virtude do augmento da area das plantações.

Conforme vimos, a mudança dos principaes productos deslocou a fronteira economica do paiz. O cyclo do assucar formou nucleos agricolas; o cyclo do ouro perturbou parte dos mesmos e originou novos centros pastoris e agricolas. O cacau e o fumo são mais semelhantes ao assucar em sua influencia. A borracha, na sua actividade destructiva, pode ser comparada com o ouro, desde que, em ambos os casos, as corridas iniciaes causaram o afastamento de outros ramos de produção. O café combina todas essas influencias, tendo sido inaugurado em uma "corrida" como a do ouro e da borracha, e possuindo ainda o effeito colonizador dos outros productos. O café, alem disso, desempenha um papel mais importante na economia monetaria.

Não somente a fronteira foi mudada, o centro de gravidade economica do paiz mudou com os productos. O assucar e a economia de fazenda constituiram o alicerce da liderança da Bahia e Pernambuco no Imperio; café e o progresso industrial, o de São Paulo durante a Primeira Republica; a polycultura do Rio Grande do Sul e Minas Geraes (bem como a riqueza mineral deste ultimo Estado) arrebataram a São Paulo a liderança em 1930, mas esses Estados tiveram de ter São Paulo em conta e cooperar com elle, afim de manterem suas posições.

A mudança nos principaes productos tem influencia não somente sobre a politica nacional, mas tambem sobre a internacional. O conflicto entre o norte e o sul era, ao mesmo tempo, a luta entre a tendencia européa e americana na historia brasileira. A Bahia, a Virginia brasileira, é o lugar de nascimento de "esses inglezes" (Capitulo V). São Paulo, como vcremos (Capitulo III) deu nascimento a um novo producto, um novo typo humano, um *yankee* sul-americano. Essa differença

corresponde ás mudanças nas relações economicas internacionaes.

O principal mercado para o assucar, ouro e algodão era a Europa. A borracha e o café eram a ponte de ligação com os Estados Unidos. A' semelhança da batalha do assucar cubano, a luta pela supremacia do café brasileiro virtualmente manifestou-se no continente Norte Americano. (73)

Os Estados Unidos tornaram-se o maior freguez do Brasil por causa do café; e como o emprego de capital dos Estados Unidos cresceu rapidamente depois da guerra, o velho sentimento de continentalismo e a politica de aproximação com os Estados Unidos receberam um novo impeto economico. Discuti esse problema extensamente em outro lugar. (74)

(73) O mercado de café dos Estados Unidos já attingiu o seu limite no tormentoso desenvolvimento do consumo; os mercados europeus soffrem de sub-consumo em virtude da falta do crescimento da riqueza depois da guerra.

(74) *The Struggle for South America*, Boston, 1931. Os Estados Unidos estão tentando organizar a propria defesa do trigo e do algodão, no interesse dos productores. Na sua condição de consumidor, esse paiz procura enfrentar qualquer tentativa que seja feita no estrangeiro para controlar materias primas. Tal é o caso do plano Stevenson e da valorização do café. Embora alliados no que se refere á borracha (os Estados Unidos tentaram organizar as suas proprias produções de borracha na Liberia e no Brasil) os Estados Unidos e o Brasil têm pontos de vista divergentes com referencia ao café.

CAPITULO III

OS PRINCIPAES TYPOS DE ECONOMIA

The central idea of economics... must be that of living forces and movement.

ALFRED MARSHALL

No capitulo I ficamos conhecendo o phenomeno historico da deslocação da fronteira economica brasileira. Essa deslocação teve lugar no sertão.

Que é o sertão? Procuraremos conhecê-lo no seu amago, e descrever a sua origem, formação, a deslocação que soffreu e o seu estado actual. O *sertanejo* é o habitante do sertão; elle não só vive ainda, como continua a influir na historia do Brasil e constitue um problema para o futuro brasileiro.

O fluxo e o refluxo das populações no sertão crearam uma série de interessantes typos economicos, e originaram o nascimento de futuros "leaders" economicos do paiz.

A formação desses typos economicos e sociaes se dá por um processo de crystalização. A historia desses typos ainda está para ser narrada. O bandeirante é um typo nomade, o seu mundo não tem limites geographicos. Elle atravessa rios, desertos, montanhas. A sua acção não é tolhida por quaesquer restricções de natureza politica, e elle traz consigo o seu proprio mundo — "*omnia mea mecum porto*".

O bandeirante personifica movimento, dynamismo, contrastando com um paiz inculto e estatico. Os seus companheiros são os membros componentes da "bandeira".

O fazendeiro já não é mais um nomade, é um radicado á sua fazenda. Não é possivel empregar, para designar os seus dominios, as denominações geralmente usadas para esse fim nos Estados Unidos e na Europa. A fazenda lembra, antes, um dominio feudal. O mundo do fazendeiro é constituído pela sua fazenda; elle é um elemento conservador e preso ao que é seu, constituindo uma reacção contra o character nomade de seus ancestracs. Sua familia, seus escravos, seus aggregados, seus empregados, constituem o seu meio e o seu ambiente. Todos esse elementos são igualmente radicados e estaveis no lugar em que habitam.

O mundo do paulista é a cidade; elle constitue um dente do machinismo urbano; não tem laços pessoaes com o meio em que vive, mas de uma maneira geral está entrelaçado com a economia do paiz; elle é attingido pelos altos e baixos do mundo economico, com as suas prosperidades e depressões. É um sêr que se movimenta, mas não é um nomade. O paulista contribuiu com a sua energia pessoal para tornar o paiz economicamente desenvolvido e dynamico, imprimindo ao mesmo tempo rapidez ao movimento registrado nesse sentido.

Esses tres typos apparecem, na historia da economia brasileira, num entrelaçamento genealogico. O fazendeiro geralmente possui um bandeirante como fundador da familia e orgulha-se disso: o paulista moderno geralmente pertence á familia de um fazendeiro.

Devemos, entretanto, não fazer confusões: trata-se de uma genealogia typologica e não de uma historia chronologica, porque, na verdade, o fazendeiro e o ban-

deirante, ou o fazendeiro e o paulista, podem coexistir e coexistem historicamente. Cada um é o producto typico de um periodo, constituindo a base economica de uma época politica correspondente.

E, geralmente a esta evolução, o typo do sertanejo permanece inalteravel, passivo e conservador, muito pouco influenciado pelo tempo.

Dos elementos humanos do Brasil, somente um não possui raizes na historia nacional, no solo brasileiro. É o "extrangeiro", isto é, o recém-chegado immigrante europeu. Muitas vezes elle se acclimata de tal modo no paiz que se torna um fazendeiro ou mesmo um paulista, um pequeno lavrador, um negociante, commerciante ou trabalhador.

A falta de ligações genealogicas constitue um elemento novo no desenvolvimento do paiz.

Estamos deixando de lado as causas ethnographicas e raciaes, para investigarmos a evolução economica do homem. Essa evolução tem a forma de uma composição musical polyphonica. Uma após outras, novas vozes entram em scena, seguindo-se uma ás outras, coexistindo, entrelaçando-se, contribuindo para a construeção geral (da mesma maneira que a "fuga" é uma architectura musical. Em cada escala existe uma das vozes, que é a predominante, typica, orientadora. Entretanto, nesta "fuga" historica, ainda não foi tocada a nota final, cuja harmonia corôa a fuga musical.

· O BANDEIRANTE

O bandeirante é reconhecido como o heróe nacional da historia brasileira. A sua figura domina, de uma maneira até exaggerada, a opinião popular, a eloquencia politica e os escriptores historicos. A odysséa das

bandeiras aguarda o apparecimento do seu Homero. Os historiadores da velha escola (e mesmo o grande Varnhagen não constitue excepção) escreveram os seus trabalhos quasi que só sobre aspectos do litoral. O interesse e o estudo da historia do interior do paiz são productos de tempos recentes, notando-se com justiça que se deve ao Estado de São Paulo a iniciativa desse movimento. O Estado, que é economicamente o mais prospero, se mostra ansioso por conhecer o seu passado e para isso organisou um serviço de pesquisas systematicas para o descobrimento de documentos antigos e incentivou a publicação de trabalhos collhidos nos archivos. Ultimamente, diversas tentativas têm sido feitas para se aproveitar integralmente essa abundante fonte de materiaes. Historiadores puramente descriptivos, entre os quaes Affonso de E. Taunay, se dedicam a trabalhos de investigação, em ricos archivos e na collecta de dados e detalhes historicos (75). Autores mais realísticos e de obras mais amplas, como Alcantara Machado, já fizeram ensaios para formar uma synthese do bandeirante paulista (76), e sociologos, como Oliveira Vianna, trabalham em ensaios sobre a formação da população (77).

Todos elles deixam transparecer a influencia exercida por J. Capistrano de Abreu, e seguem as suas directrizes.

Oliveira Vianna divide a historia das bandeiras em dois periodos, resaltando a distincção entre (a) o cy-

(75) *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*, 6 volumes, São Paulo, 1924-1930.

(76) *A Vida e Morte do Bandeirante*, São Paulo, 1929.

(77) As mais importantes de suas numerosas publicações são: *Evolução do Povo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1922 e *Populações Meridionaes do Brasil*, São Paulo, 1922.

clo da bateia no littoral, (b) o periodo da caça ao indio e (c) o grande cyclo do ouro. (78)

Não consigo comprehender a base logica dessa divisão. Na verdade a caça ao ouro e ao escravo coexistem em todos esses tres periodos. A base subsidiaria — o momento geographico — é applicavel somente aos dois primeiros periodos. Parece ser preferivel, no estado actual dos conhecimentos, evitar-se a chronologia e nos satisfazermos com a comprehensão de que as entradas, correspondentes ao primeiro cyclo, alcançam mais ou menos até o seculo dezeseis, e que as bandeiras, correspondentes ao ultimo cyclo, floresceram no seculo dezeseite.

As *entradas* constituem o primeiro estagio da penetração brasileira. A raça de escravos e a procura de minerios e pedras preciosas, instigadas pelos constantes rumores de um El-Dorado, constituem os pretextos desse movimento nomade dos sertanejos de gado (79).

A palavra “bandeira” teve duas etymologias diferentes: no primeiro periodo foi adoptada como derivada de “bando”, isto é, grupos armados, constituídos de homens rudes que naturalmente se organisavam sob regras militares. Nas organizações posteriores, a palavra “bandeira” passou a designar os grupos formados sob o signo representativo de um ideal, consubstanciado num pavilhão proprio.

Os futuros bandeirantes inscreviam-se nos registros das Camaras Municipaes, organisavam o seu pavilhão

(78) *Populações*, p. 84.

(79) Não estou de accôrdo com a affirmativa de João Ribeiro comparando as entradas com o movimento dos pioneiros nos Estados Unidos (ob. cit. p. 209). As entradas não constituíam um movimento, mas, como o nome indica, eram “entradas” isoladas.

e obedeciam á direcção de um chefe. As entradas eram de origem local, ao passo que as bandeiras tinham diferentes fontes de formação. Eram organisadas pelo Governo Portuguez, pelo governo colonial, pelos donatarios das capitánias e pela iniciativa particular — sendo que estas ultimas caracterizavam sobretudo as bandeiras paulistas. (80)

Existe a tendencia, na litteratura historica brasileira, para comparar o bandeirante ao navegador. “No intimo das terras marcham como se navegassem atravez dos mares”. (81)

Mas esses navegantes nunca chegaram a seus destinos. As entradas, no decurso das suas migrações pastoris, descobriram ouro. As ultimas bandeiras, que sahiram á cata de ouro foram, os fundadores do latifundio. Todas ellas contribuíram para formar o paiz.

Entre a longa série de expedições partidas de diversos pontos do paiz, podemos distinguir mais ou menos claramente dois grupos — o do Norte e o de São Paulo. (82) Mas o do Norte tinha mais um caracter local, ao passo que as bandeiras paulistas eram verda-

(80) O momento da organização official das bandeiras, não obstante ser um facto historico, foi esquecido pelos historiadores, que descrevem as bandeiras como sendo em geral uma organização particular. O economista portuguez, Francisco Antonio Corrêa, constitue, a meu ver, uma das poucas excepções. Veja-se a sua “*Historia Economica de Portugal*”, I, 221, Lisboa. 1929. Entre os historiadores brasileiros, somente Basilio de Magalhães menciona a existencia de um cyclo official e espontaneo. “*O Bandeirismo no Brasil*”, apparecido na “*Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, LXXVII (pt. I), 74.

(81) João Ribeiro. *ob. cit.*, pg. 226.

(82) Oliveira Vianna, distingue as bandeiras do Sul de Matto Grosso, de Goyaz, de Minas e assim por diante, mas elle as deveria rejeitar especialmente sob um ponto de vista sociologico.

deiramente nacionaes. Algumas vezes ellas reuniam ou dirigiam numerosas expedições de outras regiões; em outras occasiões encontravam-se com ellas em suas jornadas.

Em dois seculos, os paulistas dispersaram-se por quasi todo o Brasil. E' simplesmente maravilhosa a amplitude das suas zonas de fixação. Com as bandeiras do sul, elles povôam o littoral meridional, os campos geraes do Iguassú e os pampas riograndeses. Com as bandeiras de Matto Grosso, descobrem e exploram os valles dos rios Cuyabá e Paraguay, os dos affluentes do Paraná, desde o Aporé até ao Pardo, na bacia do Prata, os do Guaporé, do Mamoré, do Madeira, do Arinos, do Araguaya e do Amazonas. Com as bandeiras goyanas devassam os valles do Rio Grande, do Parnahyba, do Araguaya e do Tocantins. Com as bandeiras mineiras, povoam os valles dos affluentes do Rio Grande e do S. Francisco, o do Rio Doce, o do Jequitinhonha e dos demais que desaguam no oceano. Por fim, com as bandeiras do norte, devassam e colonizam os valles do S. Francisco, do Parnahyba e dos affluentes do littoral, situados entre esses dois cursos". (83)

O seculo dezesete foi o grande seculo dos bandeirantes. A linha geral do movimento foi em direcção ao oeste, não o sendo, entretanto, em linha absolutamente recta. Movimentos para o Norte e para o Sul, com avanços e recuos interrompiam o objectivo previsto do destino a attingir. Capistrano de Abreu fornece o seguinte resumo classico da direcção geographica geral das bandeiras:

A parte geographica das expedições corresponde mais ou menos ao seguinte eschema: "Os bandeirantes deixando o Tieté alcançaram o Parahyba do Sul pela

(83) Oliveira Vianna, *ob. cit.*, p. 97.

garganta de S. Miguel, desceram-no até Guapacaré, actual Lorena, e d'alli passaram a Mantiqueira, approximadamente por onde hoje a transpõe a E. F. Rio e Minas. Viajando em rumo de Jundiahy e Mogy, deixaram á esquerda o salto de Urubupungá, chegaram pelo Paranyba a Goyaz. De Sorocaba partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos afluentes orientaes do Paraná e do Uruguay. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Guayrá, transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguay, chegaram a Cuyabá e a Matto-Grosso. Com o tempo a linha do Paranyba ligou o planalto do Paraná ao do S. Francisco e do Parnahyba; as de Goyaz e Matto-Grosso ligaram o planalto amazonico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins." (84)

Não concordo com Oliveira Vianna, que distingue duas formas de bandeiras, aquellas de character guerreiro e as de character colonizador. O character guerreiro de todas as bandeiras era inevitavel em virtude de se dedicarem á caça de indios, á luta contra os jesuitas, contra os Espanhóes, os indios, e os intrusos estrangeiros. A colonização foi consequencia (e não o proposito) do movimento.

O facto do movimento não ser sempre de character pacifico explica a organização militar da bandeira.

"Numeroso ou pequenino, o grupo tem sempre, nas linhas mestras, organização militar. Formam-no um chefe, que é o capitão do arraial, um ou mais logares tenentes e o grosso da tropa, composto em sua maioria

(84) Citação de João Ribeiro, *ob. cit.*, pgs. 233-34. Nem todos os trabalhos de Capistrano foi possível obter-se durante a preparação deste trabalho. Esta narrativa corresponde a descrição detalhada feita por Capistrano no seu grande trabalho "*O descobrimento do Brasil*", pgs. 106-108, Rio de Janeiro, 1929.

de índios mansos. Se o bandeirante não tem índios seus, toma-os de aluguel". (85)

A bandeira na sua forma mais completa era um grupo que se movia, "uma cidade que viaja com os seus senhores e seus governadores". (86) "É a bandeira uma pequena nação de nomades, organizada solidamente sobre uma base autocrática e guerreira, mesmo as de colonização. O bandeirante lhe é, ao mesmo tempo, o patriarca, o legislador, o juiz e o chefe militar". (87)

A figura obrigatoria da sua organização era um capellão. Os escravos serviam de carregadores. Andando por terra, aproveitavam as trilhas dos índios. Si encontravam rios navegáveis, improvisavam canoas ligeiras.

Os chefes das bandeiras, os bandeirantes, eram, á semelhança dos conquistadores hespanhóes e condottieri italianos, homens da Renascença; traziam da Europa o espirito da Renascença, o qual naturalmente, veio a ser modificado em contacto com o solo americano. (88)

Elles levavam muitas vezes um anno ou dois, ou mesmo trez, divagando atravez das florestas, cruzando grandes rios, escalando montanhas, acoçados pelos constantes ataques dos índios, presa de insectos de todas as especies, que tornavam a vida um fardo pesado no meio de um nunca acabar de selvas encipoadas e armadas de espinhos hostis ao ser humano.

Nem todos os sobreviventes retornavam aos seus lares, pois a maior parte preferia estabelecer-se nos novos territorios.

(85) Alcantara Machado, *ob. cit.*, p. 263.

(86) João Ribeiro, *ob. cit.*, p. 226.

(87) Oliveira Vianna, *Populações*, p. 87.

(88) Dois dos bandeirantes mais conhecidos eram de origem ingleza: Antonio Knivet e Henrique Barroway.

“Muitos dos paulistas empregados nas guerras do norte não tornaram mais a S. Paulo, e preferiram a vida de grandes proprietarios nas terras adquiridas por suas armas”. (89)

Não somente os chefes, mas os membros das bandeiras, tambem muitas vezes separavam-se e tornavam-se agricultores pacificos e criadores de gado.

A conquista guerreira e sangrenta da terra levou 3 seculos. Somente com o advento do seculo dezenove os bandeirantes desappareceram, tolhidos e paralyzados nos seus movimentos pela nova vida, que ia creando as suas raizes. Em inumeros lugares, villas e cidades, ou nos latifundios dos grandes plantadores e criadores de gado, podemos encontrar os seus descendentes.

A decadencia da bandeira originou o desenvolvimento da fazenda. O estabelecimento do bandeirante, o antigo “violador de sertões, fundador de cidades” como o chamou Bilac, transformado em fazendeiro, creou o verdadeiro typo do fundador da nação.

O SERTÃO

“O Sertão... De espaço a espaço, com a teimosia de um estribilho obsedante, com a insistencia tyrannica de um *leit-motiv*, a palavra apparece e reaparece nos inventarios paulistanos dos dois primeiros seculos, a denunciar que para o sertão está voltada constantemente a alma collectiva, como a agulha imantada para o polo magnetico.

Porque o sertão é bem o centro solar do mundo colonial. Gravitam-lhe em torno, escravizados á sua influencia e vivendo de sua luz e de seu calôr, todos os interesses e aspirações. Sem elle não se concebe a vida: “*por os moradores não poderem viver sem o sertão, proclamam-no os officiaes da Camara numa vereação de mil e seissentos e corenta anos.*” (90)

Na costa Norte do Brasil, “até hoje, como se pode observar mesmo além dos limites da Capital, deparamos muitas vezes, além das montanhas, uma faixa densa de floresta primitiva, dando áquelles que não vão mais alem uma falsa vista do paiz, na qual o ponto de intersecção parece acabar nas grandes ondulações de florestas que se espraíam por todos os lados”. (91) E’ ali que começa o sertão.

A maior parte do paiz é constituída de florestas virgens, escondendo chapadões, dorso de montanhas, *sem qualquer sahida para o mundo civilizado. Não são desertos. No nordeste elles soffrem da falta de agua, mas não em virtude da qualidade do solo.*

Não se pode dar uma localisação geographica do sertão. O sertão existe não somente nas profundidades do interior, elle algumas vezes está vizinho da costa, como o famoso Canudos, situado apenas a duzentas milhas da Bahia.

Uma tentativa de formar uma concepção geographica do sertão, localisando-o no interior da parte Norte do paiz, e o seu habitante, o sertanejo, encon-

(90) Alcantara Machado, *ob. cit.*, p. 245.

(91) R. B. Cunningham Graham, *ob. cit.*, p. 38.

traria a sua correspondencia no matuto, habitante da parte sul-central e o gaúcho, no extremo sul. (92)

A localisação geographica do sertão não é estavel, mudando com o movimento ou deslocação da fronteira, producto do desenvolvimento economico, uma vez que a evolução do paiz é dependente da penetração do sertão.

Por etapas vagarosas o sertão se foi povoando, e como o clima era muito mais ameno do que no littoral, os novos habitantes augmentaram grandemente os seus grandes rebanhos. Não obstante não ser na totalidade constituido por campinas internas, como as provincias do Paraná e Rio Grande, era rico em planicies alternadas com "cerrados".

Essas terras eram as que actualmente são chamadas Caatingas, afamadas como pastagens para criação de gado.

Como a penetração pelo sertão a dentro não era systematizada processou-se de maneira a constituir uma sequencia de ilhas humanas isoladas em um vasto territorio. Essas ilhas eram verdadeiras marcas evocativas das entradas.

O sertão contribuiu para a sua propria descoberta e colonisação, mediante a participaçao de seus habitantes nas bandeiras.

(92) A posição politica peculiar do Sul contribuiu para a formação do gaúcho, de ambos os lados da fronteira; esse typo pertence á mesma familia do *cow-boy* do Oeste dos Estados Unidos da America, os *fronteirigos* da fronteira Mexicana, e o *Kosako* das estepes do Sul da Russia. O gaúcho brasileiro considera-se como a sentinella avançada da Nação, cuja missão é defender a fronteira. No Norte do Brasil o typo que lhe corresponde é o do Jagunço. Veja-se a respeito Oliveira Vianna, em *Populações*, p. 5.

O sertão, como um typo economico de vida, nem sempre corresponde ao seu territorio geographico. O seu territorio economico é maior do que a parte norte do paiz, usualmente conhecido por esse nome. Considerado sob o ponto de vista da historia economica, contribuiu para o dominio da economia natural bem como transição entre a vida nomade e o periodo da radicação.

E' difficil, e algumas vezes impossivel, registrar as mudanças que se verificam na economia do sertão, porque as noticias e informações provindas do mesmo são tão raras como as noticias que do mundo exterior chegam a elle. O interesse do povo está concentrado nos assumptos locais: o sertão consiste em territorios isolados, com interesses locais abrangendo apenas as vizinhanças mais proximas.

Uma visita ao sertão constitue uma visita ao passado. A vida alli assemelha-se á de 300 annos passados. A população, na sua maioria, dedica-se á criação de gado, e praticamente vive montada a cavallo. (93)

A principal caracteristica economica do sertão era e é a ausencia de economia monetaria.

"Até ás vizinhanças do seculo XVIII é enorme a escassez do dinheiro amoadado" (94)

Um estudo dos archivos de São Paulo leva Alcantara Machado á conclusão de que:

"Porque não possuem *dinheiro de prata nem ouro*, e não *lavram ouro nem prata*, ou por não haver *dinheiro na terra*, ou pelo pouco *dinheiro que nella ha*, mandam os testadores que as esmolas e os legados sejam pagos em *cousas que valham, em fazenda a preço*

(93) A descripção de Stuart Chase's de Tepoztlam nos fornece um quadro muito analogo ao de um sertão relativamente adiantado. Vide "*Mexico*", New York, 1931.

(94) Alcantara Machado, *ob. cit.* p. 133.

de dinheiro, em fardas, generos, gado vaccum, em drogas e cousas da terra, naquillo que houver e correr pela terra, no que houver por casa, na fazenda que se achar em casa, ou que a terra tem, nas cousas que houver por casa, naquillo que a terra dá. (95)

No seculo dezenove o dinheiro começou a penetrar no sertão, mas mesmo assim: “Uma vez por semana, sempre no mesmo dia, ha feiras nas cidades e villas do sertão; cada qual leva os productos de seu trabalho, de seu roçado, para vender, e com o apurado comprar tudo quanto precisa, guardando algum dinheiro para o *pé de meia*.” (96)

Essa descripção não se parece com a da segunda phase da “Economia da cidade” de Karl Bucher, ao tempo da idade-media européa?

O sertão é cheio de mysticismo, de messianismos e movimentos religiosos. E’ a séde da seita dos Sebastianistas, que acreditam que o Rei Portuguez D. Sebastião, perdido na Africa, virá libertar a humanidade.

A tragedia de Canudos, no fim do seculo dezenove, quando o Governo enviou diversas expedições militares contra o “Bom Jesus” Antonio Conselheiro, somente no solo mystico do sertão se poderia dar. (97)

Euclides da Cunha tornou a descobrir o sertão no seu livro famoso. (98) R. B. Cunningham Graham de-

(95) *Idem*.

(96) Ildefonso Albano, “*Jéca-Tatú e Mané Chique-Chique*”, pg. 18. Rio de Janeiro (?).

(97) Embora na Bahia a vida moderna estivesse ha muito estabelecida, com telegraphos e telephones, com illuminação publica nas ruas e bondes electricos, entretanto a 200 milhas de distancia da capital essas consas eram completamente desconhecidas e quasi inimaginadas pelo homem do povo. — Graham, *ob. cit.* p. 48.

(98) Euclides da Cunha, “*Os Sertões*”, Rio de Janeiro, 1907.

dicon-lhe um penetrante capitulo no seu livro sobre Antonio Conselheiro. (99)

Do ponto de vista da historia economica, o drama de Canudos pertence á longa série de acontecimentos que conduzem á abertura do paiz e ao movimento das fronteiras. Foi uma defesa do Brasil "economico" contra o attentado do sertão de remover a fronteira.

O sertão produziu os seus proprios destruidores — os bandeirantes —. Mesmo nos tempos recentes o maior movimento da fronteira politica (e contemporaneamente da economica) — aquisição do territorio do Acre — foi obra do sertanejo, revivendo os velhos bandeirantes.

Em 1871 existiam dois mil brasileiros no Purús (Acre), em 1890 — cincoenta mil. Assolados pela secca do Ceará, pelo clima do Amazonas, o sertanejo moveu-se em massa. Albano nos dá uma excitante descripção dessa migração.

"Muito maior é o numero dos infelizes, que, na luta contra a pujança assassina da Amazonia, encontraram a morte; e a esposa carinhosa, os tenros filhinhos, a velha mãe, a noiva chorosa esperam saudosos a volta do ente querido, que se foi e não mais volveu. Legiões e legiões dão baixa, para ser substituidas por outras, cujas fileiras são dizimadas e novamente preenchidas. Nesse trabalho lento, paciente e heroico tem o nordeste brasileiro perdido a fina flôr de sua população. Mas... excelsior!... excelsior!... e os modernos bandeirantes, obscuros e persistentes, *fazem broca* nas florestas amazonicas, avançam, avançam e ganham terreno dia a dia.

“As victimas contam-se aos milhares, mas a terra desbravada palmo a palmo, é brasileira, o Acre, conquistado a *rifle*, é brasileiro, porque brasileiros são os marcos de ossadas humanas, que alvejam aquelle vasto cemiterio”. (100)

O sertão é o scenario invisivel onde se processa o desenvolvimento do Brasil. O gaúcho do extremo sul, vivendo nos pampas abertos, é uma figura muito conhecida. O sertanejo das collinas e florestas ainda é uma figura mysteriosa e mystica. O sertão é o interior enigmatico do Brasil.

Como os Estados do littoral formam os principaes mercados para o commercio importador, para os objectos de luxo, etc., isso contribue para que o baixo poder acquisitivo do sertão torne o sertanejo um consumidor dos productos das industrias locais, e o interior do paiz seja consumidor das industrias localizadas na costa.

A importancia do sertão reside no seu poder de consumo. O ajustamento do sertão á economia monetaria é a condição preliminar para a criação de um vasto mercado nacional. A economia monetaria exige a organização de transporte barato; sem elle o sertanejo não tem communicação com os mercados e continúa a levar uma vida de bastar-se a si mesmo. Economicamente, alli reside o futuro do paiz.

O FAZENDEIRO

O periodo colonial do Brasil foi o tempo da formação do latifundio, da accumulção do seu poder social, do seu “esplendor e gloria”.

(100) Ildefonso Albano, *ob. cit.*, pgs. 43-44.

A economia colonial, concentrada em matérias primas tropicaes baseadas em um systema extensivo, formou o latifundio, que encontrou condições favoraveis ao crescimento no vasto territorio. Gado, assucar, algodão, cacau, café, constituíam as bases da fazenda. O desenvolvimento dos mesmos numa larga escala não seria possivel sem o latifundio e a sua technica.

Todos os viajantes do começo do seculo dezenove, como von Eschwege, von Martius, Saint-Hilaire e diversos outros, se mostraram admirados pela extensão aparentemente sem limites apropriados e pela sua grandeza monotona.

As fazendas do periodo colonial, á semelhança do sertão, formavam verdadeiras ilhas isoladas. O sertanejo com sua familia constituíam elementos que se bastavam a si mesmos, quer no que produziam, quer no que consumiam. A fazenda tornou-se uma grande organização, na sua maioria bastando-se a si mesma, tanto na produção como no consumo, mas incomparavel na sua grandeza e technica com as necessidades familiares do sertanejo.

No começo do seculo dezenove, de accordo com um historiador brasileiro, "No Brasil, aliás, se vivia economicamente como na China, produzindo a terra tudo de que carecia a população. Exceptuavam-se, todavia, os braços e as manufacturas de luxo". (101)

"Dispersos e isolados na sua desmedida enormidade territorial, os dominios fazendeiros são forçados a viverem por si mesmos, de si mesmos e para si mesmos." (102)

(101) Oliveira Lima, "*D. João VI no Brasil*", I, 363.

(102) Oliveira Vianna, "*Populações*", *ob. cit.*, p. 129.

As fazendas fabricavam as suas proprias armas, roupas para os escravos, preparavam os seus proprios carpinteiros, vehiculos, e mantinham toda a sorte de officios e artifices. A fazenda era um Estado medio entre uma familia e um principado. O fazendeiro, os agregados, e os escravos constituiam as tres classes de seus habitantes.

“Nelle se aggregam então todos os serviçaes do dominio, todos os seus rendeiros e mais as classes que habitam as pequenas villas, aldeias e povoações, disseminadas pelo interior: pequenos commerciantes de aldeia, os raros pequenos proprietarios existentes, os officiacs de officios manuaes, os chefes de pequenas industrias urbanas e os pequenos funcionarios da administração local.

Toda essa multidão heterogenea está presa ao senhor do engenho pelo dever de fidelidade e obediencia. Delle recebe, em paga, a protecção e a defesa, não só contra o arbitrio das autoridades e a violencia dos poderosos, como tambem contra os assaltos do genio indomado ou do flibusteiro saqueador”. (103)

“Dentro de seu dominio tem o fazendeiro a carne, o pão, o vinho, os cercaes que o alimentam; o couro, a lan, o algodão que o vestem; o azeite de amendoim e a cera que a noite lhe dão claridade; a madeira e a telha que o protegem contra as intemperies; os *arcos* que lhe servem de broquel. Nada lhe falta. Pode desafiar o mundo”. (104)

A descripção nos traz á lembrança a *familia rustica* e a *familia urbana* da velha Roma.

(103) Oliveira Vianna, “Evolução”, pgs. 66-67.

(104) Alcantara Machado, *ob. cit.*, pgs. 49-50.

“Em synthese: nem classe commercial; (105) nem classe industrial; nem corporações urbanas. Na amplissima area de latifundios agricolas, só os grandes senhores ruraes existem. Fóra delles, tudo é rudimentar, informe, fragmentario. São os grandes dominios como que focos solares: villas, industrias, commercio, tudo se offusca deante de sua claridade poderosa.” (106)

O fazendeiro era o unico elemento de poder politico no começo do seculo dezenove. A terra era a unica fonte de riqueza. *Fazer fazendas* era uma expressão igual á de fazer fortuna.

Era a repetição da idade media na Europa, a propriedade da terra como base das relações humanas. A independencia economica, a autonomia das fazendas possuidoras de escravos, tornou-se a fonte da importancia social do proprietario da terra, do seu poder politico. (107) Já Antonil tinha dado uma pittoresca descripção da importancia do papel desempenhado pelo senhor de engenho. (108)

D. João VI achou no Brasil o fazendeiro já na plenitude do seu poder. Qualquer pessoa que quizesse ter posição social, tinha de se tornar um fazendeiro. Oliveira Vianna menciona o facto de que fazendas e

(105) “A classe commercial da população é virtualmente tão pequena que ella não deve ser absolutamente considerada, não obstante a maior parte das transacções em dinheiro ser realisada por ella”. Von Eschwege, *ob. cit.* p. 10.

(106) Olivera Vianna, *ob. cit.*, p. 136.

(107) “Não obstante os senhores de Engenho são considerados como a primeira e mais influente parte da população da Bahia”. V. Martins, *ob. cit.*, II, 645. N. T.: — O autor esquece-se que Senhor de Engenho no Norte é synonymo de Fazendeiro no Centro e Estancieiro no Sul.

(108) Antonil, André João, *ob. cit.*, p. 191.

engenheiros tinham se tornado uma epidemia, uma mania. (109)

Mesmo os estrangeiros deixaram-se contagiar por essa paixão. "Chamberlain", consul inglez, possuia uma fazenda de café um pouco além do aqueducto da Carioca. O seu collega russo, Langsdorff, cultivava por sua vez, na Raiz da Serra, uma fazenda de cercaes". (110)

A mudança da cõrte portugueza para o Rio de Janeiro arrancou o fazendeiro do seu isolamento rural. Não foram as novas possibilidades economicas, mas o esplendor e o luxo da Cõrte que attrahiram a aristocracia agraria brasileira. O fazendeiro, um monarcha na sua propria fazenda, o possuidor *de facto* de illimitados poderes em sua casa, veio para a capital para saudar o monarcha official do paiz e para viver ao clarão do seu esplendor.

Iniciou-se um movimento partido de todas as partes do paiz. O fazendeiro, com sua mulher, filhas, filhos e outros membros da grande familia rustica, com

(109) Oliveira Vianna, "*Populações*", *ob. cit.*, p. 59.

(110) Oliveira Lima, "*D. João VI no Brasil*", I, 79.

Assim se expressa Oliveira Lima na obra citada:

"Ambos estes funcionarios tinham-se deixado seduzir pelos encantos da natureza local, sendo von Langsdorff proprietario de uma fazenda na Raiz da Serra, onde cultivava muita mandioca, e possuindo Chamberlain, que era alem disso um entomologista fanatico, uma plantação de café no prolongamento do aqueducto da Carioca. Do mesmo modo um refugiado ou antes emigrado politico, o conde Hangerdorp, veio morar o mais rusticamente possivel nas Laranjeiras, e o pintor Taunay escolheria para sua residencia e de sua familia uma cabana ao pé da cascata da Tijuca".

escravos e creados, veio para o Rio de Janeiro, sahindo da quietude bucolica dos seus dominios para a Versailles tropical.

Era a primeira vez na historia do paiz que o fazendeiro tinha deixado a sua propriedade, e que a propriedade era administrada na ausencia do seu dono.

Muitos proprietarios permaneceram na capital, installaram um segundo domicilio, e dividiam o anno entre a casa da cidade e a fazenda. Todos elles se tornaram relacionados com a capital, começaram a sentir as influencias da vida urbana, pelas proximidades da Côte, imprimiram uma atmospheria propria ao Rio de Janeiro.

O fazendeiro veio para saudar o monarcha, para offerecer-lhe os seus serviços, serviços de monarchas locais sem corôa, sua experiencia, seu conhecimento do paiz.

Elle esperava em troca participar do poder e influir na politica. A côrte portugueza foi transferida para o Rio de Janeiro, de accordo com o Almanach de Lisbôa, mas o fazendeiro abrazeirou-a.

Havia uma alliança, embora não expressa, entre a monarchia e a nobreza da terra, uma alliança na qual o fazendeiro era a parte mais forte, porque o paiz era d'elle e o Rei portuguez um immigrante. Esta alliança acabou com a brasilianização da monarchia, quando D. Pedro I teve de declarar o famoso *fico* e tornou-se o monarcha do Brasil. O fazendeiro ganhou uma victoria sobre o seu unico rival — os emigrados portuguezes que invadiram o Brasil em 1808 com D. João. Depois do *fico*, o fazendeiro teve o prazer de constatar o regresso para Portugal de parte da expedição, e acabou fazendo a assimilação dos que aqui permaneceram.

O fazendeiro sentia-se feliz com a nobreza e títulos recentemente adquiridos. (111) Elle tornou-se o unico poder politico do paiz. Fundou o Imperio Brasileiro, forneceu os estadistas, os officiaes de Estado, do exercito, da marinha; ditou systemas, serviu de Conselheiro ao Imperador, desobedeceu-o, representou a monarchia do paiz na administração local, revoltou-se contra o imperador e defendeu-o.

A monarchia brasileira era o imperio do fazendeiro, que era o unico elemento do paiz acostumado a dar ordens, a *mandar* (usando a palavra portugueza). E elle começou a dirigir o paiz como governava a sua fazenda. O Brasil, que no periodo colonial era uma possessão ultramarina de Portugal, tornou-se uma propriedade interna da classe dos fazendeiros. O Imperio brasileiro era uma continuação da fazenda, e o fazendeiro traz-nos ao espirito a lembrança dos patricios de origem rural, que governavam no Senado Romano.

O fazendeiro é o verdadeiro autor da independencia brasileira, da unificação do paiz, da sua constituição e organização; elle foi uma das columnas do Imperio, semelhante ao *Junker* prussiano, ao typo medio inglez, ao *Pomestshik* russo. Talvez a ultima comparação seja historicamente a mais correcta, porque em parte alguma existe ligação tão intima entre a aristocracia da terra e a monarchia como na Russia e no Brasil. O imperador do Brasil podia, na verdade, repetir a famosa sentença do seu collega russo a respeito dos cento e trinta mil *Pomestshiks*, que eram os guardiões da monarchia. O fazendeiro estava perfeitamente consciente do papel que representava. Os proprietarios da terra, anteriormente isolados uns dos ou-

(111) Spix und Martius, *ob. cit.*, I, 97-98.

tros, tornaram-se uma classe com interesses communs, com uma consciencia de suas prerogativas. Os seus interesses eram suavizados pela influencia das idéas liberaes da época.

Entrementes, novas forças cresciam na economia brasileira. O commerciante, uma quantidade sem importancia por occasião da abertura dos portos, tornou-se figura saliente em um paiz onde o systema financeiro dependia exclusivamente do commercio estrangeiro, onde a côrte, o fazendeiro e mesmo, até certo limite, o proprio sertanejo, dependiam de mercadorias importadas, onde a exportação dos principaes productos era uma questão de “*ser ou não ser*” para as finanças nacionaes. O inicio da industria nacional (ao tempo de Mauá) originou o nascimento das classes industriaes brasileiras — o emprehendedor e o trabalhador. A libertação gradual dos escravos e a crescente immigração conduziram á formação da classe dos trabalhadores-livres. A abolição da escravidão destruiu a velha forma legal da fazenda e accelerou a mudança na sua estrutura economica. Economicamente, correspondeu á nova era de dominio do sul sobre o norte, á dominação da cultura de café do sul com o seu systema de trabalho livre sobre as plantações de assucar e algodão do norte, baseadas no trabalho escravo.

Parallelamente a isso, originou-se a gradual degeneração do fazendeiro. O antigo estavel proprietario da terra tornou-se um estadista, um politico local, mais um habitante das villas e cidades do que da fazenda, um *habitué* de Paris. Um novo typo de proprietario de terra ausente surgiu. Especialmente no norte “o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados dominios que nunca viu, ás vezes. (112)

(112) Enclydes da Cunha, *ob. cit.*, p. 122.

A permanente mudança das condições dos productos principaes, transferindo os successos materiaes de uma parte do paiz para outra, tornou a riqueza do fazendeiro instavel, temporaria. O declinio do fazendeiro gerou o declinio do Imperio.

O Manifesto republicano de 1870 declarou: "Somos da America e desejamos ser americanos", salientando a forma de monarchia não americana. A revolução de 1889 foi somente o termino formal do declinio da monarchia. A queda não foi occasionada pela abolição dos escravos, a explicação tradicional, nem por uma série de diferentes motivos (inclusive a *Kulturkampf*, choque entre o exercito e o governo e outros) conforme o professor P. A. Martin (113) tenta explicar; ella foi a consequencia de um longo desenvolvimento. O declinio do fazendeiro deixou a organização politica sem uma base economica. E a monarchia sempre foi "uma planta exótica no continente americano". Mesmo o encanto pessoal de D. Pedro II não foi defesa sufficiente contra as aspirações da nova classe urbana.

O declinio politico do fazendeiro não significa o fim economico da fazenda. Ella ainda não está morta nem prompta para o enterro. Embora lhe falte influencia no litoral, ainda é *leader* no interior.

Ainda no começo do seculo vinte, Lord Bryce, com o seu habitual penetrante senso de observação, nos relata o importante papel desempenhado pelo fazendeiro no Brasil.

"O brasileiro é primeiramente um homem do campo, e não da cidade. O Rio, embora grande como é, representa factor menos potente do que Buenos Aires,

(113) "The Causes of the Collapse of the Brazilian Empire", *Hispanic-American Historical Review*, February, 1921.

na Argentina, ou Santiago, no Chile. O proprietario da terra ama a sua vida rural, da mesma forma que o plantador da Virginia, na America do Norte antes da guerra civil, e vive na fazenda de uma maneira quasi patriarchal-feudal, muitas vezes mantendo filhos e filhas adultos em sua companhia. As propriedades (excepto no extremo sul) são extensas; os vizinhos proximos são poucos: as familias são geralmente grandes; a fazenda é uma especie de pequeno principado, e os seus proprietarios, com os seus pequenos agregados podem, não obstante todas as theorias democraticas, dirigir a politica do districto como acontecia na Inglaterra, ha oitenta annos atraz, em que as familias dos condados costumavam controlar os negocios da localidade e a guiar a escolha dos representantes ao Parlamento". (114)

Mesmo agora, depois da guerra, que revolucionou o Brasil, a descripção de Bryce ainda é correcta, especialmente no que se refere ao norte do Paiz; mas a fazenda não é mais um producto typico nacional, em virtude de novas forças terem começado a influenciar a vida nacional.

Naturalmente, "a maior parte das fazendas de café são grandes, comparaveis em tamanho ao municipio americano. Os trabalhadores formam villas inteiras com escolas, igrejas e hospitaes mantidos pelo rico fazendeiro, que vive como um plantador do Sul de antes da guerra civil". (115) Mas a fazenda mudou e está

(114) James Bryce, *South America, Observations and Impressions*, pp. 415-16, Nova York 1913.

(115) Arthur Redfield, *Brazil, a Study of Economic Conditions since 1913*, p. 27, U. S. Dept. of Commerce, *Miscellaneous Series N.º 86*, Washington, 1920.

mudando ainda mais para um typo de propriedade industrializada.

As oscillantes condições dos mercados do mundo para os principaes productos brasileiros crearam a exigencia da industrialização da agricultura, da applicação de machinismos e da sciencia, amparada pela especialização existente da fazenda brasileira.

Com as mudanças na estructura da fazenda, o fazendeiro fundiu-se em uma série de novos typos.

O PAULISTA

A significação economica do termo "paulista" é mais ampla do que o seu significado geographico. Euclides da Cunha, não sendo um economista, mas revelando notavel pendor pelas sciencias economicas, declarou que "a significação historica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo e as regiões do sul". (116)

Vou mais além do que Euclides da Cunha. Para mim o paulista é o typo lider do periodo da Republica, representativo por excellencia do elemento urbano do Brasil. Até mesmo o moderno senhor de engenho da Bahia, o moderno fazendeiro de Minas Geraes e o proprietario de uma fazenda de criar do Rio Grande do Sul são, economicamente falando, paulistas. Os paulistas acompanham o adiantamento e o espirito dos tempos, os novos methodos e as novas directrizes da economia.

(116) *Os Sertões*, ob. cit., p. 81.

Por outro lado, um commerciante portuguez morando em São Paulo, cauteloso e diligente, que nunca se utilise de credito, que evite os Bancos, não é um paulista. A fronteira geographica de um paulista é o Brasil economico. E' se paulista mesmo que não se tenha nascido no paiz. O "Rei do Café", coronel Schmidt, de São Paulo, immigrante allemão, possuidor de 31 fazendas nos municipios de São Simão e Ribeirão Preto, com a area de 32.894 hectares, é paulista, não obstante a sua origem germanica (117). Matarazzo e Martinelli, de São Paulo, italianos de nascimento, são paulistas.

O termo paulista, nesse sentido, comprehende todas as características do typo moderno que vive na cidade, de um "homo economicus" brasileiro. Do ponto de vista brasileiro a palavra pode, ao mesmo tempo, exprimir um julgamento, um sentimento de orgulho, que não existe quando o termo é usado pelos filhos de outros Estados, quando se referem aos paulistas. O paulista appareceu no horizonte economico como producto de condições novas, como consequencia da idade do caminho de ferro, do nascimento e fundação das cidades. A sua origem physica tem diversas fontes: o fazendeiro transplantado para a cidade, cujos filhos se tornaram advogados, politicos profissionaes e negociantes; a classe dos commerciantes enriquecidos, pequena e sem expressão no começo do seculo; os emprehendedores do periodo de Mauá; os immigrantes; os estrangeiros que vieram residir no paiz. Todos elles contri-

(117) Para uma descripção de suas actividades vide a obra de Carl G. Cornelius, *Die Deutschen im Brasilianischen Wirthschaftsleben*, p. 9, Malburg, 1929.

buiram para o nascimento do typo paulista. Tome-se em consideração a mistura de algum sangue indio e negro, e temos os elementos essenciaes da origem desse "homo economicus" brasileiro, desse "yankee" do continente sulino, cujos ascendentes foram os bandeirantes, equivalentes aos "pioneiros" dos Estados Unidos.

O Estado e a cidade de São Paulo constituem o orgulho dos paulistas. São productos typicos do periodo da Republica, que é a epoca do paulista. A característica primordial da vida e actividade do paulista é o espirito de organização. Elle organisou o seu Estado e as suas cidades; plasmou a sua moderna civilização material e o seu aparelhamento; installou illumination em suas cidades; promoveu a corrida para o café e está ansioso para proseguir na defesa do mesmo; transformou São Paulo no maior parque industrial da America do Sul.

Nas zonas onde se cultiva o café, grande parte do trabalho agricola é executado por "colonos", muitos dos quacs são immigrants vindos de paizes estrangeiros.

Sendo mais interessante no trabalho livre do que os grandes plantadores do norte do paiz. S. Paulo organisou a entrada de immigrants desde o advento da abolição da escravidão. De 1887 a 1906 entraram no Estado 1.200.000 immigrants; e a população do Estado era, em 1906, de 3 milhões de habitantes.

No immenso interior do Brasil "festina lente" ainda continua a ser a palavra de ordem, ao passo que a palavra "amanhã" não existe no vocabulario do paulista.

Qualquer pessoa que tenha estado ausente de São Paulo, por algum tempo, possui naturalmente uma ca-

pacidade de observação mais penetrante do que o morador local, que não deixou os limites de sua cidade, para o qual as constantes mudanças do lugar onde reside parecem ser completamente naturaes. Por exemplo, o paulista acha perfeitamente natural que se eleve para o espaço um "arranha-céu" atraz do outro, que bairros inteiros, como se fossem tirados de uma caixa de brinquedos, passem a encher cada vez mais os espaços vagos existentes no mappa da cidade; que a cidade cresça e augmente rapidamente, além dos limites do municipio, como se extende e se alastra uma trepadeira; que o problema do transito nas ruas supercongestionadas pelo trafego seja resolvido como por milagre, e que outras estejam sem cessar sendo melhoradas; que nos suburbios séries inteiras de ruas tenham sido excellentemente calçadas, e que por todos os lados da cidade-colosso impere continuamente uma febril actividade de *melhoramento e progresso*. São Paulo pode ser comparado a uma cidade que como por encanto nasceu de um dia para outro.

Em São Paulo duzias de suburbios nascem ao mesmo tempo, em alguns mezes. São Paulo, em virtude do seu crescimento excessivamente rapido, dará sempre a impressão de uma obra inacabada, e a esse respeito, será sempre parecida com a cidade que lhe serve de paradigma: Chicago.

O paulista succedeu politicamente ao fazendeiro, como o "novi homines" da velha Roma tomou o lugar dos senhores ruraes.

Economicamente, podemos comparar São Paulo a Chicago ou São Francisco. Politicamente, o contraste entre Moscou e São Petersburgo, na Russia Imperial,

parece ter um parallelo entre São Paulo e Rio de Janeiro, isto é, entre o antagonismo existente entre a capital commercial e a capital administrativa. Os paulistas pertencentes ás classes que vão enriquecendo gostam de ser considerados como os dirigentes da náu do Estado Brasileiro.

O EXTRANGEIRO

E' necessario cuidado quando se fala em "extrangeiros" no Novo Mundo, uma vez que esse mundo foi creado exclusivamente pelos immigrants. Os indios nativos desempenharam parte muito pequena nessa criação. Primeiro, os portuguezes, depois os espanhóes, os francezes, allemães, todos elles invadiram o Brasil, e a esparsa população nativa do paiz organisou-se por si mesma para a defesa, ou reuniu-se aos portuguezes, conjugando os seus esforços para repellir os intrusos.

Todos elles imprimiram alguma influencia no paiz: Pernambuco possui ainda a architectura hollandeza; o dialecto portuguez do extremo sul se aproxima muito do espanhol; o francez deixou alguns traços no Maranhão; os inglezes tornaram-se membros das bandeiras. Mesmo os portuguezes foram considerados como extrangeiros pelos nacionalistas coloniaes dos primeiros tempos.

O negro tambem era um extrangeiro, não obstante a sua procedencia das colouias portuguezas da Africa (era uma especie de cooperação economica com o imperio colonial portuguez. A America necessitava de braços, que abundavam na Africa, e as duas colonias dessa forma completavam-se).

Mas o estrangeiro, no Brasil, até o primeiro quarto do seculo dezenove. era um phenomeno esporadico e individual. Appareceu para dirigir o paiz, para conquistal-o ou "fazer America", isto é, fazer fortuna. Os funcionarios, officiaes e aventureiros, eram as figuras dominantes.

Como no norte do continente, a religião e a politica foram algumas vezes os motivos da immigração.

O seculo dezenove trouxe para o Brasil um novo typo de estrangeiro, aquelle que veio para viver e trabalhar no paiz. O tempo dos aventureiros então havia passado.

Um novo aspecto, qual seja o da assistencia e encorajamento por parte do Governo, caracteriza a immigração do seculo dezenove. A razão determinante dessa immigração tinha um fundo economico.

A mudança da Côrte para o Brasil trouxe para o paiz não somente immigrants portuguezes.

"A presença do monarcha e a presença conjuncta das mais altas autoridades do Estado receberam substancial assistencia nos seus esforços para estabelecer a ordem e regulamentos em um paiz novo, por parte de um grande numero de estrangeiros que mais cedo ou *mais tarde tinham acompanhado a Côrte para o Rio de Janeiro. Negociantes e constructores inglezes, artifices em ferro de nacionalidade sueca, engenheiros alle-mães, artistas e fabricantes francezes foram chamados pelo Governo para a diffusão da industria nacional e conhecimentos profissionaes uteis*". (118)

O novo regime testemunhou o começo de uma imigração organizada. Uma colonia suissa installada em Nova Friburgo, em 1818, representou o primeiro passo nesse sentido.

A fundação da colonia allemã, em 1824, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foi o segundo.

Os italianos seguiram essa trilha. Na segunda metade do seculo dezenove, depois da introdução das estradas de ferro, da abolição da escravidão, e do apparcimento da procura de trabalhadores, a immigração se iniciou em larga escala. (119)

De todas as partes do mundo, cada nação mandava os seus filhos para o Brasil. 3.648.382 immigrantes entraram no paiz no seculo 1820-1920; de accôrdo com as estatisticas officiaes. Desse numero, mais de um milhão pertence ao periodo 1903-1920. O recorde cabe á immigração italiana, de 1.388.881 immigrantes, durante o seculo, o segundo lugar aos portuguezes... (1.055.154) e o terceiro aos hespanhóes (510.514).

(119) "...Libertar o escravo significava a reconstrucção de todas as bases economicas das sociedades tropicaes, todas as quaes assentavam em alguma forma de escravidão ou no trabalho escravo. Mas nenhuma libertação de escravos de facto poderia ser levada a effeito a não ser que existissem modificações no systema de transporte de carregador escravo e um mercado livre de locação de trabalho, onde os empregadores pudessem alugar trabalhadores em lugar de escravos. Isso poderia ser provido somente pelas estradas de ferro, as quaes crearam uma mobilidade de pessoal e uma certa fluidez de trabalho e forneciam um typo de vehiculo para o transporte terrestre melhor e mais barato do que o ser humano. Dessa maneira, as estradas de ferro e a abolição da escravidão vieram a ficar indissolvelmente entrelaçadas". L. C. A. Knowles, *Economic Development of the Overseas Empire*, 1763-1914, p. 121, Londres, 1924.

A imigração fez maiores progressos no Brasil, depois de 1920, como demonstram as seguintes cifras:

1921,	60.784
1922,	66.967
1923,	86.679
1924,	98.125
1925,	84.883
1926,	121.596
1927,	101.568
1928,	82.061
1929,	100.424
1930,	67.066
1931,	31.410
1932,	34.683

FONTE: Ministerio dos Negocios Extranjeros, Brasil 1933, p. 371, Rio de Janeiro, 1934. Para a discussão das recentes mudanças na distribuição nacional dos imigrantes brasileiros, ver o artigo do autor "Imigração Japoneza para o Brasil", em *Pacific Affairs*, Março, 1934.

Essa imigração entrou no paiz, na sua maioria, animada dos sonhos de tornar-se fazendeiros tropicaes e aventureiros. Somente uma pequena parte dos imigrantes viu os seus sonhos se tornarem realidade.

Parte desses imigrantes foi immediatamente absorvida pelas cidades, mas, na sua maioria os suissos e allemães permaneceram nas colonias. O originaram o nascimento de uma nova classe — a do pequeno fazendeiro. Os Estados de Santa Catharina e Rio Grande do Sul constituem as regiões de sua preferencia. Os italianos participaram da formação dos trabalhadores agricolas e do systema de parceria, prevalecente em São Paulo; os portuguezes e espanhóes formaram a classe

dos pequenos commerciantes, dos donos de *venda*, e de armazens diversos na cidades. (120)

Em todos os ramos da vida economica do paiz encontramos traços da influencia do estrangeiro.

Mais importante ainda, porem, do que a sua actividade directa, fez-se sentir a influencia de seu trabalho, de seus methodos e systemas, na população já existente.

A influencia allemã tornou-se forte qualitativamente, porque os allemães permaneceram vivendo em massas unidas, transferindo os costumes e habitos de seus pais, applicando a sua experiencia européa e constituindo por essa forma fazendas modelos, que serviam como uma demonstração de melhores systemas de producção. Os grupos de allemães, especialmente no Sul, no Rio Grande do Sul e Santa Catharina — europeizaram a atmospheria colonial. Trouxeram ao mesmo tempo as suas relações pessoais de ultramar com a mãe patria.

(120) O valor medio das fazendas no Brasil, de accordo com a nacionalidade de seus donos, em 1920, era:

	<i>Valor médio em contos de réis</i>
Total (propriedades de brasileiros e extr.)	16.3
Propriedades de estrangeiros	14.3
Italianos	13.0
Allemães	10.1

Anno	População do Brasil	População
	Calculo feito por:	
1776	Abbate Corrêa da Serra	1.900.000
1803	D. Rodrigo de Souza Coutinho	4.000.000
1810	Alexander von Humboldt	4.000.000
1815	Conselheiro Velloso de Oliveira	2.860.525
1817	Henry Hill	3.300.000
1819	Conselheiro Velloso de Oliveira	4.396.132
1825	Casado Giraldes	5.000.000
1827	Rugendas	3.758.000
1827	Adriano Balbi	2.617.900
1830	Matte Brun	5.340.000
1834	Senador José Saturnino	3.800.000
1850	Senador Candido Baptista de Oliveira	8.000.000
1856	Barão do Bom Retiro	7.677.800
1867	"O Imperio na Exposição", etc.	11.780.000
1868	Candido Mendes	11.030.000
1869	Senador T. Pompeu de Souza Brasil	10.415.000
1872	Recenseamento	10.112.061
1890	Recenseamento	11.333.915
1900	Recenseamento	17.318.556
1920	Recenseamento	30.635.605
1930	Estimativa	40.272.650

FONTES: Para os annos 1776-1869 — Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatistica, *Recenseamento do Brasil*, 1920, I, 411, Rio de Janeiro, 1922; para 1872, 1890, 1900 e 1920, Synopse do Recenseamento realizado em 1920, *População do Brasil*, p. 37. — Rio de Janeiro, 1922; para 1930 — *O Brasil Actual*, p. 9.

A importancia de uma immigração diversificada, provinda de todas as partes do mundo, nunca poderá ser sufficientemente estimada. Trouxe não somente braços, mas contribuiu também para um outro objectivo nacional, formulado por Monteiro Lobato como "Importar cerebro" (121).

(121) *Mister Slang e o Brasil*, São Paulo, 1927.

O problema desse laboratorio de caldeamento ainda não foi investigado. Mas todas as indicações demonstram que o processo de formação de um typo brasileiro, de uma nova raça, está a caminho. Elle será um parallelo sulino ao *homo economicus* norte-americano.

CAPITULO IV

OS REFLEXOS DAS VARIAÇÕES DA ECONOMIA MUNDIAL SOBRE O BRASIL

Vous désirez, monsieur, savoir ce qui se passe sur le vieux continent; vous me demandez de vous faire connaître les marches que suit l'esprit européen; vous m'offrez, en retour, des renseignements semblables sur l'Amérique.

(Lettres de HENRI SAINT-SIMON à un Américain).

A costa brasileira nunca ficou inteiramente isolada do mundo exterior. Os portuguezes, francezes, hollandezes e inglezes penetravam no solo brasileiro como conquistadores e officiaes, amigos e inimigos, negociantes e embarcadores. Os brasileiros, por sua vez, iam á Europa, especialmente a Portugal, — o balcão geographico da Europa — para negocios e estudos.

Portugal era o intermediario entre o Brasil e o mundo exterior, *nem sempre benevolente*, muitas vezes egoista, como geralmente eram todos os imperios coloniaes daquelle tempo, ciumentos e cheios de temor de perder a sua influencia.

A Universidade de Coimbra era a ponte espiritual entre a Europa e o Brasil. (122)

O Brasil adoptava ideas europeas, de segunda mão, atravez de Coimbra, com a interpretação portugueza. Naturalmente, Portugal não podia dilatar o seu monopolio pratico á esphera das idéas; mesmo no commercio, o contrabando era um factio diario. Mas um factio typico da epoca era a influencia de Coimbra. (123)

Coimbra, especialmente a Faculdade de Direito, deu ao Brasil advogados, politicos, poetas. A "Escola Mineira" foi creação de Coimbra. Os brasileiros iam a Coimbra porque Portugal não permittia a fundação de uma universidade na colonia; mas, regressando de Portugal, elles tornavam-se os lideres do movimento pró independencia, contra Portugal.

A transferencia da Côrte portugueza para o Brasil e a abertura dos portos brasileiros ao commercio estrangeiro occasionaram uma subita mudança na vida e na historia do Brasil no começo do seculo dezenove; ella deu lugar ás relações directas, materias e intellectuaes, entre o Brasil e o mundo exterior. A nova phase não tinha somente uma significação economica; gerou indirectamente o termino do recebimento das ideas que

(122) "Os jovens educados aqui vão continuar o estudo do direito exclusivamente em Coimbra, e os que se destinam á medicina vão para Edimburgo ou Paris". (Spix e Martius, *ob. cit.* II, 644).

(123) Seria um estudo interessante traçar a influencia de algumas universidades na disseminação da cultura e idéas mundiaes. Possivelmente somente Goettingen, que influenciou os EE. UU., bem como a parte oriental da Europa, na primeira metade do seculo dezenove, pode ser comparada com a de Coimbra e a sua influencia sobre o Brasil. Mas quando a actuação de Goettingen tinha o sen inicio a de Coimbra terminava.

Portugal enviava ao Brasil. A Côrte portugueza transplantou para o Brasil, ou antes, para o Rio de Janeiro, a Versalhes tropical da America do Sul, não somente “o cabellereiro da Côrte, Monsieur Catilino” e a “costureira da moda, Madame Josephine”, mas igualmente as idéas em voga. Dessa forma Portugal tornou-se o intermediario na emancipação do Brasil de Portugal e na integração do Brasil ao movimento intellectual universal.

Lembremos a inclinação das jovens nações para a imitação, o seu character receptivo, a sua paixão de uma base idealista para os seus feitos e trabalhos, e podemos comprehender a inter-relação especifica entre as idéas economicas e a actividade economica na historia do Brasil, desde o começo do seculo dezenove.

A historia das idéas economicas no Brasil ainda não foi escripta (como tambem ainda não foi escripta sobre os demais paizes do Continente Americano, inclusive os Estados Unidos). Mais do que a propria historia economica, existe a falta de trabalhos preparatorios, constante de collectanea de material e monographias, feitas com paciente e infatigavel espirito de pesquisa.

Escolherei duas épocas para dissertar sobre as mesmas aqui. Ellas constituem illustrações particularmente interessantes da inter-relação entre as idéas economicas e a actividade economica. Nas mesmas vemos claramente as reacções do Brasil ás idéas promulgadas na Europa. Essas idéas são o classicismo inglez e o “*laissez-faire*” de Adam Smith, e aquelles que as seguiram desde o inicio, e o pratico Saint Simonismo francez de meados do seculo dezenove, do qual a divisa commercial e politica era “*enrichissez-vous*”.

A primeira época é representada pelo Professor José da Silva Lisbôa, adepto de Adam Smith, conselheiro

do Governo e, em virtude de suas actividades, successor dos camarálistas europeus da segunda metade do seculo dezoito. A segunda época é representada pelo grande emprehendedor, o Visconde de Mauá.

Os problemas do seculo dezenove no Brasil correspondem aos problemas mundiaes de um modo geral — a procura da estabilisação economica, organisação e reformas financeiras. Os problemas economicos dominavam os problemas politicos. O paiz ambicionava estabilisação cambial e ordem nas finanças. Dois ministros da Fazenda da Republica parecem representar esse periodo: o brilhante Ruy Barbosa é o typo negativo, e o calmo Joaquim Murtinho o positivo. A luta de Murtinho contra o papel moeda, e as suas tentativas para conseguir o equilibrio financeiro trazem-nos á lembrança, de maneira viva, a actividade contemporanea do Ministro das Finanças da Russia, Serge Witte, e, numa escala menor, da propaganda de europeização de Joaquim Costa na Espanha.

José da Silva Lisboa, Mauá, Murtinho, jazem quasi todos mecio esquecidos no momento. O Brasil aclama os seus lideres politicos e esquece-se dos edificadores da sua economia.

A maior força do seculo vinte na historia economica do Brasil foi a guerra mundial, que revolucionou a estructura economica do Brasil.

ADAM SMITH

O Brasil não era estranho a Adam Smith. Elle mencionou esse paiz no segundo volume da "*The Wealth of Nations*" referindo-se á discussão sobre a producção e o commercio de ouro, e dedica ao mesmo algumas considerações de ordem geral. As suas conclu-

sões foram estas. Durante um longo periodo de tempo, depois do primeiro descobrimento, não se encontrou nesse paiz minas, nem de ouro nem de prata; e como elle fornecia, relativamente a esse assumpto, pouca ou nenhuma renda á Corôa, foi por muito tempo, negligenciado de maneira consideravel. Durante esse periodo de abandono, cresceu e tornou-se uma colonia grande e poderosa. (124)

Esse crescimento do Brasil serve para illustrar a idéa mais generalizada de Adam Smith de que “a colonia de uma nação civilisada, que toma posse seja de um vasto paiz, seja de um paiz escassamente habitado, em que os seus habitantes naturaes facilmente proporcionam lugar a novos colonisadores, avança mais rapidamente no caminho da riqueza e da grandeza do que qualquer outra sociedade humana”. (125)

O começo do seculo dezenove testemunhou em todo o mundo a pronunciada influencia de Adam Smith (126). Dirigentes e estadistas adoptavam as suas idéas como uma nova pedra philosophal.

“*The Wealth of Nations*” foi traduzida e pregada, espelhando o encanto da clareza de Smith sobre o continente europeu. O Brasil, o Brasil intellectual, tambem foi conquistado por Adam Smith. O Brasil protestava contra os exaggeros mercantilistas; a procura pe-

(124) Editado por Edwin Connan, Londres, 1922. Veja-se II, 70.

(125) *Idem*, p. 66.

(126) O unico escriptor brasileiro que menciona a influencia de Adam Smith na Historia do Brasil é Victor Vianna. Veja-se o seu “*Historico da formação economica do Brasil*”, Rio de Janeiro, 1922.

la liberdade industrial achava confirmação e justificação nas paginas do "*The Wealth of Nations*".

As relações brasileiras de longa data estabelecidas com a Inglaterra atravez de Portugal, deram novo estimulo á transplantação do systema de Smith ao solo brasileiro.

A primeira traducção de Adam Smith appareceu na Peninsula Iberica, na Espanha, em 1794. José da Silva Lisboa (o futuro Visconde de Cayrú, 1756-1835) tornou-se o mais ardente adepto e propagandista do grande escossez. Nascido no Brasil, educado em Coimbra, professor de grego e hebraico em Coimbra, professor de philosophia racional e moral na Bahia, mais tarde o primeiro professor nomeado de economia politica no Rio de Janeiro, tornou-se o inspirador e o conselheiro economico do governo portuguez, transferido para o Novo Mundo.

Os seus "Principios de Economia Politica" (Lisbôa, 1804) foram sem duvida escriptos sob a influencia de Smith. No seu livro, "Memoria dos beneficios politicos do governo de El-Rey Nosso Senhor D. João VI" (Rio de Janeiro, 1818), cita Montesquieu, Bentham e, muito mais vezes, Adam Smith. Elle admira a "actividade do commercio e navegação dos inglezes", os negociantes inglezes que trabalhavam com o Banco do Brasil ("viver de papel de credito"); menciona que os cursos publicos e particulares de inglez, especialmente na côrte, eram ouvidos por grande numero de assistentes. Os seus "Estudos do bem commum" (Rio de Janeiro, 1819) são dedicados ao estudo das leis naturaes e civis e têm como objectivo "animar e orientar a industria em geral e promover a riqueza nacional e a prosperidade do Estado".

Ao findar o periodo colonial José Lisbôa aconselhava: "Deixai fazer, deixai passar, deixai vender", imitando a famosa divisa de Gournay. Influenciara a abertura dos portos, a liberdade da industria, a fundação do primeiro Banco. A sua contribuição para a transplantação da Escola Classica Ingleza de Economia para o Brasil jamais não será sufficientemente elogiada.

José Lisbôa era o mais influente, mas não um adepto isolado de Smith. João Rodrigues de Brito, Janeiro da Cunha Barbosa, Gonçalves Ledo, e diversos outros, eram igualmente sensiveis a essa mesma influencia.

Quando em 1807 o Conde da Ponte (o destinatario da Carta Regia — a declaração da abertura dos portos) organisou entre a Nobreza, na Bahia, um inquerito sobre a situação economica e financeira do paiz, todas as respostas (publicadas mais tarde em Lisbôa em 1821) pediam a liberdade commercial, no estylo do *laissez faire*. (127)

O grupo brasileiro em Londres, que editava o "Correio Braziliense" (1808-1821), dirigido por Hyppolito José da Costa (1774-1823), se inspirára nas mesmas idéas. No "Correio" Hyppolito denunciava as faltas e as miserias da administração portugueza (128), baseando as suas idéas sobre Adam Smith.

Aconteceu, entretanto, que Rodrigo de Souza Coutinho, o ultimo Conde de Linhares, ministro e Conse-

(127) As "*Cartas economico-politicas sobre a Agricultura e Commercio da Bahia*", Lisboa, 1821, por Rodrigues de Brito são tambem o resultado desse inquerito. A erudição do autor é notavel e mostra um profundo conhecimento não somente do "*Wealth of Nations*" mas tambem da *Political Arithmetic*, de J. B. Say e Young.

(128) Oliveira Lima, *Formação*, p. 135.

lheiro de D. João, e o iniciador do primeiro Banco do Brasil, também pertencera ao círculo dos admiradores e adeptos de Adam Smith. Um contemporâneo francez caracteriza-o como um “politique et economiste très distingué, très instruit dans presque toutes les branches du savoir”. (129) E o historiador de D. João VI salienta que o Conde de Linhares se achava “sob a influencia de Adam Smith e Turgot”. (130)

Tanto o Governo como a opposição adquiriam a sua sabedoria na mesma fonte — Adam Smith. Mesmo o patriarcha da Independencia, José Bonifacio, que costumava citar Byron e Walter Scott, e dedicar poemas á libertação da Grecia e á independencia do Brasil, pertencia, como seu irmão Martim Francisco, o ministro da Fazenda, aos adeptos de Adam Smith.

A politica economica de d. João no Brasil, amparada pela Inglaterra e dependente da mesma, inspirada pelos adeptos da escola economica ingleza, tornou-se um caso da applicação pratica do “laissez-faire”.

Dessa forma, o desejo secreto do protector britânico, as intenções do Governo e as immediatas necessidades da colonia, onde as criticas mercantilistas de Adam Smith encontravam éco natural, estavam de accordo com a escola theorica daquelle tempo. O começo do seculo dezenove no Brasil manifesta uma rara correspondencia entre as idéas economicas, systemas e necessidades; constitue o inicio da synchronisação da economia do Brasil com a do mundo.

(129) Adrien Balbi, *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe*, II, 106, Paris, 1822.

(130) Oliveira Lima, *D. João VI no Brasil*, ob. cit., I, 168.

O ESPIRITO DE ASSOCIAÇÃO

“O espirito de associação, senhores, é um dos mais fortes elementos da prosperidade de qualquer paiz; elle é, por assim dizer, a alma do progresso”, declarava Irineu Evangelista de Souza, o futuro Visconde de Mauá em 1851, na primeira reunião de accionistas do Banco do Commercio Industria do Brasil (nome que foi mudado, de accôrdo com a sua proposta para o de Banco do Brasil). Esse Banco era naquelle tempo a maior sociedade em acções da America do Sul. O terceiro quartel do seculo XVIII caracterizou-se como periodo de criação economica na historia do Brasil, e singularizou-se pelo apparecimento de bancos, estradas de ferro, fabricas, navios, etc.

“Era uma época de iniciativa; Irineu Evangelista de Souza era a figura central desse periodo. Outros contribuíram para o despertar de iniciativas e empreendimentos que então surgiram mas elle era o centro de convergencia de tudo”. (131)

Era o periodo de criação e adaptação ao progresso technologico do mundo occidental. Naquelle tempo houve, tambem, uma grande alta na Bolsa do Rio de Janeiro. “Façam os seus lances, cidadãos!” “O Jornal do Commercio” de 28 de Maio de 1854, fornece-nos, sob o titulo acima, um quadro pinturesco com grandiosidade, da especulação que campeava na época. A formação de novas corporações, as altas registradas as cotação de Bolsa, a agiotagem, a participação de todos nas grandes cidades, são essas as características desse periodo. O anno de 1859 trouxe para o Rio de Janeiro de-

(131) Victor Vianna, “O Banco do Brasil”, p. 357, Rio de Janeiro, 1926.

zeseis novos Bancos com o capital de 173.600 contos de réis. A lista das companhias por acções em 1861 evidencia a alta febre de especulação desse tempo.

Esse espirito de associação traduzia o espirito da época, predominante em meados do seculo dezenove em todo o mundo.

A encarnação desse espirito no Brasil era o Barão de Mauá (1813-1889). "Houve nessa terra (o Brasil) um homem tão illustre que pode se dizer sem erro que personificou a sua época. . Esse homem chamou-se Mauá". (132)

A vida desse grande emprehendedor constitue um caso typico. Elle era o typo de homem feito por si mesmo, no sentido americano da palavra. Iniciou a sua vida como aprendiz e tornou-se o maior banqueiro do continente sul-americano, estadista e diplomata, ao mesmo tempo que dirigente financeiro da costa do Atlantico da America do Sul, socio dos Rothschilds de Londres, dono de Bancos na Inglaterra, nos Estados Unidos da America, no Brasil, Uruguay e Argentina — um banqueiro verdadeiramente internacional e inter-americano.

Difficilmente, podemos imaginar, agora, a influencia e a actuação de Mauá no terceiro quartel do seculo dezenove. Amado e odiado ao tempo de sua actividade, ficou esquecido depois de sua morte. Existem monumentos a Mauá erigidos em muitas cidades brasileiras; ruas e praças são commemorativas d'elle. Mas, não obstante tudo isso, só recentemente se registrou um renascimento de interesse em torno dessa proeminente figura; e tentativas têm sido feitas para collocar-o no seu verdadeiro lugar na historia brasileira.

(132) Alberto de Faria, *Mauá*, p. 523, Rio de Janeiro, 1926.

As actividades de Mauá no Brasil foram variadas e universaes. Elle introduziu a navegação a vapor no Amazonas e abriu esse rio ao mundo; proporcionou ao Rio Grande do Sul a comunicação transatlantica: creou portos, foi o primeiro e o maior constructor de estradas de ferro no Brasil (mesmo sem subvenções), de estradas, de rodagens e linhas telegraphicas; iniciou a illuminação a gaz no Rio de Janeiro e em outras cidades, foi o contractante do Canal do Mangue, o fundador das fabricas de tecidos, o financiador das minas de ouro, o espirito orientador que vigiava os trabalhos de lançamento de cabos submarinos, e a mais poderosa influencia individual na fundação da famosa Companhia Pastoril Agricola e Industrial, com latifundios no Uruguay e Argentina. Mauá transformou o Rio de Janeiro.

Tristão de Athayde salienta a importancia nacional da actividade de Mauá, chamando-o de "Caxias" da nossa sociedade economica". (133)

Mauá foi o primeiro a empregar no Brasil em larga escala as companhias por acções, utilizando-se da Bolsa de Valores no Rio e no estrangeiro (a de Londres em primeiro lugar) (134) para os seus empreendimentos. Uma descripção da crise de 1875 (o resulta-

(133) Duque de Caxias era o braço direito de D. Pedro II. Elle dominou com mão de ferro motins e revoltas e foi o chefe militar da Guerra do Paraguay.

(134) Um exemplo: "1864 — Emprestimo de Montevideo 6% — de £ 1.000.000 — 1% accumulativo para o Fundo de Amortização. Lançado pelos srs. Mauá & Macgregor & Co., a 60, para resgate da Divida Passiva Interna. Com garantias geraes das Rendas da Republica e especialmente com a de determinadas taxas alfandegarias e direitos de ancoragem". Corporação dos Accionistas estrangeiros, *Fifty Seventh Annual Report of the Council for the Year 1930*, (57.º Relatorio Annual correspondente ao anno de 1930), pag. 403, Londres, 1931.

do ou a causa da tragedia de Mauá?) salienta que “uma grande parte da riqueza de nossa cidade consiste em valiosas acções que constituem o capital de companhias”. (135)

Elle comprehendeu como haveria de aproveitar o dinheiro disponível do paiz. Os depositos do Banco Mauá no anno de 1857 attingiram a 47.703 contos de réis, quando o total do papel moeda emittido era de 118.498 contos.

O seu “vale” era (136) o mais popular; a sua influencia sobre o cambio, immensa.

O primeiro navio no Amazonas, a primeira estrada de ferro para Petropolis, bem como a *São Paulo Railway*, foram productos da iniciativa desse grande gaúcho. A primeira locomotiva passou a ser chamada de “Baroneza” em homenagem á sua esposa.

Elle introduziu o carro de tracção animal em Montevideo, participou de empreendimentos semelha em Bruxellas e Lisboa e teve ligações com iniciativas identicas em Pariz.

Como resultado de diversas reorganizações, a Casa Mauá possuia Bancos em Montevideo, em Buenos Aires, em Manchester, em Londres (Carruthers, de Castro & Cia.) em New York (Carruthers, Dixon & Co.) e em nove cidades do Brasil.

As actividades de Mauá não conheciam limites geographicos. Elle transformou economicamente toda a costa do Atlantico, do Amazonas ao Prata; a sua penetração na região do Prata é um dos mais excitantes capitulos na historia das relações exteriores brasileiras. Elle reorganizou (1857) a sua Agencia em Montevideo

(135) Souza Carvalho, “*A Crise da Praça em 1875*”, pp. VIII-IX, Rio de Janeiro.

(136) Vide Capitulo VI.

no Banco Mauá & Cia., o primeiro Banco que existiu em Montevideo, mais tarde transformado em um Banco emissor em base ouro. Era um grande *estanciero* no Uruguay, organisou fabricas, introduziu o gaz e o telegrapho. Na Exposição Universal de 1862, em Londres, era um expositor do Brasil, mas exhibia igualmente industrias do Uruguay. Uma estrada de ferro para Matto Grosso se lhe afigurava uma via de penetração economica para o Paraguay e a Bolivia, como o tinha sido a abertura do Amazonas aos navios a vapor.

Mas o sonho de Mauá era o de se tornar "uma influencia brasileira nos mercados europeus". (137) Os seus empreendimentos e interesses estavam representados na Europa e nos Estados Unidos da America.

Mauá era Membro do Congresso, um diplomata; em 1850 organisou, para o Visconde de Uruguay, a politica da intervenção no Uruguay; intercedeu de novo em 1864; foi o financiador da guerra do Paraguay (1865-1870).

A opinião geral nos Estados vizinhos era a de que o "Banco Mauá" era a mais poderosa Agencia diplomatica do Imperio", como o Presidente do Banco do Uruguay (ex-presidente da Republica), dr. Claudio Williman, o declarou. "O perigo brasileiro" era o nome de Mauá no Prata. (138)

(137) Faria, *ob. cit.*, p. 258.

(138) Vide Carlos Inglez de Souza, "*A anarchia monetaria e suas consequencias*", p. 801, São Paulo, 1924. — Minhas tentativas com o objectivo de encontrar material relacionado com as actividades de Mauá em Montevideo e Buenos Aires não deram resultado. Mesmo nas fontes mais bem informadas, como na do grande didacta, estadista uruguayo, e ultimo presidente da Republica — dr. Balthazar Brun, em Montevideo, e no Banco Ernesto Tornquist & Cia. Ltda., de Buenos Aires, não puderam auxiliarme. Aproveito esta oportunidade para apresentar a esses senhores os meus agradecimentos.

A carreira de Mauá foi longa. Sobreviveu á serie de crises brasileiras do terceiro quartel do seculo. Mesmo a famosa "Crise de Setembro" em 1864, quando "Souto quebrou", não o attingiu (139).

O fim dessa admiravel carreira (em 1875) foi deploravel. O velho Visconde de Mauá teve de ganhar a sua vida mediante pequenas corretagens de cambio. Depois do collapso do seu Banco, os seus credores não perderam muita cousa. Elles receberam 65% ao fim de 3 annos (1878) e, por occasião da liquidação completa, o seu dividendo attingia a 94,7% (1882)". Esse resultado foi, talvez, unico na historia da fallencia de Bancos no Brasil". (140) Tal resultado foi conseguido, não obstante a crise geral do paiz, porque, alem de causas especiaes, a fallencia de Mauá constituiu parte de uma serie de tragedias financeiras daquella época, visto como tanto o Banco Allemão como o Banco Nacional compartilharam da sua sorte.

A importancia da actividade de Mauá no desenvolvimento economico do Brasil é evidente: elle deslocava as fronteiras economicas do Brasil rapidamente. Estradas e ferrovias significavam ao mesmo tempo portos e caes; e uma vez as estradas de ferro em trafego, a grande era do "trabalhos publicos", que transformou

(139) J. Alves Souto & Cia., estabelecidos em 1834 no Rio de Janeiro eram a casa bancaria particular mais popular do Brasil. J. Nabuco menciona no Vol. II de "*Um Estadista do Imperio*" que "as pequenas economias dos trabalhadores eram depositadas nesse Banco, cuja casa competia até com o Banco do Brasil" (p. 133). A Fala do Throno, de 6 de Maio de 1865, dedica especial attenção á fallencia desse Banco. Carreira, *ob. cit.*, pg. 601. A fallencia de Souto influiu no mercado de Londres. De accôrdo com Carreira, duas firmas em Londres, ligadas a Souto & Cia., suspenderam seus pagamentos (*Ob. cit.*, p. 375).

(140) Faria. *ob. cit.*, p. 244.

uma colonia, tinha o seu inicio. O desenvolvimento dos meios de comunicação resultou em uma nova penetração do interior e no aproveitamento de novas areas. Era a primeira vez na historia do Brasil em que o progresso tecnologico do paiz tinha sido incentivado por um *enthusiasta do mundo commercial*. E esse progresso não ficou limitado ao littoral. Amazonas e Matto Grosso sentiram a pressão da actividade de Mauá, talvez de uma forma mesmo mais positiva do que o Rio de Janeiro e São Paulo. Elle produzia movimento e acção em todas as direcções. Não havia limites para o seu interesse e iniciativa (141).

Faria nos dá um resumo geographico do trabalho de Mauá, que mostra a sua influencia em ampliar e alargar as fronteiras economicas do paiz:

“Não era possivel viajar do extremo norte ao extremo sul do paiz sem encontrar, em cada volta, uma obra do seu genio constructor: — o Amazonas, elle o creára rompendo o deserto das aguas, rasgando mares de florestas á civilisação, com uma linha de navegação de 3.200 milhas que assombrou em 1865, o sabio Agassiz e sua mulher, pela ordem, pela disciplina, pelo asseio dos vapores, fazendo-lhes lembrar o conforto do seu Museu de Cambridge; o Rio Grande do Sul, gloriosa terra de seu nascimento, elle o franqueára tambem á navegação transatlantica, inaugurando o commercio directo com a Europa, varando-lhe a barra, cortando-lhe as areias em 1847 com os seus fortes rebocadores; no centro do paiz, as primeiras linhas de caminho de ferro, as primeiras cinco estradas de trilhos, para o lado

(141) A unica menção ás actividades de Mauá no interior, fui encontrada num estudo de Souza Reis sobre credito publico denominado: “*Divida do Brasil*”, p. 667, Rio de Janeiro, 1915.

do norte, as duas que das capitães de Pernambuco e da Bahia buscaram o S. Francisco, para o lado do sul as tres que transpuzeram a Serra do Mar, umas, como a de Petropolis e de Santos a Jundiaby, obras exclusivamente suas, a outra, obra tão sua como dos que por ella mais fizeram — a E. Ferro D. Pedro II. Por toda a parte, os melhoramentos materiaes, o progresso, o gaz do Rio de Janeiro e de outras cidades, o Canal do Mangue, os costumes modernos, as fabricas de tecidos, a fundição e a construcção Naval em Nictheroy, os engenhos aperfeiçoados de assucar “as industrias que podiam medrar sem grandes auxilios” os transportes urbanos e maritimos, a colonisação estrangeira, a nossa civilisação industrial, emfim”. (142)

Essa actividade fóra do commum, que preencheu o scenario brasileiro de 1847 a 1875, traz-nos á memoria, muito ao vivo o par épico de origem portugueza — os irmãos Pereira, os celebres fundadores do “Crédit Mobilier”, de Paris, constructores de estradas de ferro, admiradores e fundadores do “systema industrial” (143). A hostilidade dos competidores, originando a catastro-

(142) Faria, *ob. cit.*, p. 13-14.

(143) Uma figura espanhola, equivalente de Mauá e Pereira, foi o grande emprehendedor do mesmo periodo, José Salamanca de Espanha. O Marquez de Salamanca, constructor da primeira estrada de ferro na Espanha, autor do desenvolvimento de Madrid, transformador de São Sebastião, socio dos Rothschilds, foi o unico grande financeiro da Espanha no seculo dezanove. Veja-se a recente biographia do Conde de Romanones, “*Salamanca, Conquistador de Riquezas, Gran Señor*”. Madrid, 1931. O conde de Romanones menciona as ligações de Salamanca com “Buschental, um banqueiro brasileiro que gozava de um grande credito e possuia solida fortuna”. (p. 44). Não me foi possível identificar a origem e as actividades de Buschental.

phe do "Crédit Mobilier", (144) parece ter contribuído para a queda de Mauá. Ao findar de sua carreira, quando 7.000 contos podiam ter salvo essa instituição nacional, o conflicto entre Zacharias e Rio Branco foi uma das causas immediatas da tragedia de Mauá. A opposição liderada por Zacharias costumava chamar Rio Branco (Gabinete de 1870-1875) o "socio de Mauá", "o hospede do Barão em Montevideo". Mas Rio Branco comprehendia a importancia de Mauá: chamou a sua fallencia uma "desgraça nacional". O Governo Francez difficultou a realisação do programma de Pereira, de obtenção de titulos a longo prazo, e o projecto de Mauá, da fusão do London & Brazilian Bank com o Banco Mauá, (1864) não foi approved pelo Governo Brasileiro.

Aqui levanta-se uma pergunta: A decidida semelhança entre o trabalho de Mauá e Pereira é pura coincidência? Ou apresenta esta coincidência chronologica (145) e substancial raizes communs, causas communs, uma explicação commum? Possuia Mauá, um programma, um systema? Se possuia, seriam elles propositalmente analogos aos de Pereira?

O biographo de Mauá, Alberto de Faria, dá-nos uma resposta affirmativa. Sim, Mauá tinha um programma; elle era influenciado pelo pratico Saint-Simonismo francez; estava ligado à sua corrente de idéas. Elle resalta a semelhança das expressões de Mauá com as dos escriptos de Saint-Simonianos, especialmente com as de Michel Chevalier. Entre 1853 e 1865, Mauá visitou a Europa dez vezes e teve a oportunidade de aborver as idéas da escola.

(144) Vide J. Plenge, "Gründung und Geschichte des Crédit Mobilier", Tübingen, 1903.

(145) O Crédit Mobilier foi fundado em Paris em 1853.

Faria não nos fornece provas desse contacto, mas, não obstante, menciona a probabilidade de uma ligação pessoal com Lamartine. Seria necessario, sem duvida, fazer-se uma nova investigação nos archivos de Mauá, no Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo nos de Pereira, em Paris, para ficar-se em condições de apresentar uma resposta satisfactoria.

A “Exposição aos Credores” de Mauá, possui algumas idéas em commum com o Saint-Simonismo. Messianismo e industrialismo constituíam partes da philosophia de Mauá. Elle se refere ao “vasto mechanismo de credito que eu tinha em mente, assentado em um capital realisado de 20.000 contos, se constituiria o *Centro* de todo o movimento monetario e financeiro de toda a America Meridional, em ligação intima com os principaes centros monetarios da Europa”. (146)

Nessas palavras sentimos o echo, a hierarchia de bancos de Saint-Simon, e Faria provavelmente tem razão, quando salienta as mysteriosas indicações de Mauá, do seu “novo destino” concluindo que “Na orientação philosophica que o dirigiu, a industria bancaria era a grande arma de combate”. (147)

Precisamente como Saint-Simon demonstrava estar prompto para combater pelo que elle julgava ser direito, sob Washington e Lafayette, da mesma maneira Mauá tomou posição contra Rosas e Oribe. Como Pereira, e, mais ainda, como seu pae espirital, Saint-Simon, Mauá acreditava na omnipotencia da sciencia e fazia-se cercar de collaboradores scientificos.

Influenciado directa ou indirectamente, Mauá representou o Saint-Simonismo *pratico* na America do

(146) Faria, *ob. cit.*, p. 253.

(147) *Id.*, pg. 245.

Sul, e especialmente no Brasil. O Saint-Simonismo *theorico* e a sua phase philosophica, religiosa e social tornou-se importante na America Espanhola. Na Argentina, Chile e Uruguay, os Saint-Simonianos constituem uma pagina na historia politica e intellectual desses paizes. (148)

O Saint-Simonismo theorico não encontrou terreno no Brasil, mas o systema industrial de Saint-Simon e a sua hierarchia de Bancos achou um executor eminente no Visconde de Mauá.

Em seus empreendimentos, Mauá gravitava em torno de Londres. Isso era comprehensivel, em virtude da influencia britannica no Brasil, devido ás suas ligações com os inglezes nos seus primeiros successos, e por causa de sua relações commerciaes com Londres e a sua sociedade com o Rothschilds. Mas o espirito e o estylo de sua maneira de operar eram francezes, porque francezas eram as idéas em voga no Brasil. Nos discursos e trabalhos dos estadistas, bem como nos jornaes da época, encontramos o mesmo espirito Saint-Simoniano. (149)

Em 1849, Joaquim José Rodrigues Torres, o futuro Visconde de Itaborahy, declarou que sendo um "apo-

(148) Veja-se o meu artigo sobre "Saint-Simon e a America", *Social Forces*, Fall, 1932; e sobre as ligações de Mauá com o Saint-Simonista uruguayo, *André Lamas*, veja-se o meu artigo na "*Encyclopedia of the Social Sciences*", vol. VII.

(149) A influencia cultural da França tornou-se forte depois de 1808. D. João importou artistas francezes e cultivava a arte franceza no Rio de Janeiro. O fundador do primeiro grande jornal brasileiro foi um francez. Pode-se ler na edição comemorativa do centenario do jornal: "Tendo sido preso por desobediencia á lei da imprensa, o editor de Voltaire, Pierre Plancher, decidiu emigrar para o Brasil com todo o seu material typographico". (*Jornal do Commercio* — 1827-1927 — outubro, 1, 1927).

logista dos Bancos, desejaria vel-os installados em todas as provincias para reunirem os capitaes dormentes e inactivos, concorrendo assim para fecundar a industria e enriquecer o paiz" (150).

Toda a Europa estava influenciada pelo Saint-Simonismo pratico nos meados do seculo dezenove. Não somente a França, mas a Allemanha, Austria, Russia, Belgica, Hespanha, propagaram o Saint-Simonismo por palavras e actos. O Brasil fôra influenciado pela mesma corrente e Mauá era o seu representante.

SEculo DEZENOVE

O periodo Mauá creou uma atmospherá industrial no paiz. Mas a economia brasileira, no seu conjuncto, no fim do periodo Mauá, e mesmo no fim do imperio, ainda permanecia com um caracter colonial, não obstante a existencia de littoral commercialmente desenvolvido e muitos emprehendimentos industriaes isolados. Mauá introduziu o progresso technologico, mostrou a existencia do capital nacional e um espirito capitalista, organisou os meios de communicacão. Ao mesmo tempo, comtudo, o fazendeiro e o senhor de engenho eram ainda as classes dominantes e um poder economico e politico. O novo surto de actividade, na segunda metade do seculo dezoito, e a abolição da escravatura representavam o ultimo estagio desse dominio. Como no fim do seculo dezesete, ao tempo da corrida para o ouro, as plantações tropicaes do Norte ficaram sem população; os escravos libertos deixavam os seus domicilios e affluíam para as cidades ou para as zonas de café, incentivados pela corrida para o café (151).

(150) Victor Vianna, *Banco do Brasil*, pgs. 330-331.

(151) Vide Cap. II.

A abolição do trabalho escravo, de par com o desenvolvimento das estradas de ferro, estimulou a mobilidade da população, até então estavel e radicada nos lugares onde vivia. Verificou-se, então, um caso typico de *Zug nach der Stadt*. Uma nova classe de trabalhadores, revolucionada pela economia monetaria, dividiu a remanescente economia colonial da costa. Trabalhadores livres, novos consumidores, novos mercados, novas industrias, caracterizam o decorrer do seculo dezanove. A tarifa protecionista de 1888 (ver capitulo V) estimulou as novas tendencias.

O panorama externo da primeira decada republicana não possui o brilhantismo do fim do imperio, que refletia a sua hegemonia politica sobre o Continente, alto credito financeiro na Europa, e o encanto pessoal do imperador. A primeira decada da Republica assinalou um periodo de desorganização e confusão economica. Papel moeda, inflação, attentados abortivos na legislação, perpetuas reformas, o periodo finalisou-se com a suspensão do serviço federal da divida externa, visto como não podemos chamar de outra cousa a operação de *funding-loan* de 1898.

Internamente, foi um periodo da continuação do trabalho de Mauá, da sua consolidação, da adaptação ao novo systema, refundido do periodo de Mauá, e da abolição da escravatura.

Geographicamente, este periodo, (até a Guerra Européa) caracteriza-se pela transferencia do centro de gravidade economica nacional do norte para o sul. São Paulo tornou-se o novo centro economico do paiz e o seu lider politico. A economia do sul baseava-se no café, da mesma forma que a do norte no assucar e algodão. O colono italiano em São Paulo, e o pequeno sitiante

alemão, no Rio Grande do Sul, representam o novo typo de estrangeiro.

A transformação do fazendeiro no novo typo do paulista, aqui occorreu muito mais cedo do que em qualquer outra parte do paiz.

Este periodo da consolidação economica do littoral era comparavel a um novo movimento das fronteiras economicas no interior. Mauá brilhava de uma forma unica e grandiosa. Os novos tempos originaram o apparecimento de muitos outros pequenos Mauás no sul do paiz. A procura de productos estimulou o crescimento de estabelecimentos industriaes, os quaes se esforçavam por satisfazer ás necessidades dos novos freguezes. A principal caracteristica dessas novas industrias consistia no character local de seus mercados, não fabricas em grande escala para o mercado nacional, mas fabricas locais para consumo local, competindo com os productos estrangeiros, graças á dupla defesa da tarifa e dos fretes.

E' bastante difficil illustrar esse desenvolvimento mediante a utilização de dados estatisticos, visto que as cifras dos quatro recenseamentos brasileiros, especialmente no que se refere a dados industriaes e empregos segundo as profissões, são inteiramente antagonicas, e as que se referem aos questionarios e á composição dos paragrafos nunca são uniformes (152).

(152) A Directoria Geral de Estatistica (creada em 1871) organisou o primeiro recenseamento em 1872; o segundo em 1890 (publicado em 1900); o terceiro em 1900 (publicado em 1908); algumas estimativas officiaes foram compiladas em 1910 e o quarto recenseamento foi organizado em 1920 (cujo resultado foi continuamente publicado no periodo 1922-1930). Um recenseamento industrial especial foi levado a effeito em 1907.

No periodo de 1890-1914, 6.946 novos estabelecimentos industriaes foram fundados (até 1889 havia somente 626) (153).

A tabella a seguir demonstra as principaes phases do desenvolvimento industrial do paiz.

ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAES DE ACCÓRDO COM O PERIODO DE SUA FUNDAÇÃO:

<i>Periodo de fundação</i>	<i>Porcentagem do capital empregado</i>
Antes de 1849	1.4
de 1850 a 1854	0.2
1855 a 1859	0.2
1860 a 1864	0.4
1865 a 1869	0.6
1870 a 1874	2.3
1875 a 1879	1.3
1880 a 1884	3.2
1885 a 1889	11.2
1890 a 1894	11.8
1895 a 1899	5.0
1900 a 1904	6.0
1905 a 1909	12.4
1910 a 1914	18.5
1915 a 1919	24.2
Desconhecido	1.3
Total	100.0

FONTE: *Recenseamento do Brasil 1920*, V (1.^a parte) 1/xx. Rio, 1927.

(153) Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. Contribuição do Museu Agricola e Commercial. *Produção Industrial do Brasil*, p. 10, Rio de Janeiro, 1928.

Esse quadro mostra claramente que de 1885-1914 foi o periodo da creação da Industria brasileira: cerca de 65 por cento do capital foi empregado nesse periodo. Devemos considerar que o desenvolvimento virtualmente iniciou-se, não em 1885, mas ao findar do seculo dezoito e que 1895-1904 mostra somente 11 por cento do total do capital empregado. Apontando esse facto, podemos considerar a industria brasileira como o resultado de um desenvolvimento de 15 annos (1905-1919).

Até 1890 não havia industria no Brasil, a não ser no littoral. As cifras de 1890-1919 são de especial importancia com referencia ao movimento da fronteira economica, porque nos dão a prova de que o novo movimento conduziu o inicio do desenvolvimento industrial para o interior, diminuindo dessa forma a esphera do sertão.

DISTRIBUIÇÃO POR REGIÕES DO CAPITAL EMPREGADO NA INDUSTRIA:

ESTADOS	<i>Porcentagem do capital empregado em empreendimentos industriaes fundados entre</i>	
	1890 e 1819	
Alagôas	79,6	
Amazonas	99,9	
Bahia	72,7	
Ceará	85,3	
Districto Federal	51,3	
Espirito Santo	98,0	
Goyaz	100,0	
Maranhão	75,3	
Matto Grosso	98,3	
Minas Geraes	79,9	
Pará	71,1	

Parahyba	84,9
Paraná	86,3
Pernambuco	79,1
Piauhy	100,0
Rio de Janeiro	70,1
Rio Grande do Norte	94,2
Rio Grande do Sul	91,0
Santa Catharina	93,1
São Paulo	92,0
Sergipe	85,3
Territorio do Acre	100,0
Total	77,9

FONTE: *Recenseamento do Brasil, 1920. V (1.ª parte) 1/xxiii. Rio de Janeiro, 1927.*

Se fizermos uma distribuição dos Estados, dividindo-os segundo os cinco grupos de estradas de ferro, podemos verificar que se trata da primeira penetração da industria no interior dos Estados.

DISTRIBUIÇÃO, POR REGIÕES, DO CAPITAL EMPREGADO EM ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAES, DE ACCÓRDO COM OS CINCO GRUPOS DE ESTRADAS DE FERRO:

ESTADOS	<i>Porcentagem do capital empregado em estabelecimentos industriaes fundados entre 1890 e 1919</i>
GRUPO I	
Amazonas	99,9
Goyaz	100,0
Matto Grosso	98,3
GRUPO II	
Pará	71,1
Maranhão	75,3
Piauhy	100,0
Ceará	85,3

GRUPO III

Rio Grande do Norte	94,2
Parahyba	84,9
Pernambuco	79,1
Alagoas	79,6
Sergipe	85,3
Bahia	72,7

GRUPO IV

Espirito Santo	98,0
Rio de Janeiro	70,1
Minas Geraes	79,9
São Paulo	92,0
Districto Federal	51,3

GRUPO V

Santa Catharina	93,1
Paraná	86,3
Rio Grande do Sul	91,0
Territorio do Acre	100,0

Total	77,9
-------------	------

FONTE: Idem.

As cifras relativamente baixas do capital empregado em empreendimentos industriaes nesse periodo, no Districto Federal, Rio de Janeiro, Maranhão, Pará e Pernambuco, são devidas ás actividades industriaes de Mauá no periodo antes de 1890. (154)

O Estado de São Paulo é o mais desenvolvido do Brasil; a sua população é bem acima de seis milhões no presente momento; (155) a sua capital — a cidade

(154) Para uma vivida descripção dos primeiros passos de industrialização no Brasil veja-se "Recenseamento do Brasil", 1920, vol. II, 2.^a parte (*Agricultura e Industrias do Districto Federal*), p. xvii.

(155) A população do Estado de São Paulo passa por ser de 6.175.685 em 31 de Dezembro de 1927, com a população de 907.065 para a cidade de São Paulo. *Annuaire du Brésil, 1929-1930*, p. 29, Paris, 1929.

de S. Paulo — é a segunda cidade em tamanho no Brasil e a terceira na America do Sul, uma cidade que cresce como se fôra tocada por um passe magico. Esse desenvolvimento verificou-se no decorrer do seculo dezenove, consequencia do surto do café, do surto industrial, da ampliação da area economica do proprio Estado. No decorrer do seculo 19 creou-se uma grande quantidade de pequenos estabelecimentos industriaes, muitos delles oscillando entre uma pequena officina e uma fabrica — verdadeiras officinas, produzindo apenas para o novo mercado domestico.

Dois estadistas personificam a epoca de 1890-1914, o primeiro Ministro da Fazenda da Republica, Ruy Barbosa, e o reformador das finanças brasileiras, Joaquim Murтинho. No capitulo V teremos oportunidade de travar conhecimento com essas duas personalidades.

A GUERRA MUNDIAL

Trez paizes sahiram lucrando economicamente, como resultado immediato da Guerra: os Estados Unidos, o Japão e o Brasil. Um observador francez declara que: “No Brasil, sobretudo, é quasi uma revolução economica que se prepara”, (156) mas evolução economica é muitas vezes uma historia de revoluções economicas. O crescimento industrial do seculo dezenove tornou-se offuscado pelo desenvolvimento do periodo da guerra. A guerra deu uma noção de tempo ao processo de industrialisação; assegurou ás empresas novas um monopolio do mercado nacional, e trouxe com elle a possibilidade de entrar nos mercados do estrangeiro;

(156) A. Demangeon, *Le déclin de l'Europe*, p. 145, Paris, 1920.

ella forçou o desenvolvimento nacional, em virtude de as importações terem sido restringidas.

Em 1914 o Brasil importava quasi todos os productos industriaes que consumia. “Foi devido ás difficuldades encontradas durante a guerra para a importação de artigos manufacturados que os brasileiros decidiram explorar um grande numero de industrias; e o resultado disso foi o Brasil começar a produzir muitos artigos de primeira necessidade. O Estado de São Paulo e a Capital da Republica tornaram-se, como consequencia da guerra, grandes centros da produção industrial.

“Ao mesmo tempo, os productos agricolas e pastoris augmentaram de maneira extraordinaria, e o Brasil como é geralmente sabido tornou-se uma das principais fontes de supprimento da Europa”. (157)

Essa asserção, feita pelo optimista diplomata brasileiro, é, naturalmente, exaggerada; mas não deixa de ser verdade que a guerra constituiu um estimulo para uma primeira tentativa visando a implantação da polycultura.

“Ao deflagrar da guerra o Brasil perdia o commercio dos Imperios Centraes, que attingia a 4.000.000 de saccas de café annualmente (de 132 libras cada). Os alliados restringiram a sua importação de café; em 1917 os Estados Unidos seguiram o exemplo. A borracha teve sorte identica. Privado dos Imperios Centraes, com as suas importações restringidas pelos alliados, o paiz ficou dependente apenas de um grande e

(157) Hannibal Porto, *O Brasil Economico em 1920-1921*, p. 41, Rio de Janeiro, 1922.

unico comprador, os Estados Unidos. Entrando os Estados Unidos na guerra, a borracha foi collocada na lista dos productos sujeitos a restricções, diminuindo dessa forma consideravelmente a exportação de borracha brasileira.

“Agindo de conformidade com essa situação, o Brasil adoptou a diversificação da agricultura e deu um impulso mais vigoroso aos trabalhos de criação de gado. A diversidade de climas permite ao Brasil produzir uma extraordinaria variedade de productos; o seu clima vac desde o tropical ao temperado, e existem vastas areas de terras ferteis bem providas de madeira e de agua. Antes da guerra, as exportações limitavam-se a alguns principaes productos, coco, cera de carnauba, madeiras e fructas. Desde aquelle tempo, o Brasil passou a ser tambem um grande exportador de arroz, carne congelada, feijão e farinha de mandioca” (158).

Manifestou-se um resurgimento dos productos primitivos, influenciado pelos preços da guerra. Um exemplo typico disto foi o augmento verificado na exportação do assucar, de 5.000 toneladas em 1913 para 252.000 toneladas em 1922.

As maiores realizações se deram no campo industrial. 5.940 novas empresas industriaes estabeleceram-se durante os annos 1915-1919 contra 6.946 no periodo de 1890-1914 e 626 antes de 1889. O valor da produção industrial augmentou de 1.350.000 contos de réis em 1914 para 3.000.000 de contos em 1920 (159).

(158) Arthur Redfield, *Brazil, A Study of economic conditions*, p. 20. Tambem: *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional*, pp. 38-39, Rio de Janeiro, 1919.

(159) “*Produção Industrial do Brasil*”, *ob. cit.*, p. 8.

Esse desenvolvimento foi ainda mais rapido nas grandes cidades, como se vê do seguinte quadro:

ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAES SEGUNDO A DATA DA FUNDAÇÃO — DISTRICTO FEDERAL (Recenseamento de 1920)

	Até 1889	1890-1914	1915-1919	TOTAL
N.º de estabelecimentos	139	632	771	1.542
Capital empregado (em c/ réis)	215.096	167.630	58.942	441.669
Força em H. P.	37.359	25.128	10.071	72.558
N.º trabalhadores	21.113	23.280	12.124	56.517
Valor da produção (contos rs.)	273.969	283.957	119.627	677.553

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatística, *Resumo das varias Estatísticas Economico-Financeiras*, p. 42, Rio de Janeiro, 1924.

O resenceamento de 1920 nos dá um importante quadro da nova situação:

Numero de estabelecimentos industriaes	Capital investido (contos de réis)	H. P.	Numero de empregados	Valor da produção (contos de réis)	
Total geral	13.336	1.815.136	310.424	275.512	2.989.176

FONTE: *Recenseamento do Brasil, 1920*, V (pt. I) xxii-xxiii. Rio de Janeiro, 1927.

O desenvolvimento de algumas industrias é ainda mais notavel, se tomarmos para comparação dados da estatística industrial de 1907.

INDUSTRIAS DE PRODUCTOS ALIMENTICIOS ABRANGIDAS PELO RECENSEAMENTO DE 1907 E 1920:

	<i>Total em</i> 1907	<i>Total em</i> 1920
Numero de estabelecimentos	1.095	2.523
Capital (contos de réis)	116.375	356.402
Numero de empregados	29.182	40.615
Valor da produção (contos de réis)	212.557	911.788

FONTE: Id. p. XXIV.

INDUSTRIAS DE TECIDOS ABRANGIDAS PELO RECENSEAMENTO DE 1907-1920:

	<i>Total em</i> 1907	<i>Total em</i> 1920
Numero de estabelecimentos	222	391
Capital (contos de réis)	270.101	663.332
Numero de empregados	52.656	103.945
Valor da produção (contos de réis)	174.541	687.113

FONTE: Idem, p. xxv.

INDUSTRIAS DE PRODUCTOS CHIMICOS ABRANGIDAS PELO RECENSEAMENTO DE 1907 E 1920:

	<i>Total em</i> 1907	<i>Total em</i> 1920
Numero de estabelecimentos	255	551
Capital (contos de réis)	50.371	128.512
Numero de empregados	8.776	11.574
Valor da produção (contos de réis)	66.626	187.421

FONTE: Id. p. XXVII.

O resultado da comparação dos dados de 1907 e 1920 nos dá a seguinte compilação:

**RESULTADO DO CENSO INDUSTRIAL DE 1907 COMPARADO COM OS RESULTADOS
DO CENSO DE 1920**

INDUSTRIAS	Numero de estabelecimentos		Capital, em contos de réis		Numero de empregados		Valor da produção (contos de réis)		PORCENTAGEM: AUMENTO OU DIMINUIÇÃO (1)			
	1907	1920	1907	1920	1907	1920	1907	1920	Numero de estabelecimentos	Capital	Numero de empregados	Valor da produção
									—	—	—	—
Calçados	119	1319	10117	49247	7379	11814	26727	140512	1.008.4	386.8	100.8	425.7
Charutos, cigarros e outros art. p/ fumantes.	101	296	12951	49857	7407	14510	20319	106747	161.6	283.0	95.9	425.4
Cortumes e cortimento de pelles e couros	108	354	9185	38190	1967	3946	15091	57851	227.8	302.6	100.6	283.3
Industria fiação e tecidos (1)	163	266	235258	579790	46102	92462	135674	580952	63.2	146.4	100.6	328.2
Fundição e outros trabalhos de metaes	203	415	26755	47967	7662	10836	35783	74410	104.4	79.3	41.4	108.0
Gelo	5	29	550	15873	81	479	1734	4056	—	2.786.0	—	133.8
Moveis	85	477	6033	17598	2843	7501	11760	35050	—	191.7	163.8	198.0
Vidro e crystal	7	38	2975	12969	1328	5789	3638	21820	—	335.9	335.9	582.2
Outras industrias (2) ..	27	4492	2392	279856	403	39593	2752	562785	—	11.599.7	9.724.6	20.350.1

(1) Inclusive duas fabricas de tecidos em 1907.

(2) Incluindo as seguintes industrias: Fabricação e pintura de imagens, dois estabelecimentos; fiação e tecidos de "aramina", um estabelecimento; fabrica de fogos, um estabelecimento; fabrica de maizena, um estabelecimento; fabrica de ferro incandescente, um estabelecimento; fabrica de joias, 20 estabelecimentos.

(3) As relações proporcionaes nos resultados numericos, cujo base não alcançam a 100, são omitidas.

FONTE: Id. pp. xxxviii, xxix, xxx, xxxi.

Nota: Esta investigação de 1907 não abrange a totalidade das industrias, mas consiste no resumo de dados relevantes apenas a algumas.

Sobrecarrego esta parte do livro com cifras demonstrativas, sob diversos aspectos, do desenvolvimento industrial, porque uma investigação das mudanças na distribuição da natureza das ocupações da população infelizmente é impossível. Os quatro recenseamentos existentes a este respeito estão inteiramente em desacordo entre si e não merecem confiança. (160)

Nesse periodo, a força electrica foi introduzida em larga escala na economia brasileira.

PERIODO DA FUNDAÇÃO DAS USINAS DE ENERGIA ELECTRICA

	Numero de usinas	FORÇA	
		H. P.	por cento
Até 1890	2	10.350	2.2
De 1891 a 1895	2	3.705	.8
1896 a 1900	6	3.386	.7
1901 a 1905	17	43.337	9.1
1906 a 1910	60	143.123	30.1
1911 a 1915	104	192.679	40.5
1916 a 1925	152	79.072	16.6
Total	343	475.652	100.0

FONTE: *Recenseamento do Brasil 1920.V.* (Parte 3) XIV, Estatísticas complementares, Rio de Janeiro, 1929.

(160) Difficilmente pode-se fazer uma idéa das complicações, confusão e desorganização, existentes nas estatísticas, a respeito de profissões. A tentativa recentemente levada a effeito (*Recenseamento 1920*, vol. IV, parte 5, pg. Vii, Rio de Janeiro, 1930) para comparar as cifras de 1872, 1900 e 1920, nos leva a uma confusão ainda maior. Parece-me que o unico caminho é confrontar, de accordo com uma base uniforme de classificação, os questionarios originaes de cada recenseamento, caso existam.

Falando de uma maneira geral o periodo de desenvolvimento durante a guerra seguiu, em escala maior, o typo do seculo dezenove, com a fundação de um grande numero de pequenas officinas, conforme descrevi em outro lugar (161).

Ali, tambem, mencionei a tendencia para a centralisação, especialmente na industria textil e em diversas outras.

O quadro é ainda mais claro, se examinarmos as mudanças na forma legal de direitos de propriedade. Um pequeno numero de companhias por acções (4%) domina 50 por cento da produção.

Forma de organização	Porcentagem em relação a				
	Numero de estabelecimentos	Capital	H. P.	Numero de empregados	Valor da produção
Empresas particulares	96.0	38.0	40.5	53.5	51.2
Corporações	4.0	62.0	59.5	46.5	48.8
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: *Recenseamento do Brasil, 1920, V (1.ª parte) IV, Rio de Janeiro, 1927.*

As industrias migraram para novas regiões estimuladas pelo alto custo de transporte. A plantação de assucar expandiu-se para o Estado do Rio de Janeiro, onde uma pequena cidade, Campos, logo se desenvolveu em um novo centro assucareiro com a população de 200.000 habitantes. O cultivo do tabaco espalhou-se pelo Rio Grande do Sul. As mais notaveis foram as migrações para o Sul. São Paulo, deixou de ser o unico Estado em que existia a industrialisação; ella foi transferida para o sul, creando-se no Rio Grande do Sul um novo centro industrial (162).

(161) *The Struggle for South America* (Capitulo V).

O desenvolvimento do periodo da guerra alargou a discrepancia entre o Brasil economico e politico. A distribuição dos estabelecimentos industriaes, de accôrdo com os cinco grupos de Estados, mostra como o progresso de São Paulo foi notavel nesse sentido.

ESTABELECEMENTOS INDUSTRIAES EXISTENTES EM
SETEMBRO DE 1920

	Número de estabelecimentos	PORCENTAGEM EM RELAÇÃO A				N.º médio de trabalhados, p/ estabelecimento
		Capital	Força em H. P.	Numero total de trabalhadores	Valor da produção em 1919	
GRUPO I Amazonas, Goyaz, Mato Grosso8	.6	.7	.3	.6	11
GRUPO II Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará	4.6	3.2	3.3	4.2	3.2	21
GRUPO III Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoás, Sergipe, Bahia ...	14.8	11.0	11.0	16.3	11.4	24
GRUPO IV Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo, Districto Federal ..	55.8	67.8	70.6	66.6	67.3	27
GRUPO V Santa Catharina, Paraná, Rio G. do Sul	24.0	17.4	14.4	12.6	17.5	12
Territorio do Acre01	.01	.01	.01	.01	2
	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	27

FORNTE: Ministério da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral do Estatística, *Resumo de Varias Estatísticas Economico-Financieiras*, p. 38. Rio de Janeiro, 1924.

Esse processo se evidencia de forma mais positiva quando se estuda o rapido crescimento das cidades grandes do Brasil.

(162) Vide: *As forças economicas do Rio Grande do Sul (1822-1922)*, Porto Alegre, 1922.

**AUGMENTO RELATIVO DA POPULAÇÃO DAS PRINCIPAES
CIDADES DOS ESTADOS DO BRASIL, DIVIDIDAS POR GRU-
POS, COM REFERENCIA AOS ANOS DE 1872, 1890, 1900 E
1920 E TOMANDO-SE O ANNO DE 1872 COMO BASE**

	Porcentagem relativa: 1872 = 100%			
	1872	1890	1900	1920
GRUPO I	100	87	116	155
Manaus — Amazonas	100	152	171	258
Goyaz — Goyaz	100	90	70	111
Cuiabá — Matto Grosso .	100	49	96	94
GRUPO II	100×	97×	145×	271×
Belem — Pará	100	81	156	381
São Luiz — Maranhão ..	100×	94×	119×	171×
Therezina — Piauhy	100	145	209	261
Fortaleza — Ceará	100	96	114	185
GRUPO III	100	112	128	219
Natal — Rio Grande Norte	100	67	79	151
Parahyba — Parahyba ..	100	75	117	214
Recife — Pernambuco ..	100	96	97	205
Maceió — Alagoas	100	114	131	268
Aracaju — Sergipe	100	171	221	392
S. Salvador — Bahia	100	135	159	220
GRUPO IV	100	173	305	514
Victoria — Espirito Santo	100	105	73	135
Nitheroy — Rio de Ja- neiro	100	72	112	181
Bello Horizonte — Minas Geraes		—	100+	412+
São Paulo — São Paulo ..	100	207	764	1.845
Districto Federal	100	190	295	421
GRUPO V	100	131	189	364
Florianopolis — Santa Ca- tharina	100	119	125	151
Curityba — Paraná	100	194	390	624
Porto Alegre — Rio Gran- de do Sul	100	119	167	407

× as cifras para S. Luiz são incompletas: "31.04" é o numero relativo baseado em 1.000.

+ para a cifra de 1900 deve-se tomar como base o numero 100.

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral da Estatistica, *Synopse do Recenseamento 1920, População do Brasil*, p. 39. Rio de Janeiro, 1922.

O periodo de após-guerra, especialmente sob o ponto de vista do commercio estrangeiro, emprego de capital e processos de industrialisação, é discutido pelo autor no seu livro "*The Struggle for South America*" (A luta pela America do Sul). E' a continuação das tendencias descriptas nestas paginas, uma continuação, a despeito das novas perturbações politicas e da crise de após-guerra.

O recente Relatório de uma Missão Industrial Ingleza á America do Sul, salientou o facto de que "um importante factor, que deverá estar presente ao espirito, é que o Brasil já fez grande progresso, como paiz manufactureiro, e a politica do ultimo Governo foi fortemente proteccionista, mas que a do presente Governo Provisorio tornou-a menos restrictiva. Grande parte dos manufactureiros de Sheffield sem duvida ainda está sob a impressão de que no Brasil os productos agricolas sobrepujam bastante os productos manufacturados, quando precisamente o contrario é que se verifica. As cifras officiaes conseguidas no Departamento do Commercio Exterior, Relatório de Novembro de 1929, são as seguintes:

Valor approx. dos productos agricolas (12 mezes)	£ 179.000.000
Valor Industrial (12 mezes)	£ 185.000.000
(approx.) (163)	

Em um recente e interessante livro, um economista germanico, Walter Hoffmann dispoz-se a inves-

(163) *Report of the Sheffield Industrial Mission to South America*, p. 26, Londres, 1930.

tigar os estagios e typos de industrialisação (164). Elle faz distincção entre o processo quantitativo e qualitativo (na propria industria). Sob este ponto de vista, o Brasil ainda pertence ao typo quantitativo; o processo de transição do dominio da producção do alimento e tecidos para a do ferro, metal e machinario ainda não começou. O industrial do Brasil ainda se dedica, na sua maior parte, á producção de artigos de consumo. A questão do si e quando o Brasil entrará na segunda phase depende da solução do grande problema da metallurgia brasileira e da importação do capital estrangeiro. O primeiro problema excede o proposito do presente estudo (165); quanto ao segundo, voltaremos a elle no capitulo VII.

Mas, constitue um criterio de “avestruz” ignorar a industrialisação que se processa, queixar-se das “industrias artificiaes”, e pretender o retorno a uma vida puramente agricola. A guerra não foi a creadora desse processo; elle existe desde o seculo dezenove; a sua ideologia nos conduz até Mauá. A guerra acelerou a sua velocidade. Em cinco annos o paiz realisou um trabalho, que provavelmente levaria decadas para ser realisado sob condições normaes. Uma revolução estructural substituiu uma evolução estructural, sem mudança da direcção do processo.

(164) *Stadien und Typen der Industrialisierung*. Ein Beitrag zur quantitativen Analyse historischer Wirtschaftsprozesse. (Problema der Weltwirtschaft, 54) Jena 1931. O exemplo da America do Sul, e especialmente do Brasil, confirma o periodo logico-historico de Hoffmann.

(165) Para uma breve discussão deste problema vide Eduard Wolf, *Die Neuindustrialisierung der Erde und ihre Auswirkungen auf den Europäischen Industrie — Kapitalismus*, p. 46, Münster, 1931.

Mas, talvez mesmo mais importante do que os resultados immediatos da incipiente industrialisação, foi o crescimento da psychologia industrial.

O paiz deixou-se dominar pelo sentimento de sua emancipação da vassallagem economica estrangeira (166).

(166) O Ministro da Fazenda, João Ribeiro de Oliveira e Souza, expressou essa nova psychologia nas seguintes palavras: "No presente momento historico cada nação tem de contar com as suas proprias forças, se ella deseja affirmar a sua autonomia entre as demais nações amigas". *Relatorio do Ministerio da Fazenda — 1919*. Introducção, pp. V e VI. Rio de janeiro, 1919.

CAPITULO V

UM SECULO DE FINANÇA PUBLICA

Le budget, monstre énorme, admirable poisson,
A qui, de toutes parts, on jette l'hameçon.

VICTOR HUGO

A deslocação de fronteira no Brasil foi da maior influencia na sua historia financeira (167). O "Brasil Economico", relativamente pequeno, tinha que supportar o vasto Brasil politico. A população da costa e do interior proximo tinha que cobrir as despesas do paiz immenso e escassamente povoado. A pequena parte desenvolvida do paiz tinha e ainda tem de provar os recursos financeiros para a parte não desenvolvida. O Brasil economico, ainda não industrializado, arca com a despesa de possuir futuras colonias no Amazonas, Matto-Grosso, Goyaz, e outros Estados do interior, que não puderam ser povoados nem desenvolvidos, mas ti-

(167) A bibliographia sobre historia de finança publica no Brasil não é somente pobre mas praticamente não existe ainda. Monographias de polemicas discutindo problemas de momento e colleções de artigos de jornaes são numerosos. A tentativa de Walter Schuck num artigo recente no *Finanz-Archiv* (1930, Bd. 47, H. 2 — *Finanzwesen und Stuersystem des Brasilianischen Bundes*) de dar uma bibliographia desse assumpto, é, naturalmente incompleta; elle omitta mesmo os mais importantes trabalhos, como os de Amaro Cavalcanti, Inglez de Souza e Ramalho Ortigão.

veram de ser supportados. O paiz teve de organizar e pagar a administração para receber e gastar as rendas; teve de supportar a justiça e o exercito e prover ás mais elementares necessidades das colonias internas.

E' naturalmente um exaggero comparar "Os Estados Unidos do Brasil a um trem de vinte e um vagões puxados por uma locomotiva, que seria o Estado de São Paulo", mas substitua-se São Paulo pelo "Brasil Economico", e a comparação será verdadeira.

Ouvem-se queixas de alguns Estados de que São Paulo é muito favorecido pela União. O desenvolvimento diverso dos Estados e a sua differente participação na vida fiscal da federação tornaram-se uma fonte permanente de desorganização politica, insatisfação local e difficuldades financeiras. Concordo com Helio Lobo na sua expressão "o espectro da successão" (168). A existencia de conflictos entre os Estados é um facto que tem de ser considerado.

As tentativas de deslocar a fronteira politicamente tambem influenciaram, naturalmente, as finanças do paiz. As longas decadas de conflicto na fronteira sul causaram não somente despezas para preparações militares e guerras, mas tambem para subsidios monetarios aos alliados do Brasil. A espada e a bolsa estiveram á sua disposição. O Imperio brasileiro financiou a Argentina e o Uruguay nos periodos de emprezas communs no Prata.

A última tentativa de deslocação da fronteira politica no periodo da primeira republica — a aquisição do Territorio do Acre — causou uma extraordinaria despeza, não só pela occupação e pela indemniza-

ção da Bolivia, mas tambem para o assentamento de negocios com o Syndicato Boliviano. (169)

A economia brasileira, na maior parte do seculo dezenove, teve ainda um caracter accentuadamente colonial. As formas politicas mudaram rapidamente; a colonia tornou-se reino, Imperio, republica; teve uma forma de governo e um orçamento constitucional. O typo de economia mudou muito mais lentamente. Predominava ainda o typo de economia colonial, de dependencia de colheitas tropicaes, e do trabalho escravo. O fazendeiro, como vimos, era o principal typo economico e a força politica dominante.

O estylo colonial da economia determinou as finanças do seculo e esteve em continuo conflicto com estas, porque as formas politicas e as novas necessidades do Estado independente necessitavam de maiores rendas, que a economia colonial era incapaz de prover. A organização fiscal era forçada a cobrir as suas necessidades por meio de emissão de papel moeda e emprestimos, os quaes, accumulando-se, contrabalançaram o desenvolvimento do paiz, collocando sobre o Estado uma carga exaggerada de obrigações financeiras.

Estes conflictos entre a economia e as finanças, um conflicto commum á maior parte dos paizes sul-americanos, tornou-se o traço dominante da historia financeira do Brasil.

No capitulo, II, seguimos a mudança perpetua dos productos principaes, como o traço dominante da eco-

(169) Comp. Ministro da Fazenda, Leopoldo de Bulhões, no seu *Relatorio* de 1903, pag. XV. Rio de Janeiro, 1903. O estudo do Syndicato Boliviano, organizado por um grupo de americanos e bolivianos em New York, ainda não foi realizado. Foi um caso extremo de inter-relação entre politica e finanças.

nomia brasileira. Não é de admirar que as finanças do paiz, dependendo dessa economia, se tornassem instáveis e desiguaes, caracterizando-se por uma ausencia constante de equilibrio.

A espinha dorsal da sociedade do imperio era o fazendeiro. Sua riqueza era systematicamente evitada como objecto de taxaço. A classe commercial era fraca; a industrial e a operaria, quasi inexistentes; o escravo não era um subdito economico, e sim um objecto. As necessidades financeiras do estado só podiam ser cobertas por taxaço indirecta, na maior parte por meio de direitos de importação, e assim, a alfandega tornou-se o centro do systema fiscal.

Somente no tempo de Mauá, que lançou os primeiros principios da industria e preparou o terreno para o elemento urbano, tornou-se possivel fazer alguma cousa em prol de uma nova organização do systema financeiro.

Do ponto de vista financeiro, o periodo republicano apresentou uma serie de tentativas de reajustamento entre as finanças e a economia. A Republica começou a considerar o elemento urbano como a espinha dorsal do novo systema financeiro. O primeiro presidente, o marechal Deodoro da Fonseca, no seu Manifesto (Novembro, 3, 1891) chama a industria e o commercio "esta poderosa classe".

Podemos seguir este objectivo atravez do primeiro periodo republicano. O mesmo Deodoro da Fonseca, abrindo a Assemblêa Constituinte, salientou a intenção do governo de "dar mais autonomia ás classes industriaes, modificando as velhas leis num sentido mais liberal, regulando as instituições de Sociedades Anonymas, o regime de terras e o regime de bancos;

e este passo abriu um campo immensamente largo á iniciativa individual (170). Dez annos mais tarde Serzedello Corrêa fala do "regime industrial, que é vantajoso ás nações que desejam ser grandes e poderosas" (171).

O Presidente Rodrigues Alves caracterizou a classe commercial como "a honesta classe que com tantos sacrificios sobrepujou as mais serias e desanimadoras difficuldades (172).

O Presidente Nilo Peçanha é ainda mais positivo: elle menciona "a industria manufactureira, cuja importancia, hoje, não pode ser negada, e cujos capitães já representam uma parte da riqueza do paiz (173).

Estas declarações industrialistas reflectiam as mudanças que haviam occorrido na estrutura fiscal, quando o imposto de consumo e circulação e uma embryonica taxação directa começavam a ter uma importancia crescente, parallelamente ao decrescente papel dos direitos de importação. A evolução financeira correspondeu á economica e social, apesar de continuas tentativas de mudanças, reorganizações e reformas. Neste inquieto capitulo da historia brasileira, somente *deficits*, emissões de papel moeda, e augmento da divida publica constituem um phenomeno tradicional.

(170) Documentos Parlamentares, *Mensagens Presidenciaes* 1891-1910, pag. XV. Rio de Janeiro, 1912. (Mensagem da Abertura do Congresso Constituinte, 15 de Novembro, 1890).

(171) Augusto Olympio, Viveiros de Castro, *Historia Tributaria do Brasil*, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo LXXVIII, Parte I, pag. 148. Rio de Janeiro, 1915.

(172) *Mensagens Presidenciaes* 1891-1910, pag. 305, (15 de Novembro, 1902).

(173) *Idem*, pags. 733-34, (3 de Maio, 1910).

ORGANIZAÇÃO DO ORÇAMENTO

O systema fiscal brasileiro tem, nos principios do seculo dezenove, uma das phases menos investigadas da sua historia. A principal difficuldade em realizar uma investigação da organização fiscal do periodo colonial, consiste na absoluta falta de qualquer systema, mesmo de uma legislação uniforme.

A legislação fiscal portugueza não era applicada ao Brasil. Os impostos não eram uniformes nas differentes partes da colonia (174). Apesar da existencia, desde 1714, de um vice-rei (o capitão-geral da Bahia, e desde 1763 o do Rio de Janeiro) as dez capitánias geraes e sete sub-capitánias levavam uma vida isolada, pois o poder do vice-rei era de natureza mais theorica, mais um symbolo da unidade do Brasil. Alguns historiadores (Oliveira Martins, João Francisco Lisboa) chegam a sustentar a theoria do direito de iniciativa das municipalidades em questões de lançamento de impostos até a metade do seculo dezoito. Assim Felisbello Freire insiste que “o governo municipal era o creador dos impostos”.

A origem pratica (mas não legal) local da taxaço parece ser um facto, e mesmo Viveiros de Castro, insistindo em que “o lançamento de um imposto dependia da autorização real”, (175) tem de admittir que, praticamente, as administrações municipaes illegalmente usurpavam este direito com a tolerancia dos representantes reaes, que preferiam deixar a odiosidade dos impostos ás autoridades locais.

(174) Vide Viveiros de Castro, *ob. cit.* p. 10.

(175) *Idem*, p. 13.

O estabelecimento da contabilidade (1808) e a formação do Erario Real foram os primeiros passos para alguma especie de organização fiscal.

Agenor de Roure considera essa actividade como “o embrião dos principios geraes da lei orçamentaria relativa á recorrencia annual, á especialização, á fiscalização, á prestação de contas” (176) e a fundação do conselho da Fazenda como o embrião do Tribunal de Contas.

A independencia não trouxe de inicio mudanças importantes no systema fiscal do paiz. A pratica da receita discriminada continuou.

“Pela lei de 20 de Outubro de 1823, a Constituinte Geral e Assembléa Legislativa decretou que os Regulamentos, leis, regulamentações, ordens reaes, decretos e decisões, promulgados pelos reis de Portugal, e pelos quaes o Brasil foi governado até 23 de Abril de 1821, quando D. João VI deixou o paiz, bem como todos os outros que foram promulgados dessa data em deante por D. Pedro de Alcantara, como regente do Brasil, e como imperador constitucional desde que elle se tornou um imperio, permaneciam em pleno vigor nas partes que não tivessem sido revogadas, com o objectivo de regular os affazeres do interior do imperio, até que fossem adoptados codigos, ou feitas alterações”. (177) As despesas continuaram a ser indiscriminadas, illimitadas e descontroladas.

Em 14 de Novembro de 1827 o primeiro orçamento foi votado na Assembléa Geral Legislativa, mas elle

(176) *Formação do direito orçamentario brasileiro*. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo especial, Parte IV, p. 554. Rio de Janeiro, 1916.

(177) Carreira, *ob. cit.* p. 97.

era de natureza local, somente para o Thesouro Publico da Côrte e para a Provincia do Rio de Janeiro. Elle não redundou em nenhuma mudança do systema fiscal. O artigo 4 da lei orçamentaria para esse anno declara que “as provincias contribuíram para as despesas geraes do Imperio em tudo que excedeu de suas receitas, depois de deduzidas as despesas provinciaes”.

O anno de 1830 trouxe a primeira lei orçamentaria do imperio, quando em 15 de Dezembro o orçamento para 1831-1832 foi votado. (178)

A Regencia deu mais um passo á frente e organisou (em 1832) a simplificação do systema de taxaço, separando a receita nacional da provincial. A regencia (1831-1840) deu inicio á organisaço do aparelhamento da administração financeira — thesouro publico, thesouro das finanças, serviço da alfandega.

O Acto Adicional de 1834 creou as assembléas legislativas provinciaes com o seu direito de cuidar das despesas municipal e provincial e das taxas que lhes sejam necessarias” iniciando a autonomia financeira das provincias e a base da organisaço fiscal do imperio. Mais tarde, durante a “democracia coroada”, como Oliveira Lima costumava chamar o reinado de D. Pedro II, nenhuma mudança importante foi effectuada na legislaço orçamentaria.

A Republica teve de enfrentar questões orçamentarias de complicaçoes formaes e materiaes. A organisaço de uma federaço tornou necessaria uma definiço dos poderes financeiros da União e dos Estados.

(178) O orçamento annual correspondeu ao calendario annual até 1828; de 1828 até 1887 passou a ser anno de colheita (1.º de Julho a 30 de Junho) desde 1888 passou a ser novamente anno do calendario.

A preparação e discussão desse problema na comissão e na Constituinte já encerravam o germen das futuras dificuldades e complicações — o conflito entre os unionistas extremados e os federalistas.

A reacção contra a centralização no periodo do imperio resultou na extrema descentralização politica e financeira, por parte da nova republica.

Os autores da Constituição, tomando como exemplo os Estados Unidos da America do Norte, esqueceram-se que nesse paiz os Estados politicamente independentes se organisaram em uma federação e que no Brasil as antigas provincias de uma monarchia se tornaram Estados, como partes componentes da federação. Na grande republica do norte os Estados eram economicamente interdependentes, ao passo que no Brasil os futuros Estados viviam ainda na situação de isolamento economico.

Os seguintes periodos da Constituição definem os problemas orçamentarios:

Art. 5.º Incumbe a cada Estado prover, a expensas proprias, ás necessidades de seu governo e administração; a União, porém, prestará socorros ao Estado que, em caso de calamidade publica, os solicitar.

Art. 7.º — E' da competencia exclusiva da União decretar:

1. Impostos sobre a importação de procedencia estrangeira;
2. direitos de entrada, sahida e estadia de navios, sendo livre o commercio de cabotagem ás mercadorias nacionacs, bem como ás estrangeiras que já tenham pago imposto de importação;
3. taxa do sello, salvo a restricção do art. 9.º, § 1.º, n. 1;
4. taxas dos correios e telegraphos federaes.

§ 1.º Tambem compete privativamente á União:

1. a instituição de bancos emissores;
2. a criação e manutenção de alfandegas.

§ 2.º — os impostos decretados pela União devem ser uniformes para todos os Estados.

§ 3.º — as leis da União, os actos e as sentenças de suas autoridades serão executados em todo o paiz por funcionarios federaes, podendo, todavia, a execução das primeiras ser confiada aos governos dos Estados, mediante annuencia destes.

Art. 9.º — E' da competencia exclusiva dos Estados decretar impostos:

1. sobre a exportação de mercadorias de sua propria produção;
2. sobre immoveis ruraes e urbanos;
3. sobre transmissão de propriedade;
4. sobre industrias e profissões.

§ 1.º — Tambem compete exclusivamente aos estados decretar:

1. taxa de sello quanto aos actos emanados de seus respectivos governos e negocios de sua economia;
2. contribuições concernentes aos seus telegraphos e correios;

§ 2.º — E' isenta de impostos, no Estado por onde se exportar, a produção dos outros Estados;

§ 3.º — Só é licito a um Estado tributar a importação de mercadorias estrangeiras quando destinadas ao consumo no seu territorio, revertendo, porém, o producto do imposto para o Theouro Federal.

§ 4.º — Fica salvo aos Estados o direito de estabelecerem linhas telegraphicas entre os diversos pontos de seus territorios, e entre estes e os de outros Estados que se não acharem servidos por linhas federaes, podendo a União desapropriar-as, quando fôr de interesse geral.

Art. 10.º — E' prohibido aos Estados, tributar bens e rendas federaes ou serviços a cargo da União, e reciprocamente.

Art. 11.º — E' vedado aos Estados como á União.

1. *crear impostos de transitio pelo territorio de um Estado, ou na passagem de um para outro, sobre productos de outros Estados da Republica, ou extrangeiros, e bem assim sobre os vehiculos, de terra e agua, que os transportarem;*

2. estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercicio de cultos religiosos;

3. *prescrever leis retroactivas.*

Art. 12.º — Alem das fontes de receita discriminadas nos arts. 7.º, 9.º, é licito á União como aos Estados cumulativamente ou não, crear outras quaesquer, não contraviado o disposto nos arts. 7.º, 9.º e 11.º, n. 1.

Herman G. James dá a seguinte descripção do poder de taxaço da Federaço Brasileira em comparaço com os Estados Unidos da America:

“A alguns respeito o poder de taxaço da Federaço brasileira embora conscienciosamente modelada sobre a do nosso governo federal, é mais restricto. Não somente são impostos os mesmos limites, como acontece na nossa constituiço, isto é, prohibiço de impostos de exportaço, exigencia de uniformidade por parte de todos os Estados, prohibiço de preferencias por portos de um Estado sobre os de outro, etc., mas, alem do mais, pelo artigo 9 da constituiço brasileira, algumas importantes fontes de receita são privativas exclusivamente dos Estados, as quaes nos Estados Unidos não são negadas á Uniço. Enquanto que o Governo Federal entre nós soffre restricço, com referencia ás taxas directas, em virtude da exigencia de que ellas terão de ser proporcionaes á populaço do Estado, e nem mesmo isso com referencia ao imposto sobre a renda, desde a adopço da emenda 16.^a, no Brasil os Estados têm poderes exclusivos para taxar não somente as exportaço mas tambem a propriedade immobiliaria, a transferencia de descontos de propriedade, industrias e profissoes. Em consequencia dessa disposiço, e não obstante a concessão no artigo 12 de poder a Uniço bem como os Estados de quaesquer outras fontes de receita, não enumeradas nos artigos 7 e 9, e que não sejam vedadas pela constituiço — o governo federal no Brasil está impedido da possibilidade de se utilizar de importantes fontes de renda, que se acham ao alcance da Uniço, em nossa constituiço”.

(179).

(179) Herman G. James, *The Constitutional System of Brazil*, pp. 20, 21. Washington, 1923.

A Constituição de 1891 esforçou-se por satisfazer a necessidade de independencia financeira da União, bem como os desejos locais dos Estados. A União, finalmente, viu-se contemplada somente com as taxas indirectas, que eram, naturalmente, a parte mais lucrativa da receita publica.

Os Estados tornaram-se ciumentos da taxaçoão indirecta, especialmente dos direitos de importação; o governo federal por sua vez mostrava-se ancioso para obter a taxaçoão directa para seu uso.

O periodo republicano passou a se caracterisar por uma guerra de tarifas dos Estados entre si e a União. Não sendo permittido cobrar direitos de importação, a maior fonte de receita, e tendo difficuldade em introduzir a taxaçoão sobre valores immobiliarios (visto que não havia cadastro dos existentes) os Estados tentaram compartilhar dos direitos de importação, cobrando-os sob a forma de *Taxa de expediente de estatistica*, e assim por deante. O Presidente Prudente de Moraes declarou em sua mensagem de 1895:

“A tendencia dos Estados para invadirem a esphera de taxaçoão, reservada á união, exige de nossa parte a mais cuidadosa vigilancia afim de evitar sonegaçoão na cobrança da receita, a qual, conforme é do vosso conhecimento, ficou privada de abundantes fontes pela provisáo constitucional”. (180)

A lei de 11 de Junho de 1904 salientava especialmente o livre intercambio tanto de mercadorias nacionaes como estrangeiras no territorio da federaçoão, mas os conflictos continuaram durante todo o periodo.

(180) *Mensagens Presidenciaes 1891-1910, ob. cit., p. 122.*
(Mensagem de 3 de Maio de 1895).

Os Estados ainda se esforçam por augmentar dessa forma as suas receitas, as quaes de outra maneira consistiriam principalmente na taxaço das exportações. Esse imposto, embaraçando e difficultando a vida economica, prejudicando o crescimento das exportações, tornou-se a base da finança dos estados.

O descontentamento com a legislação orçamentaria constitue um phenomeno permanente desde os primeiros annos da republica.

As numerosas suggestões de uma reorganisaço organica falharam. O problema tornou-se causa de conflicto. A segunda republica promette uma revisão dos principios acima descriptos.

1830 — 1889 — 1930

Essas trez datas assignalam verdadeiros marcos na historia do orçamento brasileiro.

1830 — a elaboraço do primeiro orçamento constitucional; 1889 — o ultimo orçamento do imperio; — 1930 — o ultimo orçamento da primeira republica, visto que se tornou costume no Brasil, desde a revoluço de 1930, designar o periodo relativo a 1889-1930 como distincto da segunda republica, que teve inicio com o governo provisorio do Dr. Getulio Vargas.

O estudo dos documentos officiaes relacionados com os orçamentos e a situaço fiscal do paiz deixa-nos com a impressão do dominio de um diletantismo profissional entre os politicos mais esclarecidos, intelligentes e capazes. Diletantismo é a principal caracteristica das antigas mensagens presidenciaes e dos grossos volumes dos tempos recentes.

As falas do throno no tempo do imperio eram geralmente sem consequencia e sem sentido em suas declarações. Esse caracteristico pode ser extensivo ás mensagens presidenciaes dos presidentes militares; os presidentes civis costumavam dedicar mais attenção aos problemas financeiros, alguns desenvolviam as suas "theorias" sobre taxaço, muitas vezes sobre problemas monetarios, argumentando, nas mensagens, com opiniões de outrem, fazendo citaçoes de artigos de jornaes, baseando suas asserçoes na autoridade de um livro, lido accidentalmente, e ornamentando as suas mensagens com a phraseologia do costume. As excepçoes entre os presidentes são poucas; casos ha em que o presidente açambarca a parte do ministro da fazenda; e a mensagem presidencial torna-se um tratado financeiro na mór parte dos casos de valor duvidoso.

Quatro paulistas constituíram excepçoes a essa tradição; Prudente de Moraes (1894-1898) Campos Sales (1898-1902) (o qual póde ser identificado com o seu Ministro da Fazenda, Joaquim Murтинho) Francisco Rodrigues Alves (1902-1906), que foi diversas vezes Ministro da Fazenda, e como tal cooperou com Prudente de Moraes) e o energico e activo, mas nem sempre cauteloso Washington Luiz (1926-1930), que era praticamente o seu proprio Ministro da Fazenda.

A federação nunca teve um presidente do typo de Borges de Medeiros, que, por quasi um quarto de seculo, governou o Rio Grande do Sul como seu presidente, fazendo ás vezes apocryphamente de seu Ministro da Fazenda, o que nos lembra "um dogue couché sur un coffre fort" (181).

(181) A sua divisa era "nem deficits, nem emprestimos". Vi de Fernando Caldas, *O orçamento Rio Grandense*, Porto Alegre, 1928.

O caso dos ministerios de fazenda não é muito differente. A constante mudança de pesôas (74 ministros em 67 annos de imperio, e 28 nos 41 annos de primeira republica) foi materialmente desfavoravel para o proseguimento de um programma organizado e estavel. Durante o periodo do imperio houve tambem constante mudança dessas pessôas, que se substituiam umas ás outras.

O Marquez de Barbacena foi duas vezes Ministro da Fazenda, o Visconde de Albuquerque cinco vezes, o Visconde de Itaborahy, quatro, Manoel do Nascimento Castro e Silva, trez, e o Visconde de Caravelas, cinco vezes.

Não obstante os differentes partidos politicos, a que elles pertenciam; apezar das apaixonantes questões entre o governo e a opposição, era quasi sempre uma questão de pessôas e não de principios que caracterizava os gabinetes. Somente com referencia ao problema da moeda, como veremos mais adiante, é que chegou a haver um real conflicto de opiniões, dividindo os estadistas do imperio em papelistas e metalistas.

A republica organizou o apparecimento de novas personalidades. Não eram mais os marquezes e viscondes do imperio, mas excellentes eruditos, como Felisbello Freire, José Pandiá Calogeras e Amaro Cavalcanti, banqueiros, como Leopoldo de Bulhões, apaixonados reformadores, como David Campista, estadistas da estatura de Antonio Carlos, e, ao mesmo tempo, mediocres burocratas manipulavam as finanças do paiz. Nessa pitoresca galeria, duas figuras especialmente atraem a nossa attenção: Ruy Barbosa, o primeiro Ministro da Fazenda da Republica, da qual elle foi um dos paes espirituaes, e Joaquim Murтинho, o Ministro da Fazenda da presidencia Campos Salles.

E' inteiramente impossivel encontrar um maior contraste do que entre esses dois homens. O apaixonado brilhante, eloquente, culto, mas divagueante (182) Ruy Barbosa, o legislador, o parlamentar, o escriptor, o erudito, o diplomata, o guia, o favorito do paiz, ao qual o Brasil deve um dos seus maiores successos no campo da diplomacia internacional — a representação na Conferencia de Haya em 1908 (183) — jamais chegou a tornar-se presidente, mas passou a ser um heroe nacional: Joaquim Murtinho, o medico, o especialista em chimica, calmo, logico, perseverante, insistente, tornou-se esquecido pelas gerações que vieram após.

Ruy Barbosa nasceu na Bahia, a Virgínia do Brasil, que deu ao paiz tantos estadistas, como — Rio Branco, Saraiva, Zacharias, Cotegipe, e Dantas, o mais preeminente delles.

Ruy Barbosa pertencia á corrente tradicional anglo-saxonica do Brasil. Seu paer, Dr. João José Barbosa de Oliveira, era um apologista do culto dos "modelos inglezes e norte-americanos". (184)

O jovem Ruy usava os pseudonymos *Grey* e *Lincoln* nos seus artigos no "*Jornal do Commercio*" "Esses inglezes" era a alcunha desse grupo, ao qual pertenciam Joaquim Nabuco, Rodolpho Dantas e Gusmão Lobo.

"Deus accendeu um vulcão na cabeça de Ruy Barbosa" costumava dizer José do Patrocínio. E agora

(182) Um exemplo typico do seu temperamento é a famosa descripção dos adeptos do Marechal Hermes como "*Tenentes e Caboclos*".

(183) Vide S. William T. Stead, *O Brasil em Haya*, Rio de Janeiro, 1908.

(184) Mario de Lima Barbosa, *Ruy Barbosa na politica e na Historia, 1849-1914*, p. 13, Rio de Janeiro, 1915.

esse “vulcão” começava a applicar os principios bancarios e financeiros norte-americanos á recém-nascida republica do continente do sul. Elle admirava Alexandre Hamilton, mas não possuia o seu espirito pratico.

Uma torrente de decretos, leis, regulamentos, reformas inundou o paiz. Não obstante todo o seu talento e brillantismo, Ruy Barbosa foi um Ministro da Fazenda sem valor. Elle batalhava contra as emissões de papel moeda e o seu periodo foi de permanente emissão de papel moeda; pelejava por uma melhor organização fiscal e só registrou continuos deficits; elle testemunhou a queda das finanças brasileiras, especialmente impressionante depois do brilho dos ultimos annos do imperio. Finalmente, declarou no Relatório de 1891 que “os governos revolucionarios não são, e nem podiam ser governos economicos”. Podemos com propriedade applicar ao periodo de Ruy Barbosa a definição dada por Salles Torres Homem á administração financeira de Souza Franco (1857-1858): “Um carnaval financeiro”.

Uma das melhores definições de Ruy Barbosa foi dada por Tristão de Athayde.

“Um idealista, um romantico acima de tudo. Todo o liberalismo politico do parlamentarismo do seculo dezanove modelou o seu espirito. Elle era o homem da lei e da justiça, dos modelos politicos dos exemplos inglezes e norte americanos. Os homens se surprehendiam com elle, e dahi a riqueza verbal que elle possuia, talvez a maior da nossa lingua, o seu formidavel poder de satira. Nenhuma intenção, nenhum sentimento do immediato, nenhuma cultura da experiencia. Elle era um homem de livros, um homem que lia surprehendentemente muito e que retinha tudo

quanto lia. Um homem cujo sonho mais caro era tornar o Brasil pela força da lei um poder mundial. Rio Branco pensava sobre o Brasil na America do Sul; Nabuco destendia esse prestigio pelo continente norte; Ruy Barbosa pensava no Brasil em termos do mundo. Isso constituiu tambem um pouco o sonho prematuro de D. Pedro II depois de 71. Tendo Ruy Barbosa contribuido tanto para a immediata formação da republica, e não obstante o seu desastre financeiro, julgou que em dezoito annos suas lições de idealismo politico tinham produzido fruto. A sua desilusão explica o formidavel amargor de suas admiraveis campanhas, no fim de sua vida, e a sua systematica esquivaça do poder". (185)

Joaquim Murtinho, nascido em Matto Grosso, era e permaneceu provinciano, diligente, esclarecido. O seu inicio na sciencia natural despertou nele o desejo de descobrir a causa da situação financeira.

O principal problema desse periodo era de natureza financeira. Com mais razão do que ao periodo de 1857-1861, podemos applicar aos novos governos republicanos a definição de Nabuco: "os gabinetes financeiros".

Joaquim Murtinho era um medico. Essa combinação de medicina e finanças não é unica na historia. François Quesnay, medico do rei francez, formulou o "Quadro Economico": Joaquim Murtinho tornou-se o medico financeiro da jovem republica brasileira.

Murtinho considerava a inefficiente administração, a hypertrophia da burocracia como um dos maiores

(185) Tristão de Athayde em *A Margem da Historia da Republica*, p. 257.

males da organização fiscal. Por outro lado, accentuou, talvez mais energicamente do que outros ministros, o problema da urbanisação e industrialisação. Nunca dirigiu manifestos á Nação; mas a sua actividade pratica lhe dá um lugar no pantheon dos lideres nacionaes, equivalente ao do Conde Witte na historia da Russia e ao de Limantour na mexicana. (186)

Nenhum outro Ministro da Fazenda, afora Murinho, deu ao presidente a oportunidade de asseverar:

“Tenho a satisfação de declarar que obtive na minha administração os resultados que são mencionados aqui, sem emissão alguma, antes mediante a retirada de uma consideravel somma da circulação; sem empréstimos, mas mediante o cumprimento de obrigações e o restabelecimento da pontualidade dos pagamentos em especie; sem malbaratar o patrimonio publico mediante venda, mas antes adquirindo cerca de 1970 kilometros de estradas de ferro para a União, como demonstrarei”. (187)

Não possuímos dados sobre as finanças colonias do Brasil. Muitos investigadores salientam o caracter mysterioso desse problema. O velho francez, Adrien Balbi, que deixou a mais exacta descripção de Portugal e Brasil durante o periodo de transição, compartilha da opinião de um moderno escriptor: “O problema financeiro era um mysterio” (188).

Não havia systema fiscal no periodo colonial. As despesas eram da competencia privada do governo.

(186) Podemos encontrar algumas características semelhantes nas actividades das reformas financeiras contemporaneas do Perú — Nicholas de Pierola (1895-1899).

(187) *Mensagens Presidenciaes (1891-1910)*, p. 276, discurso de Campos Salles, (3 de Maio, 1902).

(188) Agenor de Roure, *op. cit.*, p. 1078.

No anno de 1808, a receita foi estimada em 6.000 contos, sem incluir os diamantes e a madeira do Brasil. A receita consistia do imposto de importação (15% ad valorem e o accrescimo sobre alguns artigos) direitos de exportação e taxas alfandegarias, tributo da corôa, e uma legião de diversas taxas e impostos, muitas vezes pagos em especie e em forma de serviços pessoaes ás tropas, e assim por deante (189).

Exemplo typico desse periodo era a especialisação das receitas: cada nova despesa exigia uma nova contribuição — muitas vezes sob a forma de donativo

(189) As condições na Europa não eram muito differentes, principalmente na Inglaterra, onde appareceram uns versos cuja traducção é a seguinte:

“Si os estrangeiros, admirados de como se paga imposto na Inglaterra,

Perguntarem de que modo ainda nos conhecemos como sendo uma Nação livre,

Nós lhes responderemos que nós pagamos imposto sobre a luz do sol, sobre um cavallo com arreio quer ande no trote ou no galope; por escrever os nossos nomes; por disparar um tiro; sobre a luz da vela que espanta a escuridão da noite; por um buraco que exista em uma casa, si elle deixar penetrar uma restea de luz; pelos nascimentos, casamentos e mortes; por vender ou comprar qualquer cousa; embora muitos achem ser demais pagar trez pence para morrer, e alguns pobres diabos esbravejem, não é senão brinquedo de Pharaós, tomar tão desapiedado cuidado dos nossos tijolos. Como têm sido grandiosos os nossos estadistas de legislação financeira, como póde ser visto pelas nossas fitas, nossos calçados e nossos chapcus. Deste lado e daquelle, no ar, no chão, em acto sobre acto como firmemente nos curvamos, é-se levado a acreditar não existir mais nenhum lugar para um novo imposto, desde a corôa da cabeça até a sola do pé, como Job, este John Bull a sua situação deplora, muito pacientemente, na verdade, e inteiramente coberto de feridas”.

Transcripto por Stephen Dowell, *A History of taxation and taxes in England*. Segunda edição, II, 188. Londres, 1888.

voluntario correspondente praticamente a um emprestimo forçado.

As guerras Napoleonicas e a transferencia da Corte portugueza para o Brasil determinaram uma nova presão em torno de mais e maiores impostos, a introducção de novos donativos, e influenciaram o empenho do governo pela economia monetaria. A dificuldade de transporte e armazenagem estimulou o governo a proceder á cobrança das taxas em *moeda da terra* (190) (de accordo com as zonas, em assucar, algodão, tabaco, cacau, especiarias, e assim por deante) (191), e a mostrar-se ancioso pelo pagamento das taxas em dinheiro.

(190) Mas nos Estados Unidos "as taxas eram pagas em especie e taxas de valorisação consideravelmente mais altas do que as do mercado, e eram mantidos armazens em algumas colonias nos quaes os bens publicos eram depositados pelos cobradores de taxas. Como os artigos aceitaveis para pagamento em dinheiro eram avaliados a taxas acima do preço do mercado, uma discriminação foi feita para a prata, que buscava conservar esse metal fóra de circulação." James Dewey, *Financial History of the United States*, segunda edição, p. 19, Nova York, 1913.

"Em 1780 foi feito um edital nos Estados Unidos pedindo o fornecimento de productos especificos taes como cereaes, carne, carne de porco, rhum, ferro, etc., um methodo fiscal que lembra um estagio primitivo da organização economica. Para o fornecimento desses artigos havia muita inefficiencia e grande desperdicio. Algumas dessas requisições evidenciavam que ellas podiam ser satisfeitas mediante pagamento em especie ou novas notas de prazo, ou certificado de commissarios, ou parcialmente em certificados de juros, conhecidos como recortes". *Id.*, p. 45.

(191) O Erario Real costuma vender esses productos em Portugal. Vide *Collecção de Cartas Régias de 1765 a 1807* (Manuscripto Bibliotheca Nacional). Instruções ao Conde de Rezende dadas em 1790. — Correspondencia activa e passiva do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza. (Manuscriptos, Bibliotheca Nacional), Souza Reis, *Divida do Brasil*, p. 628.

A necessidade de dinheiro para subsidiar o exercito na Europa, para a manutenção da Côrte e dos imigrantes no Brasil, levou D. João a introduzir uma serie de novas taxas (*decima urbana-1808, transferencia de propriedade em causa mortis-1809, o chamado imposto do Banco — sobre industrias e profissões-1812*). Os direitos de exportação sobre o fumo, algodão, assucar e couros foram augmentados. A abertura dos portos levou o governo de D. João á mais importante categoria de receita na historia financeira brasileira — o imposto de importação.

Mas D. João não se esqueceu de nenhuma fonte de receita; elle foi o iniciador da lucrativa operação da recunhagem de pesos hespanhóes, da emissão de papel, da retirada pura e simples de recursos do infeliz primeiro Banco do Brasil, e assim por diante.

Em 1821 D. João VI deixou o Brasil para Portugal. “Não existe dinheiro; e eu não sei o que devemos fazer” escreveu D. Pedro, do Rio de Janeiro, para seu pae D. João VI, em Lisbôa.

O primeiro imperador do Brasil independente aprendeu por experiencia propria que “o começo de qualquer *emprehendimento é a finança*”, como Kautilya, o mais antigo dos economistas indianos que se conhece, declarou muitos seculos antes de Christo.

O Brasil independente achou-se em meio ás maiores dificuldades financeiras. A herança do D. João foi de tal natureza “que levou D. Pedro I, depois da independencia, a confessar que para a metropole restava somente tributar o ar que os brasileiros respiravam” (192). Até os bancos dos confessionarios fo-

ram objecto de taxaço. Em 1872 cobraram-se donativos voluntarios para a illuminaço das cidades.

Mas podemos notar que, a esse tempo, já se davam os primeiros passos para a organisaço. No anno de 1827 o Marquez de Abrantes iniciou nas provincias, por intermedio das thesourarias das juntas e dos presidentes das provincias, um inquerito sobre as taxas e a sua influencia. Isso foi estimulado pela necessidade de rever e unificar a legislaço fiscal, visto como as contribuicoes e impostos consistiam de approximadamente 150 especies differentes, alguns deles regulamentados por editos reaes desde o começo do seculo dezesete.

A historia moderna do orçamento brasileiro tem inicio no fim de 1830, quando o orçamento de 1831-1832 foi votado.

O quadro que se segue contem uma comparaço de "3 orçamentos que constituem 3 verdadeiros marcos na evoluço do assumpto". Provavelmente é o melhor caminho para verificarmos claramente as mudanças na estrutura da organisaço financeira brasileira. (193)

(193) Os grandes disturbios, politicos e economicos, em 1930, especialmente no segundo semestre, tornaram esse anno inadequado para comparaço na nossa pesquisa para as tendencias "seculares". Preferi, por isso, usar as cifras do orçamento de 1929.

RECEITA ARRECADADA EM 1831/32 E 1929 (EM CONTOS DE RÉIS)

NATUREZA	1831-32		1889		Papel	Ouro	1929		Porcentagem
	Quantia	Porcentagem	Quantia	Porcentagem			Ouro convertido a papel **	Total papel e ouro convertido a papel	
Importação	3.653	29,5	90.216	48,3	118.214	185.913	849.065	967.279	44,6
Interior	5.286	42,7	39.969	21,4	1.077.081	3.456	15.783	1.092.864	39,6
Exportação	740	6,0	17.389	9,3	*	*	*	*	
Renda Ordinaria	11.554	—	147.574	—	1.195.295	189.369	864.848	2.060.143	
Dedução a ser feita para garantia do fundo do papel moeda						8.576	39.166	39.166	
TOTAL	11.554	78,2	147.574	79,0	1.195.295	180.793	825.682	2.020.977	84,2
Receita extraordinaria ..	1.870	15,1	12.738	6,8	250.398	1.010	4.613	255.011	10,6
Recebimento para aplicação especial					84.416	5.583	39.198	123.614	5,2
De diversas naturezas ..		6,7		14,2					
TOTAL	12.370	100,0	186.738	100,0	1.530.109	190.386	869.493	2.399.602	100,0

(*) Transferido para os Estados, com a proclamação da Republica.

(**) Taxa de Convenção adoptada: 4\$567, conforme Decreto n.º 18.257 de 23 de Maio de 1928.

FONTES: 1931-32 e 1889: *Directoria do Serviço de Estatística, Finanças. Quadros synopticos da receita e despesa do Brasil (período de 1822 a 1913)* Rio de Janeiro, 1914-1929 *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pela Presidente da Republica, Washington Luiz P. de Souza* Rio de Janeiro, 1930.

DESPESAS NOS ANOS 1831/32, 1889 E 1929 (EM CONTOS DE RÉIS)

MINISTERIOS	1831-32		1889		Papel	Ouro	1929		Porcentagem
	Quantia	Porcentagem	Quantia	Porcentagem			Ouro convertido a papel **	Total papel e ouro convertido a papel	
Interior	1.355\	17,0	28.468\	17,2	204.742	122	557	205.299	9,2
Juritiça	817\		7.245\		—	—			
Exterior	173	1,4	938	4,5	6.706	6.163	28.116	34.852	1,6
Marinha	1.739\		12.437\		164.470	1.554	7.097	171.567	7,7
Guerra	3.516\}	41,0	19.313\}	15,2	273.254	200	913	274.167	12,3
Agricultura, Industria Commercio	—	—	51.189	24,6	64.902	768	3.508	68.410	3,1
Viação e Obras Publicas	—	—	—	—	469.685	13.324	60.851	530.536	23,8
Fazenda	5.197	40,6	66.576	31,9	402.468	104.292	476.302	878.770	39,5
Aplicação da Receita Especial	—	—	—	—	61.927	—	—	61.927	2,8
Depositos	—	—	6.6	—	—	—	—	—	—
TOTAL	12.798	100,0	208.396	100,0	1.648.154	126.223 * 126.423	577.374	2.225.528	100,0

(*) Erro de somma nas cifras originaes.

(**) Taxa de conversão utilizada 4\$567, de conformidade com o Decreto n.º 18.257 de 23 de Maio de 1928.

FONTES UTILISADAS: 1831-32 e 1889. *Directoria do Serviço de Estatística, Finanças. Quadros synopticos da receita e despesa do Brasil (período de 1822 a 1913)* Rio de Janeiro, 1914-1929. *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pelo Presidente da Republica, Washington Luiz P. de Souza, Rio de Janeiro, 1930.*

As cifras das despesas são instructivas. A característica dominante são as grandes quantias dispendidas pelo Ministerio da Fazenda; a principal despesa desse Ministerio é destinada aos pagamentos do serviço da divida, principalmente da divida externa. Sendo de 40.6 e 31.9 por cento nos periodos anteriores, essa despesa ameaçou tragar todo o orçamento do paiz em 1929, attingindo a 82.6 por cento do orçamento ouro e 24.4 por cento do orçamento papel. Conservadoramente estaveis e mesmo decrescentes são as despesas do Ministerio do Interior e Justiça (que incluem o Ministerio da Educação) bem como os da Agricultura, Industria e Commercio.

O exame dessas receitas nos conduz á evolução da estrutura economica e social do Brasil.

Em 1831-1832 os direitos de importação já são de importancia (29.5%) mas o grosso da receita tem sua origem no "Interior" — numa legião de taxas e contribuições das mais differentes naturezas (150 titulos)! E' o reflexo do periodo colonial, quando o commercio se encontra ainda no inicio de seu desenvolvimento. As exportações soffreram decrescimento, como resultado da perda de supremacia no fornecimento em diversos artigos produzidos, e a taxa de exportação produz apenas 6% do total.

Em 1889 — fim do Imperio — o crescente poder acquisitivo de uma população em augmento torna o imposto de importação o alicerce basico do orçamento — cerca de cinquenta por cento (48.3%); produzido somente por elle. A modernização e a supressão de taxas antiquadas diminuem a importancia das taxas oriundas do "Interior" no orçamento, visto que

não houve a substituição das mesmas por outras novas, e a propriedade do fazendeiro não soffria taxaço.

O fim da primeira Republica mudou novamente o quadro: o papel desempenhado pelo imposto de importação ainda é importante, mas podemos notar a crescente importancia dos impostos "interiores", que passaram a consistir principalmente de taxas de consumo e circulação, correspondentes ao periodo de urbanisaço do Brasil economico.

O quadro a seguir mostra mais claramente as mudanças no periodo da Republica:

PRINCIPAES FONTES DA RECEITA BRASILEIRA

Porcentagem da receita total para cada imposto ou taxa

<i>Anno</i>	<i>Imposto de Importação</i>	<i>Imposto de Consumo</i>	<i>Imposto da Circulação</i>	<i>Imposto sobre a renda</i>	<i>Receita proveniente da Industria</i>	<i>Outras Receitas</i>	<i>Total</i>	<i>Receita proveniente de diversas naturezas não classificadas</i>	<i>Total da Receita</i>
1910	54.8	10.5	4.2	0.6	9.9	6.5	86.5	13.5	100.0
1911	56.4	10.6	4.4	1.1	12.8	2.5	87.8	12.2	100.0
1912	57.3	10.3	4.6	1.2	10.3	4.4	88.1	11.9	100.0
1913	52.9	10.0	4.4	1.2	11.2	9.1	88.8	11.2	100.0
1914	46.1	12.4	5.7	1.9	16.2	6.2	88.5	11.5	100.0
1915	36.6	16.9	8.2	6.4	16.9	6.1	91.1	8.9	100.0
1916	38.5	17.6	7.8	5.4	16.3	6.5	91.6	8.4	0'001
1917	31.1	23.7	7.8	5.4	18.4	5.6	92.0	8.0	0'001
1918	31.3	22.5	8.0	3.0	18.9	8.8	92.5	7.5	0'001
1919	32.3	21.7	9.2	1.8	20.9	6.7	92.6	7.4	0'001
1920	37.8	19.1	8.1	1.5	14.9	9.8	91.2	8.8	0'001
1921	37.5	19.5	10.7	2.2	16.6	3.9	90.4	9.6	100.0
1922	35.1	22.2	10.8	3.0	17.0	3.1	91.2	8.8	100.0
1923	40.6	20.8	10.7	3.0	14.0	3.0	92.1	7.9	100.0
1924	43.0	20.7	13.4	1.4	14.7	2.2	95.4	4.6	100.0
1925	41.4	17.9	12.7	2.0	12.8	8.1	94.9	5.1	100.0
1926	35.1	22.1	13.9	2.2	13.0	4.2	90.5	9.5	100.0
1927	39.8	19.8	11.8	3.0	11.6	7.9	93.9	6.1	100.0
1928	42.3	19.9	11.4	3.1	12.9	4.8	94.4	5.6	100.0

FONTE: Ministério da Fazenda. *Economical Data About Brazil, 1910-1928*. Rio de Janeiro, 1929.

O relativo decrescimento nas ultimas decadas do imposto de importação corresponde ao augmento nos de consumo, circulação e sobre a renda.

Comparemos os resultados financeiros dos 3 períodos. Castro Carreira faz o calculo para os 66 annos do Imperio e achou o deficit era de mais de 758.181 contos de reis. (194)

“O Imperio é o deficit”, costumava dizer a opposição e, lembrando o brilho externo dos ultimos annos do Imperio, descrevia a situação desta forma:

“A acção... por algumas semanas foi sufficiente para perder todos os vestigios de uma miragem financeira, com a qual a monarchia planejou rehabilitar-se para o 3.^o reinado”. (195)

Mas uma vista de olhos mesmo superficial sobre os resultados financeiros da Republica mostra que ella foi uma continuação dos deficits imperiaes.

(194) Castro Carreira, *ob. cit.*, pp. 611-13. As suas considerações de que o deficit corresponde ao debito publico (calculado em 759.822 contos em 1838-1839) estão erradas, visto como elle não levou em consideração a amortisação do debito, bem como as fluctuações do valor do mil réis. As suas explicações do deficit como um resultado das despesas extraordinarias causadas por revoltas internas, a Guerra do Paraguay, epidemias e seccas, são mais acceptaveis, mas não dão para attingir o total da divida.

Vide os calculos feitos por Wileman, *Brazilian Exchange* pag. 48. Rio de Janeiro, 1898.

(195) Ruy Barbosa, em *Annexos ao Relatorio do Ministro da Fazenda*. (Janeiro, 1891) p. 6. Rio de Janeiro, 1891.

SALDOS DO ORÇAMENTO

Deficit: 1910-1926 — Superavit: 1927-1928

	<i>1.000 contos (papel)</i>
1910	99
1911	102
1912	177
1913	151
1914	328
1915	285
1916	202
1917	295
1918	326
1919	300
1920	389
1921	324
1922	536
1923	268
1924	71
1925	15
1926	176
1927	30 *
1928	198 *

(*) Os numeros assignalados com uma estrellinha significam superavit.

FONTE: Ministerio da Fazenda, *Economical Data about Brazil*, 1910-1928, p. 94 — Rio de Janeiro, 1929.

“O equilíbrio orçamentario, que deve constituir a constante preocupação de qualquer Governo, não é uma utopia entre nós. Mas depois de não podermos conseguir um equilíbrio razoavel entre a receita e a despesa durante quasi meio seculo de paz e desenvolvi-

mento... como seria possível conseguil-o na Republica, ainda no processo de organização — actualmente perturbada por elementos revolucionarios latentes e pertinazes”. Dessa forma um dos primeiros Ministros da Fazenda da Republica justificava a continuação dos deficits no novo regime. (196)

Lembre-mos de que os primeiros orçamentos até 1830 se limitavam ao pequeno territorio da Capital e á provincia do Rio de Janeiro. Eram a maior parte do “Brasil economico” daquelle tempo. O orçamento brasileiro do fim da primeira republica, legalmente baseado sobre as possibilidades de toda a area politica, está de facto ainda limitado pelo (naturalmente augmentado) territorio do Brasil economico.

O grosso, 79.2% das rendas provaveis, é prove-niente do 4.º grupo, principalmente de São Paulo e Districto Federal. São Paulo, o Districto Federal e o Rio Grande do Sul produzem 80% das rendas federaes. Essa evolução corresponde á migração do centro social e economico do paiz, o que foi discutido nos capitulos precedentes.

(196) Ministerio da Fazenda, Felisbello Firmo de Oliveira Freire. *Relatorio* 1894, p. 4. Rio de Janeiro 1894.

BRASIL — RECEITA E DESPESA

ESTADOS	a) Receita total cobrada nos Estados		b) Despesa feita pe'lo Governo Federal nos Estados	
	Centos de réis	%	Centos de réis	%
GRUPO I	17.721	8	22.165	1.1
Amazonas	11.382		11.874	
Goyaz	1.097		2.702	
Matto Grosso	5.242		7.589	
GRUPO II	62.094	2.8	58.989	2.9
Pará	25.028		14.257	
Maranhão	9.591		11.633	
Piauí	3.640		5.389	
Ceará	23.835		27.210	
GRUPO III	167.969	7.6	82.101	4.1
Rio Grande do Norte ..	7.013		9.058	
Parabyba	9.129		10.025	
Pernambuco	71.358		21.611	
Alagoás	11.998		6.817	
Sergipe	6.236		5.785	
Bahia	62.235		28.772	
GRUPO IV	1.755.690	79.2	1.216.207	60.2
Espírito Santo	10.027		5.698	
Rio de Janeiro	38.857		10.807	
Minas Geraes	61.816		51.139	
São Paulo	708.627		97.933	
Districto Federal	936.333		1.050.630	
GRUPO V	171.538	7.7	98.320	4.9
Santa Catharina	17.316		18.179	
Paraná	28.716		16.665	
Rio Grande do Sul	125.506		63.476	
Londres	41.501	1.9	540.376	26.8
TOTAL	2.216.513	100.0	2.018.158	100.0

Um observador inglez salientou este facto, logo no começo do seculo dezenove: "Se, como nos asseguram, o Rio de Janeiro é os olhos e a cabeça do Brasil, os Estados ao Sul do Rio, inclusive São Paulo e Rio Grande do Sul, podem ser comparados ao seu corpo e pernas, e os immensos estados do Norte a um fino punhado de cabello ou a um colossal chapéu de abas largas: são os Estados do Sul que supportam o Paiz: os Estados do Norte são méramente decorativos. (197).

Um seculo de finanças no Brasil não occasionou nenhuma mudança revolucionaria no systema. As tarifas de importação eram e ainda são a base de suas finanças. (198)

Wilhelm Roscher assignalou que o systema fiscal de muitas das colonias baseia-se principalmente nos direitos de importação, visto como a cobrança da taxa directas em um paiz recém-colonizado custaria mais caro do que o resultado que trouxesse. (199)

O orçamento dos Estados Unidos foi baseado nos impostos de importação até a Guerra Civil. A' se-

(197) *Politics and Finance in Brazil*, by an Englishman, in *The Fortingly Review*, LIII (January, 1893) Londres.

(198) Como em muitos outros campos da economia brasileira, a historia das tarifas ainda não foi escripta, e está á espera de um investigador penetrante, que descreva não somente as mudanças formaes das taxas tarifarias mas que analyse tambem as forças impulsionadoras dessas mudanças. Temos de concordar, com "Schrlze-Gaevernitz, que o economista precisa ter a coragem de realizar a sua penosa tarefa.

Volkswirtschaftliche Studier aus Russland. p. 243. Leipzig. 1899.

(199) Wilhelm Roscher und Robert Jannasch. *ob. cit.* p. 98, rodapé n.º 1.

melhança dos Estados Unidos, a organização fiscal no Brasil estava especialmente interessada no aumento das importações, o que correspondia aos desejos da Inglaterra, a suppridora mundial de artigos manufacturados da época. Um estudioso das tarifas dos Estados Unidos relata que, em 1816, "os fabricantes inglezes, para cujas mercadorias, depois de annos de guerra commercial, um amplo mercado abriu-se finalmente, atiraram-se á obtenção de negocios como se fosse um ataque a uma fortaleza". (200)

A fortaleza commercial brasileira estava de facto ha muito tempo de pösse dos inglezes; e essa predominancia britanica se exprimia nas taxas excepcionalmente favoraveis da primeira tarifa brasileira. A taxa geral de 24 por cento ad valorem, da tarifa de 1808, para as importações estrangeiras, foi reduzida a 16% para os portuguezes e a 15% para os inglezes (1810). Esse foi um dos numerosos tributos que a Casa Real Portugueza teve de pagar pelo auxilio que recebeu contra Napoleão e pela assistencia na transferencia para a America.

O Conde de Linhares não poude obter um accordo de reciprocidade de seu colega inglez, Lord Stangford (que era na occasião o verdadeiro senhor do destino portuguez). Os productos brasileiros, que fizessem concurrencia aos das colonias britanicas, eram excluidos dos mercados inglezes. Durante o periodo de 1808-1814, a Inglaterra possuia praticamente o monopolio dos mercados brasileiros, occupando dessa forma uma

(200) Ugo Rabbeno, *The American Commercial Policy* p. 153. Nova York, 1895.

Alexander Von Humboldt comparou o supprimento das colonias americanas com o aprovisionamento de fortalezas sitiadas.

posição estratégica. Até 1826 a Inglaterra gozou privilégios especiais de tarifa no Brasil; nesse anno o tratado commercial com a França estabeleceu a mesma taxa de 15% para os productos francezes importados pelo Brasil, e em 1828 Bernardo de Vasconcellos, o Ministro da Fazenda do primeiro reinado, estendeu essa taxa para todas as importações feitas pelo Brasil, estabelecendo o principio da igualdade de nações no mercado brasileiro e abolindo as differenças entre as taxas.

A principal característica da tarifa brasileira no seculo dezenove foi o seu caracter fiscal. Em virtude do importante papel desempenhado pelos direitos de importação no orçamento, esse caracter da tarifa não podia ser alterado, e nenhum Ministro da Fazenda, revisando as taxas tarifarias, foi capaz de desvencilhar-se desse factor. Pela tarifa de Alves Branco (1844) as taxas foram augmentados (201); a tarifa de Souza Franco (1857) introduziu *impostos addicionaes*; Silva Ferraz (1860) augmentou as taxas; Visconde de Itaboraahy (1869) iniciou a simplificação da tarifa e seu ajustamento á situação cambial.

A reforma de Rio Branco em 1874 foi de natureza pronunciadamente fiscal, e a mesma cousa foi a revisão de sua tarifa por Saraiva (1881). O caracter da tarifa não se altera, apezar da perpetua mudança de pessoas e partidos politicos no governo.

A nota proteccionista pode ser descoberta na tarifa de Itaboraahy de 1869 — influenciada pelas idéas in-

(201) Não concordo em que esta tarifa constitue o primeiro passo para o proteccionismo brasileiro e parece-me que Homero Baptista se contradiz em sua explicação. Vide Homero Baptista, *A Receita Geral para 1913*, p. 51, Rio de Janeiro, 1912.

dustriaes da época de Mauá; ella appareceu claramente apenas na tarifa de 1886, quando o Ministro da Fazenda, Francisco Belisario, combinou os dois motivos — augmentando a taxa para 48% ad valorem. A reforma effectuada por Belisario originou importantes mudanças. Adoptou a taxa de 24 d. por mil reis, para os valores officiaes; e a sobretaxa de 60%, sendo consolidada, com a excepção de certos artigos de luxo, o augmento das taxas ficou, no seu todo, muito razoavel. O character geral fiscal da tarifa predominou durante o periodo da Republica, com a distincção, entretanto, de que os interesses industriaes ainda novos começaram a expressar seu desejo de protecção, addicionando um novo factor ao processo de ajustamento da tarifa. Como os interesses industriaes eram regionaes e de zonas, o problema da tarifa tornou-se um campo de batalha no Parlamento e objecto de conflictos. O paulista da cidade era o representante da corrente proteccionista, e o fazendeiro agrario constituia o seu opposente.

A economia monetaria do litoral começou a proteger os interesses dos que produziam: os interesses dos consumidores do resto do paiz continuaram a ser objecto dos motivos fisceaes na tarifa. Dessa maneira, a distincção entre o Brasil economico e politico mais uma vez influencia a directriz governamental.

Os interesses fiscal e industrial estavam de accordo. O augmento dos direitos de importação constituia, então, o objectivo immediato commum, a formação de uma industria nacional grande e forte — o alvo final.

Essa nova industria devia tornar-se uma nova fonte de rendas para a União, formando a base e a viga mestra da nova republica. Desse ponto de vista podemos

compreender por que a tarifa da primeira republica (Ruy Barbosa -- 1890) tinha como proposito principal, alem de outros, satisfazer a absoluta necessidade de reduzir os direitos sobre as materias primas consumidas pelas fabricas ou industrias nacionaes, e elevar os direitos de importação sobre artigos de fabricação estrangeira importados para serem consumidos no Paiz, quando existissem artigos similares de produção nacional (202).

As mudanças de Bernardino de Campos obedeceram á mesma orientação, e somente a presidencia de Campos Salles (1898-1902) não era a favor da expansão do industrialismo nacional. Campos Salles pregava a theoria de que, sob a influencia do papel moeda, "a mania de grandeza... determinou a criação de empreendimentos industriaes de todas as maneiras imaginaveis". Elle descrevia as industrias como *completamente artificiaes*, creadas pelo ultra-proteccionismo e mantidas por tarifas prohibitivas, gozando um monopolio *de facto*, e prejudicando o desenvolvimento agricola do paiz. "E tempo de tomar o caminho certo; e o que nós devemos fazer para esse fim é nos esforçarmos para exportar tudo quando pudermos produzir em melhores condições do que outros paizes, e importar tudo quanto elles possam produzir em melhores condições do que nós (203).

Dessa forma originou-se no solo brasileiro o conflicto entre a agricultura e a industria.

(202) João Pedro da Veiga Filho, *Monographia sobre Tarifas aduaneiras*, p. 61 S. Paulo, 1896.

(203) "*Mensagens presidenciaes 1891-1910*". p. 223, Mensagem 3 de Maio de 1899.

A attitude de Campos Salles foi um episodio recente na historia da tarifa brasileira. Pôde ser que ninguem tenha amparado a industrialisação brasileira mais do que elle, creando uma ordem temporaria no cáos da finança e da moeda brasileira.

Leopoldo de Bulhões formulou a politica governamental nas seguintes palavras:

“Desde 1896 (conforme vimos, isso começou antes de 1896) o Congresso Nacional julgou seu dever lançar um imposto muito pesado sobre certos artigos estrangeiros, com o proposito de proteger a industria nacional; e mesmo agora existe a tendencia de augmentar os impostos de importação, tornando-os quasi prohibitivos, deixando os productos nacionaes quasi sem concurrencia nos mercados internos” (204).

A tarifa Murtinho, promulgada em 1900, ainda se acha em vigor. Embora fiscal, ella tambem protege a industria, não obstante as declarações anti-industrialistica esporadicas do Presidente. Elle introduziu a taxa-ouro, e creou a taxa adicional 2% para applicação especial.

As varias tentativas levadas a effeito no novo seculo de uma revisão da tarifa não deram resultados praticos. Diversas commissões prepararam materiaes e discutiram o problema (1915 — João Luiz Alves, 1919, Homero Baptista) mas a tarifa Murtinho, com mudanças quasi annuaes, addições e modificações, ainda é a que prevalece no Brasil.

Não pertence ao proposito deste estudo incluir uma investigação especial sobre tarifas e descrever a sua organização no paiz. O que nós precisamos para

(204) Ministerio da Fazenda, *Relatorio de 1904*, p. VI, Rio de Janeiro, 1904.

o nosso objectivo é mostrar neste ensaio o nascimento do sentimento proteccionista (205).

A taxaço desempenhou um papel subsidiario no orçamento brasileiro. A evolução das taxas durante o seculo não foi muito grande.

Bernardo Pereira de Vasconcellos, ao apresentar o seu Relatorio em 1832 á Assembléa Geral Legislativa, deu a seguinte descripção da situação:

(205) "O sentimento proteccionista no Brasil é muito forte. Não existe partido politico ou associações no paiz que se oppoñam ao proteccionismo. As taxas tariffarias constituem uma muralha com o objectivo de proteger a industria nacional.

Nenhuma asserção é mais erronea do que a frequentemente ouvida nos Estados Unidos de que o unico objectivo das tarifas sul-americanas é obter rendas. Tanto no Brasil como em outros paizes, as industrias nascentes são protegidas e favorecidas e os direitos são amoldados para proteger os interesses daquelles que desejem aventurar-se no campo da industria nacional. Os direitos sobre pianos fornecem um bom exemplo sobre o limite a que chegam os legisladores brasileiros na protecção á industria. Esses direitos são muito altos. Elles protegem uma fabrica de pianos existente em Curityba — a unica fabrica de pianos no Brasil. Essa pseud fabrica está localisada em um edificio que era utilizado como moradia, e por melhor que faça não poderá fabricar mais do que 10 ou 12 pianos de cada vez. Existem outros casos semelhantes a este.

E' difficil tornar clara a natureza exacta do ultra-proteccionismo no Brasil. Uma das phases geralmente reconhecidas é a do Governo prestar auxilios individuaes. Industrias que absolutamente não existem são protegidas por direitos prohibitivos. A sericicultura mal é conhecida no Brasil. Entretanto elevados direitos pesam sobre os artigos de sêda para proteger umas poucas fabricas, que não pretendem supprir o mercado nacional.

Existem poucos carneiros no Brasil. Entretanto, são mantidos altos direitos sobre artigos de lã afim de que pequenas industrias nacionaes possam continuar a existir".

Commissão Federal de Commercio. *Report On Trade and Tariffs in Brazil*, "Uruguay, Argentina, Chile, Bolivia e Perú", p. 62. Washington, 1916.

“No geral o nosso systema taxativo é extremamente vicioso, consistindo de um grande numero de taxas especificadas, trazidas de Portugal durante os infelizes tempos coloniaes, ou elaboradas aqui sem conhecimento de principios scientificos. E quando ellas eram necessarias, ou pareciam ser necessarias, é porque existia a necessidade de augmentar as rendas” (206).

Isso constituiu uma verdade durante todo o periodo do Imperio.

Viveiros de Castro, um dos poucos investigadores da historia da tributação do Brasil, censurava os governos do primeiro Imperio e da Regencia, declarando que elles “nunca se esforçaram por tornar as fontes de rendas mais productivas pela melhoria da tributação, mas faziam appello ao credito e recorriam a emprestimos” (207). Elle explicou como uma desconfiança para com a machina fiscal, mas se esquece das reais condições economicas do paiz. Não existiam *contribuintes do fisco*.

Mais importantes eram os seguintes impostos, que foram creados ou respectivamente augmentados durante o reinado de D. Pedro II: imposto sobre immoveis; o imposto do sello proporcional e o fisco; a taxa de 2 a 10% sobre os salarios dos empregados do Governo; as penas de agua; a taxa sobre armazens e lojas de modas; sobre industrias e profissões, sobre loterias, a taxa sobre capital e transferencia de acções de companhias e corporações, a taxa sobre notas promissorias, e sobre taxa sobre importações e exportações, a taxa sobre gado, sobre a transferencia de propriedades, sobre a exploração de minas e terrenos contendo diamantes

(206) Viveiros de Castro, pp. 49, 50.

(207) *Id.* p. 65.

tes, a taxa sobre armazem, sobre docas e atracação, sobre transportes, sobre bebidas alcoolicas, as taxas sobre correios e telegraphos. O imposto territorial, muitas vezes proposto, não foi adoptado.

A constituição da Republica não estabeleceu, como sabemos, muitas possibilidades de taxaço para o governo federal, mas as novas condições do periodo permittiram os primeiros passos com direcção de um novo systema.

A mais importante caracteristica da evoluço da taxaço da Republica é o esforço para a concentraço em uns poucos itens. Isso substituiu a taxaço diversificada do imperio; era o fim do typo colonial de taxaço.

Cada novo governo republicano encarecia a necessidade da reforma e promettia realisal-a; muitos delles proclamavam a injustiça do systema em vigor; muitos outros se mostravam anciosos para introduzir um systema moderno de taxaço directa sob a forma de imposto de renda progressivo (208). O actual imposto sobre o consumo praticamente teve origem com a lei de 10 de Novembro de 1772 e recebeu a sua presente forma pela lei de 30 de Dezembro de 1891, a qual introduziu os sellos de consumo. O moderno imposto de consumo, formulado pela lei de 14 do Novembro de 1899, inclue 46 grupos (em 1929) de objectos e artigos de primeira necessidade, taes como sal, manteiga, queijo, café, chá, tabaco, e assim por diante, bem como artigos de luxo.

(208) Leopoldo de Bulhões era typico a esse respeito. Vide Ministerio da Fazenda, *Relatorio de 1903*, p. XVII. Rio de Janeiro, 1903.

A administração financeira, conscia de que essa taxa é “em sua natureza desigual e injusta” de que “ampliou o seu campo de acção immensamente, abrangendo todos os productos e objectos susceptiveis de tributação fiscal” encarceu a sua “facil e immediata cobrança”. (209)

RENDA PRODUZIDA PELO IMPOSTO DE CONSUMO NO
ANNO DE 1929

<i>Artigos</i>	<i>Contos de réis (papel)</i>
Tabaco	79.443
Bebidas	116.328
Phosphoros	26.731
Sal	8.660
Calçados	14.594
Perfumaria	14.677
Drogas especiaes	9.211
Artigos em conserva	14.837
Vinagre e oleo vegetal	2.701
Velas	1.002
Tecidos	43.972
Roupas feitas	16.159
Vinhos estrangeiros	12.594
Papel e productos de papel	1.593
Chapeus	6.757
Porcellanas e vidros	2.178
Productos de ferro	1.839
Café e chá	3.910
Manteiga	1.384

(209) Ministerio da Fazenda (Annibal Freire da Fonseca)
Relatorio 1926, pp. XIII-XIV, Rio de Janeiro, 1926.

Moveis	4.726
Armas de fogo	1.111
Lampadas e outros artigos electricos	1.375
Queijo e productos de queijo	1.800
Força electrica	4.622
Tintas	2.992
Artigos de borracha	2.833
Fogões, fornos, etc.	2.100
Couro e productos de couro	2.240
Jóias e trabalhos em ouro	1.566
Gazolita e naphita	15.256
Telhas	1.059
Instrumentos musicaes	1.555
Diversos (*)	4.945
Total	426.749

(*) Aqui estão comprehendidos 14 itens, inclusive todos os artigos nos quaes o imposto produzido foi inferior a 1.000 contos.

FONTE: *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pelo Presidente da Republica*, Washington Luiz P. de Sousa. 1930. Anexo pp. 11-12. Rio de Janeiro, 1930.

A taxa de circulação inclue a taxa de sello, taxa sobre contractos futuros de café, assucar e algodão, e taxa sobre as vendas commerciaes. Essas fontes de renda produziam as seguintes importancias em 1929:

	<i>Contos de réis</i>
Sellos	136.832
Transporte	29.556
Taxa sobre viagens	22.918
Contractos futuros	1.226
Vendas Commercias	68.965

FONTE: Id. anexos, p. 13.

As mudanças na importância das taxas de circulação e consumo para o orçamento federal podem ser apreciadas no seguinte quadro:

PORCENTAGEM DA RENDA TOTAL

<i>Anno</i>	<i>Taxa de Consumo</i>	<i>Taxa de Circulação</i>
1910	10.5	4.2
1911	10.6	4.4
1912	10.3	4.6
1913	10.0	4.4
1914	12.4	5.7
1915	16.9	8.2
1916	17.6	7.3
1917	23.7	7.8
1918	22.5	8.0
1919	21.7	9.2
1920	19.1	8.1
1921	19.5	10.7
1922	22.2	10.8
1923	20.8	10.7
1924	20.7	13.4
1925	17.9	12.7
1926	22.1	13.9
1927	19.8	11.8
1928	19.9	11.4

FONTE: *Economical Data About Brazil*, p. 95.

Os governos republicanos não perderam oportunidade alguma de declarar o seu descontentamento com a taxaçoão indirecta, "que incide pesadamente sobre a economia das classes populares; mas, por ser indirecta, provoca menor opposição...". Os financistas da Republica acreditam que "a taxaçoão da renda deve tornar-se uma das principaes bases da receita publica. Em nenhum outro paiz foi essa forma de taxaçoão introduzida facilmente; em todos os casos, começoou-se

com experimentos, modificações e melhoramentos, não obstante a opposição da maioria dos contribuintes. Mas em todos os paizes, ella foi victoriosa, porque constitue um progresso economico e politico no campo da taxação". (210)

O presente imposto sobre a renda (objecto de conflicto constitucional entre a União e os Estados) originou-se no imposto de renda (lei de 21 de Novembro de 1892) o qual foi muitas vezes modificado e revisado nas leis orçamentarias annuaes. Quando foi cobrado pela ultima vez, em 1923, incluiu dividendos e todos os outros rendimentos de acções de companhias por acções, suas obrigações e debentures, o rendimento liquido de companhias com disponibilidades limitadas, bancos e casas de emprestimos sob hypothecas, os "tantièmes" de directores de Companhias, o lucro liquido das fabricas, do commercio e profissões liberaes.

Essa taxa representava o embryão do futuro imposto sobre a renda, e novos objectos de taxação continuavam a ser continuamente accrescidos.

O imposto federal sobre a renda, como taxação da receita total, começou em 1924. Foi modificado diversas vezes e recebeu a sua presente forma na providencia legislativa de 26 de Julho de 1926.

O imposto federal sobre a renda não foi totalmente cobrado em 1926 e 1927. Sob certas condições, 75 % de redução foi feita em 1926 e 50 % em 1927.

O methodo de calcular essa taxa é feito de maneiras differentes, dependendo de se tratar da taxação de pessoas physicas ou legaes conforme o caso em que incidir sobre individuos ou corporações.

(210) *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pelo Presidente da Republica* (Arthur da Silva Bernardes), pp. 28-29. Rio de Janeiro, 1926.

O imposto sobre a renda individual consiste na taxa normal e na sobretaxa. A taxa normal abrange:

RENDA LIQUIDA DO CAPITAL

	<i>Taxa do imposto (porcentagem)</i>
a) Renda de valores moveis	2 ½
b) Renda de propriedades territoriaes	nenhuma

Renda liquida do capital associado com o trabalho

a) Renda do commercio e industria	1 ½
b) Renda de outras artes e profissões	1
Renda liquida do trabalho	½

A sobretaxa (uma taxa progressiva sobre a renda total) abrange a quantia total da renda de todas as fontes, depois de feitas todas as deducções. A taxa varia de 1/4 a 4 1/2 por cento, dependendo do total da renda liquida, se ella for de 6 a 350 contos. Acima de 350 contos, a taxa é de 5 por cento.

Isenção até 6 contos, deducções usuaes constituem as principaes characteristics do imposto sobre a renda adoptado no Brasil.

A taxa de 3 % sobre o lucro das corporações abrange as companhias nacionaes, como tambem as estrangeiras que operam no paiz.

Os resultados financeiros do imposto sobre a renda são apresentados no seguinte quadro:

<i>Anno</i>	<i>Milhares de contos</i>	<i>Porcentagem da receita total</i>
1924	25	1.4
1925	27	2.0
1926	29	2.2
1927	54	3.0
1928	63	3.1
1929	68	3.2

FORTE: F. T. de Souza Reis, *O Imposto de renda em seis annos de adaptação no Brasil*, p. 12, Rio de Janeiro, 1930.

A mensagem presidencial de 1930 menciona que o imposto sobre a renda "é relativamente novo e, por essa razão, foi introduzido e cobrado com difficuldade; elle deve, de accôrdo com a opinião geral, ser manuseado com cuidado afim de produzir os resultados esperados". (211)

Como os recursos ordinarios nunca foram sufficientes para fazer face as despesas, o governo tenha de lançar mão de outras fontes: credito e papel moeda. Ambas tiveram sua origem com D. João VI.

CREDITO PUBLICO (212)

A historia da America do Sul é inseparavel da da Inglaterra; a historia da divida publica da America

(211) P. 13.

(212) Ainda não existe uma compilação digna de confiança da historia dos debitos brasileiros no estrangeiro. A fonte mais segura referente ao periodo do imperio ainda é Carreira, ob. cit., não obstante varios dados contradictorios do seu texto. No quadro da publicação feita pela Directoria do Serviço de Estatistica, *Finanças da União e dos Estados 1822-1913*, pp. 98-99, Rio de Ja-

do Sul constitue um capitulo da historia economica britanica.

Duas dynastias bancarias inglezas dominaram e ainda dominam a costa da America do Sul banhada pelo Atlantico.

A resposta de Byron á pergunta:

“Quem detem o equilibrio do mundo?” nos parece não ter mais cabimento com relação ao mundo, mas ainda é historicamente verdadeira, com relação á costa atlantica da America do Sul:

“O judeo Rothschild e o seu irmão-christão, Baring”.

A primeira importante transacção de emprestimo no mercado londrino — o emprestimo francez, emitido por Baring Brothers, associados com os Labouchers — foi realisada em 1817. Essa liquidação das “reparações” francezas, para se applicar essa expressão moderna á liquidação financeira das guerras Napoleonicas, assignalou o inicio de uma série de emprestimos publicos, emitidos em Londres, onde a America Latina passou a ser um fiel cliente.

E' inteiramente desnecessario dizer por que motivo Londres desempenhou esse papel na historia sul-americana. A situação politica, no começo do seculo

neiro, 1914, os dados sobre os emprestimos correspondem mais á época de sua autorisação, e não da emissão; para o periodo da Republica a publicação acima mencionada contem alguns dados errados referentes aos annos de 1895, 1907, 1908; os erros typographicos tornam particularmente difficil o uso desse trabalho. *The Summary of some Financial and Economic Statistics* (Directoria Geral de Estatistica, pp. 138-39, Rio de Janeiro, 1924) dá apenas as importancias em aberto para 1912-1921. A recente compilação (1931) por Sir. Otto E. Niemeyer tambem não inclue as importancias iniciaes dos emprestimos. As cifras do “International Institute of Finance” Nova York (31 Dezembro 1931) apresentam uma copia do quadro do trabalho de Niemeyer.

dezenove, a attitude da Grã-Bretanha no tocante á independencia das republicas da America Latina, os seus interesses economicos em desenvolver o seu commercio, e a sua anciedade para conquistar os mercados, são conhecidos. Nenhum dos outros grandes poderes podia, então, competir com Londres como fornecedor e financiador.

Mas existiam outras razões especiaes, que explicam “a tutela paternal de Lombard Street”, como Ruy Barbosa classificou a influencia financeira de Londres no Brasil. (213)

“A alliança mais velha do mundo é a existente entre a Inglaterra e Portugal. Ella teve inicio nas cruzadas dos tempos medievaes. Os dois paizes tem tido geralmente inimigos communs e raramente interesses divergentes, e a sua alliança, não obstante as guerras e revoluções, continuou até o presente. (214)

Portugal, ao contrario da Hespanha, não era um poder mundial. Mesmo no tempo do maior florescimento de seu poderio. Portugal era, economicamente, um appendice da Grã-Bretanha. Dessa forma, desde o seculo dezesete, em Portugal “havia, de facto, commercio britanico sob a bandeira portugueza, uma exportação de productos britanicos adquiridos a credito” (215).

O famoso tratado de Methuen (1703), que facilitou a conquista do mercado portuguez pelos productos

(213) *Discursos e escriptos*, p. 232 Rio de Janeiro, 1892. Para uma historia comprehensiva dessa influencia, Vide A. K. Manchester, *British Préeminence in Brazil*. Chapell Hill, 1933.

(214) Clyde L. Grove. “The Anglo-Portuguese Marriage of 1662”, *The Hispanic American Historical Review*, August, 1930, p. 312.

(215) Oliveira Lima, *D. João VI*, I, 209.

britanicos, teve como um de seus resultados o augmento da exportação do ouro brasileiro de Portugal para Londres. "Todos os mezes dois navios de guerra chegavam de Lisboa, isentos das formalidades alfandegarias; elles carregavam para a Grã-Bretanha o ouro que legalmente não podia deixar Portugal". (216)

Quando a Inglaterra perdeu suas colonias do Norte, a idéa mais natural foi procurar compensação no Sul. Uma das trilhas dirigia-se para o Brasil. Iniciando e amparando a transplantação da Côrte portugueza para o Brasil, assegurando no convenio secreto de 1807 a abertura de um porto no Brasil sómente para a Inglaterra, "Pitt imaginava uma grande capital, Nova-Lisbôa, no centro do paiz, unindo Cayena, Pará, Rio de Janeiro, Olinda, Calláu, Lima, Santiago, etc." (217)

O Brasil viu-se envolvido muito cêdo no systema economico britanico, permanecendo legalmente uma colonia portugueza, e dirigindo o seu estado formal de isolamento colonial.

O estado ultramarino de Portugal era na realidade um estado ultramarino de Londres, e a economia brasileira teve o seu inicio, não em Lisboa, mas em Londres.

Quando José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, no fim do seculo dezoito, teve de esclarecer os "proventos que Portugal poderia tirar de suas colonias

(216) Francisco A. Corrêa, *ob. cit.* I, xiii. Adam Smith salientava este facto: "Uma grande parte do mesmo (ouro do Brasil) entra annualmente na Inglaterra, em troca de mercadorias inglezas, ou por intermedio de outras nações europeas que encaminham esse ouro para lá em troca das mercadorias recebidas da Inglaterra". *ob. cit.* II, 48. "Quasi todo o nosso ouro, diz-se, vem de Portugal". *Id.* p. 50.

(217) Tobias Monteiro. *Historia do Imperio. A elaboração da Independência*, p. 68 Rio de Janeiro, 1927.

do Brasil” (218) para a Inglaterra tal explicação era superflua.

A Côrte Portugueza no Rio de Janeiro tornou-se inteiramente dependente da Inglaterra; D. João teve de explicar em um manifesto especial por que motivo as mercadorias inglezas recebiam privilegios de tarifas especiaes e uma taxa mais favoravel do que as gozadas pelas mercadorias portuguezas.

O “*Correio Brasiliense*” daquella epocha evidencia-va claramente os lucros britannicos no Brasil:

“Os inglezes não podiam mais vender os seus artigos de lã e algodão em Portugal, é verdade; mas o mundo inteiro não sabe que as fabricas portuguezas exportavam um grande volume dessas mercadorias para o Brasil? Todas essas mercadorias, portanto, que eram exportadas para o Brasil das fabricas portuguezas não podem ir para lá agora, consequentemente os inglezes é que estão em condições de fornecer o Brasil com esses artigos, pelo que elles lucrarão 3 vezes mais do que lucrariam com esses mesmos artigos em Portugal. (219)

Mas o *Correio* comprehendeu tambem “a desvantajosa posição em que se encontrou o negociante brasileiro com relação ao inglez”, (220) e accnava: “parece-nos que a parte portugueza desse tratado foi traduzida do inglez” (221).

O governo britannico, depois de 1808, tornou-se o necessario, indispensavel intermediario entre Portugal e o Brasil, primeiro entre a Côrte Portugueza no Brasil e Portugal e depois entre o Brasil independente e a sua antiga metropole. Lord Stangford, o embaixa-

(218) *Ensaio Economico*.

(219) *Correio Braziliense*, I, 44 Londres, 1808.

(220) *Id.* July, 1810, p. 189.

(221) *Id.* p. 190.

dor britânico em Lisbôa, até organizou o financiamento da transferencia da Côrte portugueza para o Brasil. (222)

Elle foi o arbitro nas questões familiares entre Portugal e Brasil; foi elle quem resolveu as questões financeiras entre os dois paizes.

A Inglaterra aproveitou a oportunidade para transferir alguns debitos portuguezes a um devedor ainda virgem, o Brasil. Foi essa a origem dos primeiros empréstimos brasileiros no mercado de Londres. O Brasil fez dessa forma uma entrada prematura no terreno da economia do credito, sob a direcção dos inglezes.

Existiram outros episodios isolados — negociações sobre um empréstimo com Laffite & Co., em Paris, em 1829, empréstimos francezes ao fim do imperio, uma grande collocação de titulos brasileiros nos Estados Unidos depois da guerra mundial, quando esse paiz entrou na brecha. Mas a Inglaterra era e ainda é dominadora, na esphera do credito publico brasileiro.

A Inglaterra arranjou os dois *funding-loans*; a Inglaterra enviou ao Brasil investigadores e reformadores, como Tootal em 1898, a Missão de Sir. Edward Montagu em 1923 e Sir. Otto E. Niemeyer em 1931.

A ligação entre a finança brasileira e o mercado inglez estava quasi exclusivamente nas mãos dos Rothschilds de Londres, primeiramente nas mãos de Nathian Meyer Rothschild, um dos cinco filhos entre os quaes o velho Anselm Meyer Rothschild, de accôrdo com a lenda, dividiu a Europa e, por intermedio da Europa, o mundo.

(222) J. M. Pereira da Silva, *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, 11, 87-88, Rio de Janeiro, 1865.

Como a Inglaterra era a amparadora da independência brasileira e como a Santa Alliança (especialmente Metternich) se oppunha a uma nova monarchia constitucional no Brasil, era natural que o Rothschild londrino, e não o continental, se encarregasse dessa transacção financeira. A attitude do governo inglez era favoravel.

A Inglaterra tinha um interesse especial, desde que a liquidação das reclamações financeiras de Portugal se fazia "por intermedio da mediação de Sua Majestade da Gran-Bretanha", e Sir Charles Stuart representava a Inglaterra nessa commissão. De accôrdo com a sua decisão, o emprestimo portuguez de £ 1.500.000, em Londres em Outubro de 1823, foi debitado em 1825 ao Brasil (como parte da indemnisação de £ 2.000.000 á Mãe-Patria por parte da antiga colonia).

A primeira tentativa de obtenção de um emprestimo brasileiro em Londres se effectuou no anno de 1822, quando a firma Read Irving & Co., de Londres, iniciou as negociações. (223)

O primeiro emprestimo brasileiro no estrangeiro no anno de 1824 não foi negociado com os Rothschilds. Trez firmas de Londres (Bazeth, Tarquard, Crawford & Co.); Fletcher, Alexander & Co.; Thomaz Wilson & Co.) compraram firme £ 1.000.000 em titulos de 5 % a 75 e £ 2.000.000 a opção a 85; uma commissão de 4 % foi deduzida do producto liquido depositado no nome de dois representantes brasileiros. A commissão foi dividida (com o consentimento do Governo) entre

(223) Os *Documentos do Erario Régio*, existentes em manuscritos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro contém na correspondencia do Conde de Funchal interessantes materias relacionados com este episodio, especialmente uma carta a Lord Castlereagh, solicitando a garantia britanica para o emprestimo brasileiro.

os banqueiros e os representantes brasileiros (estes ultimos eram ao mesmo tempo os plenipotenciarios *ad hoc*, os agentes e os depositarios). Em garantia desse emprestimo, hypothecaram-se as rendas da Alfandega.

As difficuldades surgidas posteriormente entre esse grupo de banqueiros e o governo brasileiro originaram a entrada dos Rothschilds. Em Janeiro de 1825, Nathan Meyer Rothschild "negociante na cidade de Londres", como os primeiros documentos officiaes brasileiros o denominam, cobriu as restantes £ 2.000.000 do emprestimo de 1824 (5 % , 85, 4 % de commissão) e tornou-se o agente e depositario para o serviço desse emprestimo.

Esse inicio não foi muito feliz. Em 1829 um novo emprestimo de £ 400.000 teve que ser arranjado por Rothschild e Thomaz Wilson & Co. afim de proporcionar ao Brasil meios de poder continuar a satisfazer os pagamentos do emprestimo de 1825. O preço de 52 conseguido pelo Brasil para este emprestimo era o reflexo do desapontamento de Rothschild com o novo cliente. (224)

Mas tambem os clientes procuravam novas relações. Quando o Marquez de Barbacena visitou os banqueiros inglezes em 1835, consultando-os sobre os meios de retirar papel moeda da circulação, mencionou no seu Relatorio que "ambas as partes estão desejosas de contractar um novo emprestimo externo para o Brasil". (225) Elle discutiu o assumpto com Rothschild,

(224) . Este emprestimo (£ 400.000) foi offerecido ao Sr. Rothschild a 50%, que o recusou; mas quando desconfiou que outros capitalistas (Srs. Barings) faziam offeras pelo mesmo elle o tomou a si, juntamente com os Srs. Thomaz Wilson & Co., a 54! J. J. Sturz, *A Review... of the Empire of Brazil*, p. 14. Londres, 1837.

(225) *Id.* p. 60.

Thomaz Wilson, Samuel & Philipps e Baring Brothers. O Marquez de Barbacena mencionou em seu relatório a fria attitude dos Rothschilds e mostrou admiração pelo poderio financeiro dos Barings. A carta de Baring Brothers a Barbacena suggeria a emissão de um novo emprestimo.

O anno de 1839 trouxe uma nova firma em campo: o emprestimo de £ 312.500 foi negociado com uma casa de Londres, Samuel & Philipps, os quaes, por intermedio de parentes no Rio, eram relacionados com o Thezouro. Em 1843 notamos Sir. Isaac Lyon Goldsmid operando em negociações de um emprestimo de..... £ 622.702 (Valor nominal £ 732.600) (pagamento adicional a Portugal). Em 1847 Goldsmid, Thompson & King actuavam como agentes em Londres do serviço da divida brasileira. E sómente em 1852 N. M. Rothschild & Sons, Londres, entram novamente em scena, emittindo um novo emprestimo de £ 1.040.600 (para amortisação do emprestimo portuguez de 1823). Em 1855 todo o serviço da divida foi transferido para N. M. Rothschild & Sons, Londres, que se tornaram os banqueiros do imperio hrasileiro.

Dahi por deante as transacções seguiram-se umas ás outras, rapidamente. Em 1858 os Rothschilds faziam a emissão de £ 1.526.500, em 1859, £ 508.000, em 1863, £ 3.389.906. Em 1865 os Rothschilds financiaram a guerra do Paraguay com a participação de Becker & Fuld, Amsterdam, (£ 6.363.613 a 74,5 %). As quantias tornaram-se maiores em 1871, 1875, 1883, 1886, e 1888. A culminação foi a mais brilhante transacção do imperio — a conversão de 1889, na qual as duas partes interessadas — o Visconde de Ouro Preto e os Rothschilds ficaram “completamente satisfeitos”, conforme os Rothschilds acharam necessario declarar,

em uma carta ao representante imperial do Brasil em Londres.

Todos os empréstimos, antes de 1858, tinham o propósito de cobrir o deficit, financiar a indemnisação a Portugal, ou tornar possível o cumprimento do serviço da dívida dos empréstimos anteriores. O empréstimo de 1858 foi o primeiro que se destinou a um fim reproductivo (continuação da Estrada de Ferro D. Pedro II) e o primeiro que foi liquidado estritamente, dentro dos termos do contracto. O espirito do tempo de Mauá ficou expresso em mais dois empréstimos para a construcção de estradas de ferro e outros melhoramentos.

O dinheiro dos Rothschilds ajudou, no caso do Canal de Suez, para mudar a geographia do mundo.

Os Rothschilds não tentaram mudar os caminhos da historia; acompanharam as mudanças dos tempos e permaneceram os financiadores *de la Cour* da republica, compartilhando de seus aborrecimentos financeiros. A situação nunca chegou a se tornar igual á tragedia da crise Baring, causada pelo collapso da Argentina do seculo dezenove, visto como os Rothschilds geralmente enxergavam os meios de procurar a solução dos problemas mediante a cooperação da administração brasileira. Constitue um facto muito raro o devedor conservar um sentimento amistoso para com o credor, como se verifica da attitude expressa por Campos Salles com referencia aos Rothschilds: "sem elles seria difficil calcular quão baixo desceria o nivel do nosso credito". (226)

(226) Campos Salles, "*Cartas da Europa*", p. 155. Rio de Janeiro, 1894. Campos Salles visitou Rothschild em Londres no anno de 1893; esse contacto pessoal auxiliou as negociações de 1898. Vide Tobias Monteiro. *O Presidente Campos Salles na Europa*. Rio de Janeiro, 1928.

O primeiro emprestimo externo da Republica (£7.442.000) foi emittido em 1895. As turbulentas condições domesticas no começo da republica e a difficil situação economica relacionada com a crise do mil réis redundaram, na suspensão do serviço da divida em 1898. A collaboração de Rothschild e do governo brasileiro (Campos Salles, Murinho) resultou no *funding-loan* de 1898. Foi resolvido fundir por um periodo de 3 annos (1 de Julho de 1898 a 30 de Junho de 1901) os juros de todos os emprestimos em esterlinas e de certas obrigações ferroviarias em um *funding-loan* a 5 % e os (cujos juros seriam pagos em dinheiro). Foi tambem resolvido suspender os pagamentos dos fundos de amortização durante treze annos de 1.º de Julho de 1898 a 30 de Junho de 1911. Os pagamentos dos juros reataram-se em 1.º de Julho de 1901, ao passo que os pagamentos dos fundos de amortização foram recommçados em 1.º de Janeiro de 1910, ou dezoito mezes mais cedo do que ficara estipulado no accordo de 1898.

Os emprestimos para fins reproductivos continuaram. Oito novos emprestimos foram emittidos em Londres (£59.119.320) até a guerra. O mercado francez tambem abriu seus portões para os titulos brasileiros e cinco emprestimos (cerca de 300.000.000 de francos) foram lançados antes da guerra mundial.

O collapso causado pela guerra tornou necessario a realização de um novo *funding-loan*. Em 1.º de Agosto de 1914, os pagamentos das obrigações da divida externa não foram effectuados, e em 19 de Outubro do mesmo anno realisou-se um segundo esquema de reajustamento da divida. Os juros sobre as obrigações da divida externa (com excepção do *funding-loan* a 5 % de 1898 e o emprestimo 5 % de 1903) foram incluidos numa operação de 3 annos, (1.º de Agosto de 1914 a

1.º de Julho de 1917) em um novo *funding-loan* a 5%. A suspensão do pagamento dos fundos de amortização foi obtida para treze annos.

A obtenção de empréstimos ficou suspensa durante a guerra. Sómente o empréstimo de 1916 (Estrada de Ferro do Estado de Goyaz) emittiu-se durante esse tempo no mercado francez.

Depois da guerra, abre-se um novo capitulo na historia da divida publica brasileira. O mercado de Nova York apossou-se do velho cliente de Rothschild.

Sómente um pequeno empréstimo em 1922 (5% Estrada de Ferro Victoria Minas) foi lançado na França e um em Londres, em 1927 (6 1/2-Consolidação da divida fluctuante); os quatro grandes empréstimos federaes (1921, 1922, 1926 e 1927) tiveram sua origem em Nova York. Dos \$176.500.000, sómente..... \$25.000.000 foram usados parcialmente para a electri-ficação da Estrada de Ferro Central do Brasil, tendo sido todo o restante utilizado para fins puramente fiscaes e a maior parte destinado á consolidação da divida fluctuante.

Parallelamente ás mudanças havidas na economia de durante e após-guerra, as finanças brasileiras passaram a ficar mais dependentes de Nova York. A differença entre os methodos financeiros da Inglaterra e dos Estados Unidos patenteia-se claramente no caso do Brasil. De accôrdo com os calculos de Sir Otto E. Niemeyer o valor nominal das dividas em 1.º de Janeiro de 1931 (227) era de £ 100.569.751 para a Gran-Breta-

(227) E' necessario fazer-se uma correcção em virtude do retorno de alguns titulos para o Brasil. O bem conhecido *Heimweh* de titulos no estrangeiro tambem verificou-se no Brasil, algumas vezes até mesmo com o auxilio governamental. Na mensagem presidencial de 1921 (Presidente Epitacio Pessoa) encon-

na, depois de um seculo de concessão de empréstimos, e \$143.336.998 para os Estados Unidos, depois de dez annos.

Os Estados Unidos tornaram-se detentores de cerca de 35 % de todo o debito do Governo Federal brasileiro em uma decada (mais exactamente em 6 annos, visto que as emissões foram feitas em 1921-1927).. Esse facto somente pode ser comprehendido em relação com a corrida de negocios de titulos, registrada em Wall Street depois da guerra.

* * *

De par com o crescimento da divida externa manifestou-se o da divida interna.

A lei de 15 de Novembro de 1827 deu a fundação legal para o credito publico imperial, creando o Registro de debitos do Governo, o Banco de Amortisação, e iniciando dessa forma o agora legalizado credito publico com a criação de 12.000 contos de titulos (apolicies) para o proposito de resgatar o papel moeda, liquidar debitos antigos e equilibrar o deficit orçamentario.

O debito interno no Brasil tomou formas differentes. Encontramos, simultaneamente com a forma usual de apolicies e inscrições em Registros de dividas, os depositos nos bancos de economias (Caixas Economicas), de orphans, e de outras naturezas.

Utilisando-nos das cifras do diligente Carreira, obtemos o seguinte quadro do fim do imperio:

tramos a menção do facto de cerca de £ 950.000 de titulos do *Funding-Loan* de 1898 terem sido comprados pelo Governo Brasileiro, p. II.

Contos de reis

Titulos da divida Interna de 5 %	381.536
Titulos da divida Interna de 4 %	120
Emprestimo Nacional de 1868, 6 %	18.954
Emprestimo Nacional de 1879, 4 %	34.233
Divida registrada nos Registros de Divida ...	138
Divida registrada mas não lançada	149
Divida antes de 1827	22
Depositos nas Caixas Economicas	24.535
Depositos no Monte de Soccorro	919
Depositos nos Fundos dos Orphans	15.340
Depositos de fallecidos e ausentes	4.068
Depositos de diversas naturezas	19.038
Receita com applicação especial	6.857
Total	505.908

FONTE: *Carteira, ob. cit.* p. 612.

A Republica não trouxe mudança alguma na forma e no character da divida interna. Uma compilação *de uma decada 1912-1921* (228) contem titulos federaes, diversas emissões especiaes, titulos para pagamento de pensões e pessoas particulares, notas do Thesouro Nacional — ao todo 16 formulas differentes.

Assignala-se mais um passo á frente com a separação da divida consolidada da fluctuante, a qual passaram a pertencer diversas especies de depositos, inclusive aquelles das Caixas Economicas ou do Fundo dos Orphans.

Não obstante o constante crescimento de suas quantias absolutas, as cifras não dão um quadro da divida interna, visto que o poder acquisitivo e o valor cam-

EMPRESTIMOS EXTERNOS BRASILEIROS

ANNO	Valor nominal £	Taxa	Preço da emissão	Fim a que se destina	Banqueiros		
1824	1,333,300	5	75	Para cobrir deficits, divida fluctuante, juros e amortização de empréstimos anteriores	Bazeth, Tarquhard, Crawford & Co., Fletcher, Alexander & Co., Thomas Wilson & Co.		
1825	2,352,900	5	85	Id.	N. M. Rothschild		
1829	769,200	5	52	Id.	N. M. Rothschild and Thomas Wilson & Co.		
1839	411,200	5	76	Id.	Samuel & Philippa Goldsmid Thompson & King		
1843	732,600	5	85	Id.	N. M. Rothschild & Sons		
1852	1,040,600	4.5	95	Id.			
1858	1,526,500	4.5	95.5	Para prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II	Id..		
1859	508,000	5	100	Para pagar o saldo dos empréstimos de 1824....	Id..		
1860	1,373,000	4.5	90	Para prolongamento da Estrada de Ferro Pernambuco	Id..		
1863	3,855,300	4.5	88	Para cobrir deficits, divida fluctuante, juros e amortização de empréstimos anteriores	Id..		
1865	6,363,600	5	74				
1871	3,459,600	5	89				
1875	5,301,200	5	96.5				
1883	4,599,600	4.5	89	Para melhoria de Estradas de Ferro, fornecimento de aguas da capital e outros serviços	Id..		
1886	6,431,000	5	95	Para cobrir deficits e divida fluctuante....	Id..		
1888	6,297,300	4.5	97	Para construção e prolongamento de Estradas de Ferro Federaes	Id..		
1889	19,037,000	4	90	Conversão	Id..		
1895	7,442,000	5	85	Para a E. F. Este de Minas com a garantia do Thesouro Nacional	Id..		
1898	8,613,717	5	100	Funding Loan	Id..		
1901	16,619,320 (Rescisão)	4	100	Resgate de E. Ferro adquiridas	Id..		
1902							
1905							
1903				8,500,00	5	90	Para melhoramentos do porto do Rio de Janeiro.
1905	1,100,000	5	96	Para o Lloyd Brasileiro	Id..		
1906	1,000,000	4	90	Para o melhoramento de fornecimento de agua para a Capital Federal e a construção de estradas de ferro federaes	Id..		
1910	4,000,000	5	96				
1910	10,000,000	4	87.5	Conversão e resgate de titulos da E. F. Este de Minas e de empréstimo do Est. de S. Paulo ..	Id..		
1911	4,500,000	4	92	Para melhoramentos do porto do Rio de Janeiro.	Id..		
1911	2,400,000	4	83	Para as estradas do Ceará	Id..		
1913	11,000,000	5	97	Para os portos de Pernambuco, Paranaquá e Comumbá e a E. Ferro Oeste de Minas	Id..		
1914	14,502,396	5	100	Funding Loan	Id..		
1927	8,500,000 Francos	6.5	91.5	Consolidação da divida fluctuante	Id..		
1908	100,000,000	5	100	Para a E. Ferro Itapura-Corumbá	Banque de Paris and Pays Bas, Société Générale, Comptoir Nationale d'Escompte.		
1909							
1909	40,000,000	5	95.25	Para melhoramentos do porto de Recife	Banque Française pour Le Commerce et L'Industrie.		
1910	100,000,000	4	87.5	Para a Est. de Ferro de Goyaz	Crédit Mobilier Français.		
1911	60,000,000	4	83	Para as estradas da Bahia	Crédit Mobilier Français		
1916	25,000,000	5	86.88	Para a aquisição do Ramal de Curralinho a Diamantina	Caisse Commerciale et Industrielle.		
1922	14,850,500 U.S.\$	5	100		Banque Française pour le Commerce et L'Industrie		
1921	50,000,000	8	98	Obrigações do Thesouro	Crédit Mobilier Français		
1922	25,000,000	7	96.5	Obrigações do Thesouro e electrificação de E. Ferro			
1926	60,000,000	6.5	90.5	Consolidação da divida fluctuante	B'air & Co.		
1927	41,500,000	6.5	92.5	Id.	Dillon, Read & Co. Id.		

bial do mil-réis fluctuaram continuamente em todo o seculo. Esse crescimento tornou-se especialmente rapido depois da guerra, quando as fontes de emprestimos do estrangeiro foram parcialmente substituidas pela emissão de titulos nacionaes. O avanço material do paiz nesse periodo supportou a collocação de grandes quantias.

O quadro a seguir baseia-se nas cifras officiaes:

TITULOS EM CIRCULAÇÃO (229)

<i>Annos</i>	<i>Contos de réis (papel)</i>
1914	727.332
1920	1.081.496
1924	1.999.505
1928	2.392.746

FONTE: *Economical Data About Brazil*, p. 98.

A divida fluctuante, sob todas as suas formas, sempre foi usada na finança publica brasileira. O debito para com o Fundo dos Orphans, para com os fallecidos e ausentes, para com o Fundo de Previdencia, e diversos outros, sempre foram permanentes.

A mais importante forma de divida fluctuante no Brasil foi e é a emissão de papel moeda.

Isso nos conduz á discussão da moeda e do systema bancario brasileiro.

(229) O equivalente de £ 1.000 tem assim oscillado: 1914 = 44.416; 1920 = 69.706; 1924 = 49.467; 1928 = 58.519. Se fizermos uma comparação entre 1910 e 1928 e dermos a 1910 o coefferente 100 o mesmo crescimento da divida interna (459% em 1928) corresponderá a somente 168% de aumento em libras. Este facto será tomado na devida consideração no Capitulo VII

CAPITULO VI

MOEDAS E BANCOS

KANZLER

“Zu wissen sei es jedem, der’s begehrt:
Der Zettel hier ist tausend Kronen wert”.

SCHATZMEISTER

Damit die Wohltat allen gleich gedeihe,
So stempelten wir gleich die ganze Reihe,
Zehn, Dreissig, Fünfzig, Hundert sind parat.

MARSCHALK

Die Wechslerbänke stehen sperrig auf;
Man honoriert daselbst ein jedes Blatt
Durch Gold und Silber, freilich mit Rabatt.

MEPHISTOPHEL

Und das Papier, wogleich amortisiert,
Beschämt den Zweifler, der uns frech verhöhnt.
So bleibt von nun an allen Kaiserlanden
An Kleinod, Gold, Papier genug vorhanden.

GOETHE, *Faust*.

“A historia da moeda... virtualmente começa no seculo dezenove” (230) e o Brasil a este respeito não ficou atraz. A historia da sua moeda começou no mesmo periodo.

Esse parallelismo vae mesmo alem, porque a historia da moeda brasileira reflecte tambem as oscillações

(230) J. M. K. Keynes, *“Indian Currency and Finance”*, p. 15. Londres, 1924.

mundiaes e o Brasil, nesse sentido, cêdo ingressou na civilisação occidental. A historia da moeda nos tempos modernos apresenta duas etapas: os "assignados" francezes e a inflação germanica do após-guerra. Ambos affectaram o mundo directa e indirectamente. (231) E entre essas duas etapas permanece um periodo de esforço universal para a estabilisação da moeda. Periodos de profundas oscillações e de moeda estavel succederam-se uns aos outros. Os ultimos são relativamente longos nos paizes capitalistas mais adiantados, e curtos nas areas dos mais jovens, aspirando a tornar-se membros da economia moderna.

Esses intervallos de estabilidade foram especialmente curtos no Brasil.

A CONFUSÃO COLONIAL

No começo do seculo dezenove, a natural confusão colonial dominou o campo da moeda no Brasil. O litoral já se havia acostumado á circulação monetaria, porque, exceptuando a penetração das moedas portuguezas e estrangeiras, a primeira fabrica de cunhagem estabeleceu-se na Bahia em 1694 (ella existiu até 1697 e foi reaberta em 1714). Em 1697 seguiu-se a fundação da segunda, no Rio de Janeiro. (transferida em 1700

(231) S. E. Harris aponta muito claramente a influencia desses dois periodos sobre a theoria do dinheiro: "Precisamente como a restricção de pagamentos pelo Banco da Inglaterra durante a Guerra de Napoleão conduziu a um notavel desenvolvimento da theoria do papel moeda inconversivel, da mesma forma o recurso a tal dinheiro desde 1914 conduziu a muita especulação a respeito da sua necessidade, funcionamento e resultados." *The Assignats*, p. x lv. Cambridge, Mass., 1930.

para Recife e em 1702 removida novamente para o Rio). A cunhagem do dinheiro colonial começou em 1702, como resultado da corrida para o ouro em Minas Geraes; ella foi extendida, em 1729, sobre o cobre. A enumeração de todas as peças em circulação no começo do seculo dezenove, occupa uma pagina e meia no livro de Calogeras. (232) O immensamente diligente numismatico brasileiro Julius Meili (233), dedicou um volume de suas investigações á descripção da variedade de moedas do periodo colonial.

Comtudo, mesmo no litoral, a troca de artigos em especie era commum, especialmente nas transacções com os concessionarios de monopolios, bem como com os contrabandistas.

(232) *La Politique Monétaire du Brésil*, Rio de Janeiro, 1910.

(233) *Die Münzen der Colonie Brasilien, 1645 bis 1822*. Zürich, 1897. O segundo volume (*Die Münzen des unabhängigen Brasilien, 1822 bis 1900*) foi publicado em 1905. A terceira parte, dedicada ao papel moeda no periodo 1771-1900, publicada em 1903 em portuguez, o autor, infelizmente, não conseguiu obtel-a. Compare-se isso com a situação dos Estados Unidos: "Durante o periodo revolucionario o dinheiro metallico permaneceu na confusão do periodo colonial. Varias moedas estrangeiras circularam em ambos os lados, como a guinea ingleza, a corôa, e o shilling; a guinea franceza, a pistola e a corôa; a pistola espanhola; e as johannas, meia-johannas e moidore; e valores diferentes eram dados, em diferentes partes da União, á moeda de mesmo valor intrinseco, offerecendo dessa forma opportunidades a falcatruas e trocas fraudulentas. Varias unidades de valores eram empregadas em diferentes partes do paiz, o que contribue para obscurecer uma comprehensão clara das condições economicas dos diversos Estados. Os artigos da Confederação, quando foram postos em vigor em 1781, não contribuíram para resolver as complicações, porque, embora o Congresso tivesse poder para regular a liga e o valor das moedas cunhadas, quer pela sua autoridade quer pela dos Estados, o direito de cunhar moedas ficou ainda restricto ao Estado. "Dervey, *ob. cit.* pp. 101-2.

A moeda da terra predominava no interior. O gado servia como um instrumento de troca no sertão, artigos locais em outras regiões. Felisbello Freire menciona que em 1726 o cacáu, assucar e fumo eram utilizados como se fossem dinheiro no Maranhão (234).

“Em 1712, pelo Decreto Real de 15 de Fevereiro, podemos verificar que o cravo, côco, assucar, e fumo circulavam como dinheiro, e que os salarios das tropas eram pagos com esses artigos.

“Pode-se encontrar na historia das capitancias do Norte continuas queixas contra a retirada de algodão, porque o mesmo era dinheiro, e sempre foi prohibido retirar o dinheiro para fora do Paiz.

“Em 1699 a Camara de São Luiz deliberou reter o algodão, a planta-moeda da terra, do qual havia falta” (235).

Os viajantes relatam que, no primeiro quartel do seculo dezenove, não se usava dinheiro algum no interior. De outro lado, o começo de uma moeda fiduciaria local já existia no fim do seculo dezoito sob a forma de *bilhetes de extracção*, emittidos pela administração do districto de diamantes de Minas Geraes, como antecipação dos fundos esperados de Lisboa; elles eram acceitos pela administração financeira em todos os pa-

(234) *Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil*, segunda edição, II, 24, Rio de Janeiro, 1894. Charles J. Bullock descreve a correspondente moeda da terra nos Estados Unidos nos seculos dezeseite e dezoito. *Essays on the Monetary History of the United States*, pp. 712. Nova York e Londres, 1900.

(235) Britto Lemos, *Pontos de partida para a Historia Economica do Brasil*, p. 389. Rio de Janeiro, 1923.

gamentos e circularam ao par até 1776. As dificuldades com o seu resgate causaram uma depreciação, que attingiu a 20 % em 1816.

Á mesma categoria de “precursores” do papel moeda pertencem os “bilhetes de permuta” (1803) sacados sobre as Juntas da Fazenda e Erario Real.

A chegada da Côrte Portugueza e as subitas mudanças de 1808 revolucionaram a moeda colonial. O litoral viu-se envolvido na economia monetaria. Todas as reformas introduzidas na vida brasileira por D. João VI, taes como a abertura dos portos ao commercio extrangeiro, a liberdade de industria, bem como outras medidas, tiveram o seu effeito. As necessidades materiaes da Côrte e da administração, conduziram aos mesmos resultados. Esse crescimento da economia monetaria tinha de ser acompanhado por um augmento dos meios de circulação, D. João, o voluvel pioneiro da Historia Brasileira (236), tambem iniciou uma nova época monetaria. Na sua incessante procura de recursos, começou a *recunhagem dos pesos hespanhoes*, que produziu um lucro de mais de vinte por cento; organisou a importação dessas moedas do Perú, enviando um navio especial a esse paiz. D. João introduziu a primeira nota de Banco no Brasil e presenciou a sua degeneração em papel moeda inconversivel.

(236) D. João é virtualmente o fundador das instituições. Muitas das cousas que hoje formam o mecanismo central da Nação, nas mais diferentes espheras — educação secundaria bem como a juridica e artistica, as organizações militares, os bancos, os jardins, a Justiça, as livrarias, os museus, estabelecimentos de impressão, construcção de navios tudo isso foi auxiliado por D. João VI “Tristão de Athayde, *Politica e Letras*, no “*A Margem da Historia da Republica*” pag. 241, Rio de Janeiro, 1912.

UM EPISODIO: O PRIMEIRO BANCO DO BRASIL

As necessidades do Governo e as idéas dominantes na época conduziram á formação do primeiro Banco do Brasil, o primeiro de todo o Continente Sul Americano.

A idéa do primeiro Banco do Brasil (1808-1829) pertence a Rodrigo de Sousa Coutinho (mais tarde Conde de Linhares), um dos adeptos de Adam Smith.

A fundação do Banco foi demorada, porque não se conseguia capital para o novo estabelecimento. Armitage relata que no inicio foi demonstrada muito má vontade, por parte dos capitalistas brasileiros e portuguezes, de empregar os seus capitães na nova instituição; e somente quando o Rei tornou conhecida a sua intenção de conferir a commenda de cavalleiro a todos os principaes accionistas, foi possível obter-se uma somma sufficiente ao começo das operações". (237)

Não obstante, o capital nominal de 1.200 contos não foi totalmente subscripto. Somente 126 acções de um conto tinham sido distribuidas até 1812.

O primeiro Banco do Brasil foi um estabelecimento commercial e emissor; a emissão de notas não era limitada; somente se recommendava cautela, e não era permittida a fabricação de notas de valores inferiores a 30\$000. A historia do primeiro Banco do Brasil ainda não foi estudada; apenas a sua parte externa é conhecida. Não é uma historia unica, é a historia commum a um banco emissor, que inicia operações e cujas notas

(237) *History of Brazil* I, 44. Londres, 1836.

creram um mercado local (238), circulando até que o crescimento do débito do governo ao Banco o conduziu a uma catastrophe. O Banco experimentou diversos períodos de prosperidade nos seus primeiros annos de existencia. A ligação com a libra ingleza (o mil réis começou a sua vida na dependencia da libra ingleza), que soffria oscillações nesse tempo, deu causa a uma taxa elevada do cambio brasileiro (algumas vezes acima do par) a uma falta de dinheiro no litoral, onde a sua procura, nas novas condições sobrevindas subitamente, tornou-se intensa (239) e preparou o mercado para as notas.

A capacidade de absorver o novo papel moeda esgotou-se depressa. A necessidade de um meio circulante era grande quando o Banco appareceu; mas cedo o littoral não podia mais absorver as constantes e cada vez maiores emissões de papel-moeda collocadas no mercado. A conhecida historia da degeneração das notas de um Banco em papel moeda inconversivel teve um rapido desenvolvimento.

A attitude de D. João VI accelerou essa transição. Elle era o typico "Rei em seu escriptorio, contando o seu dinheiro"; elle esvaziou os cofres de Lisbôa quando veio para o Brasil, e fez o mesmo no Rio de Janeiro antes de sua partida par Portugal, em Abril de 1821. Levou consigo ouro, prata, e mesmo os depositos que

(238) Em 1835, por occasião da liquidação do Banco, de 18.911 contos substituidos pelo papel moeda governamental, havia cerca de 1.069 contos na Bahia e 294 contos em São Paulo; o resto estava no Rio de Janeiro.

(239) Isso era um phenomeno commum na America do Sul no primeiro quartel do seculo dezenove. Vide Subercaseau, *Monetary and Banking Policy of Chile*, Nova York, 1922.

tinham sido feitos alli um mez antes, por instituições de caridade locais.

Em julho de 1821, o Banco suspendeu os pagamentos em metal e o curto periodo da moeda-ouro ficou encerrado.

O ouro e a prata cedo desapareceram do paiz; o cobre e o papel representavam os unicos meios de circulação. O paiz tornou-se desmetallizado. Um terço do dinheiro de cobre era falsificado (240). Entremettes, o deslocamento de fronteira alargava a area da economia monetaria, mas a nova procura de um meio de circulação não podia ser satisfeita pelo papel inspirador de desconfiança. As provincias estavam anciosas para obter moedas de cobre, a unica moeda metallica existente. Os *Engenhos de Cunhar*, como o povo continuava chamar a *Casa da Moeda* naquelle tempo, não podiam satisfazer á procura de moedas de cobre. Constitue uma ironia o facto do Brasil, que contribuiu grandemente para o supprimento do stock mundial de ouro, ter-se tornado desmetallizado (241).

A iniciativa privada começou a competir com a Casa da Moeda. Esse periodo é conhecido na historia do Brasil como a crise do *xem-xem*, "o nome que a principio foi dado no Brasil ás moedas fabricadas fraudulentamente por especuladores particulares". (242)

(240) O já mencionado livro de autoria de Meili apresenta, em um appendice, 226 exemplos de dinheiro fabricado illegalmente.

(241) A situação nos Estados Unidos, nessa época, não era melhor. Calhoun declarava: em 1816: "A moeda metallica deixou nossas praias; nós a tratamos com indignidade; ella nos foge e procura um novo asylo em praias estrangeiras. "Dewey, *ob. cit.* p. 148.

(242) Calogeras, *ob. cit.* p. 41 (Não me foi possível descobrir a origem philologica dessa expressão. J. F. N.).

O Banco tornou-se, praticamente, o departamento do governo emissor do papel moeda, até 15 de Novembro de 1827, quando uma lei prohibiu qualquer emissão de novo papel moeda, a começar de 1.º de Janeiro de 1828. Em 1829 a Assembléa Geral decidiu liquidar o Banco do Brasil. O governo tornou-se responsavel pelas notas do Banco em circulação; o debito de 18.301 contos de réis tornou-se um debito “da Nação” garantido por todas as propriedades do Estado.

O primeiro Banco do Brasil era um Banco não do Brasil, mas sim de uma pequena região geographica, da Capital e suas vizinhanças. Elle correspondia a uma necessidade existente; mas o abuso de utilização de sua capacidade pelo governo, afim de attender ás necessidades da administração portuguez-brasileira, prejudicou o crescimento organico dessa jovem instituição local. A fronteira do “Brasil Economico” era muito proxima do litoral nessa época; a area de influencia do Banco, muito estreita para absorver largas porções de papel moeda, satisfazer o governo emigrado e ás necessidades de suas finanças exaustas.

Um novo periodo de simples papel moeda do Thesouro teve inicio. Praticamente, não havia differença entre o novo e velho systema. A machina de imprimir não foi trocada ao serviço das finanças, não tendo ainda integral relação com a economia do paiz. O reconhecimento legal da nova ordem de coisas era expresso pelo facto das notas do Banco do Brasil virem estampadas com as palavras “No Thesouro Nacional”, em vez de “O Thesourciro da Junta do Banco do Brasil” e pela substituição da jamais cumprida promessa, “pagará á vista”, por outra, mais indefinida, “se pagará”.

O Ministro da Fazenda, Candido José de Araujo Viana (mais tarde Marquez de Sapucahy) declara em

seu *Relatorio sobre o melhoramento do meio circulante*, apresentado á Assembléa Geral em 1833, que depois da perda do ouro e da prata, o paiz tem como dinheiro somente “miseraveis pedaços de papel. (243)

Um segundo Banco do Brasil (244), creado por decreto de 1833, nunca foi organizado, porque somente 171 acções foram subscriptas. A destruição do aparelhamento da primeira instituição, e os rumores relacionados com a sua actividade, crearam um sentimento desfavoravel á continuação de experiencias bancarias.

A lei de 1833 reduziu a offerta legal de 67 1/2 d. para 43 1/2 d. por mil réis; a lei de 1835 unificou o papel moeda e aboliu as notas de pequenos valores emittidas localmente. Mas a base economica ainda faltava e as perturbações politicas continuaram. A “operação” de 1833 não foi sufficientemente forte; de accôrdo com Calogeras, ella “foi apenas o primeiro passo e uma medida preparatoria da de 1846” (245). A nova paridade permanecia apenas em theoria, visto

³ (243) Victor Vianna, *Banco do Brasil*, p. 111. Rio de Janeiro, 1926.

(244) Os autores brasileiros costumavam chamar o “Banco do Brasil de Mauá” (1851-1853) de segundo Banco do Brasil. Considero esta denominação errada, porque esse Banco, fundado em 1851, nunca foi um Banco emissor e nunca foi destinado a desempenhar o papel de um banco central. Por outro lado, a tentativa de 1833 foi da organização de um verdadeiro segundo Banco do Brasil. Do ponto de vista bancario, estou de accordo com Calogeras de que foi um erro liquidar o primeiro Banco do Brasil. Alem do debito do Governo, o Banco era solido: todos os seus debitos foram pagos e ainda 90% ficou para os accionistas.

(245) Calogeras, *ob. cit.* p. 61.

como a taxa cambial fluctuava abaixo della, com uma nova pronunciada tendencia para a baixa.

Entrementes, a emissão de papel moeda governamental converteu-se em uma fonte ordinaria de receita. No Relatorio de 7 de Janeiro de 1843, o Visconde de Abrantes declarava que, como recurso extremo, quando por nenhuns outros meios as urgentes necessidades do Thesouro possam ser satisfeitas, o Governo as satisfará com outra emissão (246). Esse "recurso extremo" tornou-se um acontecimento diario.

A nova lei de 1846 consistiu em uma nova tentativa de enfrentar mais decididamente a realidade. Ella reduziu a paridade do mil réis de 43 d. a 27 d. e delineou um novo systema de moeda nessa base. Dessa forma, a offerta legal do mil réis foi mudada de 1\$600 para 1 oitavo de ouro de 22 quilates (correspondente a 67 1/2 d.) para 2\$500 (correspondente a 43 1/2 d.) em 1833 e 4\$000 (27 d.) em 1846.

A ÉPOCA DE MAUÁ

A segunda metade do seculo dezenove encontrou o Brasil repetindo as tendencias que iam pela Europa, esforçando-se pela creação do credito e organização bancaria. Era a época em que Mauá tinha nascido, como vimos no Capitulo IV. A maioria dos estudiosos brasileiros desse periodo salientaram a idealização contemporanea do credito, mas nenhum delles dá attenção ao facto de que naquelle tempo existia um poderoso

(246) Ramalho Ortigão, *A Moeda Circulante do Brasil*, p. 43. Rio de Janeiro, 1924.

grupo de banqueiros particulares no littoral do Brasil. (247)

Melhor conhecida é a historia dos bancos particulares no Brasil. Pondo de parte a curta experiencia de um banco local no Ceará (1836-1839, com o capital de 60 contos) podemos considerar o Banco Commercial, no Rio de Janeiro, (1833 com o capital de 2.000 contos), como a primeira instituição brasileira de credito commercial. O Banco não poude accumular depositos sufficientes para a ampliação de suas transacções, e passou a emittir os chamados *vales*, certificados nominaes ou ao portador, emittidos pela Direcção do Banco sobre a Caixa, pagaveis conforme estava especificado, e no minimo trez dias depois da apresentação. Tratava-se evidentemente, de uma concorrência com o papel moeda governamental.

Logo seguiram-se outras instituições: o Banco Commercial, no Maranhão (1846-Capital 400 contos), Banco Commercial do Pará (1896-Capital 400 contos), Banco Commercial na Bahia (1847-Capital 2.000 contos), Banco Commercial em Pernambuco (1851-Capital 1.000 contos), Banco do Brasil Mauá (Rio de Janeiro, 1851-Capital 10.000 contos).

A concorrência dos vales com os títulos do Governo tornou-se cada vez maior, e contribuiu para o desejo da

(247) A historia dos bancos particulares na America do Sul é inteiramente desconhecida. O caso do Brasil mostra como foi grande a sua influencia e importancia no crescimento do paiz. A origem da actividade dessa classe está sem duvida ligada ás transacções de troca de dinheiro nos portos, com os negocios expressos e de exportação (que até hoje nos portos pequenos ainda são communs). Mas não existem traços de relações commerciaes desses banqueiros do Brasil dos primeiros tempos com a Côrte.

reforma bancaria nos meados do seculo. O Ministro da Fazenda, Rodrigues Torres (mais tarde Visconde de Itaboraay), o famoso propagandista do credito, dirigiu esse movimento.

O terceiro Banco do Brasil resultou da fusão entre o Banco Mauá do Brasil e Banco Commercial do Rio de Janeiro (1838-1853). Foi a primeira instituição em larga escala na historia brasileira. O capital era formado de 150.000 acções de 200\$000, das quaes 80.000 acções foram renovadas para a fusão e 70.000 offercidas á subscrição. Isso consistiu um enorme successo; a quantia foi coberta no Rio oito vezes e meia e as acções foram collocadas com premio.

A reforma de 1853 declarou um monopolio a emissão de notas de bancos, que só podia ser praticada pelo Banco do Brasil. Foi permittido ao Banco emittir notas de Banco no dobro da quantia de seu capital (30.000 contos) notas essas conversiveis em metal ou em papel-moeda governamental.

Mauá, entrementes, organisou em 1854 uma firma particular, o Banco Mauá, Mac Gregor & Company, com o capital que tinha estado no Banco do Brasil.

Ao tempo da crise mundial de 1857, o Brasil já fazia parte do cyclo mundial. O paiz, atravessando uma época de prosperidade, tinha de organizar a defesa para a sua economia. A drenagem do ouro do Brasil e os baixos preços dos productos brasileiros novamente ameaçaram o cambio brasileiro. (248) O Banco do

(248) Não concordo com a asserção de Calogeras de, que em 1857 já havia uma depreciação do papel moeda, causada por um excesso de emissão. Mesmo o declinio da taxa cambial era muito moderado (Vide quadro no fim deste Capitulo).

Brasil, que já havia excedido em suas emissões o limite legal de 200 %, ficou em desacordo com o Governo.

Nessa crise, depois de tentativas infructíferas de cooperação com o Banco do Brasil, o Governo solicitou ao Banco Mauá cuidar das transacções cambiais. Isso constitue um dos primeiros brilhantes sucessos de Mauá, do que se originou a sua associação, mais tarde, com os Rothschilds.

O desapontamento com o Banco do Brasil resultou do fornecimento da concessão de emittir aos novos Bancos. Até mesmo o monopólio de emittir, recentemente introduzido, tinha sido substituído pelo principio da pluraridade. O Banco do Brasil protestou contra a violação dessa lei, insistindo em que uma medida administrativa tinha autorizado a romper o monopólio legal.

O dirigente do Banco, o Visconde de Itaborahy (incidentemente o autor da lei de 1853) submetteu um relatório e exposição de motivos ao Governo.

Mas o Ministro da Fazenda, Souza Franco, era um crente no poder magico da expansão do dinheiro.

O principio da emissão de notas de bancos foi logo inteiramente descurado. Em 1857, fez-se uma concessão ao Banco Commercial e Agricola, no Rio (Capital 20.000 contos). Em 1858, foram feitas concessões a diversos outros bancos, Banco do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre (Capital 1.000 contos) Banco de Pernambuco (Capital 2.000 contos) Banco da Bahia (Capital 8.000 contos) Banco do Maranhão e em 1859 ao Banco Rural e Hypothecario, do Rio (Capital 8.000 contos). Todos elles emittiram notas bancarias em diferentes bases de cobertura, na sua maior parte acima de 100 % de seu capital, por intermedio de garantias

do Governo, mas tambem acima de 50 % da importancia de seu capital baseado em metal e notas do Thesouro.

Diversos bancos pequenos nas provincias emittiam illegalmente notas de banco, o que faz lembrar situação analogo nos Estados Unidos. (249)

Muitos bancos particulares e estabelecimentos commerciaes emittiam seus proprios *vales*. Cedo desenvolveu-se uma troca interna de nota de banco contra notas do Thesouro, das do Banco do Brasil contra as de suas agencias locais, e assim por diante. As emissões locais tornaram-se significativas por sua tendencia para a circulação regional.

A lei de 1860 representou uma tentativa para forçar os bancos recentemente organizados afim de cessarem a emissão de notas, exigindo para as emissões que se fizerem dalli por diante, depositos em metal, estipulando condições para o resgate, combatendo o inflacionismo do Banco do Brasil, organizando a mutua troca de notas dos differentes bancos e controlando correntemente as suas transacções. Era uma tentativa para dar uma especie de systema ao caos que predominava nas diversas emissões, feitas illegalmente.

Em 1862, uma nova fusão entre o Banco do Brasil e o Banco Commercial e Agricola, com a compra de privilegio de emissão do Banco Rural e Hypothecario, restabeleceu a unidade de emittir notas de bancos, pelo menos no Rio de Janeiro.

(249) A situação não era tão má como no Chile, quando foi declarada uma liberdade irrestricta para emittir notas de banco pela lei de 1860. Vide Ernst Wagemann, *Die Wirtschaftsverfassung der Republik Chile*, pp. 110-11. München und Leipzig, 1913.

A crise de 1864 é incompreensível a Calogeras e aos autores do Inquerito de 1864, que elle segue rigorosamente. Uma cuidadosa observação de um record maior do que dois ou tres annos mostrará que a crise de 1864 veio após a primeira era de prosperidade do periodo de Mauá. No anno de 1857 sentiram-se os effeitos da crise mundial somente no Rio de Janeiro; em 1864 a crise visitou o Brasil inteiro (o "Brasil economico"). As descripções dos escriptores contemporaneos e as estatisticas da época fornecem um quadro typico de uma crise industrial classica dos primeiros tempos, descripta nas já agora meio esquecidas investigações economicas do fim do seculo dezenove, taes como as de Max Wirth, Tugan-Baranowsky e outros.

Era a historia do costume, embora nova para o Brasil, de excesso de applicação de capitaes, de desequilibrio entre as disponibilidades sujeitas a pagamento á vista e os bens immoveis, de uma exagerada participação na Bolsa de Titulos e uma interrupção subita de "prosperidade".

As cifras do papel moeda emittido para esse periodo mostram uma certa contracção da circulação, não obstante o vigoroso desenvolvimento do "Brasil economico" durante a decada. As oscillações do cambio eram pequenas. A cotação media no Rio de Janeiro sobre Londres era de 26 5/8 em 1857 e 23 3/4 em 1864.

Retrospectivamente, parece que essa crise foi parcialmente causada ou influenciada pela escassez dos meios de circulação e que uma politica monetaria preventiva e mais liberal poderia ter mitigado a severidade da depressão.

Ao mesmo tempo, essa crise foi um primeiro exame para os já numerosos e importantes bancos particulares do Rio. Os mais proeminentes deles, como Gomes, A. J. A. Souto & Cia. foram victimas da crise. A. J. A. Souto & Cia. era o maior de todos elles, possuindo 10.000 credores. (250)

Souto, porem, tinha de soffrer a concorrência de novas e poderosas forças como Mauá, o London & Brazilian Bank (1862), os quaes possuíam uma serie de Agencias que attrahiam depositos e uma nova serie de Bancos no Rio e em São Paulo.

Finalmente, o Banco do Brasil viu-se envolvido na crise. O governo tomou as providencias legaes usuaes em taes circumstancias — augmento de emissão, taxa cambial obrigatoria, moratoria de 60 dias e combate contra as emissões illegaes, particulares e locaes.

A crise de 1864 foi o fim do terceiro Banco do Brasil como um banco emissor, tendo perdido esse privilegio pela lei de 1866. Dessa forma, iniciou-se um regime de papel moeda puramente governamental que continuou até 1888. A Caixa de Amortização passou a ser o novo departamento emissor.

A Guerra do Paraguay (1865-1870) trouxe para o Thesouro mais de 600.000 contos de despesas. As emissões succediam-se rapidamente, na seguinte escala:

(250) A fallencia produziu uma grande impressão em todo o paiz. Os viajantes contam que, muitos annos mais tarde, no mais longinquo sertão, encontravam-se papagaios que repetiam, "O Souto quebrou", tão grande foi essa fallencia. Calogeras, *ob. cit.*, p. 148.

<i>Annos</i>	<i>Contos de réis</i>
1865-1866	28.900
1866-1867	42.560
1867-1868	81.749
1868-1869	127.229
1869-1870	149.397

Não obstante uma diminuição correspondente das emissões bancarias (40.000 contos), as constantes emissões do Thesouro ligadas com os novos grandes empréstimos internos, a divida fluctuante e o desequilíbrio orçamentario influiram no cambio externo, que se mantivera relativamente estavel no seculo. Isso levou a grandes oscillações durante a guerra, que variaram entre 14 d. e 27 d.

A continuação do desenvolvimento economico do paiz durante essa guerra (Mauá) foi contrabalançada pela formação de uma nova procura para o mil réis brasileiro no Prata. A situação desenvolveu-se rapidamente, depois da guerra, até que uma nova crise irrompeu no Brasil em 1875 e de novo se viu nella envolvido o nome de Mauá. Mas, ao passo que em 1857 Mauá era alliado do Governo e defensor do cambio, em 1864 o poderoso banqueiro, e emprehendedor, calmamente proseguia em seu trabalho em meio a ruinas; em 1875 elle foi a principal victima da situação. A fallencia de Mauá foi a ultima crise do Imperio. Até 1889 passamos a presenciar um calmo desenvolvimento, sobretudo no terreno da moeda e das actividades bancarias. Esse periodo caracterizou-se pela estabilidade da emissão do papel moeda, o crescimento do commercio estrangeiro, importação de capital do ex-

terior, construcção de estradas de ferro, augmento das rendas, melhoria dos orçamentos e do cambio estrangeiro. O seculo dezenove — o fim do Imperio — foi o periodo mais brilhante, quando o credito brasileiro pairava muito alto. (251)

Os estadistas do Imperio prepararam uma reforma do systema bancario. Havia duas correntes: a ingleza — de emissão baseada no ouro, e a dos Estados Unidos da America — emissão lastreada para titulos do Governo. A primeira corrente inclinava-se para a centralisação do Banco emissor; a segunda, favoravel á pluralidade de bancos.

O anno de 1888 (lei de 24 de novembro) trouxe a victoria aos adeptos da pluralidade de emissão. Como resultado dessa lei, e de outras que se seguiram, ficou estabelecido um compromisso sobre a questão de segurança. Os dois systemas (o do — ouro e o dos titulos governamentais) foram adoptados, sob determinadas condições, na nova lei. O proprio governo não ficou satisfeito com a solução. O Ministro da Fazenda, João Alfredo, confessa isso em seu Relatorio de 1889, declarando que o Brasil necessitava de um grande banco central e indicando que o governo tinha certos planos nesse sentido, bem como no que se referia ao resgate do papel moeda. (252)

(251) Em Março e Abril de 1889, e novamente em Outubro, o credito brasileiro pairava tão alto que o papel moeda chegou a ser vendido nas transacções de cambio estrangeiro para mais do que o valor intrinseco representado pela moeda metal correspondente. J. H. Williams, *Argentine International Trade*, p. 6. Cambridge, Mass. 1916.

(252) P. 29.

O ultimo Gabinete do Imperio (Visconde de Ouro Preto) não poude completar a preparação para um banco central sobre uma base ouro. Então a nova republica poz em acção a lei de 1888.

A REPUBLICA

O primeiro Ministro da Fazenda da Republica, o poderoso e erudito Ruy Barbosa, não acreditava na realidade do brilho financeiro do imperio.

Mas o desaparecimento desse brilho se verificou não sem o seu auxilio. No capitulo V a acção financeira de Ruy Barbosa foi devidamente descripta. A sua actividade no terreno especial da moeda e de banco foi ainda mais irritante. Ruy Barbosa começou com experiencias, mas era bastante penetrante para perceber logo o fracasso; introduziu mudanças e reparos; organisou e reorganisou, creando conflictos entre as suas proprias idéas e principios. Mas o peor de tudo é que elle introduziu um espirito de desassociego e inconstancia.

O Ministro da Fazenda do Governo Provisorio teve de enfrentar um diluvio de pedidos para a concessão de privilegios de emittir nos primeiros dias de sua actividade. Adepto do principio da liberdade bancaria, Ruy Barbosa concedeu em 12 dias licenças a dez Bancos para emittirem até o limite de — 400.000 contos.

Os executores, porem, não puderam satisfazer em tres mezes (conforme exigia o novo decreto lavrado por Ruy Barbosa) as condições estabelecidas pela Lei imperial de 1888, ainda em vigor.

A primeira das leis bancarias de Ruy Barbosa, de 17 de Janeiro de 1890, foi feita evidentemente sob a influencia do systema bancario dos Estados Unidos. Essa lei dividiu o Brasil em tres zonas: a parte norte (da Bahia ao Amazonas), a central, (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Geraes, Espirito Santo, Paraná, Santa Catharina) e a do Sul (Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goyaz), com limites de emissão para as respectivas zonas de 150.000, 200.000 e 100.000 contos. As notas de Banco tinham de ser cobertas por apolices do Governo. A lei dispunha ainda sobre a possibilidade de futuras emissões sobre uma base metallica, alem de outras baseadas sobre apolices. O escôpo da actividade dos bancos, de accordo com a lei de 1890, é uma combinação do de um Banco de emissão com o dos de um Crédit Mobilier.

Quatorze dias mais tarde, por um novo decreto, Ruy Barbosa reduziu o limite total da emissão de ... 450.000 contos para 200.000 contos, baseada em apolices.

O decreto de 8 de Março do mesmo anno autorizou o Banco Nacional e o Banco do Brasil a emittir sobre uma base metallica de 50% (num total de 100.000 contos) com a obrigação de resgate em ouro somente quando o cambio tivesse estado ao par durante um anno ou mais.

Dessa maneira, dois differentes systemas de bancos omissores iniciaram ao mesmo tempo a sua existencia no Brasil, sendo dois bancos sobre base metal-ouro e seis sobre base de apolices. O privilegio de emittir sobre 50% em base-ouro foi logo concedido tambem a outros bancos. Em Novembro de 1890, o novo Banco de Credito Popular ficou autorizado a emittir bilhetes de Banco em todo o paiz (e não somente em determi-

nadas regiões) numa base mixta (parte garantida por apolices e parte por metal). Todas essas medidas augmentaram a emissão autorizada de notas de banco para a quantia de 706.000 contos. Um decreto de 7 de Dezembro do mesmo anno poz fim ao principio da liberdade bancaria, confirmou a fusão de dois bancos da zona central sob o nome de Banco da Republica dos Estados Unidos do Brasil com o privilegio de emissão de uma nota bancaria sobre 33 1/3% sobre base ouro, não incluída a emissão garantida por apolices.

Foi esse o circulo vicioso de Ruy Barbosa: da liberdade ao monopolio bancario, da base em apolices para a de metal, da emissão regional de notas bancarias para a centralisação.

Ruy Barbosa estava agora enveredando evidentemente para o monopolio, e, consequentemente, esforçava-se para transferir o privilegio das notas bancarias de todos os outros Bancos para o novo, que vinha de ser fundado.

Não posso concordar com Calogeras de que as alterações de Ruy Barbosa em seu programma foram influenciadas pela especulação de Bolsa. (253)

Eram, antes, uma expressão do seu desejo de afastar-se da centralisação do periodo imperial; esse desejo era reforçado pelo esforço paralelo dos novos Estados para a sua independencia do Centro, o que suggeriu o primeiro programma e os primeiros passos para o primeiro Ministro da Fazenda. Em seus discursos e escriptos de época posterior, encontramol-o gesticulando contra a ultra descentralisação e salientando a necessidade da unidade economica no paiz, citando mes-

mo o heróe italiano da unificação, Cavour. Essa mudança revela, melhor do que qualquer outra coisa, que Ruy Barbosa possuía o estofa de um grande estadista.

A lei de 7 de Dezembro não melhorou a situação. O caos da emissão ainda continuava, mas foi o primeiro passo para a futura reforma. O passo seguinte consistiu na fusão entre o Banco do Brasil e o Banco da Republica dos Estados Unidos do Brasil no Banco da Republica do Brasil, autorizado a funcionar pelo Decreto de 17 de Dezembro de 1892 (254), que autorizou uma emissão complementar de 100.000 contos de bonus a 4%, amortizaveis em vinte annos e destinada a attender ás necessidades das "industrias nacionaes basicas". Dessa forma a idéa dos titulos do French Crédit Mobilier realisou-se nesse caso em uma pequena escala.

Um reinado de completa confusão no que se refere á moeda e aos bancos continuou a existir até as reformas de Murinho. No que se refere á historia da finança publica, Murinho apparece em contraste com Ruy Barbosa na sua politica monetaria e bancaria.

As dificuldades politicas dos primeiros annos da Republica, attingindo o seu auge em 1893 (a revolta da Armada no Rio e a revolução no Rio Grande do Sul), as despesas com a reorganização do Imperio em uma Republica Federativa, e assim por deante, levaram a um novo augmento das emissões de papel moeda, como se verifica das seguintes cifras:

(254) Calogeras insiste em que o valor real do activo não foi de 156.000 contos, conforme ficou estipulado na fusão, mas apenas de 25.000 contos, e vê nesse facto uma das causas do desastre que sobreveiu mais tarde.

<i>Annos</i>	<i>Contos de réis</i>
1889	197.156
1890	299.092
1891	513.727
1892	561.215
1893	631.860
1894	712.358

A emissão pelos Bancos fôra suspensa em 1891, e todo novo augmento, desde 1892, effectuou-se em virtude das emissões levadas a effeito pelo Thesouro. A lei de 9 de Dezembro de 1896 aboliu todas as concessões. Iniciou-se um novo e longo periodo exclusivamente de papel moeda governamental. As notas de Bancos e os bonus foram recolhidos pelo Governo. A primeira crise do café, grandes perdas nas oscillações cambiaes, fallencias de estradas de ferro, a guerra de Canudos (Calogeras chama o anno de 1897 "une année de panique presque continuelle") (255), tudo isso obrigou o governo a pôr ordem em seus negocios.

Não obstante esses acontecimentos, a situação economica do paiz estava preparada para uma reforma geral. Apesar das continuas rebelliões e revoltas, o seculo dezenove assignalou de expansão economica, como vimos no Capitulo IV.

A deslocação de fronteira causada pela corrida para o café e a alta da borracha coincidem com os novos passos no desenvolvimento industrial do paiz, que passou a exigir estabilidade na sua moeda. Foi a primeira vez na historia do Brasil em que o Governo se dispoz resolutamente a adoptar uma proveitosa politica de

(255) Calogeras, *ob. cit.*, p. 322.

estabilisação. Já é do nosso conhecimento a cooperação do Presidente Campos Salles e do Ministro da Fazenda Joaquim Murтинho no terreno da finança publica. O “funding loan” de 1898 — uma typica operação cirurgica levada a effeito pelo Dr. Murтинho — deu tempo para a reorganisação do orçamento, do systema tariffario e de taxação, e de preparação para a reforma da moeda.

Contrariamente a Ruy Barbosa, que formulava, proclamava e defendia as suas idéas sobre a moeda, Joaquim Murтинho não falava. O seu assistente-technico era J. P. Wileman, autor do *Brazilian Exchange* (256), o qual se tornou mais tarde, por indicação de Murтинho, o primeiro director-honorario da nova Secção de estatisticas commerciaes da Alfandega do Rio de Janeiro

Murтинho representava a theoria quantitativa do dinheiro, que elle considerava como uma lei natural (257) e affirmava que “que a acção do Governo no trabalho de levantar o cambio tem sido exercida exclusivamente na esphera economica e financeira”, (258) e não no mercado de cambio. Elle preferia, a esse respeito, a politica do *Laissez-faire*: “O presente Governo nunca tentou interferir por via commercial no mercado de cambio, mas estava persuadido de que tal interferencia somente poderia augmentar os desastrosos effeitos dessa especulação” (259). Consequentemente,

(256). Muitas das ultimas reformas de Murтинho são suggeridas neste livro. O problema da creação da moeda ouro, a relação entre a balança de pagamentos e o cambio, o papel do capital estrangeiro importado são os seus topicos mais interessantes.

(257) Ministerio da Fazenda, *Relatorio*, Rio de Janeiro, 1900.

(258) *Id.* p. ix.

(259) *Id.*

dedicou toda a sua atenção ao resgate do papel moeda, organizado (1899) dois fundos especiaes para o resgate e garantia do papel moeda, ambos com fontes especificadas nas respectivas receitas.

A mais importante reforma de Murinho, no entanto, é a comprehensão da moeda como uma parte da economia — da situação cambial como um resultado do constante desequilibrio entre a economia e a finança. A tarifa de Murinho não foi de natureza tecnica; na qualidade de medico, principiou com a cura do organismo e não com as manifestações secundarias da molestia. “L'ésprit draconien” de eficiencia e de controle, inaugurado por Murinho, foi inteiramente novo para o Brasil.

Murinho não mudou a sua politica, mesmo na crise de 1900, quando, não obstante a possibilidade de catastrophe e de panico, elle não permittiu a circulação de nenhuma nova nota bancaria para ser utilizada como recurso de salvação pelos bancos ameaçados e preferia a immediata liquidação forçada de todas as instituições bancarias fracas. Era o fim do Banco da Republica, do Banco Rural e Hypothecario e de muitos outros. O periodo de 1898-1902 foi uma incessante luta contra os deficits, uma batalha de economias e um trabalho parallelo de construcção. Em 1898 a taxa de cambio attingiu o seu mais baixo nivel de 5 5/8 e a existencia total de papel moeda o seu mais elevado ponto (778.364 contos contra 171.081 contos em 1890). As cifras relativas ao anno de 1902 dão uma taxa cambial media de 11 31/32 e uma existencia de papel moeda de 675.536 contos. Os methodos de Murinho não constituíam originalidades — equilibrio do orçamento, augmento da receita, redução nos gastos, incremento da exportação, e direitos de importação em

ouro. Mas a obediencia á risca do programma foi de u'a maneira jamais presenciada no Brasil.

Os sucessores de Campos Salles e Murtinho, a dupla Rodrigues Alves-Leopoldo de Bulhões, proseguiram na politica de seus antecessores. A unica differença foi um augmento das despesas reproductivas, para cujo fim a obtenção de emprestimos externos se tornou de novo possivel. Saldo favoravel da balança commercial, saldo orçamentario, importação de capital estrangeiro, continuação do resgate do papel mocda e melhoria da taxa cambial — são esses os principaes feitos desse periodo.

As condições pareciam permittir agora a organização do novo aparelhamento bancario, como o primeiro passo conducente á liquidação do papel mocda. A lei de 30 de Dezembro de 1905 é a origem do quarto Banco do Brasil, que encampou o antigo Banco da Republica. Com o capital de 70.000 contos de réis, dividido em 350.000 acções, 22.500 contos foram utilizados para pagamento aos accionistas pelo Governo e o resto offerecido á subscrição publica. Ficou estipulado que, no caso da restauração do Banco emissor sobre base metallica, o monopolio seria dado ao Banco do Brasil. Dessa forma, os principios da centralisação da emissão de notas de bancos sobre base-ouro foram acceptos para o futuro, depois de um seculo de experiencias e discussões.

O novo periodo presidencial, (Affonso Penna) estabeleceu uma solução de continuidade á politica de Murtinho. O novo governo não era bastante forte para defender o systema monetario do paiz contra influencia das partes interessadas; os productores de café que dominavam a situação insistiam na obtenção do auxilio

governamental na nova crise do café — e dessa forma o governo se viu envolvido no Convenio de Taubaté (Vide Capitulo II). A politica monetaria passou a ser influenciada directamente pelos productores de café.

Uma pessoa de fóra difficilmente poderia comprehender por que o productor de café estava interessado nessa occasião na estabilisação do mil réis. Theoricamente, como elaborador de um producto de exportação, elle deveria preferir uma inflação monetaria, permittindo-lhe pagar na realidade salarios baixos e fazer todas as suas despesas com papel moeda depreciado, obtendo ao mesmo tempo ouro na exportação do seu producto. Mas a tendencia do cambio em 1902-1906 era de melhora; e a dos preços de café no mercado mundial de baixa. O esforço para a estabilisação do cambio era uma tentativa de defesa contra o augmento dos salarios e o custo de produção (260). A emphase que foi dada á necessidade de uma estabilisação mais baixa pelo Convenio de Taubaté confirma a minha explicação.

O Convenio de Taubaté de 1906 iniciou-se como um empreendimento local dos Estados mais interessados. O governo federal, porem, não estava sufficientemente forte para deixar de attender aos desejos de São Paulo.

A lei de 6 de Dezembro de 1906 organisou a Caixa de Conversão, autorizando o novo instituto a emitir notas lastreadas completamente por ouro e conver-

(260) A explicação que os escriptores brasileiros costumam dar é uma collecção de lugares communs relacionados com a "anarchia monetaria". Um exemplo typico é *A anarchia monetaria*, por Carlos Inglez de Souza. São Paulo, 1924.

siveis a 15 d. por mil réis (£ a 16\$000) (261). O maximo da emissão foi limitada a 320.000 contos (£ .. 20.000.000). Quando a taxa cambial attingiu ao par de 27 d. (ainda a paridade legal) as notas da Caixa de Conversão teriam de ser convertidas á taxa fixada. Os dois fundos organizados por Murtinho em 1899 tiveram de ser transferidos para a nova Caixa e servir para resgate do papel moeda. A lei creava uma Agencia da Caixa em Londres, que nunca foi estabelecida.

A organização da Caixa origina a coexistencia de duas especies de papel moeda — o emittido pela Caixa, conversivel, a 15 d. e o emittido pelo Thesouro, inconversivel, com uma paridade legal de 27 d. e sujcto ás oscillações diarias.

Os periodos constructivos de Murtinho-Alves deram resultado. A estabilidade cambial tornou-se um facto em 1907. O Ministro da Fazenda, David Campista, assignala com orgulho que “na historia financeira do Brasil, o anno de 1907 ficará marcado como o primeiro em que a estabilidade cambial foi inflexivelmente mantida, chegando em certas occasiões a ser absolutamente fixa”. (262)

Um episodio curioso originou-se, então, sob a influencia do capital estrangeiro e das importações de ouro feitas pela Caixa; a taxa cambial do papel-moeda governamental inconversivel tornou-se mais alta do que as notas conversiveis da Caixa de Conversão (15 d.). A

(261) Parece que Masson-Forestier exaggera a influencia do exemplo da Casa de Conversion Argentina. *La Caisse de Conversion et la Réforme Monétaire en Argentine et au Brésil. Paris. 1913.*

(262) Ministerio da Fazenda, *Relatorio 1908*, p. x. Rio de Janeiro, 1908.

procura pelo dinheiro mais barato obteve a sua victoria nessa occasião, quando a taxa cambial da Caixa foi elevada a 16 d., estando o preço do mercado para o papel moeda inconversivel acima de 18 d.

A lei de 31 de Dezembro de 1910 augmentou a emissão directa da Caixa contra mais depositos em ouro até a quantia de £ 60 milhões e mudou a base de conversibilidade de 15 d. para 16 d.

A coexistencia de duas especies de papel moeda em prosperidade cedo tornou-se sujeita á lei de Gresham; o auge foi attingido em 1913, quando a situação economica e financeira mudou (por occasião da crise do café e da borracha). A Guerra dos Balkans paralysoo as novas importações de capital estrangeiro e a moratoria do "funding loan" de 1898 terminou. Novos deficits, novos emprestimos, o fracasso da Caixa de Conversão, tal era a situação ao rebentar a Guerra Mundial.

John H. Williams salienta o facto de que "as experiencias do Brasil durante a guerra apresentam notaveis paradoxos. Apparentemente, elle foi o mais rudemente attingido e, ao mesmo tempo, talvez o mais beneficiado, sob um ponto de vista material, de todos os paizes da America Latina. Os effeitos da guerra sobre as finanças brasileiras, sobre a moeda, o curso do cambio estrangeiro, o commercio exterior, foram muito menos favoraveis do que no caso de outros paizes importantes" (263). O effeito não foi somente menos favoravel, mas especialmente desfavoravel com referencia á moeda brasileira.

(263) Cambio exterior latino-americano e as balanças internacionaes durante a guerra, *Quartely Journal of Economies*, XXXIII (1919), 448.

A combinação de factores desfavoráveis, já acumulados em 1913, tornou-se mais forte em virtude da cessação das exportações brasileiras pela facto de seus productos não serem dos necessarios ás exigencias da guerra. A suspensão da conversibilidade das notas da Caixa por Acto de Dezembro de 1914 resultou em novas grandes emissões de papel moeda inconversível e no novo "funding loan" de 1914.

Durante a guerra e depois da guerra, o Brasil ingressou nos habituaes periodos de confusão e desapontamento, ajustamentos e lucros, na dansa mundial dos milhões e nas depressões que se lhe seguiam. A economia nacional ficou revolucionada; as finanças, perturbadas. A moeda soffreu as consequencias de novas experiencias. 1914-1924 foi um periodo de seguro augmento das emissões de papel moeda. O total cresceu de 822.496 contos em 1914 para 2.963.000 em 1924. O cambio cahiu com grandes oscillações de uma media de 14 21/32 em 1914 a 5 15/16 em 1924. Nessa decada o governo deu inicio a novas tentativas de reforma da moeda e bancarias. Homero Baptista, como Presidente do Banco do Brasil em 1917, reviveu a idéa de um Banco Central de emissão. Apontado para Ministro da Fazenda, continuou a campanha.

Por essa época, os exemplos imitados não eram os anglo-saxões, mas os allemães. Os novos projectos e leis iniciados por Homero Baptista introduziram a "theoria bancaria" de emissão para o Brasil como mais elastica e moderna. O primeiro passo consistiu na formação, em 1921, depois de diversos mudanças e modificações, da Carteira de Redescontos, como parte do Banco do Brasil.

O novo Departamento do Banco do Brasil ficou autorizado a descontar titulos commerciaes e recchia meios para esse fim do Thesouro Nacional. O artigo 17 da

lei de 21 de Janeiro de 1921 estipula que "para as transacções, o presidente do Banco do Brasil solicitará ao Ministro da Fazenda, em todas as occasiões que julgue conveniente, a quantia necessaria em notas do Thesouro". Isso, paralellamente á emissão de papel moeda governamental para fins commerciaes, tornou-se uma pratica estabelecida. Inglez de Souza denominou isso de "uma nova fabrica de notas". O adjectivo "novo" é a unica parte incorrecta da descripção, pois se tratava do mesmo Thesouro que emittia as notas.

Os economistas brasileiros, o governo, e naturalmente o pae espirital dessa organização á testa do movimento, consideraram a Carteira como mais um passo avante para a reforma definitiva da moeda.

A lei de 8 de Janeiro de 1923 proclamou, finalmente, os principios da reforma. O Banco do Brasil passou a ser considerado o unico banco emissor de notas bancarias, com a cobertura de um terço por ouro e dois terços por titulos commerciaes de duas assignaturas. As notas passariam a ter curso legal, conversiveis a 12 d. A retirada do papel moeda inconversivel do Thesouro teria inicio assim que o fundo de reserva do Banco attingisse 100.000 contos de papel moeda. Não menos de 50% do capital (300.000 contos) tinha de permanecer como propriedade permanente da Nação. £ 10.000.000 foram transferidos para o Banco do Brasil do fundo especial de garantia do papel moeda, contra o cancellamento do debito de 300.000 contos do Thesouro ao Banco.

Trez mezes mais tarde, effectuou-se um contracto entre o Governo e o Banco do Brasil, declarando que as notas do Banco seriam conversiveis depois do preenchimento das seguintes condições:

- 1) A manutenção do Cambio sobre Londres a 12 pence, ou acima, durante 3 annos no minimo;

2) A acumulação de uma reserva igual a 60% das notas emitidas;

3) A aprovação final pelo Governo.

Em Junho de 1923 o Banco começou a funcionar sob a direcção de Cincinato Braga. A Carteira de Redesconto foi incorporada ao Banco do Brasil e acrescido um novo Departamento de emissão (Carteira de Emissão). O Governo assumiu o compromisso de não proseguir em suas actividades a esse respeito por dez annos, de accordo com o contracto, e o Banco do Brasil tomou a seu cargo a emissão do dinheiro papel.

O Presidente Bernardes declarou em sua mensagem de 1923 que esse novo desenvolvimento correspondia á realização de "uma velha aspiração nacional". Elle predisse que agora "não haverá crise de inflação nem da restricção do meio circulante". Em 1924 o mesmo Presidente Bernardes tinha de influir para que o Banco do Brasil fizesse uma emissão de emergencia de 100.000 contos, da mesma maneira como a Carteira de Redesconto, anteriormente, tinha de descontar os titulos do Thesouro.

Nos ultimos annos da presidência Bernardes, o Banco do Brasil iniciou uma politica deflacionista. O Banco adoptou a praxe de restringir as suas operações de redesconto. O dinheiro passou a ficar cada vez mais escasso. Mas as restricções de credito (imitando a politica de Hjalmar Schacht nos primeiros annos de novo Reichsbank Allemão) incidiam somente sobre os titulos conversiveis, e não sobre os titulos do Thesouro, que eram invariavelmente renovados. (264)

(264) Vide Ernst Hambloch, *Report on the Economic and Financial Conditions in Brazil*, pp. 12-13 (Departamento do Commercio do Exterior), Londres, 1925.

O presidente seguinte reformou de novo a moeda e o systema bancario. Elle partiu dos principios da “escola bancaria” e retornou á “escola monetaria”. Na lei de 18 de Dezembro de 1926, Washington Luiz proclamou a paridade legal do mil réis como sendo de 0.200 gramas de ouro, nove-dccimos fino (cerca de 5 115/128 d.). Annunciou uma nova unidade monetaria, o *cruzeiro*, o valor preciso do qual não foi declarado na lei. A emissão do dinheiro-papel foi transferida para a Caixa de Estabilisação, fundada novamente; a “theoria bancaria” do periodo Bernardes foi abandonada e a emissão pela Caixa de Estabilisação de novo estabelecida foi estipulada como exclusivamente contra 100% de depositos em ouro feitos no Brasil, em Londres ou em Nova York. No fim do periodo de pre-estabilisação, a Caixa de Estabilisação deveria ser incorporada ao Banco do Brasil. Algumas semanas mais tarde, um decreto (5 de Janeiro de 1927) estipulou a nova função do Banco do Brasil de manter o mil réis á taxa fixa e prometeu um periodo de seis mezes para a estabilisação definitiva e a conversão de todas as especies de papel moeda em ouro.

O resultado desse renascimento da Caixa de Conversão, sob um novo nome, significava uma coexistencia simultanea de 3 especies de nota em circulação: (1) as notas do Thesouro não resgataveis, (2) as notas do Banco do Brasil e (3) as notas-ouro da Caixa de Estabilisação.

Como no caso da Caixa de Conversão, a taxa de pre-estabilisação foi escolhida abaixo da paridade em vigor naquella occasião. Era novamente uma tentativa para tomar em consideração o desejo pelo dinheiro barato, a aversão dos productores de café para uma taxa cambial elevada e a procura das novas classes industrias pelo dinheiro estavel.

A reforma Bernardes não foi completada; nem tão pouco a de Washington Luiz. A luta contra a revolução de 1930, a própria revolução e as suas consequências fizeram com que se encerrasse esta ultima tentativa de estabilisação. O Governo Provisorio encontrou uma economia perturbada, as finanças destruidas e um systema monetario fracassado.

O resto do ouro deixou o paiz, utilizado para o serviço da divida externa. Um novo periodo de simples papel moeda inconversivel governamental iniciou-se. O ultimo governo da primeira republica não poudo completar a projectada e preparada reforma monetaria e bancaria, situação identica á do ultimo gabinete do Imperio. O Governo Provisorio da segunda Republica encontrou-se na situação da primeira administração republicana de 1890.

DE 96 d. a 5 d.

A expressão franceza, *change et vent changent souvent*, vem a calhar á historia da moeda brasileira.

Mas as oscillações do cambio tiveram uma tendencia accentuada. Começando ao par á taxa de 67 1/2 d. 1\$600 por uma oitava de ouro de 22 quilates) (265), a paridade legal do mil réis foi reduzida a 43 1/2 d. em 1833 (2\$500 por oitava) a 27 d. em 1846 (4\$000 por oitava). A paridade pratica declinou nos curtos periodos da estabilisação para 15/16 d. ao tempo da Caixa de Conversão e a cerca de 5 27/32 d. em 1927-1929.

(265) Peso equivalente a 4 grãos.

Tentou-se, embora sem resultado, fazer com que a paridade legal representasse a situação real, mas a baixa da taxa do cambio estrangeiro foi ainda mais profunda durante os 125 annos da historia do mil réis. Movimentando-se irregularmente em torno da libra ingleza, o mil réis era cotado acima do par, quando a propria libra oscillava, alcançando o ponto mais alto em 1814 de 96 d. e o mais baixo, de 4 3/8 em 1923.

Alem da historia commum de que a inflação financeira, "uma vez iniciada, é difficil ser sustada" (R. G. Hawtrey), acredito, no que diz respeito á historia brasileira, que ella foi devida a uma constante procura pelo dinheiro barato. "Dinheiro immediato e barato" (266) e queixas sobre a escassez de dinheiro são os eternos motivos de propaganda e agitação no paiz, lembrando circumstancias semelhantes nos Estados Unidos. (267)

Um historiador da moeda brasileira notará perpetuas discussões sobre estabilisação, continuas queixas, projectos, declarações, cotações de autoridades estrangeiras, menção de casos occorridos no exterior, mas raramente um plano concreto, jamais uma idéa original. Todos os ministros da Fazenda condemnaram, em seus relatorios annuaes, a inconversibilidade do papel moeda; todos os presidentes prometteram uma reforma monetaria. No entanto, todos elles (com muito poucas excepções) continuaram a emitir.

(266) Victor Vianna, *Banco do Brasil*, p. 619; Carl Hellwig, *Organisação Bancaria e Financeira do Brasil*, p. 27. São Paulo, 1930.

(267) Vide Charles J. Bullock, *ob. cit.*, pp. 1-3.

Em um seculo de existencia independente, o Brasil oscillou diversas vezes no periodo de transição entre o papel moeda inconversível e o padrão-ouro. A maior possibilidade de successo se patenteara na actividade preparatoria de Murtinho. Mas ella nunca chegou a uma realisação final.

O Brasil teve as suas batalhas da imprensa e do parlamento entre os papelistas e os metallistas, entre os propagandistas da pluralidade dos bancos de emissão e os adeptos do systema de um só banco, e teve as suas lutas pela taxa media de estabilisação. (268)

Um adepto da interpretação marxista tambem constataria no Brasil os interesses de classes predominando sobre o problema da moeda: os productores de artigos de exportação inclinam-se á inflação de papel no paiz, ao passo que os importadores advogam a necessidade de uma moeda estavel. O capitalista estrangeiro allia-se aos propagandistas da moeda estavel e o credor estrangeiro usa a sua influencia no mesmo sentido.

O fazendeiro, o representante politico do Imperio, pertencia ao primeiro grupo; elle dependia dos preços de exportação; recebia em ouro no estrangeiro e gastava o dinheiro local dentro do paiz. O segundo grupo, a classe commercial, e as partes mais industrializadas do paiz, dependentes da importação de machinas, de materias primas e artigos de consumo, entraram no terreno politico com a Republica. Seus interesses eram identicos aos dos que tinham capital estrangeiro appli-

(268) Os debates parlamentares são os principaes topicos de estudo de autoria de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, *Bancos de Emissão no Brasil*, Rio de Janeiro, 1923.

cado em larga escala, o que poderia dar uma explicação de um empenho mais activo e energico pela estabilidade da moeda.

Si procurassemos as causas da permanente depreciação do papel moeda inconversível no Brasil, poderíamos offerecer todas as explicações geralmente dadas pelos poucos investigadores existentes nesse terreno. Como no caso da Argentina, os escriptores do paiz lançam a culpa na super-emissão. Um dos presidentes brasileiros, Epitacio Pessôa, declarou que “a queda do cambio tem como a sua principal causa o desequilibrio de nossa balança commercial” (269). Um exame superficial do desenvolvimento da balança commercial brasileira mostra o engano do Presidente. Elle proprio offerece um ensejo para a comprehensão desse lapso: “Não é necessario ser um especialista em finanças, é sufficiente possuir uma comprehensão geral que constitue a cultura commum do homem publico”. Investigadores estrangeiros apontam a balança de pagamentos como sendo a causa da deflação e todos elles realçam o momento psychologico.

Com o mesmo direito, é possivel concordar-se com um estudioso francez das moedas sul-americanas que accusa “la reunion de toutes ces causes” (270).

Uma explicação não pode ser dada *semper et ubique*. O principal conflicto é naturalmente mais profundo; o permanente desastre do moeda no Brasil era e é um reflexo da discrepancia entre a economia e a finança; elle é, ao mesmo tempo, um reflexo da deslocação de fronteira.

(269) *Presidential Message*, 1921, p. 7.

(270) Jacques Lyon, *ob. cit.*

O typo da economia brasileira com o desigual desenvolvimento (ou, talvez, mais correctamente para algumas regiões, com o seu sub-desenvolvimento) do paiz, com as suas perpetuas mudanças subitas dos principaes productos, é pronunciadamente desfavoravel a uma moeda estavel.

Mas a natureza da economia brasileira determina a estructura financeira deficitaria; e isso actua sobre a moeda directamente na applicação do papel moeda ao equilibrio do orçamento e, indirectamente, pelo appello aos emprestimos, augmentando as despesas annuaes e os deficits.

A emissão do papel moeda governamental tornou-se uma parte ordinaria da receita. O governo no Rio e a opinião publica, representada pelo Congresso, nunca se cansaram de bradar pela necessidade de reformas. Elles repetiam muitas vezes a expressão de Michel Chevalier de que "tout papier monnaie par lui-meme est mensonge".

Não obstante as mudanças kaleidoscopicas nas formas, na legislação, nas cotações de cambio, sempre prevaleciam as mesmas condições: dissociação da moeda e da economia. Tornava-se impossivel pensar seriamente no successo de um systema bancario central e na emissão de dinheiro-papel em um paiz sem meios de communicação, tradições de credito, systema de cheques, centralisação dos fundos do governo, com finanças desorganisadas, separado por diversos mercados, cada um com suas estações e peculiaridades, onde a maior parte da immensa area era e ainda é sertão.

Dessa forma, no primeiro episodio do systema bancario brasileiro, encontramos as principaes causas do seu perpetuo fracasso — a discrepancia entre a econo-

mia e a finança, a discrepância entre o Brasil economico e politico (271). As melhoras esporadicas do cambio, depois de uma "reforma", não mudam a situação geral, nem é ella modificada pela influencia das oscillações economicas, quando os periodos de prosperidade creavam uma immensa procura por meios de circulação e occultavam a situação real.

O estudo do papel moeda brasileiro (e é esse, provavelmente, o caso de diversos outros paizes da America do Sul) chama a nossa attenção para outro assumpto. Por que essa emissão de papel moeda inconversivel, que vem sendo praticada sem restricções ha mais de um seculo, não resultou numa catastrophe monetaria, á semelhança do que aconteceu na França com os "assignados", nos Estados Unidos, com os "green-backs", na Allemanha com os "marcos"?

A unica explicação possível é o systematico alargamento do mercado, a absorpção de novas quantidades pelas regiões que se vão integrando, pela deslocação da fronteira.

Uma estabilisação pratica verificou-se em todos os momentos, depois do deslocamento da fronteira. Como exemplo disso pode ser mencionado o occorrido depois da pequena revolução industrial de Mauá, depois do novo movimento de industrialisação do seculo dezenove, e depois da revolução economica causada pela Guerra Mundial.

Mas todos esses entreactos de papel moeda estavel e algumas vezes conversivel foram apenas curtos episodios na historia da moeda brasileira.

(271) Ninguém comprehendeu essa discrepância melhor do que Tristão de Athayde, salientando essa feição especifica da historia brasileira no seu livro *A' Margem da Historia*, p. 245.

A importação de capital estrangeiro, naturalmente, influenciou também a situação cambial e contribuiu para os intervallos de estabilidade. Ruy Barbosa profligou esse factor na sua explanação da alta "artificial" da taxa do cambio no fim do Imperio (272). Essa explicação, combinada com a da deslocação da fronteira, parece ser plausivel para este periodo, bem como para o periodo da estabilidade, depois das reformas Murinho. No Capitulo VII faremos uma tentativa de calcular as importações de capital.

A deslocação da fronteira exerceu influencia moderada na depreciação do papel moeda brasileiro, uma influencia crescente em cada nova estrada de ferro, nova estrada de rodagem, nova linha de navegação, constituindo uma nova procura para meios de circulação.

O papel moeda inconversivel teve um caracter pronunciadamente governamental no Brasil. Desde 1829 elle coexistiu, de tempos a tempos, com o dinheiro-papel que também era, na maior parte, semi governamental; e todas as tentativas para introduzir uma nota bancaria independente resultaram num augmento do papel moeda governamental inconversivel. O papel moeda governamental tornou-se o meio de circulação normal do paiz, inspirando mais confiança do que as notas de banco. O mil réis papel governamental inconversivel desempenhou uma grande missão, como vehiculo nacional de troca, mas nenhum auxilio pôde prestar nas relações internacionaes.

A analyse da distribuição local do papel moeda, com referência á abertura de novos meios de transpor-

(272) Annexos ao Relatorio do Ministro da Fazenda, *Emissão e Credito — Exposição ao Chefe do Governo Provisorio*, p. 6, Rio de Janeiro, 1891.

te, seria mais do que instructiva. Ella, provavelmente, poria um remate ao costume dos escriptores brasileiros de se queixarem do "caos" e "anarchia" na historia da moeda brasileira, mostrando, ao mesmo tempo, que o "caos" e a "anarchia" existem mais nos escriptos. Revelaria que a historia da moeda brasileira, embora não seja na verdade muito simples, não é mais caotica do que a de qualquer outro paiz do estylo e do tamanho do Brasil.

Não nego a existencia de diversos phenomenos especificos, influenciando a historia da moeda brasileira. Pelo contrario, aponteí e salienteí aqui alguns desses phenomenos. Muitos factores exerciam a sua acção e muitos delles soffreram mudanças na sua importancia no decorrer da historia do paiz. Muitos factores technicos tambem não devem ser esquecidos. Mas uma comprehensão da moeda brasileira pode ser conseguida apenas mediante um cuidado estudo da economia brasileira, e não graças á applicação dos modernos principios bancarios, adoptados em Lombard Street ou Wall Street. (273)

(273) Acredito que isso seja verdade com referencia não somente ao Brasil; e não aceito a explicação da inflação monetaria do Chile, de autoria de F. W. Fetter, segundo a qual ella é o resultado das pesadas dividas que oneravam os proprietarios da terra. (*Monetary inflation in Chile*. — Princeton, 1931).

COMMERCIO EXTERNO DO BRASIL, 1850-1920-1928
(Contos de réis)

<i>Annos</i>	<i>Exportação</i>	<i>Importação</i>	<i>Excesso da Exportação</i>	<i>Excesso da Importação</i>
1850-1851	67.788	76.918	—	9.030
1860-1861	123.171	123.720	—	549
1870-1871	168.000	162.100	5.600	—
1880-1881	230.963	179.688	51.295	—
	326.453	294.880	31.573	—
1890	574.367	512.100	62.367	—
1891	784.463	589.575	194.888	—
1892	705.582	652.425	53.157	—
1893	766.804	782.451	—	15.647
1894	882.658	844.531	37.477	—
1896	864.107	864.213	—	20.106
1897	1.010.719	845.803	164.916	—
1898	1.011.301	933.332	77.979	—
1899	954.768	864.610	89.856	—
1900	850.339	614.939	205.400	—
1901	860.827	448.353	412.447	—
1902	735.900	471.114	254.826	—
1903	742.632	486.489	256.143	—
1904	776.367	512.588	263.779	—
1905	685.457	454.995	230.462	—
1906	799.670	499.288	300.383	—
1907	860.800	644.938	215.953	—
1908	705.790	567.272	138.519	—
1909	1.016.590	592.876	423.714	—
1910	939.413	713.863	223.550	—
1911	1.003.925	794.716	209.209	—
1912	1.119.737	951.370	148.367	—
1913	981.767	1.007.495	—	25.728
1914	755.747	561.853	193.894	—
1915	1.042.298	582.096	459.302	—
1916	1.136.888	810.759	326.129	—
1917	1.192.175	837.738	354.437	—
1918	1.137.100	989.305	147.695	—
1919	2.178.719	1.334.250	844.460	—
1920	1.752.000	2.007.000	—	325.000
1921	1.709.722	1.689.839	19.883	—
1922	2.332.084	1.652.630	679.454	—
1923	3.297.033	2.267.159	1.029.874	—
1924	3.863.554	2.789.557	1.073.997	—
1925	4.021.965	3.376.832	645.183	—
1926	3.190.559	2.705.553	485.006	—
1927	3.644.118	3.273.163	370.955	—
1928	3.970.273	3.694.990	275.804	—

EMISSÕES DE PAPEL-MOEDA

(Contos de réis)

Anno	Emissão do Tesouro	Emissão do Banco	Redesconto Notas Departamento	Notas do Banco do Brasil	Notas da Caixa de Estabilização
1822	—	9.171			
1823	—	9.994			
1824	—	11.391			
1825	—	11.941			
1826	—	13.391			
1827	—	21.575			
1828	—	21.356			
1829-1830	20.507	—			
1830-1831	*	—			
1831-1832	*	—			
1832-1833	*	—			
1833-1834	*	—			
1834-1835	30.703	—			
1835-1836	34.299	—			
1836-1837	35.090	—			
1837-1838	39.475	—			
1838-1839	*	—			
1839-1840	*	—			
1840-1841	40.200	—			
1841-1842	43.689	—			
1842-1843	46.521	—			
1843-1844	48.267	—			
1844-1845	50.380	—			
1845-1846	50.668	—			
1846-1847	48.784	—			
1847-1848	47.802	—			
1848-1849	47.537	—			
1849-1850	46.084	—			
1850-1851	46.684	—			
1851-1852	46.684	—			
1852-1853	46.625	—			
1853-1854	46.693	15.531			
1854-1855	46.693	21.063			
1855-1856	45.693	40.128			
1856-1857	43.677	51.540			
1857-1858	41.665	50.905			
1858-1859	40.701	55.172			
1859-1860	37.599	50.391			
1860-1861	35.109	46.904			
1861-1862	33.324	45.740			
1862-1863	30.594	51.129			
1863-1864	29.094	70.449			
1864-1865	28.091	72.558			
1865-1866	28.901	83.963			
1866-1867	42.560	74.600			
1867-1868	81.749	42.937			
1868-1869	127.230	55.995			
1869-1870	149.398	43.129			
1870-1871	151.078	40.726			
1871-1872	150.807	38.000			
1872-1873	149.579	35.432			
1873-1874	149.547	33.548			
1874-1875	149.501	32.367			
1875-1876	149.380	30.042			

EMISSÕES DE PAPEL-MOEDA

(Contos de réis)

Anno	Emissão do Tesouro	Emissão do Banco	Redesconto Notas Departamento	Notas do Banco do Brasil	Notas da Caixa de Estabilização
1876-1877	149.348	30.000			
1877-1878	181.279	27.654			
1878-1879	139.208	27.654			
1879-1880	189.200	26.478			
1880-1881	188.153	24.129			
1881-1882	188.111	24.129			
1882-1883	188.041	22.956			
1883-1884	187.937	21.689			
1884-1885	187.344	20.518			
1885-1886	194.283	19.300			
1886-1887	184.335	17.956			
—	—	—			
1888	188.869	16.419			
1889	185.819	11.337			
1890	171.081	127.911			
1891	167.611	346.116			
1892	215.100	346.116			
1893	285.745	346.116			
1894	367.359	345.000			
1895	337.352	340.714			
1896	371.641	340.714			
1897	439.614	340.714			
1898	778.365	—			
1899	733.727	—			
1900	669.631	—			
1901	680.451	—			
1902	675.537	—			
1903	674.979	Conversão			
1904	673.740	Notas			
1905	669.492	officiaes			
1906	664.793	37.282			
1907	643.532	100.041			
1908	634.683	89.396			
1909	628.453	225.283			
1910	621.005	303.990			
1911	612.520	369.145			
1912	607.026	396.705			
1913	601.488	295.347			
1914	822.496	157.787			
1915	982.090	94.560			
1916	1.122.560	94.560			
1917	1.389.415	94.560			
1918	1.679.176	20.911			
1919	1.728.067	19.329			
1920	1.828.968	19.329			
1921	1.874.082	19.329	156.043		
1922	1.857.412	19.329	356.363		
1923	1.850.671	9.990	399.266	389.000	
1924	2.237.134	—	—	726.863	
1925	2.114.976	—	—	592.000	
1926	1.997.304	—	—	592.000	
1927	1.977.325	—	—	592.000	435.560
1928	1.951.725	—	—	592.000	835.301
1929	1.951.000	—	—	592.000	848.000
1930	2.543.000	—	—	170.000	129.000

Nota: As cifras para 1830-1834 e 1838-1840 em parte estão faltando e em parte são contradictórias.

TAXA DO CAMBIO NO RIO DE JANEIRO SOBRE LONDRES
Pence por mil réis

<i>Anno</i>	<i>Minima</i>	<i>Média</i>	<i>Maxima</i>
1812	72	76	74
1813	75 1/2	80	77 2/4
1814	76	96	85 1/2
1815	71 1/2	77	73 3/4
1816	56 1/2	69	58 1/4
1817	57	72	64 1/2
1818	69	74	71 9/16
1819	59	73	66
1820	54	60	57
1821	48 1/2	54 1/2	51 1/8
1822	47	51 1/2	49
1823	48	53 1/2	50 2/4
1824	47	49 1/2	48 1/4
1825	47	57	51 7/8
1826	41	54	48 1/8
1827	31	40	35 1/4
1828	28 1/2	34	31 1/16
1829	22	28	24 5/8
1830	21 1/2	24	22 13/16
1831	20 1/2	30	25
1832	28 3/4	44 1/2	35 1/8
1833	32 1/4	41 1/2	37 3/8
1834	36 3/4	40 1/2	38 2/4
1835	37	41 1/2	39 1/4
1836	36 1/2	40	38 7/16
1837	26	34 1/2	29 5/16
1838	27 1/4	29 3/4	28 1/16
1839	29 1/4	34 1/2	31 5/8
1840	30	32 1/2	31
1841	29	31 1/2	30 5/16
1842	25	28 3/4	26 13/16
1843	24 3/4	27	25 13/16
1844	24 3/4	25 3/4	25 3/16
1845	24 1/2	26 3/4	25 7/16
1846	25 1/2	28 1/4	26 15/16
1847	27	29	28
1848	21 1/2	28	25
1849	24 1/2	28	25 7/8
1850	26 3/4	31	28 2/4

<i>Anno</i>	<i>Minima</i>	<i>Média</i>	<i>Maxima</i>
1851	27 $\frac{3}{8}$	31	29 $\frac{1}{8}$
1852	26 $\frac{1}{2}$	28 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{7}{10}$
1853	27 $\frac{1}{2}$	29 $\frac{1}{2}$	28 $\frac{1}{2}$
1854	26 $\frac{1}{2}$	28 $\frac{3}{4}$	27 $\frac{5}{8}$
1855	27	28 $\frac{1}{4}$	27 $\frac{9}{10}$
1856	27 $\frac{7}{8}$	28 $\frac{1}{4}$	27 $\frac{9}{10}$
1857	23 $\frac{1}{2}$	28	26 $\frac{5}{8}$
1858	22 $\frac{3}{4}$	27	25 $\frac{9}{10}$
1859	23 $\frac{1}{10}$	26 $\frac{7}{8}$	25 $\frac{1}{10}$
1860	24 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{3}{8}$	25 $\frac{12}{10}$
1861	24 $\frac{1}{4}$	26 $\frac{3}{4}$	25 $\frac{9}{10}$
1862	24 $\frac{3}{4}$	27 $\frac{3}{4}$	26 $\frac{5}{10}$
1863	26 $\frac{5}{8}$	27 $\frac{7}{8}$	27 $\frac{1}{4}$
1864	25 $\frac{3}{4}$	27 $\frac{3}{4}$	26 $\frac{2}{4}$
1865	22 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{1}{4}$	25
1866	22	26	24 $\frac{1}{4}$
1867	19 $\frac{3}{4}$	24 $\frac{3}{8}$	22 $\frac{7}{10}$
1868	14	28 $\frac{7}{8}$	17
1869	18	19 $\frac{5}{8}$	18 $\frac{12}{10}$
1870	19 $\frac{5}{8}$	24 $\frac{1}{4}$	22 $\frac{1}{10}$
1871	22	25 $\frac{7}{8}$	24 $\frac{1}{32}$
1872	23	26 $\frac{1}{4}$	25
1873	25	27	26 $\frac{3}{32}$
1874	24 $\frac{3}{4}$	26 $\frac{3}{4}$	25 $\frac{22}{32}$
1875	26 $\frac{1}{8}$	28 $\frac{3}{8}$	27 $\frac{7}{32}$
1876	23 $\frac{3}{8}$	27 $\frac{1}{8}$	25 $\frac{11}{32}$
1877	23	25 $\frac{5}{8}$	24 $\frac{6}{10}$
1878	21	24 $\frac{5}{8}$	22 $\frac{12}{10}$
1879	19 $\frac{1}{8}$	24 $\frac{3}{4}$	21 $\frac{2}{8}$
1880	19 $\frac{7}{8}$	24	22 $\frac{3}{32}$
1881	20 $\frac{1}{2}$	23 $\frac{1}{4}$	21 $\frac{22}{32}$
1882	20 $\frac{1}{8}$	22	21 $\frac{3}{32}$
1883	21	22 $\frac{1}{4}$	21 $\frac{6}{10}$
1884	19 $\frac{1}{10}$	22 $\frac{1}{2}$	20 $\frac{11}{10}$
1885	17 $\frac{5}{8}$	19 $\frac{5}{8}$	18 $\frac{10}{32}$
1886	17 $\frac{1}{2}$	22 $\frac{12}{10}$	18 $\frac{11}{10}$
1887	21 $\frac{1}{10}$	23 $\frac{12}{10}$	22 $\frac{7}{10}$
1888	22 $\frac{1}{2}$	27 $\frac{9}{10}$	25 $\frac{1}{4}$
1889	24 $\frac{1}{4}$	27 $\frac{3}{4}$	26 $\frac{7}{10}$
1890	20 $\frac{1}{2}$	26	22 $\frac{9}{10}$
1891	11 $\frac{1}{2}$	20 $\frac{3}{4}$	14 $\frac{22}{32}$
1892	10	16	12 $\frac{1}{32}$

<i>Média</i>	<i>Maxima</i>	<i>Anno</i>	<i>Minima</i>
1893	10 $\frac{1}{4}$	13 $\frac{15}{10}$	11 $\frac{10}{22}$
1894	9 $\frac{1}{22}$	12 $\frac{1}{2}$	10 $\frac{8}{23}$
1895	9	11 $\frac{13}{22}$	9 $\frac{15}{10}$
1896	8	10 $\frac{5}{16}$	9 $\frac{1}{16}$
1897	6 $\frac{7}{8}$	8 $\frac{21}{22}$	7 $\frac{23}{22}$
1898	5 $\frac{5}{8}$	8 $\frac{17}{22}$	7 $\frac{3}{16}$
1899	6 $\frac{11}{10}$	8 $\frac{7}{22}$	7 $\frac{7}{16}$
1900	7	14 $\frac{1}{10}$	9 $\frac{1}{2}$
1901	9 $\frac{23}{22}$	13 $\frac{13}{22}$	11 $\frac{3}{8}$
1902	11 $\frac{7}{22}$	12 $\frac{4}{10}$	11 $\frac{21}{22}$
1903	11 $\frac{5}{8}$	12 $\frac{5}{8}$	12
1904	11 $\frac{5}{04}$	13 $\frac{25}{04}$	12 $\frac{7}{22}$
1905	13 $\frac{10}{12}$	18 $\frac{1}{10}$	15 $\frac{27}{04}$
1906	14 $\frac{5}{8}$	17 $\frac{4}{10}$	16 $\frac{11}{04}$
1907	15 $\frac{7}{04}$	15 $\frac{15}{04}$	15 $\frac{5}{10}$
1908	15 $\frac{5}{22}$	15 $\frac{5}{22}$	15 $\frac{5}{22}$
1909	15 $\frac{3}{22}$	15 $\frac{21}{04}$	15 $\frac{9}{04}$
1910	15 $\frac{1}{10}$	18 $\frac{11}{04}$	16 $\frac{15}{04}$
1911	15 $\frac{21}{22}$	16 $\frac{7}{22}$	16 $\frac{1}{8}$
1912	16 $\frac{3}{22}$	16 $\frac{10}{04}$	16 $\frac{5}{22}$
1913	15 $\frac{27}{04}$	16 $\frac{7}{04}$	15 $\frac{01}{04}$
1914	10 $\frac{5}{22}$	15 $\frac{15}{10}$	14 $\frac{21}{22}$
1915	11 $\frac{45}{04}$	13 $\frac{01}{04}$	12 $\frac{20}{04}$
1916	11 $\frac{11}{04}$	12 $\frac{20}{04}$	11 $\frac{15}{10}$
1917	11 $\frac{11}{10}$	13 $\frac{47}{04}$	12 $\frac{45}{04}$
1918	11 $\frac{11}{10}$	13 $\frac{01}{04}$	12 $\frac{27}{04}$
1919	12 $\frac{40}{04}$	18 $\frac{10}{04}$	14 $\frac{25}{04}$
1920	9 $\frac{9}{10}$	18 $\frac{17}{04}$	14 $\frac{15}{22}$
1921	6 $\frac{47}{04}$	10 $\frac{6}{04}$	8 $\frac{9}{22}$
1922	6	7 $\frac{21}{04}$	7 $\frac{5}{22}$
1923	4 $\frac{3}{8}$	5 $\frac{01}{04}$	5 $\frac{3}{8}$
1924	5	6 $\frac{01}{04}$	5 $\frac{15}{10}$
1925	4 $\frac{07}{04}$	7 $\frac{17}{22}$	6 $\frac{1}{16}$
1926	5 $\frac{28}{22}$	7 $\frac{7}{8}$	7 $\frac{9}{04}$
1927	5 $\frac{23}{22}$	5 $\frac{23}{22}$	5 $\frac{27}{22}$
1928	5 $\frac{11}{128}$	5 $\frac{29}{22}$	5 $\frac{27}{04}$
1929	5 $\frac{47}{04}$	6 $\frac{1}{04}$	5 $\frac{25}{04}$
1930	4 $\frac{18}{16}$	5 $\frac{211}{220}$	5 $\frac{15}{22}$

CAPITULO VII

A SEGUNDA REPUBLICA

O que queriam os nossos credores era exactamente o que queriam todos os brasileiros: era a restauração financeira e economica do Brasil.

JOAQUIM MURTINHO

Quand je suis malade, je répons à ceux qui me pressent de prendre médecine, qu'ils attendent au moins que je soye rendu a mes forces et a ma santé, pour avoir plus de moyens de soustenir l'effort et le hazard de leur *bruvage*.

MONTAIGNE

A segunda republica inaugurou-se com jubilo e enthusiasmos geraes, sob condições que lembram o auge de uma tragedia grega: uma combinação simultanea de todas as especies de "crises".

O leitor já se familiarizou com as fricções e discrepancias desse solo, sempre propenso a crises, onde os conflictos entre o Brasil economico e geographico, as perpetuas mudanças das condições dos productos principaes, os oscillantes typos economicos e a liderança politica, constantes crises orçamentarias e desorganisação da moeda apresentaram a base historica para a segunda republica.

A accentuação da prolongada crise em 1929 contribuiu para o agravamento de todas as outras crises latentes e inspirou a crise economica. Á semelhança do que aconteceu em outros paizes sul-americanos, a crise chronica local do periodo transitorio entrelaçou-se com a crise mundial. As oscillações mundiaes atingiram o Brasil tão rapidamente que o anno de 1929 — em que se regista a crise de Wall Street — foi o anno official da transformação da crise chronica brasileira em uma crise aguda. Ella foi o resultado do cruzamento das oscillações nacionaes e mundiaes e da coincidência das oscillações longas e curtas do cyclo commercial.

A corrente politica de 1929 e a revolução de 1930 contribuíram para a situação, causando irregularidades de communicações, destruição de estradas, desordem no commercio estrangeiro, augmento das despesas e diminuição das receitas.

O Banco do Brasil tornou-se um instrumento submisso á vontade do Governo. O Presidente do Banco declarou, no Relatorio de 1930, que o Banco “por ordem do Presidente, attendeu com presteza a todas as solicitações de credito legitimas, que foram feitas no paiz”. (274)

A crise das exportações brasileiras causou uma contracção do commercio exterior (exportação, 1929: £ 94.831.000 e 1930, £ 65.770.000); e a balança de pagamentos tornou-se ainda mais desfavoravel, visto como a importação de capital estrangeiro, já em declinio desde 1927, cessou. As reservas-ouro logo ficaram esgotadas.

O Governo Provisorio, nos primeiros mezes de sua actividade, poderia ter repetido as palavras de D. Pedro I em sua carta ao seu pae: “Não existe mais dinheiro, nem eu sei como obtel-o” (275). De facto, o Chefe do Governo Provisorio, doutor Getulio Vargas, declarou no anniversario da revolução, em Outubro de 1931, que “do ponto de vista financeiro, a situação do paiz, ao deflagrar da revolução, era de completo caos”.

O sentimento post-revolucionario, como é costume, accusou o *ancien régime* da catastrophe financeira, e o paiz estava e ainda está inclinado a repetir a velha phrase de Bernardino de Campos, que declarou em 1898, que “o estado financeiro... a que nós agora chegamos, é a consequencia logica dos nossos crimes”. (276)

O novo governo iniciou-se com planos de reformas radicacs. A idéa da nacionalisação das empresas de utilidades publicas e a ampliação da propriedade do Estado em uma larga escala, tornaram-se o principal ponto de discussão. O fermento post-revolucionario do costume e o desejo de mudançcas drasticcas exerciam a sua influencia. O presente era caotico e o futuro obscuro. O problema do café, o ponto mais importante da situação, estimulou um diluvio de projectos e experiencias.

As estimativas do orçamento federal para 1930 calcularam os saldos como seguem:

(275) Armitage *ob. cit.* I, 49.

(276) *Relatorio do Ministerio da Fazenda*, p. 69. Rio de Janeiro, 1898.

Contos de réis

Excedente ouro	+	64.158	
Deficit papel	+	267.684	
Excedente liquido	+	117.264	papel
	(ou sejam	+ £2.200.000)	(277)

O resultado do exercicio para esse anno foi o seguinte:

Contos de réis

Deficit ouro	—	6.190	
Deficit papel	—	745.889	
Deficit liquido	—	783.029	papel
	(ou sejam: —	£ 15.000.000)	(4).

Toda a receita constituiu um desapontamento para o orçamento federal de 1930, como se vê do seguinte:

<i>Contos de réis</i>			
<i>Previsão</i>		<i>Resultado verificado</i>	
<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>
192.150	1.254.339	134.913	1.565.307

(277) A conversão do ouro em papel, em 1930, feita na base de mil réis papel = 4 ½ d.

ORÇAMENTO FEDERAL DE 1930. Receita

	<i>Contos de réis</i>			
	<i>Previsão</i>		<i>Resultado verificado</i>	
	<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>
Alfandega	188.493	122.416	116.078	74.881
Taxa de consumo	—	460.013	—	352.200
Estampilhas	56	133.803	12	110.141
Imposto s/ a renda ..	80	68.555	2	52.701

A relação entre as previsões e o resultado real apresentado pelas despesas foram inversas.

ORÇAMENTO FEDERAL DE 1930. Despesas

<i>Contos de réis</i>			
<i>Previsão</i>		<i>Resultado verificado</i>	
<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>
134.913	1.565.307	127.055	1.733.158

O serviço da dívida aborve a maior parte da receita, como se verifica:

	<i>Contos de réis</i>	
	<i>Ouro</i>	<i>Papel</i>
Externa	101.571	—
Interna	—	166.187

A emissão de papel moeda inconversível pelo Tesouro substituiu a emissão do Banco do Brasil, bem como as notas conversíveis da Caixa de Estabilização.

EMISSÃO 1930

Em 1.000 contos de réis

	<i>Agosto</i>	<i>Dezembro</i>
Pelo Tesouro	1.951	2.543
Pelo Banco do Brasil	592	170
Pela Caixa de Estabilização	168	129

A reserva-ouro de £ 31.100.000, em Setembro de 1929, ficou diminuída para £ 14.100.000 em Agosto de 1930 e desapareceu em Dezembro de 1930. A taxa cambial, relativamente estável em 1927-1929, declinou em uma série de flutuações, em 1930, quando a taxa alcançou o fundo em Setembro (com a média de 4 21/32).

Temos de admitir que o Governo Provisorio estava ao par da situação e empregou todos os seus esforços para conseguir o equilíbrio orçamentario. As previsões do orçamento federal, varias vezes renovadas, para 1931 mostram um corte nas despesas, notavel para um governo revolucionario.

	<i>Contos de réis</i>	
	<i>Orçamento apresentado 1930</i>	<i>Estimativa revisada 1931</i>
Ouro	127.055	114.594
Papel	1.733.158	1.401.881

Não obstante a modesta previsão da receita, ella permittiu o equilibrio orçamentario com um superavit de +6.588 ouro e um superavit de +16.550 papel (cerca de £ 1.000.000) (278). Todavia, a situação tornou-se difficil, porque o serviço da divida externa absorvia a maior parte do orçamento e exigia ouro que o paiz não mais possuia e não podia adquirir em quantidades sufficientes com a depreciação moeda nacional. Uma comparação das cifras de 1929 e 1931 torna a situação clara:

	<i>Em contos ouro</i>	
	<i>1929</i> <i>Despesas effectua-</i> <i>das</i>	<i>1931</i> <i>Estimativa revisada</i>
Receita ordinaria ouro	189.369	91.140
Alfandega	185.913	87.604
Serviço divida externa	103.227	96.016

Em 1931 *toda a receita-ouro não era sufficiente para fazer face ao serviço da divida externa*. Operações de credito estavam fora de cogitação, em virtude da crise mundial e da situação brasileira. Mas, mesmo a receita ouro arrecadada não podia ser applicada ao serviço da divida; ella foi na realidade paga em moeda nacional, e não em ouro. O governo tinha de comprar ouro ou cambio estrangeiro nos mercados internacionaes com o valor do mil réis depreciado; essa pratica exercia constante pressão official sobre a taxa de cambio.

(278) Conversão de 1931 feita na base de mil réis papel = 4 d.

Os principaes credores estrangeiros comprehendiram a situação tão bem quanto o Governo. Esperando ainda que fosse necessario repetir o methodo dos "funding loans" de 1898 e 1914, os Rothschilds inglezes abriram um credito de dois annos de prazo, em Janeiro de 1931, ao Banco do Brasil, de £ 6.510.000, e mandaram um tecnico para fazer um estudo da situação.

Sir Otto E. Niemeyer, no começo de 1931, viajou "durante algumas semanas nas provincias centraes do Rio, São Paulo e Minas", e apresentou um Relatorio ao Governo Brasileiro. (279)

(279) *Report submitted to the Brazilian Government, por Sir Otto Niemeyer, K. C. B., G. B. E., 4 de Julho de 1931. O The London Times* mostrou-se excepcionalmente entusiasmado sobre essa iniciativa do governo brasileiro, assim se referindo ao facto:

"O Governo Brasileiro merece congratulações pela sua decisão de instituir reformas financeiras e da moeda. Essa decisão já se fazia tardar, porque, muito embora a natureza tenha sido prodiga com esse paiz, o seu desenvolvimento economico tem sido seriamente retardado e o seu credito prejudicado por praticas financeiras erroneas, as quaes se reflectiram na depreciação e instabilidade chronica da moeda. O Banco do Brasil deve ser convertido em um banco central orthodoxo, trabalhando em um systema independente, e determinadas reformas monetarias e a estabilisação da moeda devem ser levadas a effeito. Isto, naturalmente, envolverá a manutenção do equilibrio orçamentario, e a regulamentação cuidadosa dos emprestimos externos. O Governo convidou Sir Otto Niemeyer para vir ao Brasil com o proposito de ser um *conselheiro na execução do plano*. Em virtude de sua experiencia, como *controller* das Finanças do Thesouro, e como Membro do *Committee* Financeiro da Liga das Nações, o qual foi o executor da reconstrução financeira de diversos paizes europeus depois da Guerra, elle estava perfeitamente ao par dos problemas que tinha sido convidado a ajudar a resolver, quando chegou ao Brasil. Os rumores de que estava sendo estudada a realisação de um plano de reforma financeira foram sufficientes para um firme fortalecimento do mercado dos titulos brasileiros esta semana; e hontem houve mais uma alta nesses titulos. Se o Bra-

A analyse da situação e o programma apresentado constituem um trabalho typico de um conselheiro financeiro estrangeiro, que visita um paiz. Trata-se, naturalmente, de um trabalho muito intelligente, e industrioso, mas sem applicação no tempo e no espaço, ou, para ser mais exacto na expressão, uma transferencia dos principios contemporaneos de *Lombard Street* no sertão brasileiro.

A principal característica desse relatorio é que a economia local foi simplesmente esquecida. Niemeyer procura uma explicação da situação na crise mundial e nas consequencias da politica financeira interna do Brasil nos ultimos annos. (280)

sil levar a effeito de uma maneira determinada as reformas que são necessarias, o lucro que disso advirá para o seu credito será de in calculavel valor para o paiz". (10 de Janeiro de 1931).

O jornal *New York Times* insistia em que "contrariamente ás noticias propaladas, elle (Otto E. Niemeyer) não foi convidado pelo Governo Provisorio, mas foi enviado ao Brasil para salvaguarda dos Rothschilds". (29/maio/931).

(280) E' differente o methodo de estudar o assumpto no Relatorio do Comité Mac Millan, no qual a parte referente ao papel desempenhado pelos productores de materia prima abrange praticamente a situação brasileira de uma forma completa.

"A situação dos paizes productores de materias primas tornou-se dessa maneira extremamente difficil. Preços altos durante e immediatamente após a Guerra estimularam a producção; e graças ao augmento da economia nacional e da capacidade financeira dos paizes productores, tornou-se facil obter emprestimos de capital. Essa situação encorajou o consumo de maiores quantidades de artigos de importação e o adiamento da pressão sobre a economia nacional do pagamento dos juros sobre os emprestimos de capital. O proprio augmento na producção contribuiu para a baixa dos preços, e esses preços baixos conduziram á adopção de varios eschemas para impedir que os preços descessem ainda mais. O fracasso completo ou parcial desses eschemas forçou uma baixa de preços ainda maior e desencorajou a importação de capital,

No programma de reformas, tambem, a economia é esquecida, como se a estrutura financeira fosse inteiramente independente e autarchica. O Relatorio é mais uma peça technica; e não economica. O programma de Sir Otto E. Niemeyer é muito simples. De accordo com o seu ponto de vista, o problema consiste no: (1) o equilibrio orçamentario; (2) estabilisação do cambio e reforma monetaria; (3) Banco independente com autonomia de acção; (4) limitação de emprestimos feitos *directa e indirectamente pelo Governo Federal ou pelos Estados do Brasil.*

Sir Otto E. Niemeyer repete os lugares communs dos compendios, compara as condições do Brasil com as da Europa (taxação per capita) prega o exemplo da Inglaterra (o serviço postal e telegraphico não deficitario) suggere impostos inter-mortos como uma fonte de receita (sem enunciar a Inglaterra) propõe a taxa-ção directa e a redução das tarifas alfandegarias para o futuro. As suas idéas sobre o "banco central orthodoxo" são tomadas do Systema Federal de Reservas.

O seu programma de estabilisação consiste em muitas suggestões: estabelecer o conteúdo ouro do mil réis, fixar a actual taxa de estabilisação, não demasiadamente alta, á luz das circumstancias do momento. Alem disso, o controle de todos os emprestimos brasileiros no estrangeiro passaria para as mãos do Governo Federal, um emprestimo externo para o banco de reserva não inferior a £ 16.000.000 (cujo levantamento elle considera possivel) e suggere a organisação de um Comité de Pro-

augmentando dessa forma a pressão para uma venda forçada de productos do exportação além de fazer face ao pagamento dos juros dos emprestimos externos e de outros fins." *Report, Comité sobre Finanças e Industria, p. 61, Escriptorio da Imprensa de Sua Majestade, Londres, 1931.*

paganda da Economia. Elle encerra o trabalho com algumas observações liricas, que esgotam toda a sabedoria dessas idéas reformadoras. Alguns dos pontos secundarios do seu programma mostram, de forma positiva, que o conselheiro não tinha comprehensão alguma das peculiaridades do paiz e de suas distancias. Elle julgou o vasto interior de conformidade com as suas impressões do Rio de Janeiro e São Paulo. O Conselheiro demonstra a sua falta de contacto com a realidade do Brasil, quando convida o Governo a dispôr das acções que possui do Banco do Brasil e utilizar o mercado livre para a venda dessas apolices (O Relatorio é datado de 4 de Julho de 1931). Um conhecimento da economia mundial parece duvidosa, tambem, quando elle demonstra acreditar ser possivel conseguir-se em 1931 um grande emprestimo de estabilisação. Naturalmente, existem algumas suggestões e conselhos razoaveis no Relatorio (alguns delles serão salientados mais tarde); mas elles não modificam o caracter geral do documento.

O Relatorio de Sir Otto E. Niemeyer não é melhor nem peor do que o trabalho medio apresentado pelos conselheiros financeiros estrangeiros, chamados a desempenhar tarefas analogas em casos semelhantes. Elle dá as receitas do costume, repete, por vezes, as suggestões do competente e claro Relatorio Montagu de 1924, mas não alcança a visão propria de um estadista do relatorio economico de Lord d'Abernon, de 1929. Como acontece com muitos conselheiros financeiros, Niemeyer esquece o facto de que cada paiz possui os seus problêmas particulares, baseados sobre as suas necessidades politicas, economicas e financeiras, costumes e condições; e elle despreza a inter-relação existente entre a estrutura social e a finança. E' essa a unica explicação que se encontra para o seu erro de frisar o

facto de que a taxaçoão deve tomar em principal consideração a propriedade territorial.

Não obstante o animador optimismo do seu "estudo", quasi immediatamente seguiu-se uma baixa do cambio e a suspensão do serviço da dívida.

O Relatório Niemeyer deparou forte opposição no Brasil sob differentes pontos de vista. Nacional-Socialismo, nacionalismo economico (o mais fraco de todos), e indianismo renascido foram as fontes ideologicas da opposição. Mas os criticos brasileiros, bem como o conselheiro criticado, esqueceram o facto de que o problema consiste na escolha entre collocar a economia em seu devido lugar (por quanto tempo?), ou collocar a moeda e as finanças no lugar que lhes compete.

Ninguem apontou a existencia de conflictos chronicos entre a politica brasileira, as finanças e a economia. Eis aqui um exemplo typico. O orçamento federal, na sua necessidade de receita, cuja principal fonte é a Alfandega, esforça-se por augmentar as importações; os Estados, visando o mesmo fim, taxam as exportações. A economia brasileira requer o abandono desse aspecto puramente financeiro do problema do commercio exterior.

Niemeyer não comprehendeu que a organização financeira depende de uma base economica; que a estrutura economica do paiz deve ser levada em consideração, que as "recentes mudanças" nella são desconhecidas, visto que, desde 1920, nenhum recenseamento foi levado a effeito, e que parte desse processo invisivel da evolução economica é algumas vezes de capital importancia e outras vezes completamente inesperado.

Não considero possivel obter uma peça de estudo reformadora, constructiva e solida, em grande escala,

até que tenhamos uma comprehensão das correntes e tendencias do mais importante e recente periodo do passado economico brasileiro — especialmente da época que se seguiu á revolução economica occasionada pela Guerra Mundial. (281)

Os dados existentes, colleccionados, estudados e interpretados neste livro, permitem-nos, não obstante, afirmar, em obediencia um criterio de generalisação, que o principal objectivo de um programma economico para o Brasil é a *formação de uma verdadeira união economica onde actualmente existe uma federação politica*, e onde não existem obstaculos geographicos ou historicos para esta união economica. (282)

Os reformadores não levaram em conta a existencia de dois Brasis: o economico e o politico. Elles ignoraram a differença e o grau de ajustamento entre os dois. Esforcei-me por demonstrar que esse phenomeno, causado pela deslocação de fronteira, influenciou e explicou a perpetua mudança da situação dos principaes productos, a mudança das causas economicas, a historia erratica da finança e da moeda. Presenciamos os pronunciados periodos de melhoria depois de cada movimento da fronteira e a expansão da area geographica do Brasil economico (periodo Mauá, fim do Imperio, começo do seculo vinte, prosperidade do após-guerra).

(281) O Presidente Nilo Peçanha frisa essa falta de conhecimentos da propria evolução economica em uma de suas mensagens em 1910. — *Mensagens Presidenciaes*, p. 734.

(282) O divorcio entre a economia e a finança foi occasionalmente lamentado em obras brasileiras. Em 1885, Francisco Moura apontou-o no seu livro "*Ensaio Economico*", p. 37, Rio de Janeiro, 1885. Amaro Cavalcanti foi um dos poucos Ministros da Fazenda e economista que tambem salientou a inter-relação existente entre a economia e a finança. *Resenha Financeira*, p. 180. Cincinato Braga repetiu-a mais tarde — *Intensificação*, p. 4.

A vida financeira da União e a dos Estados estão agora praticamente independentes uma da outra. O Presidente Arthur Bernardes salientou esse facto de maneira clara, declarando que “em regra o Governo Federal ignorava, oficialmente, o que occorria na vida administrativa e, especialmente, na direcção financeira dos Estados” (283). O Governo Federal que, nas suas relações com os Estados, não possui poder sufficiente, de accordo com a constituição, e principalmente no terreno da pratica, está, como vimos (Capitulo V), decididamente fraco em seus direitos, sob o ponto de vista da obtenção de uma verdadeira união economica.

O resultado da divisão dos direitos de taxaço entre a União e os Estados conduziu a uma luta entre o Governo Federal e os governos estadoaes e municipaes, no que se refere á receita mais facilmente collectavel — a taxaço das importações e exportações. Affonso Costa descreveu como esse systema augmenta o custo do producto. (284)

Existem productos nacionaes que, embarcados em Pernambuco, chegam ao Rio, Pará ou Rio Grande do Sul sobrecarregados com taxas, que attingem a um terço do seu valor real.

E' obvio que esse estado de coisas impediu o desaparecimento da divisão, economicamente colonial ainda dominante no paiz, — a serie de regiões locaes separadas, de mercados locaes, e, mais tarde, industrias locaes organisadas. Os impostos de exportação dos Estados, especialmente, têm servido como um premio em favor

(283) *Documentos Parlamentares, Mensagens Presidenciaes*, Presid. Arthur Bernardes, p. 138 (Mensagem — 1924. Rio, 1926.

(284) Affonso Costa, *Questões Economicas*, pp. 245/246, Rio de Janeiro, 1918.

dos productos estrangeiros, como se fossem tarifas pro-
teccionistas em favor de paizes estrangeiros.

Em 1818, von Eschwege descreveu a situação no interior (e mesmo nas regiões mais proximas do interior) explicando que o alto custo do transporte impedia a formação de grandes unidades e favorecia as pequenas officinas locais. (285)

Exactamente 100 annos mais tarde — em 1918 — um economista contemporaneo queixava-se de que “Contrariamente á concentração industrial, que se verifica nos Estados Unidos da America, o que existe no Brasil é a dispersão industrial. Encontram-se pequenas fabricas espalhadas por todo o interior. A immensidade do territorio e o custo do transporte creiam para cada uma dessas fabricas uma especie de zona de protectorado, dentro da qual ella goza de um verdadeiro monopolio”. “O custo do transporte”, declara um observador — augmenta tão rapidamente, na verdade, que elle depressa ultrapassa o valor da mercadoria. As fabricas se encontram em qualquer local onde exista uma clientela; cada uma dellas possui a sua e pode contar com a sua fidelidade. “Mas, de outro lado, deve ser confessado a prosperidade de cada fabrica é limitada pela impossibilidade de procurar novos mercados e pela pequena capacidade de aquisição de sua clientela forçada. São esses os resultados dos mercados isolados”. (286)

Esse isolamento de mercados abrange tambem o mercado de dinheiro. Zonas pequenas possuem os pres-

(285) *Journal von Brasilien*, p. 241.

(286) *L'Avenir de l'Expansion Économique de la France* (artigo sobre o Brasil, de Montarroyoa), p. 317.

tamistas de dinheiro locais, bancos locais, muitas vezes na pessoa do dono da *venda*, fazendo-nos lembrar, a esse respeito, as condições da Índia Britânica.

Pode-se imaginar a taxa de juros no interior, quando, mesmo no litoral, 12% pode ser considerada como uma taxa média para operações garantidas pelos melhores títulos commerciaes e quando muitos prestamistas particulares chegam a pagar 20%. (287)

Qualquer questão da vida economica e financeira brasileira, quando se procede a um estudo, brada pela abolição desses erros, pela criação de um grande mercado nacional, como base para grandes unidades de produção, pela ampliação do "Brasil economico", por uma nova deslocação da fronteira.

Dessa forma, o programma da deslocação da fronteira tornou-se uma preliminar necessaria á aceleração do processos da industrialisação do paiz — á aceleração da organisação da produção de maneira technologicamente moderna e economicamente mais efficiente. (288)

Mesmo problemas especiaes, como os dos "deficits" das estradas de ferro, postal e telegraphico, dependem da deslocação da fronteira. Naturalmente, economia e organisação são coisas necessarias, nos empreendimentos do governo, mas a deslocação da fronteira

(287) Vide Stanley Irving, *ob. cit.*, p. 11.

(288) Cincinato Braga é considerado como o paladino da produção em massa no Brasil. Elle resalta a importancia desse facto, declarando: "Não podemos ter alcool barato sem possuir grandes usinas". (*Intensificação, ob. cit.*, pg. 73).

augmentará as rendas das estradas de ferro, postaes e telegraphicas mais efficientemente.

O desenvolvimento de novos productos e o crescimento dos já existentes, como resultado de um novo movimento da fronteira diminuirão a importancia do café na economia nacional — contrabalançando-a.

A deslocação da fronteira abrirá novas areas que absorverão vastas quantidades de papel moeda e criação novos contribuintes para o Fisco. A geographia brasileira possui condições favoraveis á formação de um enorme mercado nacional. Nada separa os Estados senão a falta de comunicação. Os 3 grandes sistemas fluviaes (Prata-Paraná, São Francisco, e o semi-oceanico Amazonas) não são sufficientes para esse fim; e o augmento e distribuição das estradas de ferro brasileiras (289) estão atrazadas em seu desenvolvimento.

(289) Vide capitulo I. As seguintes cifras demonstram o desenvolvimento das estradas de ferro no Brasil.

LINHAS EM TRAFEGO

<i>Annos</i>	<i>Kilometros</i>	<i>Annos</i>	<i>Kilometros</i>
1854	14,5	1890	9.973
1855	14,5	1895	12.967
1860	222,6	1900	15.316,4
1865	498,3	1905	16.780,8
1870	744,9	1910	21.466,5
1875	1.800,8	1915	26.646,5
1880	3.397,8	1920	28.556,1
1885	6.930,2	1929	32.000,2

E' completamente inutil esperar-se o crescimento da producção, quando o poder aquisitivo do "Brasil não economico" limita o mercado, e o "BRASIL não-economico", não tem estimulo para a expansão de sua producção, porque é impedido pelo custo altamente prohibitivo do transporte. (290)

O regionalismo brasileiro, economico e politico, é o resultado da falta de communicação. (291) Apenas o desenvolvimento dos meios de transporte pode acelerar o processo da deslocação da fronteira. (292)

(290) A's zonas distantes do interior podemos ainda applicar a vivida descripção de Langsdorf de 100 annos atraz. *Ob. cit.*, pp. 24-26.

(291) E' possivel que a transferencia da capital da União para o centro do paiz exerça uma influencia anti-regionalista. A transferencia foi suggerida no começo do seculo dezenove por Hyppolito da Costa, e incorporada na Constituição. Essa suggestão foi recentemente revivida pelo Presidente Arthur Bernardes (*Presidential Message*, 1925, p. 12).

(292) Compare-se com o desenvolvimento dos Estados Unidos da America: "Todo aquelle que acompanha a historia da expansão dos Estados Unidos para o Oeste não pôde deixar de ficar impressionado com a rapidez com que se processou o deslocamento da fronteira. Pouco mais de 150 annos foram necessarios para o povoamento vencer a curta distancia que vae da costa do Atlantico ás Montanhas do Appalache. Outros cincoenta annos bastaram para a expansão atravez dos milhares de milhas dos Appalaches. E foram necessarios outros 50 annos para que a vaga humana atravessasse do Mississipi ao Pacifico. O crescente tempo do povoamento foi causado em grande parte pelos melhoramentos do transporte; o andar a pé foi successivamente substituido pelos animaes de carga, estradas, vapores, canaes e, finalmente, pelas estradas de ferro". (Robert E. Riegel, *ob. cit.*, p. 549).

Sir Edwin S. Montagu comprehendeu melhor esse problema do que Sir Otto Niemeyer. Elle salientou em seu Relatorio ao Governo Brasileiro que “desde que apenas pelo seu desenvolvimento pode o Brasil pagar e libertar-se das dividas externas, consideramos o augmento e a melhoria das estradas de ferro como um assumpto de urgencia que não poderá ser demasiadamente encarecido” (293) e formulou o programma: “Transporte é tudo que é necessario”. (294)

O problema do desenvolvimento do transporte é parte de um maior — o problema de financiar esse desenvolvimento. Acredito que a enunciação desse problema, somente sob o ponto de vista da importação do capital estrangeiro é unilateral, pois que a formação do capital nacional já se elevou a um nivel não sem importancia no Brasil (o que tambem acontece com a Argentina e o Chile). Não existem estudos sobre esse assumpto. Tentei, por conseguinte, compilar e relacionar os diferentes calculos de capitães estrangeiros empregados no Brasil, do que resultou o seguinte quadro:

(293) Relatorio ao Governo Brasileiro de 1924, p. 27.

(294) *Id.*, p. 33.

CAPITAL ESTRANGEIRO EMPREGADO NO BRASIL

Em milhões de dollars (taxa de conversão: £ 1 = \$4.87 ½).

	1916	1929—1930	
Estados Unidos	50 (1)	—	557 (3)
Grã Bretanha	1.160 (2)	1.413 (2)	—
Outros países europeus	1.024 (1)	1.220 (4)	(aproxim.)
	2.234	3.190	(aproxim.)

FONTE: (1) Elysis de Carvalho, *Opportunities in Brazil for American Capital*, *The Pan American Magazine*, Novembro, 1913.

(2) Winkler, *Investments of U. S. A. Capital in Latin America*, Boston, 1928.

(3) Departamento do Commercio dos Estados Unidos, *A New Estimate of American Investments Abroad*, Washington, 1931.

(4) Cifra obtida mediante applicação do coefficiente britânico de crescimento. Não foi possível obter dados sobre outros países europeus.

O augmento annual do capital estrangeiro, antes da guerra (1908-1914), foi calculado por avaliadores officiaes como sendo de £ 27.000.000 (295) ou cerca de \$131.625.000.

O augmento annual do capital estrangeiro no Brasil para o periodo 1916-1930 foi o seguinte:

(295) João P. Calogeras no *Relatorio do Ministerio da Fazenda*, 1915, I, 105. Rio de Janeiro, 1915.

MILHÕES DE DOLLARES (conversão: £ 1 = \$4.87 ½).

Estados Unidos da America ..	\$36.2
Europa (Grã Bretanha mais "outros paizes europeus")	\$32,1
	\$68,3

Essas cifras são na realidade ainda mais baixas, visto como (principalmente depois da guerra) a repatriação de titulos emittidos no estrangeiro deve ser levada em conta, embora tomando-se como ponto de partida uma escala relativamente pequena.

Não obstante a nova corrente de capital dos Estados Unidos como observamos, a importação annual de capital estrangeiro diminuiu desde a guerra. O quadro dessa diminuição será ainda mais evidente se prestarmos attenção separadamente ao capital empregado directamente e em portfolio (titulos ou acção (296).

(296) Utiliso aqui a terminologia adoptada pelo Departamento do Commercio dos Estados Unidos no seu recente inquerito sobre o emprego de capital no estrangeiro. Ella corresponde á distincção entre emprego de capital *activo* e *passivo*, conforme descrevi no livro *The Struggle for South America*, ob. cit., capitulo I-b.

CAPITAL ESTRANGEIRO EMPREGADO NO BRASIL:

Quantias em \$1.000 — Conversão das cifras da Grã Bretanha e outros paizes da Europa: £ 1 = \$4.87 1/2.

	Directamente	Títulos	Total
Estados Unidos (1) (Fim de 1930)	\$210.166	\$346.835	\$557.001
Grã Bretanha (2)	639.844	735.394	1.375.238
(Fim de 1928)	(£ 131.250.000)	(£ 150.850.000)	(£ 282.100.000)
Outros paizes europeus (3)	731.250	487.500	1.218.750
(approx.)	(£ 150.000.000)	(£ 100.000.000)	(£ 250.000.000)
Total (approx.)	\$1.581.260	\$1.569.729	\$3.150.989

FONTES: (1) Departamento do Commercio dos Estados Unidos, *A New Estimate of American Investments Abroad*, p. 16, Washington, 1931.

(2) 1928. *Retrospecta Commercial do Jornal do Commercio*, p. 68, Rio de Janeiro, 1929.

(3) Como os outros paizes europeus, com excepção da França, empregaram seus capitães em sua maior parte em inversões directas, acredito que possamos calcular £ 100.000.000 empregados em títulos de empréstimos lançados a £ 150.000.000 como emprego directo de capital.

O total do capital estrangeiro empregado directamente no periodo 1928-1930 podia ser calculado grosso modo em \$ 1.580.000.000. Esses capitães foram applicados em sua maioria exclusivamente em companhias por acções.

Possuimos dados sobre a relação entre o capital estrangeiro e nacional, empregado em companhias por acções, colligidos e compilados por Viveiros de Castro. (297) De accordo com elle, em 1916, o capital empregado em companhias por acções estava distribuido da seguinte maneira:

Capital estrangeiro	2.591.000
Capital nacional,	1.790.000
Total (acções e títulos ...)	4.381.000

(297) Viveiros de Castro, *ob. cit.*, appendix.

Por essas cifras, a porcentagem do capital nacional deve ser de 40,9%.

Conforme vimos atrás, no período 1928-1930, os empregos directos de capital estrangeiro elevaram-se acima de meio bilhão de dollars. Se a relação existente entre o capital estrangeiro e o nacional tivesse permanecido sem mudança desde 1916 (cerca de 40%), teríamos o capital nacional correspondente em acções de companhias em 1928-1930, o qual attingiria a cerca de um bilhão de dollars.

Se nos lembrarmos da revolução industrial do Brasil durante e após a guerra (Capitulo IV), que corresponde ao período de pronunciado decrescimento no capital estrangeiro applicado, temos de admittir que uma grande parte desse trabalho foi realizado pelo capital nacional.

Outros dados directos indicam que o processo de formação do capital nacional já attingiu um consideravel grau no "Brasil economico". Em um estudo dedicado especialmente ás companhias por acções no Rio Grande do Sul, (298), estudei a lista de accionistas e achei, simultaneamente com as "companhias de familias", aquellas em que milhares de accionistas demonstram que as classes remediadas já estão acostumadas a empregar as suas economias ou bens disponiveis em acções. Dahi fiz a distincção desses elementos dos accionistas profissionaes — figuras destacadas de grandes capitalistas, cujos nomes, como uma demonstração de seus largos haveres, podem ser encontrados nas listas de accionistas de quasi todas as companhias.

(298) Joint Stock Companies and Foreign Capital no Estado do Rio Grande do Sul. *Haward Business Review*, Janeiro de 1931.

A mesma tendencia, em um gráu maior e de uma maneira ainda mais drastica, pode ser constatada nas regiões mais industrializadas do que o Rio Grande do Sul, como São Paulo e o Districto Federal.

As provas que apresentei para diversas companhias por acções em Minas Geraes, Bahia e Pernambuco, confirmam a existencia de uma classe relativamente grande de pessoas que empregam seus capitales nas mesmas. Dessa forma, a lista de accionistas do Banco do Brasil (Appendix ao Relatorio de 1928) contem 38 paginas de nomes.

A accumulacão de depositos immediatamente depois da guerra nos bancos nacionaes e nos estrangeiros operando no Brasil illustra a tendencia para um rapido crescimento das instituções nacionaes. (299)

(299) *Bancos Nacionaes e Estrangeiros — 1918/1922.*

<i>Titulos</i>	1918	1919	1920	1921	1922
<i>Bancos Nacionaes (em contos de réis)</i>					
Depositos	616.306	626.826	606.886	1.261.354	1.989.809
Depositos a prazo fixo	302.781	482.909	573.531	663.270	395.854
<i>Bancos Estrangeiros (em contos de réis)</i>					
Depositos	443.047	569.096	735.519	838.655	746.810
Depositos a prazo fixo	197.076	230.023	303.762	311.280	392.647
<i>Total em contos de réis</i>					
Depositos	1.059.353	1.195.922	1.342.405	2.100.009	2.736.619
Depositos a prazo fixo	499.857	712.932	877.293	974.550	688.501

FONTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatistica.

Resumo de varias Estatisticas Economico-Financieras. pp. 96-97, Rio de Janeiro, 1924.

A distribuição dos depositos de accordo com a classificacão anterior dos cinco grupos de Estados apresenta o quadro do costume de crescimento comparativo:

DISPONIBILIDADES EM CONTOS DE RÉIS, DOS BANCOS
NACIONAES E EXTRANJEIROS, NOS ESTADOS E
DISTRICTO FEDERAL, 1922

	<i>Depositos</i>	<i>Porcentagem do total</i>	<i>Depositos a prazo fixo</i>	<i>Porcentagem do total</i>
GRUPO I	11.966	.4	4.112	.6
Amazonas	7.202		3.400	
Goyaz	485		32	
Matto Grosso	4.279		680	
GRUPO II	46.145	1.7	15.966	2.3
Pará	25.515		8.358	
Maranhão	7.136		3.868	
Piauhv	3.054		733	
Ceará	10.440		2.967	
GRUPO III	150.796	5.5	89.281	13.0
Rio Grande do Norte ..	3.743		1.237	
Parahyba	6.387		3.140	
Pernambuco	68.562		51.281	
Alagoas	5.408		12.702	
Sergipe	3.126		806	
Bahia	63.570		20.115	
GRUPO IV	2.121.333	77.5	518.132	75.3
Espírito Santo	5.498		2.063	
Rio de Janeiro	12.776		3.692	
Minas Geraes	73.825		41.678	
São Paulo	788.811		176.478	
Districto Federal	1.240.423		294.221	
GRUPO V	406.379	14.9	61.010	8.8
Santa Catharina	13.634		6.801	
Paraná	22.762		14.595	
Rio Grande do Sul	369.983		39.614	
TOTAL	2.736.619	100.0	688.501	100.0

Independente da organização do mercado de títulos — visto que a Bolsa de Títulos no Rio se caracteriza por uma serie de periodicas erupções, e não por um aparelhamento de trabalho continuo (300), e a Bolsa de Títulos de São Paulo é menos importante — o que o

(300) *Títulos negociados na Bolsa de Títulos, na cidade do Rio de Janeiro*

<i>Periodos</i>	<i>Títulos</i>	<i>Acções</i>
1900 — 1901	83.996	429.952
1901 — 1902	136.341	370.310
1902 — 1903	148.884	447.272
1903 — 1904	285.579	375.985
1904 — 1905	147.724	323.319
1905 — 1906	197.902	505.406
1906 — 1907	193.002	395.416
1907 — 1908	141.530	361.847
1908 — 1909	128.703	125.545
1909 — 1910	170.265	797.245
1910 — 1911	188.478	872.357
1911 — 1912	142.899	671.618
1912 — 1913	135.574	566.807
1913 — 1914	132.730	268.642
1914 — 1915	137.913	156.577
1915 — 1916	148.551	163.231
1916 — 1917	176.425	346.996
1917 — 1918	224.491	590.967
1918 — 1919	259.563	1.229.884
1919 — 1920	241.996	934.738
1920 — 1921	241.066	215.931
1921 — 1922	325.158	185.842

FCNTE: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatística.

Resumo de varias Estatísticas Economico-Financieiras, pp. 108-109, Rio de Janeiro, 1924.

Brasil necessita a este respeito é um Jay Cooke brasileiro que viesse descobrir que existe no Brasil um publico em estado potencial, numeroso e provido de consideraveis meios e desejoso de fazer applicação de seus capitães.

A descoberta da existencia de consideravel capital nacional (301), a organização desse capital e a sua applicação no desenvolvimento da economia interna é o mais objectivo a ser attingido pelo paiz. Nessa actividade reside o seu futuro. Disso depende a formação de um immenso mercado interno e a abertura do ser-tão; disso depende a possibilidade de satisfazer os credores estrangeiros e o tornar-se, no futuro, mais ou menos independente dos mercados estrangeiros de dinheiro. O desenvolvimento do mercado nacional de capital é especialmente desejavel pelo facto do capital estrangeiro apresentar limitadas possibilidades de obtenção em futuro proximo.

Qualquer programa economico tem de considerar, naturalmente, a necessidade da immigração organizada em uma larga escala, uma politica apenas temporariamente interrompida pelo Governo Provisorio.

* * *

A vitalidade historica e o perpetuo reajustamento intuitivo da economia brasileira são, talvez, os pontos

(301) Mario Ramos considera a fuga de capital do Brasil depois da revolução em cerca de £ 4 milhões. *Governo da Moeda*, p. 30, Rio de Janeiro, 1931.

mais significativos para um prognostico relativamente optimista. (302)

Os começos da primeira republica foram annos de caos. "A politica financeira do Imperio" escreveu o grande Joaquim Murinho, "que foi infelizmente seguida pela Republica, consistia de "deficits" orçamen-

(302) A situação referente a 1931-1932 não pertence ao escopo o propósito deste estudo. Evitei, intencionalmente, neste estudo, quaesquer prognosticos e discussões de *lege ferenda*. Deve-se admitir, comtudo, a menção de que existem muitos pontos de natureza favoravel, tornando especialmente a presente situação financeira brasileira mais facil. A baixa da libra ingreza significa uma redução do debito estrangeiro; a queda do mil réis facilita o serviço de debito interno. O augmento de diversos productos de exportação depois da revolução mostra a tendencia para tornar-se independente da sorte da produção de café. Concordo com Sir Otto E. Niemeyer, cujo conselho consiste em não exaggerar a importancia do problema para o Brasil da balança de pagamentos. Mas vou mais alem do que Sir Otto E. Niemeyer, e concordo, com Franz Eulenburg, que a balança de pagamentos — "gibt in keiner weise Auskunft über Erfolg oder Nichterfolg der Wirtschaft... Sie stellt nur eine *rechnerische* Bilanz dar". (Aussenhandel und Aussenhandelspolitik, *Grundriss der Sozialökonomik*, VIII, 51, Tübingen, 1929).

A balança de pagamentos é antes um problema de escripturação, mais de natureza technica do que economica.

E' inteiramente verdadeiro que o cambio tecnicamente dependo da balança de pagamentos e que é ás vezes possivel, mediante medidas technicas influir na balança de pagamentos por curtos periodos de tempo. Mas *à la longue* — a balança de pagamentos depende da economia como um todo e dessa forma "la reunion des toutes les causes" influencia as oscillações cambias. Calculos da balança de pagamentos foram frequentemente levados a effeito no Brasil. Vejam-se: Wileman (1896) — Cincinato Braga, Presidente Bernardes (1912-1927), Bento de Miranda (1924), Lomax (1930).

tarios, cobertos por empréstimos ou por emissões de papel moeda. A multiplicação dos empréstimos augmentou a quantia necessaria para o serviço da divida e a amortização dessas obrigações, sobrecarregando a despesa orçamentaria cada vez mais intensamente. De outro lado, a multiplicação das emissões de papel moeda forçou a taxa cambial a cair, e, pela depreciação do nosso dinheiro, consequentemente diminuiu o valor real das rendas". (303)

No inicio da guerra mundial, o presidente salientou o mesmo circulo vicioso: "As condições economicas e financeiras do paiz eram bastante criticas no meado de 1913. Não foram somente a consequencia de excessivas despesas, que produziram a diminuição, em larga escala, da receita publica e a depreciação dos principaes productos da nossa exportação". (304)

Ninguem descreveu melhor do que Murtinho os primeiros movimentos do invisivel e embrionario reajustamento economico da producção, em um periodo de crise, a preparação para uma nova vida. A producção "começou a mover-se, a agitar-se, a dar signaes de vida e actividades proprias. Os seus primeiros movimentos, como todos os movimentos de uma organização que esteve entorpecida por um longo tempo, eram desordenados e produziram somente uma futil agitação, Gradualmente esses movimentos passaram a ser coordenados; a fecundidade substituiu a esterilidade e o tra-

(303) *Relatorio da Fazenda* — 1914 (Rivadavia da Cunha Corrêa) I, xiv — xv, Rio de Janeiro, 1914.

(304) *Presidential Message*, 1915 (Wenceslau Braz) pp. 74-75. Rio de Janeiro, 1915.

balho organizado substituiu a aggressiva agitação politica". (305)

Um olhar retrospectivo sobre um seculo da historia economica e financeira do Brasil mostra que, não obstante as constantes mudanças (306), o indiscutivel progresso feito pelo paiz, o principal problema permaneceu immutavel: augmentar o territorio do "Brasil economico" e injectar uma substancia economica na area politica. A nação se formou por esse processo; e agora elle forma os Estados Unidos do Brasil economico.

Mas a orientação politica internacional do Brasil é diferente actualmente da do seculo dezenove. Os interesses britannicos perderam a sua posição no commercio do Brasil, e estão perdendo a sua dominadora situação de fornecedores de capitães. Parallelamente á mudança nos principaes productos, Nova York substituiu a Londres quanto á sua importancia na economia brasileira e Wall Street tomou o lugar de Lombard Street. Todo o processo de após-guerra da penetração do capital dos Estados Unidos da America do Norte no Brasil foi um continuo processo de expulsão e de occupação das posições europeas e, principalmente, britannicas. Tive a oportunidade, em outro local, (307) de salien-

(305) *Relatorio do Ministerio da Fazenda, 1900* — (Joaquim Murtinho) pp. iii-iv. Rio de Janeiro, 1900.

(306) Compare-se com a caracteristica da evolução dos Estados Unidos da America relatada por J. T. Adams: "O nosso progresso nunca foi conservador e ordenado. Os grandes periodos de rapido avanço, em meio ás nossas crises de depressão, têm se assemelhado mais ás violencias e desencadeamento das gigantescas corridas do ouro". *The Epic of America*, p. 278, Boston, 1931.

(307) Vide "*The Struggle for South America*", Capitulo I e V-b.

tar esse processo e de descrever a nova constellação politica que induz os Estados Unidos da America a cooperar com o Brasil, uma constellação reconhecida um seculo atraz por Thomas Jefferson, o qual declarou que os brasileiros "olham para os Estados Unidos com o desejo de lhes prestarem um honesto amparo, e, em obediencia a uma variedade de considerações, têm as mais fortes preoccupações a nosso favor". (308)

(308) *Memoir, Correspondence, and Miscellanies*, de Thomas Jefferson. Editado por Thomas Jefferson, Randolpho, II, 110 (carta LVI, a John Jay, de Thomas Jefferson) Boston, 1830.

ORÇAMENTO FEDERAL PARA 1930
RESULTADO EFFECTIVO — CONTOS DE RÉIS

RECEITA			DESPESA		
	Ouro	Papel		Ouro	Papel
Alfandega	116.078	74.081	Serviço da dívida:		
Imposto de consumo	—	352.200	Externa	101.571	—
Sellos	12	110.141	Interna	—	166.187
Taxas de transporte (passageiros e mercadorias transportadas pelas E. de Ferro)	—	43.526	Outras verbas:		
Imposto sobre capital empregado em empréstimos	—	324	Ministerio	2.128	204.867
Imposto sobre Vendas	—	50.728	Justiça e Interior	122	203.895 ⁽¹⁾
Imposto sobre Renda	2	52.701	Exterior	6.314	6.343
Imposto sobre premios de seguro	—	8.263	Marinha	1.533	173.854
Imposto sobre loterias	—	1.130	Guerra	402	304.224
Receitas diversas (Taxas consulares e judiciaes, licenças) ..	2.258	4.703	Agricultura, Trabalho e Comercio	815	82.856
Terrenos e propriedades (portos, etc.)	—	12.000	Transporte	13.682	495.895
Empreendimentos industriais (estradas de ferro, correios, officinas de impressão, etc.)	401	256.899	Não classificadas	433	95.037
TOTAL	118.751	966.696	TOTAL	127.055	1.733.138
Dedução:					
Transferencia para o Fundo Garantido de Papel Moeda (5% sobre a taxa ouro alfandegaria)	113.431	—	Despesas das Receitas assignadas:		
Receita extraordinaria (Territorio do Acre, Districto Federal, etc.)	2.102	48.019	Repagamento de Papel-Moeda ..	—	—
Receita assegurada:			Fundo de Estradas	—	35.154
Para o Fundo de garantia do papel-moeda (5% sobre Taxa Ouro Alfandegaria)	5.325		Fundo de Estradas de Ferro ..	—	44.881
Para o Fundo para repagamento do papel moeda	—	10.073	Outros Fundos	68	7.442
Para o Fundo de Estradas	—	28.443			
Para o Fundo de Construção do Estradas de Ferro		14.867			
Para Outros Fundos	75	6.648			
TOTAL	120.933	1.074.746	TOTAL	127.123	1.820.635

Deficiz Ouro

Deficiz Papel

Deficit liquido ⁽²⁾

6.190

745.889

783.029 papel (f 15 milhoes)

(1) Incluído Educação e Saúde.

(2) Conversão do Ouro para o Papel na base de mil-réis papel equivalente a 3/4 d.

DIVIDA PUBLICA DO GOVERNO FEDERAL
A — DIVIDA EXTERNA

<i>Anno</i>	<i>Taxa de Juros</i>	<i>Emprestimos em libras</i>	<i>Nominal Saldo devedor em 1.º Jan.º 1931</i> £	<i>Juros annuaes Importancia</i> £	<i>Fundo de amortizaçào</i> £	<i>Total annual Importancia</i> £	<i>Especificaçào da garantia dada</i>	
1883	4½	Melhoramentos Estradas de Ferro, etc.	2.100.400	97.048	158.460	255.508		
1888	4½	Construçào e augmento Estradas de Ferro	3.421.700	157.437	192.375	349.812		
1889	4	Conversão dos empréstimos datados de 1865, 71, 75 e 86	16.373.600	663.874	237.721	901.593		
1895	5	Estrada de Ferro Oeste de Minas	6.408.400	324.890	126.100	450.990		
1898	5	Funding	6.872.600	348.370	120.123	478.493	Rendas da Alfandega do Rio de Janeiro, etc.	
1903	5	Trabalhos da Bahia do Rio de Janeiro	6.984.900	354.775	203.255	558.030	Taxa de 2% (ouro) sobre as importações, etc.	
1901-2-5	4	Rescisão contractos de Estradas de Ferro	9.773.440	398.417	356.933	755.350	Estradas de ferro encampadas	
1908	5	Melhoramento serviços de agua à Capital Federal	250.300	8.823	250.360	259.123		
1910	4	Conversão e resgate Títulos de Esp. Ferro	9.394.100	380.264	74.236	454.500		
1910	4	Lloyd Brasileiro	428.800	16.466	170.700	187.166	Subvenção do Governo ao Lloyd Brasileiro	
1911	4	Trabalhos da Bahia do Rio de Janeiro	3.150.300	127.272	278.600	405.872		
1911	4	Sistema Rodoviario Estado do Ceará ..	2.329.451	93.822	14.970	108.792		
1913	5	Trabalhos da Bahia de Paranaquã	10.470.800	530.140	136.460	666.600		
1914	5	Funding	14.179.360	716.565	38.662	805.610	Rendas da Alfandega do Rio de Janeiro, etc.	
1927	6½	Consolidação da Divida Flutuante	8.431.600	549.433	120.500	669.933	Imposto sobre Renda, etc.	
		TOTAL	100.569.751	4.767.979	2.539.395	7.307.374		
				ou em Mil-réis-ouro: 64.948 contos.				
		EMPRESTIMOS EM FRANÇOS		<i>Frs. Ouro</i>	<i>Frs. Ouro</i>	<i>Frs. Ouro</i>	<i>Frs. Ouro</i>	
1909	5	Porto de Recife	39.180.658	1.972.216	243.979	2.216.195	Taxa 3% (ouro) sobre o valor das importações feitas pelo Porto de Recife	
1910	4	Estrada de Ferro do Estado de Goyaz ..	95.677.980	3.853.290	679.610	4.532.900		
1911	4	Sistema Rodoviario do Estado da Bahia	53.697.472	2.364.303	353.502	2.719.805		
		TOTAL	193.556.110	8.139.809	1.279.091	9.460.960		
				ou em Mil-réis-ouro: 3.366 contos.				
			<i>Frs. papel</i>	<i>Frs. papel</i>	<i>Frs. papel</i>	<i>Frs. papel</i>		
1908-9	5	Estrada de Ferro Itapura-Corumbá ...	96.811.000	4.872.955	629.500	5.502.455		
1916	5	Estrada de Ferro do Estado de Goyaz ..	24.303.000	1.228.328	50.000	1.278.328		
1922	5	Estrada de Ferro Victorio-Minas	14.664.500	733.838	26.500	760.338		
		TOTAL	135.778.500	6.835.121	706.000	7.541.121		
				ou em Mil-réis-ouro: 540 contos.				
		EMPRESTIMO EM DOLLARES		<i>Dollares</i>	<i>Dollares</i>	<i>Dollares</i>	<i>Dollares</i>	
1921	8	Obrigações do Thesouro	28.750.000	2.522.500	2.500.000	5.022.500	Renda da taxa de Imposto de Consumo	
1922	7	Electrificação da Estrada de Ferro Central	17.916.667	1.289.509	833.333	2.122.842	Renda bruta da Estrada de Ferro Central	
1926	6½	Consolidação da Divida Flutuante	56.520.980	3.705.440	839.560	4.545.000	Imposto sobre Facturas	
1927	6½	Idem	40.149.351	2.650.538	510.962	3.161.500	Imposto sobre a Renda, etc.	
		TOTAL	143.336.998	10.167.987	4.683.855	14.851.842		
				ou em Mil-réis-ouro: 27.161 contos.				
			Total: 96.015 contos em mil-réis-ouro.					

B — DIVIDA INTERNA FUNDADA

<i>Taxa de juros</i>		<i>Contos papel</i>	<i>Contos papel</i>	<i>Contos papel</i>	<i>Contos papel</i>
	Apólices Geraes antigas Consolidadas	507.280	25.364	—	25.364
5	Apólices Geraes antigas Não Consolidadas	3.394	169	—	169
5	Apólices (varias emissões nominativas)	974.658	48.733	—	48.733
5	Apólices (ao portador)	590.401	29.520	—	29.520
5	Apólices ao portador (obras de portos)	15.203	760	—	760
3	Tratado Boliviano	1.629	49	—	49
	Total	2.092.565	104.595	—	104.595
	<i>Obrigações do Tesouro</i>				
7	Títulos do Tesouro	77.260	5.408	20.000	25.408
7	Títulos do Tesouro (emissão autorizada de 300.000 contos)	78.543	14.000	39.270	53.270
7	Obrigações E. Ferro (ferroviarias)	135.703	9.499	17.100	26.599
5	Obrigações E. Rodagem (rodoviarias)	76.000	3.800	3.800	7.600
	Total	—	137.302	80.170	217.472
	Obrigações adquiridas por meio da operação do Fundo de Amortização e encampadas pela Caixa de Amortização. Os juros desses títulos são utilizados para a aquisição de novos títulos para o Fundo de Amortização				
	Juros directos	73.847	3.691	—	3.691
	Juros directos	—	200	—	200
	Total	—	141.193	80.170	221.363
	<i>DEDUÇÃO</i>				
	Juros e Fundo de Amortização debitados em Fundo Especial	—	34.199	—	34.199
	Obrigações E. Ferro 26.599.210				
	Obrigações E. Rodagem 7.600.900				
	Total 34.199.210				
	TOTAL	2.533.916	106.994	80.170	187.164

COM GARANTIA DO ENDOSSO DO GOVERNO

	Taxa do juro		Debito em 1.º Jan. 1931	Juros annuaes		
				Contos ouro	Contos-papel	
1	6	E. Ferro São Paulo-Rio Grande	£ 9.516.459	4.505	—	} AP. pelo voto do M. dos Transp.
2	6	E. Ferro Victoria-Minas .	29.773	1.786	—	
3	6	E. Ferro S. Eduardo-Cachoeira Itapemirim ...	887	—	42	
		Total		6.291	42	
4	9	Construcção esgotos do Paqueta	£ 68.230	£ 4.311 liquido,	} AP. pelo voto do M. Ed. e Saúde.	
5	9	Esgotos de Copacabana ..	£ 300.477	≡ 38 contos ouro		
				£ 9.615 liquido,		
				≡ 85 contos ouro		
				123 contos ouro		
6	—	Um credito de £ 6.550.000 concedido ao Banco do Brasil e com vencimento para 23 Janeiro 1933.				
7	—	Adiantamento de 150.000 contos papel feito pelo Banco do Brasil ao Instituto de Café para a compra de stocks de café velho.				

FONTE: Relatório ao Governo Brasileiro por Sir Otto E. Niemeyer.

TÍTULOS BRASILEIROS EM DOLLARES

Tomador do empréstimo	Importancia do empréstimo	Taxa de juros	Anno	Emprestador	Preço
Governo Federal ...	50.000.000	8	1921	Blair & C. ^o , Inc.	98
	25.000.000	7	1922	Dillon, Read & C. ^o	96½
	60.000.000	6½	1926	Dillon, Read & C. ^o	90½
	41.500.000	6½	1927	Dillon, Read & C. ^o	92½
Cidade do R. Jan. ^o	12.000.000	8	1921	Dillon, Read & C. ^o	97¾
	30.000.000	6½	1923	White, Weld & C. ^o	97
	1.770.000	6	1928	White, Weld & C. ^o	99
Estado do Ceará ...	2.000.000	8	1921	J. S. Bache & C. ^o	99½
Estado do Maranhão	1.750.000	7	1928	Baker, Kellog & C. ^o	94
Estado de M. Geraes	8.500.000	6½	1923	National City C. ^o	97½
	8.000.000	6½	1929	National City C. ^o	87
Estado do Paraná .	4.860.000	7	1928	Chase Securities Corp.	98
Est. de Pernambuco	6.000.000	7	1927	White, Weld & C. ^o	97¾
Est. Rio de Janeiro	6.000.000	6½	1929	E. H. Rollins & Sons	91½
Est. R. G. do Sul	10.000.000	8	1921	Lee, Higginson & C. ^o	99½
	10.000.000	7	1927	Lee, Higginson & C. ^o	98
Cons. Municipal	23.000.000	6	1928	White, Weld & C. ^o	94½
	4.000.000	7	1930	J. G. White & C. ^o Inc.	97
Cid. de Porto Alegre	3.500.000	8	1922	Lee, Higginson & C. ^o	99
	4.000.000	7½	1926	Lee, Higginson & C. ^o	96
	2.250.000	7	1928	Lee, Higginson & C. ^o	97½
Est. Santa Catharina	5.000.000	8	1922	Halsey, Stuart & C. ^o	101
Est. de S. Paulo ..	10.000.000	8	1921	Speyer & C. ^o	97½
	15.000.000	8	1925	Speyer & C. ^o	99½
	7.500.000	7	1926	Speyer & C. ^o	96½
	15.000.000	6	1928	Speyer & C. ^o	94½
	35.000.000	7	1930	Speyer & C. ^o	96
Cidade de S. Paulo	8.500.000	6	1919	Imbrie & C. ^o	95½
	4.000.000	8	1922	Blair & C. ^o , Inc.	100
Total	414.130.000				

BIBLIOGRAPHIA

1. PUBLICAÇÕES OFFICIAES

- Documentos parlamentares, Caixa de Conversão.
Documentos parlamentares, Elaboração dos orçamentos.
Documentos parlamentares, Leis de orçamento.
Documentos parlamentares, Meio circulante.
Documentos parlamentares, Politica economica, Defesa da borracha.
Documentos parlamentares, Politica economica, Valorisação do café.
Falas do Throno (1823-1889), Rio de Janeiro, 1889.
Organisação e programmas ministeriaes desde 1822 a 1888, Rio de Janeiro, 1889.
Mensagens presidenciaes.
Ministerio da Fazenda, Relatorios.
Ministerio das relações exteriores, 1808-1912, Rio de Janeiro, 1913.
Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Annuarios.

2. ESTATISTICAS

- Directoria de Estatistica commercial, Commercio exterior do Brasil, (Resumo por mercadorias).
Directoria Geral de Estatistica, Finanças. Quadros synopticos da receita o despeza do Brasil, Periodo de 1822 a 1913. Rio de Janeiro, 1914.
Directoria Geral de Estatistica, Resumo de varias estatisticas economico-financeiras, Rio de Janeiro, 1924.
Directoria Geral de Estatistica, Annuario Estatistico do Brasil, Anno I (1908-1912); Vol. II — Economia e Finanças, Rio de Janeiro, 1917.
Directoria Geral de Estatistica, Estatistica das Finanças do Brasil, Rio de Janeiro, 1926.

- Directoria Geral de Estatistica, Recenseamento do Brasil 1920, Rio de Janeiro, 1922-1930.
- Directoria Geral de Estatistica, Relatório.
- Guimarães, Francisco, *Annuaire du Brésil (economique et financier)*, Paris, 1928-1930.
- Instituto de Expansão Commercial, *O Brasil Actual*, Rio de Janeiro, 1930.
- Ministry of Finance, *Economical Data about Brazil 1910-1928*, Rio de Janeiro, 1929.
- Soares, Sebastião F., *Elementos de Estatistica*, 2 volumes, Rio de Janeiro, 1865.
- The Brazilian Year Book, compiled and edited by J. P. Wileman, Rio de Janeiro, 2 volumes, 1908 and 1909.

3. TRABALHOS DIVERSOS

- Bernardez, Manuel, *Le Brésil*, Buenos Aires, 1908.
- Bryce, James, *South America*, New York, 1913.
- O Centro Industrial do Brasil, *O Brasil*, 3 volumes, Rio de Janeiro, 1907-1909.
- Denis, Pierre, *Le Brésil au XX.e siècle*, Paris, 1909.
- Funke, Alfred, *Brasilien in 20 Jahrhundert*, Berlin, 1927.
- Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, 2 volumes, Rio de Janeiro, 1922.
- Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Revista*, Tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso da Historia Nacional (1914), Part IV, Rio de Janeiro, 1916.
- James, Herman G., *Brasil after a Century of Independence*, New York, 1925.
- Jornal do Commercio*, *Retrospecto Commercial*, Yearly.
- Lavasseur, E. *Le Brésil*, Paris, 1889.
- O Livro do Centenario (1500-1900), 3 volumes, Rio de Janeiro, 1900-1902.
- Nash, Ray, *The Conquest of Brasil*, New York, 1926.
- Sacramento Blake, *Diccionario bibliographico Brasileiro*.
- Société d'Études et d'Informations économiques, *Le Brésil*, Paris, 1922.
- Wappaus, J. C., *Handbuch der Geographie und Geschichte des Kaiserreichs Brasilien*, Leipzig, 1871.

4. GEOGRAPHIA ECONOMICA

- M. d'Avezac, *Considérations géographiques sur l'Histoire du Brésil*, Paris, 1857.
- Crespo, Jorge B., *Geografia Economica del Brasil*, Buenos Aires, 1919.
- Delgado de Carvalho, C. M., *Le Brésil méridional*, Paris, 1910.
- Jones, Clarence F., *South America*, New York, 1930.
- Lassance Cunha, Ernesto A., *O Rio Grande do Sul*, Rio de Janeiro, 1908.
- Malagrida, C. Badia, *El factor geográfico en la politica sudamericana*, Madrid 1919.
- Patschke, W. *Von Pernambuco bis Porto Alegre, Eine Reise durch Brasiliens Häfen und ihr Hinterland*, Berlin, 1927.

5. HISTORIA

- The general works on Brazilian history by; Armitage; Handelman; Pereira da Silva; Rocha Pombo; Southey; Varnhagen; from the recent Capistrano de Abreu. and João Ribeiro.
- Andrada e Silva, José Bonifacio de, *Discursos parlamentares*, Rio de Janeiro, 1880.
- Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, *Documentos para a historia da Independencia*, Vol. I. Lisboa-Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1923.
- Brandenburger, Clemens, *Geschichte Brasiliens im 16. und 17. Jahrhundert*, São Paulo, 1921.
- Braziliense, A., *Os programmas de partidos e o 2.º Imperio*, São Paulo, 1878.
- Calogeras, João Pandiá, *A politica exterior do Imperio*, Rio de Janeiro, 1927.
- Congresso Internacional de Historia da America, 1922, Vol. I, Rio de Janeiro, 1925.
- Correio Braziliense, London, 1808-1817.
- Dunsheo de Abranches, *Rio Branco — Defesa de seus Actos*, Rio de Janeiro, 1911.
- Duque Estrada, Osorio, *A Abolição, 1831-1888 — Rio de Janeiro*, 1918.
- Freire, Felisbello, *Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil*, 2 volumes, Rio de Janeiro, 1894.

- Hansen, Marcus R., *German Schemes of Colonization before 1860*, (Smith College Studies in History, Vol. IX, n.º I and 2, 1923). Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Contribuições para a biographia de D. Pedro II, Rio de Janeiro, 1925.
- Martin, Percy Alvin, *Causes of the Collapse of the Brazilian Empire* (Reprinted from *Hispanic American Historical Review*, 1921).
- Martin, Percy Alvin, *Latin America and the War*, Baltimore, 1925.
- Martius, von, *Como se deve escrever a Historia do Brasil*, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Vol. VI, N.º 24, 1845.
- Monteiro, Tobias, *Historia do Imperio (A Elaboração da Independencia)*, Rio de Janeiro, 1927.
- Nabuco, Joaquim, *Um Estadista do Imperio*, 3 vols., Paris, 1898-1900.
- Oliveira Lima, *Aspectos da Historia e da Cultura do Brasil*, Lisboa, 1923.
- Oliveira Lima, *D. João VI no Brasil*, 2 vols., Rio de Janeiro, 1908.
- Oliveira Lima, *The evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America*. Edited with introduction and notes by P. A. Martin, Stanford University of California, 1914.
- Oliveira Lima, *O Imperio Brasileiro 1822-1889*, São Paulo, 1927.
- Oliveira Lima, *Sept ans de République au Brésil*, Paris, 1896.
- Romeiro, João, *De D. João VI a Independencia*, Rio de Janeiro, 1921.
- Williams, Mary, W., *The people and politics of Latin America*. Boston, 1930.

6. HISTORIA ECONOMICA

- General travel descriptions by: Alexander von Humboldt; Sant-Hilaire; Spix und Martius; Agassiz and others.
- Albano, Ildelfonso, *Jéca Tatú e Mane Chique-Chique*, Rio de Janeiro, (?).
- Balbi, Adr., *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, 2 vols. Paris, 1822.
- Balbi, Adr. *Etat présent du royaume de Portugal*, Nouvelle édition, Paris, 1797.
- Blancato, Vicente S., *As forças economicas do Estado do Rio Grande do Sul (1822-1922)*, Porto Alegre, 1922.

- Bonn, M. J., Spanies Niedergang während der Preisrevolution des 16. Jahrhunderts, Stuttgart, 1896.
- Borges de Barros, Francisco, Bandeirantes e Sertanistas Bahianos, Bahia, 1920.
- Brandenburger, Clemens, Brasilien zum Ausgang der Kolonialzeit, São Leopoldo, 1922.
- Brandenburger, Clemens, Pernambuco und die Entwicklung Brasiliens zur Selbstständigkeit, São Leopoldo and Cruz Alta, 1917.
- Brito, João Rodrigues de, Cartas Economico-Políticas sobre a Agricultura e Commercio de Bahia, Lisboa, 1821.
- Brito de Lemos, João de, Pontos de partida para a historia economica do Brasil, Rio de Janeiro, 1923.
- Calogeras, J. Pandiá, Os problemas do governo, São Paulo, 1928.
- Capistrano de Abreu, J., O Descobrimento do Brasil, Rio de Janeiro, 1929.
- Carvalho, Alfredo de, Aventuras e Aventurheiros no Brasil, Rio de Janeiro, 1930.
- Carvalho, Elysio de, Esplendor e Decadencia da Sociedade Brasileira, Rio de Janeiro, 1911.
- Cerqueira, Dionisio, Reminiscencias da fronteira, Rio de Janeiro, 1928.
- Chandler, Charles Lyon, Commercial relations between the U. S. and Brazil (1798-1812), Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo especial; Congresso Internacional de Historia da America, 1922, Vol. I.
- Corrêa, Francisco Antonio, Historia Economica de Portugal, 2 vol., Lisboa, 1929; 1931.
- Cunningham Graham, R. S., A Brazilian Mystic, The life and miracles of Antonio Conselheiro, London, 1920.
- Dialogos das Grandezas do Brasil, com introdução de Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1930.
- Ellis Junior, Alfredo, O bandeirismo paulista, São Paulo, (?).
- Empire of Brazil, The, at the Paris International Exhibition of 1867, Rio de Janeiro, 1867.
- Eschwege, W. L. von, Brasilien, Braunschweig, 1830.
- Eschwege, W. L. von, Journal von Brasilien, Weimar, 1818.
- Faria, Alberto, Mauá, Rio de Janeiro, 1926.
- Fletcher & Kidder, Brazil and the Brazilians, Boston, 1866.
- Garcia, Rodolpho, Dos viajantes no Brasil (1817-1827), (1819-1821), Rio de Janeiro, 1925.
- Goulart, Jorge Salis, A formação do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1929.

- Häbler, R., Die wirtschaftliche Blüte Spanien im 16. Jahrhundert, Berlin, 1888.
- Haring, C. J. Monetary Values in Spanish America in the first half of the sixteenth Century, Quarterly Journal of Economics May, 1915.
- Jenks, L. H., The Migration of British Capital, New York, 1927.
- Langsdorff, G. H., Bemerkungen über Brasilien Heidelberg, 1821.
- Leite Filho, Solidonio, Os Judeus no Brasil, Rio de Janeiro, 1923.
- Lisboa, José da Silva, Memoria dos beneficios politicos do governo do El Rey Nosso Senhor D. João VI, Rio de Janeiro, 1818.
- Machado Alcantara, Vida e morte do bandeirante, São Paulo, 1929.
- Magalhães, O Bandeirismo no Brasil, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Vol. LXXVII, parte I, Rio de Janeiro, 1915.
- Magalhães, Couto de, O Selvagem, São Paulo, 1913.
- Malheiro, Perdigão, A escravidão no Brasil, Rio de Janeiro, 1867.
- Michels, Robert, Das Problem der Strukturänderung in einigen Südamerikanischen Staaten, Weltwirtschaftliches Archiv, October, 1931.
- Moreira, Rangel, Esboço historico das nossas questões de fronteira, São Paulo, 1913.
- Nabuco, Carolina, A vida de Joaquim Nabuco, Rio de Janeiro, 1928.
- Nabuco, Joaquim, O abolicionismo, London, 1883.
- Normano, J. F., "Saint-Simon and America", *Social Forces*, 1932.
- Oliveira Lima, Pernambuco, seu desenvolvimento historico, Leipzig, 1895.
- Oliveira Lima, Sur L'évolution de Rio de Janeiro, Anvers, 1909.
- Oliveira Martins, J. P., O Brasil e as Colonias Portuguesas, 5.^a edição, Lisboa, 1920.
- Paxson, F. L., The History of the American frontier, Boston and New York, 1924.
- Poepe, Claude de la L'Ouverture de l'Amazone et ses conséquences politiques et commerciales, Paris, 1867.
- Primeiro Congresso de Historia Nacional — 1914, 6.^a secção — Historia Economica, Rio de Janeiro, 1916.
- Riegel, Robert E., America Moves West, New York, 1930.
- Robinson, George W., Brazil and Portugal in 1809, Cambridge, 1913.
- Roscher, W. & Jannasch, R. Kolonien, Kolonialpolitik, und Auswanderung, 3 Aufl., Leipzig, 1885.
- Say, Horacio, Histoire de relations commerciales entre la Franco et le Brésil, Paris, 1839.

- Soetheer, A., Edelmetallproduction und Wertverhältnis zwischen Gold und Silber, Gotha, 1879.
- Taunay, Affonso de E., André João Antonil (João Antonio Andreone, S. J.) e sua obra, São Paulo, 1923.
- Taunay, Affonso de E., Historia Geral das Bandeiras Paulistas, Vol. I-VI, São Paulo, 1924-1930.
- Turner, F. J., The frontier in American History, New York, 1920.
- Varela, Alfredo, Politica brasileira interna e externa (Historia da Republica Riograndense), 2 vols. Porto, 1929.
- Vasconcellos, Henrique Pinheiro de, Primeiros passos do Brasil economico, Rio de Janeiro, (?).
- Viana, Victor, Historico da formação Economica do Brasil, Rio de Janeiro, 1922.
- Vianna, Oliveira F. J., Populações meridionaes do Brasil, Primeiro Volume, second edition, São Paulo, 1922.
- Vianna, Oliveira F. J., O povo brasileiro e sua evolução, Rio de Janeiro, 1922.
- Wätjen, Jermann, Das holländische Kolonialreich in Brasilien, Gotha, 1921.
- Wiehe, Georg, Zur Geschichte der Preisrevolution des XVI und XVII Jahrhunderts, Leipzig, 1895.
- Williams, Mary W., The Treatment of Negro Slaves in the Brazilian Empire, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo especial, Congresso Internacional de Historia da America, 1922, Vol. I. Rio de Janeiro, 1925.

7. PRESENTE SITUAÇÃO ECONOMICA

- Akers, C. E., The rubber industry in Brazil and the Orient, London, 1914.
- Albano, Hedefonso, Ceará Cotton, Manchester, 1924.
- Almeida, A. G. de, Trade relations between United States and Brazil, Boston, 1913.
- Andrade, Gabriel de, O problema de imigração no Estados Unidos, Rio de Janeiro, 1928.
- d'Anthouard, Le Baron, Le progrès Brésilien, Paris, 1911.
- Athayde, Tristão de, Esboço de uma introdução a economia moderna, Rio de Janeiro, 1930.
- L'Avenir de l'Expansion Economique de la France, Conférences 1916-1917, The article by Montarroyos on Brazil, Paris, 1918.
- Barbosa-Carneiro, M. J. A., Situation Economique et Financière du Brésil, Bruxelles, 1920.

- Bibliotheca da Camara do Commercio Internacional do Brazil, O Problema Economico e Financeiro do Brazil, Rio de Janeiro, 1915.
- Braga, Cincinato, Intensificação Economica no Brasil, São Paulo, 2.^a Edição, São Paulo, 1924.
- Brandenburger, Der Werdegang der brasilianischen Industrie, Weltwirtschaftliches Archiv, Vol. 30.
- Bureau of the American Republics, Coffee in America, Washington, 1893.
- Bureau of the American Republics. United States of Brazil, Washington, 1907.
- Calogeras, J. Pandiá, Res Nostra, São Paulo, 1930.
- Carneiro, A. J. de Souza, Rubber in Brazil, Rio de Janeiro, 1913.
- Carvalho, Elycio de, Os bastiões da Nacionalidade, Rio de Janeiro, (?).
- Castro, J. J., South American Railways, Montevideo, 1893.
- Cavalcanti, Amaro, A vida economica e financeira do Brasil, Rio de Janeiro, 1915.
- Centro dos Industriacs de Fiação e Tecelagem, A crise textil, São Paulo, 1928.
- Centro dos Industriacs de Fiação e Tecelagem, Dados Estatísticos, São Paulo, 1928.
- Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão, Relatório da directoria, Rio de Janeiro, 1929.
- Cornelius, Carl, Die Deutschen im brasilianischen Wirtschaftsleben, Stuttgart, 1929.
- Costa, Affonso, Questões economicas, Rio de Janeiro, 1918.
- Costa, Isaltino, A industria textil brasileira e os mercados sudamericanos, São Paulo, 1920.
- Cunha, Euclydes da, Os Sertões (Campanha de Canudos), 3 rd. Edition, Rio de Janeiro, 1905.
- Delden, Laërne C. F. van, Brazil and Java, Report on coffee culture in America, Asia and Africa to H. E. the Minister of the colonies, London, 1885.
- Demangcon, A., Le Déclin de l'Europe, Paris, 1920.
- Deitmann, E., Das moderne Brasilien in seiner wirtschaftlichen Entwicklung, Berlin, 1913.
- Dutot, S., France et Brésil, Paris, 1859.
- Dunker, Rudolph, Wirtschaftstudien aus Südamerika speziell über Chile, Leipzig, 1910.
- Dunshee de Abranches, Expansão Economica e Commercio Exterior do Brazil, Rio de Janeiro, 1915.
- Emigrazione Agricola al Brasile, Relazione della Commissione Italiana 1912, Second edition, Bologna, 1913.

- Friedrich, Karl, *Die Kaffee-Aqualisation Brasiliens*, Leipzig, 1929.
- Grossi, Vincento, *Storia della colonizzazione Europea al Brasile e della Emigrazione Italiana nello Stato di S. Paulo*, Second edition, Milano, 1914.
- Haring, C. H., *South America looks at the United States*, New York, 1929.
- Hermes Junior, João Severino da Fonseca, *O Assucar como factor importante da riqueza publica no Brasil*, Rio de Janeiro, 1922.
- Hunnicut, Benjamin H., *The Agricultural resources of Brazil*, Lavras (Minas Geraes), 1921.
- Inquerito para a expansão do Commercio Português no Brasil, Porto, 1916.
- Instituto de Expansão Commercial, *Aspectos da Industria Brasileira*, Rio de Janeiro, 1928.
- Irving, Stanley G., *Report on economic conditions in Brazil*. (Department of Overseas Trade), London, 1930.
- James, Herman G., *The Constitutional System of Brazil*. Washington, 1923.
- Lippmann, E. v., *Geschichte des Zuckers*, Leipzig, 1890.
- Lobato, Monteiro, *Mister Slang e o Brasil*. Rio de Janeiro, 1927.
- Lobo, Helio, *Brasilianos and Yankees*, Rio de Janeiro, 1926.
- Lobo, Helio, *Coisas Americanas e Brasileiras*, Rio de Janeiro, 1923.
- Lomat, I. Jarnett, *Report on Economic conditions in Brazil* (Department of Overseas Trade), London, 1931.
- Lyra, João, *Cifras e Notas (Economia e finanças do Brasil)*, Rio de Janeiro, 1925.
- A' Margem da Historia da Republica, *Inquerito por escriptores da geração nascida com a Republica*, Rio de Janeiro, 1923.
- Martin, Carlos, *Uma politica da Imigração*, Rio de Janeiro, 1929.
- Ministerio da agricultura, industria e commercio, *Coffee*, Edition of Coffee Institute of the State of São Paulo, Rio de Janeiro, 1928.
- Nogueira, O. Pupo, *Em torno da tarifa aduaneira*, São Paulo, 1931.
- Normano, J. F., *Changing Latin American attitudes*, *Foreign Affairs* October, 1932.
- Normano, J. F., *The British Offensive in South America*, *Hispanic American Historical Review*, February, 1932.
- Normano, J. F., *The Struggle for South America*, Boston-New-York, 1931.
- Normano, J. F., *Japanese Emigration to Brazil*, *Pacific Affairs*, March 1934.
- Oliveira, Clodomiro de, *Problema Siderurgico*, Rio de Janeiro, 1924.

- Pearse, Arno S., *Brazilian Cotton*, Manchester, 1922.
- Peganha, Nilo, *Politica, Economia e Finanças, Campanha presidencial 1921-1922*, Rio de Janeiro, 1922.
- Pessôa, V. A. de Paula, *Memoria commemorativa das Estradas de Ferro do Brasil*, (?).
- Pierre, R. J., *Le Brésil économique*, *Journal des Economistes*, 15, XII, 1930.
- Prado, Paulo, *Retrato do Brasil*, Rio de Janeiro, 1931.
- Ramos Francisco Ferreira, *La question de la valorisation du café au Brésil*, Anvers, 1907.
- Ratzka-Ernst, Clara, *Welthandelsartikel und ihre Preise*, München, 1912.
- Redfield, Arthur, *Brazil*, U. S. Department of Commerce, Miscellaneous Series, N.º 86), Washington, 1920.
- Roth, Hans, *Die Übererzeugung in der Welthandelsware Kaffee (1790-1929)*, Jena, 1929.
- Rowe, J. W. F., *Studies in the artificial control of raw materials supplies*, N.º 2 and 3, Royal Economic Society Memoranda, N.º 29 and 34, London, 1931-1932.
- Salgado, Francisco Ribeiro, *Interesses economicos Luso-Brasileiros*, Porto, 1927.
- Salles Filho, *pela defesa economica do Paiz*, Rio de Janeiro, 1927.
- Scherrer, Hans, *Die Kaffeewertung und Wertungsversuche in anderen Welthandelsartikeln*, *Weltwirtschaftliches Archiv*, 1919.
- Schück, Walter, *Organisation und Betrieb des Brasilianischen Importhandels*, Stuttgart, 1926.
- Sieleken, Hermann, *Financial and economic conditions between Brazil and the U. S.*, New York, 1910.
- Simonsen, Roberto, *As crises no Brasil*, São Paulo, 1930.
- Simonsen, Roberto, *As finanças e a Industria*, São Paulo, 1931.
- Tard, Henri, *Economie et politique du Caoutchouc*, Le plan Stevenson, Paris, 1928.
- Torres, Alberto, *O problema Nacional Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1914.
- Ubaldi, P., *L'expansione coloniale e commerciale dell'Italia nel Brazile*, Roma, 1911.
- Verband Deutscher Vereine, *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1924.
- Wagemann, Ernst, *Die Deutschen Kolonisten im brasilianischen Staate Espirito Santo*, München und Leipzig, 1915.
- Whittlesey, Charles R., *Governmental Control of Crude Rubber: The Stevenson Plan*, Princeton, 1931.

8. FINANÇAS

- Baptista, Homero, A receita Geral, 4 volumes, Rio de Janeiro, 1911-1914.
- Barbosa, Ruy, *Finanças e Política da Republica*, Rio de Janeiro, 1892.
- Brazil's Economic progress, published by Dillon, Read & Co., New York, (?).
- Campos Salles, Cartas da Europa, Rio de Janeiro, 1894.
- Carlos Ribeiro de Andrada Antonio, *Finanças e financistas de 1822-1922*, Rio de Janeiro, 1922.
- Carvalho Moura, Francisco Amyntas de, *Ensaio economico e apreciações praticas sobre o estado financeiro do Brasil*, Rio de Janeiro, 1885.
- Carvalho, Souza, *A crise da praça em 1875*, Rio de Janeiro, 1875.
- Castro Carreira, *Historia Financeira e orçamentaria do Imperio do Brasil*, Rio de Janeiro, 1889.
- Cavalcanti, Amaro, *Política e finanças*, Rio de Janeiro, 1892.
- Cavalcanti, Amaro, *Resenha financeira do ex-imperio do Brasil em 1889* Rio de Janeiro, 1890.
- Cavalcanti, Pedro, *A presidencia Wenceslau Braz 1914-1918*, Rio de Janeiro, 1918.
- Couty, François, *L'Indépendance financière des Etats fédérés du Brésil*, Paris, 1926.
- Guanabara, Alcindo, *A presidencia Campos Salles; politica e finanças, 1898-1902*, Rio de Janeiro, 1902.
- Gudin Filho, Eugenio, *Notas sobre orçamentos, Conversibilidade, Estabilização*, Rio de Janeiro, 1929.
- Hambloch, Ernest, *Report on the Economic and Financial conditions in Brazil (Department of Overseas Trade)*, London, 1925.
- Lafond, G., *L'évolution économique et financière du Brésil*, *Journal des Economistes*, April 1917 and March 1918.
- Lima Barbosa, Mario de, *Ruy Barbosa na politica e na historia 1849-1914*, Rio de Janeiro, 1916.
- Menezes, Nazareth, *Ruy Barbosa*, Rio de Janeiro, 1915.
- Montagu, Sir Edwin S., *Report to the Brazilian government*, 1924.
- Normano, J. F., *The Joint Stock Companies and foreign Capital in Rio Grande do Sul*, *Havard Business Review*, January, 1931.
- Niemeyer, Sir Otto E., *Report to the Brazilian Government*, 1931.
- Pinto Lima, A. J., *A Economia politica e os Financistas indigenas*, Porto Alegre, (?).

- Relatorio da Camara Syndical dos Corretores de Fundos Publicos da Capital Federal, Rio de Janeiro, 1929.
- Schuck, Walter, Finanzwesen und Steuersystem des Brasilianischen Bundes, Finanz Archiv, Bd 47, Heft 2, 1930.
- Sherwell, G. Butler, Budgets of Latin American countries (U. S. Department of Commerce, Trade Information Bulletin, N.º 281), Washington, 1924.
- Souza, F. T. Reis de, Divida do Brazil, Rio de Janeiro, 1915.
- Souza, F. T. Reis de, O imposto de renda 1924-1929, Rio de Janeiro, 1930.
- Straten-Ponthoz, Le Comte Auguste von der, Le Budget du Brésil, 3 vol, Bruxelles, 1854.
- Suter, Hugo, Geschichte der brasilianischen Finanz- und Steuerpolitik bis 1924 und hrasilianische Finanzen und wirtschaftliche Entwicklung bis Ende des Kaiserreichs, Rio de Janeiro, 1926.
- U. S. Department of Commerce, American Direct Investments in Foreign Countries, Washington, 1930.
- U. S. Department of Commerce, A New estimate of American Investments abroad, Washington, 1931.
- Veiga Filho, João Pedro da, Estudo economico e financeiro do Estado de São Paulo, São Paulo, 1896.
- Veiga Filho, Monographia sobre tarifas aduaneiras, São Paulo, 1896.
- Viveiros de Castro, Augusto Olympio, Historia Tributaria do Brasil, Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo LXXVIII, Parte I, Rio de Janeiro, 1915.

9. MOEDAS E BANCOS

- Banco do Brasil, Relatorios.
- Calogeras, Pandiá, La Politique monétaire du Brésil, Rio de Janeiro, 1910.
- Carlos, Antonio, Ribeiro de Andrada, Bancos de Emissão no Brasil, Rio de Janeiro, 1929.
- Carvalho, Elysio de, Opportunities in Brazil for American Capital, The Pan-American Magazine, November, 1918.
- Castro Maya, Paulo Ottoni de, Questões Monetarias, Rio de Janeiro, 1926.
- Costa, Affonso, A Caixa de Conversão e a Taxa Cambial, Rio de Janeiro, 1910.
- Hellwig, Carl, Organização Bancaria e financeira do Brasil (Exposição historica desde 1808), São Paulo, 1930.

- Hurley, E. N., *Banking and Credit in Argentina, Brasil, Chile and Peru* (U. S. Department of Commerce), Washington, 1914.
- Leroy, Beaulieu P., *La Dépréciation du change dans les pays à finances avariées* (Argentina, Brazil, Spain, etc), *L'Economiste Français*, August 24, 1901.
- Lisboa, José Antonio, *Reflexões sobre o banco do Brasil*, Rio de Janeiro, 1821.
- Lough, W. H., *Banking opportunities in South America* (U. S. Department of Commerce, Washington), 1915.
- Lyon, Jacques, *La politique monétaire des Républiques de l'Argentino et du Brésil*, *Questions Monétaires Contemporaines*, Paris, 1905.
- Masson — Forestra, Lionel, *La Caisse de Conversion et la Réforme Monétaire en Argentine et au Brésil*, Paris, 1913.
- Meili, Julius, *Das Brasilianische Geldwesen*, Bd. II, *Die Münzen des unabhängigen Brasiliens*, Zurich, 1905.
- Oliveira Martins, J. P., *A circulação fiduciária*, Second edition, Lisboa, 1899.
- Ortigão, Ramalho, *A Moeda circulante do Brasil*, Rio de Janeiro, 1924.
- Pereira, Baptista, *Fallencia do Banco Nacional*, Rio de Janeiro, 1879.
- Ramos, Mario de Andrade, *Governo da Moeda*, Rio de Janeiro, 1931.
- Souza, Carlos Inglez de, *A Anarchia Monetaria e suas consequencias*, São Paulo, 1924.
- Souza, Carlos Inglez de, *Restauração da moeda no Brasil*, São Paulo, 1926.
- Subercaseaux, Guilherme, *El Papel Moneda*, Santiago de Chile, 1912.
- Viana, Victor, *O Banco do Brasil*, Rio de Janeiro, 1926.
- Wileman, *Brazilian Exchange*, Buenos Aires, 1896.
- Williams, J., *Latin American Foreign Exchange and International Balances during the War*, *Quarterly Journal of Economics*, Vol. 33.

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", para a Companhia Editora Nacional em São Paulo, em Junho de 1939.